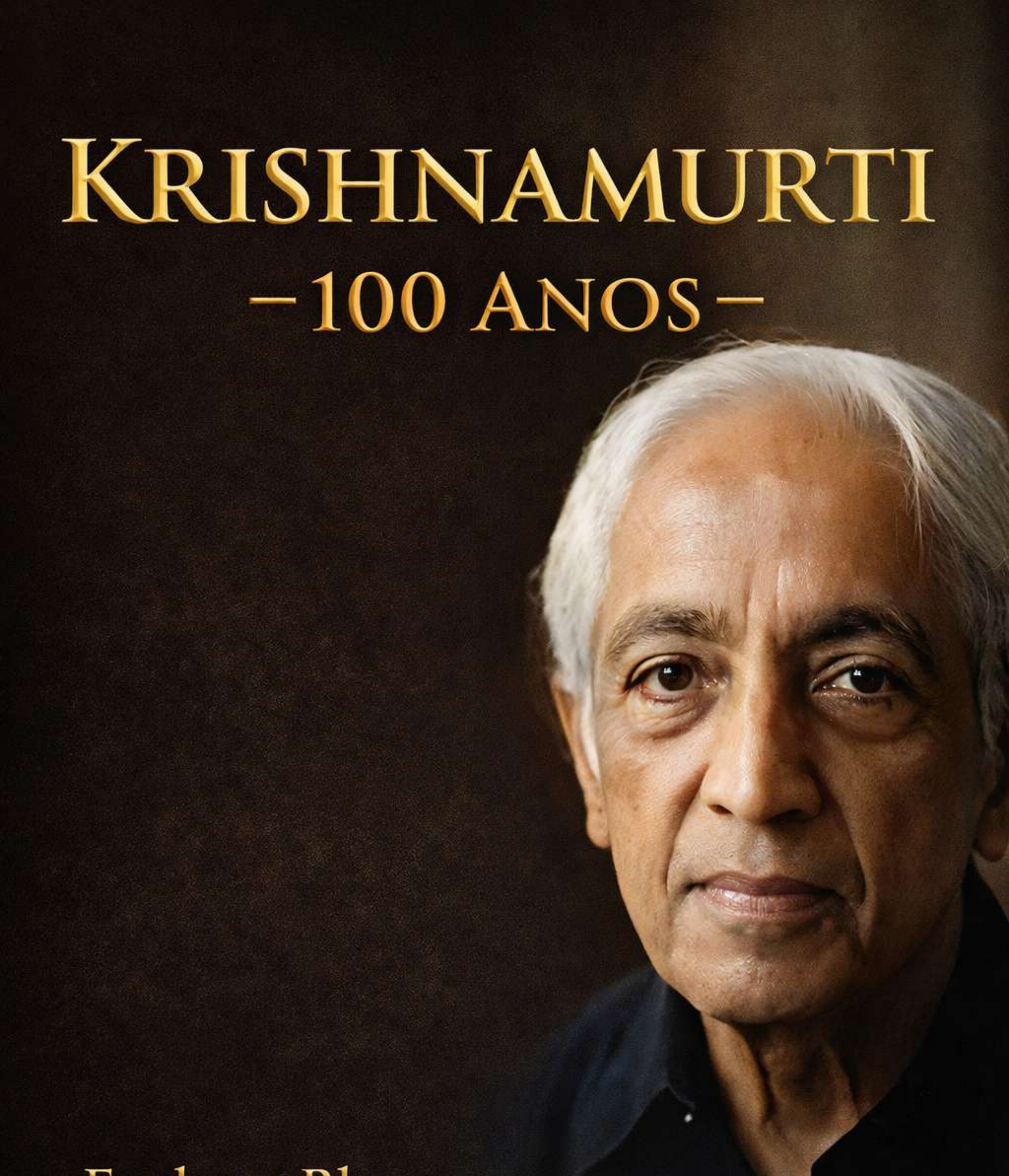
KRISHNAMURTI

–100 ANOS–



Evelyne Blau

TRADUCÃÓ:

Amadeu Antonio

KRISNHAMURTI 100 YEARS

Evelyne Blau, 1995

Krishnamurti Foundation Trust

AGRADECIMENTOS

Este livro é o trabalho de muitas pessoas. As suas significativas recordações e comentários abrangem os 100 anos desde o nascimento de Krishnamurti e consistem em escritos do passado, bem como do período intermédio e dos tempos contemporâneos. As suas contribuições constituem o alicerce desta obra. É devida uma profunda gratidão a todos os envolvidos. Os seus nomes estão listados no índice e cada um é tremenda e igualmente valorizado.

A Krishnamurti Foundation of America, a Krishnamurti Foundation Trust Ltd. de Inglaterra e a Krishnamurti Foundation India permitiram gentilmente a utilização de uma profusão de escritos de Krishnamurti, bem como de fotografias de arquivo que cobrem toda a sua vida. Este livro foi imensamente apoiado pela sua generosa cooperação. Os Arquivos e a biblioteca da Krishnamurti Foundation of America ajudaram grandemente na investigação.

Os agradecimentos são devidos a Ivan Berkowitz, Douglas Evans, Tom Heggestad e Dawn Peterson. Chari Petrowski fez esforços especiais. O Professor Lloyd Williams é agradecido pela sua contribuição de material necessário. Estou especialmente grata a Mark Lee pela sua ajuda inestimável. Aaron Marking, Leslie Francis e Nandini Lee dactilografaram valentemente horas de transcrições. Curtis Wong conseguiu um artigo valioso. Gabriele Blackburn contribuiu com investigação necessária.

Agradecimentos especiais são devidos a Michael Mendizza — muitas das entrevistas aqui publicadas são o resultado do nosso trabalho conjunto: ele como realizador e a autora como produtora de dois documentários sobre Krishnamurti. A sua fotografia também se encontra neste livro. Robin e Stephen Larsen são graciosamente reconhecidos pela sua contribuição do material de Joseph Campbell. Earl Scott permitiu gentilmente a utilização das suas fotografias dos *Ojai Talks*. Uma apreciação particular é devida a Radha Burnier, presidente da Sociedade Teosófica, por disponibilizar graciosamente materiais antigos necessários. Helen Hooker, como sempre, é o espírito da generosidade.

Os agradecimentos são devidos a Laura Huxley pela permissão para utilizar o material de Aldous Huxley. As contribuições académicas feitas por Mary Lutyens e Pupul Jayakar através das suas biografias detalhadas são significativas. Elas constituem a base de grande parte da investigação para esta obra e estou grandemente em dívida para com elas.

Laurie Clewell tem sido um apoio inestimável. Este livro não teria sido possível sem o profissionalismo dedicado de Carole Koneff. Ela dactilografou e redactilografou incansavelmente o manuscrito. A sua mestria informática manteve cada palavra na sua maravilhosa memória e em perfeita ordem. Obrigada. Um tributo a Joost Elffers, que foi o primeiro a acreditar neste livro, na sua visão e propósito.

A sua associada, Karen Davidson, traz o dom de um design inspirado e de uma dedicação incansável a este trabalho. *Cada coisa no seu devido lugar*, como diria Krishnamurti. Alice Wong é agradecida pelas suas valiosas sugestões. Uma saudação especial a Lena Tabori, que infalivelmente viu a importância de um volume comemorativo em honra do centenário de Krishnamurti e o guiou através da sua publicação.

Por último, um carinhoso reconhecimento e agradecimento são devidos ao meu marido, Louis Blau, cujo amor, paciência e apoio tornaram tudo isto possível.

ÍNDICE

PREFÁCIO

PARTE I — O PRIMEIRO PASSO

PARTE II — O ÚLTIMO PASSO

NOTAS

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

A mente que arrumou a sua própria casa está em silêncio. Esse silêncio não tem causa e, portanto, não tem fim. Apenas aquilo que tem uma causa pode acabar. Esse silêncio — que não tem fim — é absolutamente necessário, porque é apenas nesse silêncio que não existe movimento do pensamento. É apenas nesse silêncio que aquilo que é

sagrado, aquilo que é inominável, e aquilo que não é mensurável pelo pensamento, é. E aquilo que é, é o mais sagrado. Isso é a meditação. [1]

— PALESTRA PÚBLICA, MADRAS, 29 DE NOVEMBRO DE 1981

PREFÁCIO

Ao longo do século passado, Krishnamurti tocou as nossas vidas de formas profundas, embora muitas vezes ocultas. Apesar de ser conhecido por milhares e milhares de pessoas em todo o mundo, para muitos ele permanece bem abaixo do nível de um reconhecimento instantâneo. Que ele influenciou muitos não se pode duvidar, como se verá pela profundidade do seu impacto nos colaboradores deste livro. Igualmente impressionante é a vasta gama de pessoas com quem ele contactou. São autores, académicos, músicos, atores, cientistas, empresários — pessoas de todos os quadrantes da vida.

Krishnamurti viveu grande parte da sua vida numa era de alta tecnologia e de comunicação instantânea, o que claramente o separa dos grandes mestres do passado, cujos ditos e ensinamentos eram frequentemente guardados na memória ou registados centenas de anos após a sua morte. Muitas vezes essas memórias eram falhas, ou os ensinamentos não eram bem compreendidos e, por isso, desviavam-se da intenção original do mestre. É a nossa boa fortuna que as palavras e as obras de Krishnamurti não tenham sido alteradas e estejam preservadas nos arquivos e bibliotecas Krishnamurti em todo o mundo.

Durante a sua vida, os amigos e os membros da fundação Krishnamurti estavam imbuídos da necessidade de sondar as profundezas do seu ensinamento e de incorporar a sua compreensão na vida quotidiana. Esse era o seu foco principal. Durante os seus últimos dias, o ciclo anual das suas palestras, na Índia, Inglaterra, Suíça e Estados Unidos, dirigiu necessariamente a atenção deles para as coisas necessárias: a preparação para as próprias palestras e para os milhares que a elas acorreriam, cuidando das escolas, além de providenciar a publicação das suas obras.

Durante mais de vinte anos, parecia que esse ciclo nunca iria parar. No entanto, todas as coisas chegam ao fim. Um sentido de história e a obrigação de transmitir aos outros não só a própria obra de Krishnamurti, mas também uma perceção do tempo e do impacto naqueles que foram suficientemente afortunados para o conhecer, bem como naqueles que o

conheceram através dos seus ensinamentos, impeliu a autora a empreender uma série de entrevistas de história oral. Estas entrevistas foram inspiradas pelo exemplo de um amigo próximo da família, Alex Haley, historiador e autor.

Alex falava frequentemente da importância de escutar, no alpendre numa noite de verão, as histórias contadas pelos mais velhos. As suas recordações da história familiar eram contadas e recontadas por avós, tias e primos. Essas histórias — às quais se juntaram viagens e investigação — tornaram-se o livro *Roots*. Foi durante esse período que a importância da história oral se tornou esmagadoramente evidente. Era a história — viva, direta e imediata. As «testemunhas» da história de Krishnamurti têm histórias importantes para contar.

Uma série de conversas informais foi iniciada e continua até ao dia de hoje. A tecnologia simples e discreta do gravador de cassetes permitiu recordações recontadas de forma genuína. Muitos dos que falaram, contemporâneos de Krishnamurti, já partiram, mas o seu legado continua vivo. Entre os que o conheciam desde os primeiros dias estava Russell Balfour Clarke, o primeiro tutor de Krishnamurti, que foi entrevistado há anos na Índia, quando já passava bem dos noventa anos.

Ele estava presente em Adyar, Madras, quando Krishnamurti foi «encontrado» na praia do Golfo de Bengala em 1909. O Barão Phillip van Pallandt, que há muitos anos generosamente doou o seu castelo, Eerde, e milhares de acres de terra circundante para o trabalho do jovem indiano, também estava nos seus noventa anos quando foi entrevistado no Hospital DeWeezenladen, Países Baixos, em 1978. Estas, entre outras, são as «testemunhas» cujas preciosas recordações formam a base deste livro.

As lembranças da história oral foram designadas como «conversas». Outras, de quem participou na feitura do filme documentário *Krishnamurti: With A Silent Mind*, são chamadas «entrevistas». Todas foram conduzidas pela autora, exceto a discussão entre Krishnamurti e Leopold Stokowski na Parte I.

Vários colaboradores deste livro deram aos seus artigos títulos que não estão incluídos no texto: Allan W. Anderson, *On Krishnamurti's Teachings: An Ongoing Personal Response*; T.K.V. Desikachar, *Krishnaji—The Student and the Teacher*; Friedrich Grohe, de *The Beauty of the Mountain*; Michael Krohnen, *A Great Man who could Laugh at Himself*; Jean-Michel Maroger, *Krishnamurti, A Fundamental Discovery*.

Nos primeiros tempos de Krishnamurti, o jovem rapaz e homem era chamado Krishna, como um encurtamento do seu nome bastante longo. Mais tarde, foi chamado Krishnaji, o que na Índia é uma designação honorífica e não um diminutivo, como muitas vezes se supõe. No entanto, quando se referia a si próprio (geralmente na terceira pessoa), ele era simplesmente «K», e esse nome e Krishnaji eram livremente intermutáveis por aqueles que o rodeavam.

Notar-se-á que existem menos fotografias de Krishnamurti do período intermédio da sua vida. Ele tinha sido extensamente fotografado durante os primeiros tempos e recuou perante a ideia de tirarem a sua fotografia durante os seus anos intermédios. A sua modéstia inata estendeu-se mesmo ao ponto de experimentar falar por detrás de um biombo ou cortina numa determinada altura. Eventualmente, isso foi visto por ele como falso e ele saiu de trás do biombo.

Também foi relativamente tarde que ele utilizou a amplificação ou a gravação das suas palestras. Elas eram registadas em taquigrafia e transcritas para publicação como «Relatórios Literais» de 1933 a 1967. Mais tarde, as suas palestras, diálogos e sessões de perguntas e respostas foram reunidos em livros, muitos dos quais estão à venda em várias línguas em livrarias de todo o mundo. Embora Krishnamurti desse sempre as suas palestras em inglês, também era fluente em francês e italiano, e falava algum espanhol. A sua língua materna, o télugo, foi esquecida por falta de uso, mas ele tinha um afeto pelo sânscrito, e especialmente pelos seus cânticos.

Mais tarde na sua vida, Krishnamurti aceitou as imposições da tecnologia de vídeo e cinema com bom grado e foi infinitamente paciente com as suas exigências.

O impacto no século XX de uma vida tão complexa como a de Krishnamurti pede para ser contado a partir de diferentes pontos de vista — através de muitas vozes. Uma única voz não lhe conseguiria fazer justiça. Este livro, através das suas testemunhas, fala com muitas vozes e, embora elas possam não transmitir totalmente a floração completa deste homem notável e do seu ensinamento, espera-se que o leitor possa captar um aroma fugaz do perfume.

Tem sido difícil eliminar ou reduzir o que foi dito pelas testemunhas, existe uma tal profusão de discernimento nos muitos artigos, entrevistas e conversas com que contribuíram. Para maior clareza, os escritos e citações de Krishnamurti neste livro são impressos em azul. A redução dos

volumosos escritos de Krishnamurti tem sido dolorosa. Gostar-se-ia de incluir todos na sua maravilhosa diversidade. Felizmente, todos os escritos de Krishnamurti estão disponíveis nas livrarias e arquivos das Fundações Krishnamurti na Índia, Inglaterra, Holanda e Estados Unidos. Os Comités Krishnamurti que existem por toda a Europa, Canadá e América do Sul também possuem acervos extensos.

Krishnamurti viveu a sua vida, na sua maior parte, rodeado por pessoas. No entanto, com toda a atenção focada nele, ele permanece essencialmente um mistério. Elusivo, por vezes ambíguo sobre quem era, todo o escrutínio dos últimos cem anos não foi capaz de sondar o cerne desse mistério. Talvez seja melhor assim. Como ele disse: *«O que importa são os ensinamentos, não o mestre.»*

— EVELYNE BLAU, LOS ANGELES, 1995

NOTAS

[1] No original, esta passagem encontra-se destacada na cor azul para assinalar a autoria direta de Krishnamurti, conforme explicitado pela autora no corpo do prefácio.

PARTE I — O PRIMEIRO PASSO

A FOTOGRAFIA MAIS ANTIGA CONHECIDA DE KRISHNAMURTI COM A SUA MÃE, SANJEEVAMMA, CERCA DE 1900.

Um hóspede sou eu Neste mundo de coisas transitórias, Desprendido dos enredos Do mesmo. Não sou de país nenhum, Fronteira alguma me retém. [1]

— *THE IMMORTAL FRIEND*, 1928

Da névoa do mito e da memória, a história de Krishnamurti emerge como um sonho há muito esquecido, a história de um rapaz franzino, perdido para o mundo, mas encontrado na praia do Golfo de Bengala. Os acontecimentos que tiveram lugar, a começar pelo seu nascimento em 1895, possuem de facto uma qualidade mítica, com cada ano que passa a

acrescentar uma nova camada de compreensão, ao mesmo tempo que retém um cerne central de mistério.

O relato do oitavo filho de uma família brâmane ortodoxa começa com o seu nascimento e, seis dias mais tarde, com a escolha do seu nome. O próprio deus-pastor Sri Krishna foi um oitavo filho e, honrando essa tradição hindu, o bebé recebeu o nome de Krishnamurti (Krishna encarnado).

A mãe, Sanjeevamma, era uma mulher devotamente religiosa, de quem se dizia ser psíquica, alguém que conseguia ver a cor das auras das pessoas. Ela intuiu que este seu oitavo filho seria um ser humano raro e especial. Insistiu, perante as objeções do seu marido, Narayaniah, que a criança nascesse na sala de *puja* da sua minúscula casa no sul da Índia, em Madanapalle. Este foi um acontecimento extraordinário. A sala de *puja*, o coração sagrado e especial do lar, só devia ser entrada para adoração após um banho ritual e o uso de roupas limpas. O facto de um nascimento ocorrer nessa sala seria considerado uma poluição, mas Sanjeevamma foi irredutível e, pouco depois da meia-noite — às 12h30 da manhã de 12 de maio de 1895 (11 de maio no calendário indiano) —, a parteira que a assistia chamou pelo marido que esperava: «*Sirsodayam!*», significando que a cabeça estava visível.

De acordo com a tradição indiana, esse é o momento preciso do nascimento. Para traçar o horóscopo da criança, era necessário o tempo exato. Foi assim que, no meio do tremeluzir de pequenas lâmpadas de óleo, o bebé, amado pela sua mãe, veio ao mundo naquela sala escura e exígua.

No dia seguinte, Kumara Shrowthulu, o astrólogo reputado da região, previu que Krishnamurti seria um grande mestre, mas apenas após lutar contra obstáculos montanhosos. À medida que Krishnamurti crescia rumo à infância, essa possibilidade parecia cada vez mais remota, pois a criança aérea, sonhadora e aparentemente de raciocínio lento assemelhava-se mais ao seu irmão mais novo, Sadanand, que sofria de atraso mental. Era o seu irmão logo a seguir, Nityananda, a criança viva e inteligente que, apesar de todas as diferenças de caráter, era dedicada ao seu irmão mais velho. Era ele quem conduzia gentilmente Krishnamurti a casa quando este era encontrado parado à beira da estrada, envolto em sonhos.

À medida que o rapaz crescia, mostrava-se doentio e, aos dois anos de idade, mal sobreviveu a um ataque grave de malária. Agarrava-se à sua mãe e indicava uma inclinação profundamente religiosa, indo frequentemente com ela ao templo. Devido a febres frequentes e a

hemorragias no nariz e na boca, faltava muitas vezes à escola, chegando uma vez a ausentar-se por um ano inteiro. Um início pouco auspicioso para a sua vida escolar.

Aos seis anos, o rapaz passou pela «cerimónia do fio sagrado», a *Upanayanama*. Esta cerimónia, uma iniciação nos ritos do sacerdócio, é o primeiro passo na vida de um rapaz brâmane — todos eles nascidos sacerdotes. O pai, Jiddu Narayaniah, descreveu-a da seguinte forma:

O rapaz foi banhado e vestido com tudo novo — são usadas roupas muito ricas se os pais tiverem posses para isso. Krishnamurti foi trazido e colocado sobre o meu joelho, enquanto na minha mão estendida eu segurava uma bandeja de prata salpicada com grãos de rice. A sua mãe, sentada ao meu lado, pegou no dedo indicador da mão direita do rapaz e com ele traçou a palavra sagrada AUM... [2]

A família tinha-se mudado para a vizinha Cudappah quando o inimaginável ocorreu em 1905. Quando Krishnamurti tinha dez anos de idade, a sua mãe morreu. Desolado, o rapaz apegou-se mais do que nunca ao seu irmão mais novo, o brilhante e afetuoso Nitya.

Narayaniah descreve que, após a sua morte, Krishnamurti via frequentemente a sua mãe:

Temos o hábito de colocar numa folha uma porção da comida preparada para a casa, colocando-a perto do local onde a falecida jazia, e assim fizemos no caso da minha esposa. Entre as 9h e as 10h da manhã do terceiro dia, o Krishna ia tomar o seu banho. Entrou na casa de banho e tinha apenas vertido algumas *lotas* de água sobre a sua cabeça quando saiu a correr, sem roupa [embora usando uma tanga] e completamente encharcado. A casa em que eu vivia em Cudappah era uma casa longa e estreita, com as divisões dispostas umas atrás das outras como as carruagens de um comboio.

Quando o Krishna passou por mim a correr vindo da casa de banho, segurei-lhe a mão e perguntei-lhe o que se passava. O rapaz disse que a mãe tinha estado na casa de banho com ele e, quando ela saiu, ele acompanhou-a para ver o que ela ia fazer. Eu disse-lhe então: «Não te lembras de que a tua mãe foi levada para o crematório?» «Sim», disse ele, «lembro-me, mas quero ver para onde ela vai agora.» Deixei-o ir e segui-o. Ele foi até à terceira sala e parou. Aqui era o local onde os *saris* da minha esposa costumavam ser estendidos para secar durante a noite. O Krishna ficou ali a olhar atentamente para algo, e eu perguntei-lhe o que se estava a

passar. Ele disse: «A minha mãe está a tirar as roupas molhadas e a vestir umas secas.» Depois foi para a divisão seguinte e sentou-se perto da folha onde a comida estava colocada. Fiquei junto dele alguns minutos, e ele disse que a mãe estava a comer. Pouco a pouco, levantou-se e dirigiu-se para as escadas, e eu continuei a segui-o. Ele parou a meio caminho e disse que já não a conseguia ver. [3]

Aos dezoito anos de idade, quando Krishnamurti vivia em Varengeville na Normandia e não se encontrava demasiado distante dos acontecimentos da infância, iniciou um relato dos seus primeiros dias de memória. Intitulou-o *Fifty Years of My Life* [Cinquenta Anos da Minha Vida], pretendendo aparentemente continuar com os anos seguintes. Nunca o fez. No entanto, a dúzia e picos de páginas contém as suas recordações de acontecimentos importantes da sua vida.

Foi dois anos mais tarde, em 1907, que Narayaniah foi obrigado a reformar-se com uma pensão magra de 112 rupias por mês, apenas metade do seu salário anterior. Embora fosse um brâmane ortodoxo, Narayaniah juntou-se à Sociedade Teosófica em 1882, a qual acolhia todas as religiões. Escreveu a Annie Besant, presidente da Sociedade Teosófica, solicitando permissão para viver nos terrenos do complexo em troca do seu trabalho como assistente do secretário de atas da Secção Esotérica da Sociedade Teosófica. Após uma série de recusas por parte de Besant, sob o argumento de que não havia nenhuma escola suficientemente perto para os rapazes frequentarem, ela consentiu e a família mudou-se para uma pequena casa mesmo nos arredores das muralhas do complexo. [4]

As raízes da Teosofia são longas e profundas, remontando a séculos antes da fundação da atual Sociedade Teosófica em 1875, na cidade de Nova Iorque. Os criadores da Sociedade foram Helena Petrovna Blavatsky e o Coronel Henry Steel Olcott. Olcott, um homem imponente e de barba que prestara serviço na Guerra Civil Americana e fizera parte de um órgão de investigação de três homens que apurou o assassinato de Abraham Lincoln, estava profundamente interessado nas paixões da época, na clarividência e no espiritualismo. Circulavam relatos exaltados de ocorrências invulgares, avistamentos de fantasmas na quinta da família Eddy em Chittenden, Vermont, a várias centenas de milhas da cidade de Nova Iorque. Os jornalistas da região relatavam ansiosamente sobre «espectros e fantasmas» a um público de respiração suspensa. Impelido em parte pelo seu próprio interesse e funcionando em parte como jornalista, Olcott encontrou o seu caminho até à propriedade dos Eddy.

Foi ali que conheceu Helena Petrovna Blavatsky pela primeira vez. Ela estava vestida com uma camisa Garibaldi escarlate, o seu «rosto calmuco maciço» com olhos pálidos e hipnóticos rodeado por uma cabeleira loira e espessa cortada acima dos ombros — «sobressaía da sua cabeça, macia como seda e frisada até às raízes como a lã de uma ovelha de Cotswold».

Não era a imagem habitual da feminilidade do século dezanove.

Madame e a sua companheira de língua francesa saíram para enrolar um cigarro ao ar da tarde. Enquanto ela procurava por fósforos, Olcott adiantou-se: «*Permettez-moi Madame*», e riscou um fósforo. Enquanto passeavam pelos terrenos, ele com o seu cachimbo, ela com o seu cigarro sempre presente, descobriram muito em comum.

A maior do que a vida e algo notória Blavatsky, pertencente às famílias nobres Dolgorukov e militar Von Hahn da Rússia, era monumental na forma e nos poderes de pensamento. Escandalizou e intrigou todos os que a conheciam com histórias de montar cavalos cossacos em pelo pelas estepes, de viajar sozinha para o Egito e para o Tibete em busca de «Mestres de Sabedoria» ocultos e altamente evoluídos, e de fazer aparecer cartas e objetos aparentemente vindos do nada. As suas viagens eram extraordinárias para uma mulher desacompanhada no século dezanove, mas Helena era uma mulher excecional. Reivindicava ter contactado e estudado com gurus, xamãs e mestres sobrenaturais em redutos montanhosos escondidos. Em Olcott encontrou um centro de gravidade estabilizador após anos na corda bamba, vivendo o melhor que podia com demonstrações mediúnicas questionáveis e «precipitações» suspeitas. Esta mulher complexa, em grande parte uma vidente e visionária genuína, mas com uma nesga de charlatice, fundou, juntamente com Olcott, a Sociedade Teosófica.

Os seus princípios eram, em essência: procurar a verdade nas religiões antigas do Oriente; investigar as leis inexplicadas da natureza; e promover a fraternidade universal do homem sem distinção de raça, credo, sexo ou casta. Ideais nobres na maré cheia do zelo missionário cristão masculino, quando as religiões que não o Cristianismo recebiam escasso respeito! O cumprimento destes princípios, afirmou Blavatsky, «...romperá os grilhões de ferro dos credos e dogmas, dos preconceitos sociais e de casta; derrubará as antipatias e barreiras raciais e nacionais, e abrirá o caminho para a realização prática da Fraternidade de todos os homens».

Com o estabelecimento da Sociedade Teosófica, a recém-centrada Helena Petrovna Blavatsky — H.P.B., como era chamada — embarcou nas suas maciças obras de referência *Ísis Sem Véu* (1877) e *A Doutrina Secreta* (1888). Estas obras eruditas e brilhantes permanecem hoje como a pedra angular do pensamento teosófico.

A jovem Annie Besant foi solicitada por W.T. Stead, jornalista e editor da combativa *Review of Reviews* de Londres, para escrever uma crítica de *A Doutrina Secreta*. À medida que folheava as páginas, ficou «deslumbrada, cegada por uma luz na qual todos os factos desconexos eram vistos como partes de um todo poderoso...». Todos os seus quebra-cabeças, enigmas e problemas pareciam desaparecer.

A enérgica Annie Besant já gozava de uma vasta reputação na Inglaterra vitoriana. Após uma profunda crise de consciência, perdera a sua fé, recusando-se a receber os sacramentos ou a assistir aos sermões do seu marido, o reverendo Frank Besant. Houve longos períodos de depressão. Era atormentada por dores de cabeça e recusava-se a sair do seu quarto escurecido. Libertando-se finalmente, deixou o marido em 1873 e embarcou numa série notável de carreiras que a viram como uma vibrante oradora pública e panfletária em temas que iam desde o ateísmo até à defesa do sindicalismo operário, apoiando uma greve das operárias dos fósforos na fábrica Bryant and May.

Causou grande controvérsia ao publicar o «Panfleto Knowlton» sobre o controlo de natalidade. Foi uma sufragista ardente no alvorecer do feminismo e juntou-se à Sociedade Socialista Fabiana, juntamente com Sidney Webb e George Bernard Shaw. Shaw, que trabalhou de perto com Besant, era por alguns considerado seu amante. [5]

Em 1888, foi organizado um encontro entre Blavatsky, que se mudara por essa altura para Londres, e Besant. O encontro tocou uma corda profunda em ambas as mulheres e Besant tornou-se prontamente sua aluna. Em 1907, após as mortes de Blavatsky e Olcott, Besant, com as suas soberbas capacidades organizacionais, foi nomeada presidente da Sociedade Teosófica. Shaw comentou: «A Sra. Besant é uma mulher de decisão rápida. Entrava sempre num movimento com um salto e já estava a pregar a nova fé antes que os espectadores estupefactos tivessem a menor suspeita de que a antiga estava abalada.»

Viajou incansavelmente por todo o mundo, encontrando finalmente na Índia o lar espiritual para a sua religiosidade inata. Uma oradora dinâmica e magnética, atraía milhares de pessoas nas suas digressões. Por volta de

1909, dava voz a expectativas milenares ao proclamar a vinda do «mestre do mundo». Disse ela:

Gostaria de pedir que considerassem se parece tão estranho e tão impossível que nos nossos próprios dias, como outrora, algum mestre poderoso venha ao mundo para erguer e ajudar. Somos tão propensos, com todo o nosso orgulho de intelecto e de nacionalidade, a considerarmo-nos demasiado pequenos para sermos abençoados com la presença de um mestre do mundo e, no entanto, se Ele já veio antes, sob condições exatamente semelhantes de um novo tipo a aparecer na Terra, por que razão deveria este ser deixado fora da série e aquilo que foi feito antes falhar à nossa própria geração? [6]

A síntese de avatares hindus que, segundo a legenda, regressavam repetidamente para salvar a humanidade em momentos de necessidade, misturada com as expectativas messiânicas judaico-cristãs e o pensamento budista, produziu um interesse crescente na vinda do mestre do mundo.

A última figura do quarteto teosófico era Charles Webster Leadbeater, um cura da Igreja de Inglaterra. Ele também foi atraído para a órbita de Blavatsky e, em 1883, juntou-se à Sociedade. O seu interesse pelo ocultismo e por «O Lado Oculto das Coisas» levou-o a deixar a igreja e a ir com Blavatsky para a Índia. Ali, a sua alegada clarividência e capacidades psíquicas floresceram sob o quente sol indiano. Após uma estadia de cerca de cinco anos, regressou a Inglaterra e formou uma associação estreita com Annie Besant, sendo coautor de muitos livros com ela.

Ambos aprofundaram os fenómenos psíquicos, a investigação de vidas passadas, tanto as suas próprias como as de associados próximos. Acredita-se que Annie confiava cada vez mais em C.W.L., como era chamado. À medida que ela ficava imersa em questões sociais e políticas da Índia, fundando o Central Hindu College, apoiando os direitos das mulheres e trabalhando pela autonomia política da Índia, dependia cada vez mais dele para orientação psíquica e para os seus contactos próximos com os mestres.

Durante séculos, tanto na Europa como no Oriente, ensinamentos arcanos falavam de uma «Fraternidade Secreta», «uma Grande Loja Branca», uma hierarquia complexa de mestres ocultos que exerciam a sua influência benigna para ajudar a humanidade. Acima deles, numa complexidade vertiginosa, reinavam legiões de seres invisíveis, ascendendo finalmente ao Senhor do Mundo.

Apesar das inegáveis capacidades de Leadbeater como autor, conferencista e clarividente, uma nuvem pairava sobre ele que, quando levantada, revelava um interesse pederasta por rapazes jovens. Foram levantadas acusações de imoralidade contra ele e, em 1906, demitiu-se da Sociedade. Embora tenha negado vigorosamente as acusações, a sombra da suspeita e da dúvida era tal que ele não podia permanecer numa sociedade que depositava grande ênfase na pureza mental, física e sexual.

C.W.L. tinha muitos apoiantes que conseguiram mantê-lo à tona até que Annie Besant foi eleita presidente em 1907. Após o choque inicial ao ouvir as acusações, Annie ficou convencida da sua inocência e correu para o seu lado. Após muita pressão, conseguiu assegurar a sua readmissão.

Leadbeater regressou a Adyar, Índia, em 1909. Como um braço direito forte, ele era grandemente necessário e a aliança entre ambos permaneceu firme até ao fim.

Na atmosfera de estufa de mestres ocultos, *chelas*, *arhats* e discípulos, surgiu um padrão distinto de «devir espiritual». Sabia-se geralmente quem era um iniciado, quem não era e quem estava inscrito na investigação de «vidas passadas» de C.W.L. Um padrão hierárquico estava bem estabelecido.

Nesse meio, o refrão constante cantado por Annie Besant sobre a vinda do mestre do mundo inflamava e aumentava o sentimento de anseio e esperança tão característico das expectativas milenares. Ela afirmava que Blavatsky insinuara que a S.T. (como a Sociedade Teosófica era chamada) fora fundada com o propósito de preparar o mundo para a vinda do messias e da «raça-raiz» altamente evoluída que haveria de ser o protótipo de uma nova humanidade. Por detrás do mundo visível, afirmava ela, existe uma grande hierarquia orientadora e, ao longo dos milénios, um avatar, ou mestre do mundo, era enviado para ajudar a humanidade no seu momento de necessidade, exigindo cada época e civilização um mestre adequado aos tempos — um Buda, Maomé, Cristo, Moisés ou Sri Krishna. [7]

C.W.L. fora informado pelo seu amigo holandês Johann van Manen, que então vivia em Adyar, que havia rapazes de pais teosóficos que poderiam ser de interesse para um treino especial. Narayaniah e a sua família já se tinham mudado para os arredores do complexo da S.T. Enquanto Leadbeater, Van Manen e o associado Ernest Wood caminhavam até à praia no final da tarde, ou início da noite, de 1909, podiam ouvir-se as vozes de muitos rapazes a brincar junto à água. Foi ali que ele avistou dois jovens rapazes indianos, Krishnamurti e Nityananda. Ficou profundamente

impressionado com o tamanho e a pureza da «aura» do rapaz mais velho, um nimbo tão radiante que ele o proclamou como o mais maravilhoso que já vira. Não continha, disse ele, nem uma partícula de egoísmo. Certamente não era a atratividade física do rapaz que era tão impressionante. Na altura, Krishnamurti estava magro e subnutrido. Os seus dentes eram tortos, nada parecido com o jovem deslumbrante em que se viria a tornar.

Wood expressou surpresa ao ouvir que Leadbeater mostrava interesse por Krishnamurti, pois estivera a ajudar ambos os rapazes com os trabalhos de casa e considerava-o especialmente lento.

Mais tarde, foi decidido que Krishnamurti e o seu irmão Nityananda deviam ser retirados da escola local que frequentavam e receber tutoria nos terrenos do complexo da S.T. O jovem Krishnamurti, de quem se pensava ser vago, estúpido e, até nas próprias palavras de Krishnamurti, «morónico», teve uma vida difícil na escola. Distraído e esquecido, era frequentemente espancado com cana pelo seu professor brutal e expulso da sala de aula em lágrimas. Se ninguém se lembrasse de o chamar de volta, permanecia onde fora enviado até ao anoitecer, quando o seu querido irmão mais novo, Nityananda, vinha à sua procura e o conduzia a casa.

Foi nesse contexto que os irmãos entraram na sua nova vida na sede da Teosofia. Ao início, apenas Krishnamurti devia ser treinado para o papel especial que iria desempenhar. No entanto, ele recusou-se a ir sem Nityananda.

NOTAS

[1] No original, esta citação poética encontra-se destacada na cor azul para assinalar a autoria direta de Krishnamurti. O mesmo se aplica aos excertos textuais subsequentes sob a numeração [2] e [3].

[2] Registo manuscrito de Jiddu Narayaniah a respeito da infância do filho.

[3] Relato epistolar ou testemunho recolhido de Jiddu Narayaniah acerca dos episódios subsequentes ao falecimento de sua esposa.

«Ou viremos os dois ou não virá nenhum», disse ele. [8] Na altura, falavam apenas télugo, a língua da sua região no sul da Índia, e um jovem

inglês, Russell Balfour Clarke, foi chamado para lhes ensinar inglês e outras competências ocidentais.

A família de Krishnamurti, conhecida variadamente como Jiddu, Giddu e Jeddu, vivia então numa pequena casa mesmo nos arredores das muralhas do complexo da S.T.

Em Adyar, em Madras, na Índia, no inverno de 1979, surgiu a oportunidade de entrevistar o Capitão Clarke, que passava já bem dos seus noventa anos. «Dick», como era chamado, tinha sido tutor de Krishnamurti durante os seus primeiros tempos em 1909, quando o rapaz foi inicialmente encontrado pela Sociedade Teosófica.

Dick descreveu como foi que chegou a Adyar em 1909, o mesmo ano em que Krishnamurti, então com catorze anos de idade, foi visto a brincar na praia do Golfo de Bengala, onde o rio Adyar desagua no mar.

Quando jovem, Clarke desenvolveu um interesse pela Teosofia através de um encontro com o Coronel Olcott em Londres. Tinha acabado de concluir o seu primeiro trabalho de engenharia em Nairobi, na altura África Oriental Britânica, e tinha uma proposta para erguer centrais elétricas na África Ocidental. Deveria ele seguir o seu interesse pela Teosofia ou aceitar a progressão na carreira como engenheiro? Sentia que tinha chegado a uma encruzilhada na sua vida.

Escrevi uma carta a Annie Besant e perguntei se me poderia receber; ela chamou-me e tive uma entrevista muito, muito maravilhosa. Ora, durante essa entrevista senti-me muito tímido e senti que ela era de tal forma superior a mim. Perguntava-me como tinha sequer conseguido encontrá-la. E então, de repente, ela olhou para mim e disse: «E então quer lançar-se na torrente teosófica.» «Sim, quero.» E mais uma vez ela esperou, e eu senti-me mais embaraçado, e depois ela disse: «Eu própria o fiz, não me cabe a mim dizer que não.» E depois levantou-se e disse: «Temos de examinar este assunto. Quais são as suas circunstâncias?» «Bem», disse eu, «tenho algumas centenas de libras de dinheiro que ganhei em África neste primeiro trabalho, estou livre, interrompi o curso universitário, terminei um período de aprendizagem na Metropolitan Railway e acabo de concluir um trabalho na África Oriental com a Nairobi Power and Lighting Company.»

«Temos de ver o que se pode fazer», disse ela. Três semanas depois, encontrei-a numa reunião teosófica e ela chamou-me e disse: «Recebi hoje duas mil libras para fazer o que quiser e pensei que talvez, se quisesse, eu

pudesse convidá-lo para uma visita à Índia e uma estadia em Adyar, a sede da Sociedade.»

«Oh!», disse eu. «Oh, não!», disse ela. «Não decida agora, pense calmamente sobre isso durante dois ou três dias, decida se gostaria de ir ou não e diga-me.» Ponderei este assunto no meu coração, mas não havia muito a ponderar. Decidi imediatamente que iria. Escrevi-lhe uma carta e depois recebi um pequeno bilhete: «Encontre-me às 10 horas em ponto junto à nova sede.» Cheguei ao passeio exatamente quando o Big Ben dava as dez badaladas.

Uma carruagem de praça de quatro rodas encostou e uma cabecinha prateada espreitou lá de dentro e disse: «Então decidiu?» «Sim», disse eu, «decidi.» Ela entregou-me — era muito direta na sua maneira de ser — entregou-me um envelope: «Aqui está o dinheiro para a sua viagem, Segunda Classe na British India será bastante adequada para um jovem da sua idade. Peça-lhes que lhe deem uma dieta vegetariana e aqui está a carta de introdução para o meu agente em Adyar. Portanto, embarque o mais cedo possível.» E assim embarquei o mais cedo possível e cheguei em segurança a Adyar.

A partir desse momento, nunca mais olhei para trás. Passava o dia, dia após dia, com C.W.L. no pavilhão octogonal, no lado leste da sede, nas margens do rio Adyar. E ali, um dia, fui apresentado a dois rapazes indianos tímidos, Krishnamurti e o seu jovem irmão Nityananda. E depois de eles se terem ido embora, Leadbeater explicou-me algo sobre eles. Como o seu amigo holandês, Johann van Manen, que vivia no quarto ao lado, tinha sugerido que C.W.L. poderia descer um dia com ele até ao mar para nadar, porque havia ali uns rapazes jovens interessantes, e que ele poderia notar, entre eles, alguns rapazes de pais teosóficos. Então eles desceram até ao mar e observaram um grupo de cerca de dez ou quinze jovens brâmanes télugos e outros rapazes a folgarem no mar.

E Leadbeater notou de repente um dos rapazes, exteriormente um rapazito bastante franzino com a parte frontal da cabeça rapada e uma trança atrás. Ele tinha cerca de treze anos (na verdade catorze, mas parecia muito mais jovem) e trazia um irmãozinho com ele. Ele viu que em redor deste rapaz havia uma aura de tal brilho e glória como ele dizia que mais ninguém em Adyar tinha, e isso foi tão marcante para ele que imediatamente fez amizade com os dois irmãos. Foi então que os seus mestres apareceram, o Mestre Kuthumi e o Mestre Djwal Kul, e disseram a C.W.L.: «Então encontraste-os! Estás inteiramente correto na tua

suposição, eles são especiais e foram guiados para Adyar com o seu digno progenitor, que veio para Adyar a convite da Sra. Besant. Aqui estão os rapazes e, se puderem ser treinados, o rapaz mais velho tem um trabalho muito importante que poderá fazer no futuro.»

O próprio Leadbeater nada mais sabia do que isso na altura. Depois, subsequentemente, disse-me: «Sabe que foi enviado para aqui para me ajudar num trabalho muito difícil; vamos receber uma grande oposição dos brâmanes ortodoxos daqui. A casta ainda é muito forte e o brâmane é muito severo em relação a certas coisas.» Sem sabermos, estávamos a infringir estas regras bramânicas. Alguns brâmanes adotaram uma atitude de hostilidade para com Narayaniah, o pai dos rapazes, por permitir que eles fossem tão desbramanizados, tão contaminados. No meu nono-primeiro ano de idade, estou a tentar lembrar-me destas coisas e não é muito difícil, porque muito disto foi tão impressionante e tão belo. [9]

Outro acontecimento na vida de Krishnaji durante esses primeiros anos é o seu encontro com Annie Besant. A 27 de novembro de 1909, uma grande multidão tinha-se reunido na plataforma ferroviária em Madras para acolher a veterana presidente da Sociedade Teosófica no seu regresso da Europa. Ao descer do comboio, uma pequena senhora idosa com a sua maravilhosa cabeça coberta de cabelos crespos de um branco elétrico, foi brindada com uma grinalda por um rapaz indiano esguio e gracioso, vestido com imaculadas roupas de seda indiana, e ela contemplou pela primeira vez os seus olhos prodigiosos, com as suas pestanas de seda preternaturalmente longas que os velavam suavemente. Ele erguia-se diante dela, a própria personificação de uma jovem aristocracia do sul da Índia, saudando-a com a reverente saudação hindu de palmas unidas; após o que lhe apertou a mão à moda europeia.

...A sua intuição infalível permitiu-lhe apreender a situação de imediato e, a partir de então, ela atraiu Krishnaji e o seu irmão para uma doce e maternal intimidade que continuou desde então. Tanto quanto a sua vida muito ocupada o permitia, ela também tomou parte vigorosa na instrução destes que eram os seus dois protegidos espirituais. Concebeu a ideia de assumir oficialmente, tanto quanto pudesse ser feito, a responsabilidade total pelo sustento e educação deles; assim, foi redigido um acordo e J. Narayaniah, pai dos rapazes, assinou-o declarando ser sua vontade que os seus dois filhos se tornassem protegidos dela... Foi meu privilégio e dever nesta conjuntura ter a entrevista necessária com J. Narayaniah para promover este plano, com o qual, após alguma hesitação

inicial, ele concordou. [Annie Besant foi nomeada tutora dos rapazes a 6 de março de 1910.]

Todas estas mudanças ocorreram no meio de uma atmosfera de crescente bisbilhotice e crítica por parte de muitos, de quem talvez se pudesse ter dito que deveriam ter agido com mais discernimento... A partir desta altura, Krishnaji começou a mudar de aparência de uma forma notável. O seu cabelo, que caía abaixo dos joelhos numa trança atrás, enquanto era rapado rente à frente, foi deixado crescer à frente, e o seu comprimento atrás foi reduzido de modo a ficar pouco acima dos ombros; era ripado ao meio e escovado para trás, afastado do rosto. [10]

Leadbeater demonstrou grande interesse pelas encarnações anteriores dos irmãos e, quando Narayaniah os levou para os seus aposentos no pavilhão octogonal, colocou a mão sobre a cabeça de Krishnamurti e começou a relatar as suas vidas passadas.

Parecia que muitos nos círculos da S.T., incluindo C.W.L. e Annie Besant, se tinham aglomerado em redor do rapaz em encarnações anteriores. Para identificar o elenco de personagens, a cada um foi atribuído um nome que permaneceria uma constante no fluxo e refluxo das vidas subsequentes. O nome *Alcyone* foi dado a Krishnamurti. *Mizar* seria o nome de Nitya. Leadbeater era *Sirius* e Besant, *Herakles*. Tornou-se uma questão de alguma preocupação saber quem estava dentro e quem estava fora de *The Lives of Alcyone* [As Vidas de Alcyone], dois volumes por C.W.L. que supostamente relatavam quarenta e oito das encarnações de Alcyone. Muitos no grupo teosófico apareciam repetidamente nos vários contextos e relações aglomerados em torno da figura central. Isto apenas aumentou o sentimento de esnobismo espiritual que começou a grassar sem controlo.

Acontecimentos importantes seguiram-se rapidamente. Pouco depois de a Sra. Besant ter deixado Adyar em direção a Benares, hoje chamada Varanasi, recebeu uma mensagem de Leadbeater a informar que o jovem Krishnamurti estava agora preparado para se submeter à sua primeira iniciação na noite de 11 para 12 de janeiro de 1910. Os ritos e cerimónias de iniciação sempre desempenharam um papel importante em todas as seitas e religiões. O mesmo sucedia com a Sociedade Teosófica. Segundo eles, estes ritos têm lugar noutra dimensão, desconhecida para a consciência comum de vigília. Ao contrário da Primeira Comunhão, do *Bar Mitzvah* ou dos ritos de iniciação africanos, o candidato encontra-se em comunicação direta com seres exaltados, sem os intermediários de

sacerdotes, rabinos ou xamãs terrenos. Rapidamente, Besant deu ordens para que Leadbeater e o rapaz usassem os seus próprios aposentos para este ponto de viragem na sua vida.

Enquanto Nitya e Clarke montavam guarda do lado de fora da porta, dizia-se que C.W.L. e Krishnamurti recebiam instrução espiritual no plano astral, e estiveram fora dos seus corpos durante a maior parte de duas noites e um dia, regressando muito ocasionalmente e, mesmo assim, apenas parcialmente, embora o suficiente para absorverem alimento (sobretudo leite morno) que era administrado por Clarke à cabeceira deles. Krishnamurti jazia na cama da Sra. Besant e Leadbeater no chão. [11]

Em 1972, Krishnamurti, falando sobre a sua juventude, descreveu o que tinha acontecido:

Portanto, este rapaz foi preparado, banhado, vestido adequadamente e tudo o mais, e levado para o quarto da Dr.ª Besant e adormeceu ou ficou inconsciente — tudo isto não é claro para mim — por vinte e quatro horas ou mais. E quando ele saiu desse estado, todos eles — Ruspoli, Kirby, Cooper, Clarke — viram uma mudança surpreendente no rosto deste rapaz e alguns deles caíram de joelhos e tocaram nos seus pés. [12]

Krishnamurti escreveu à Sra. Besant contando os acontecimentos prodigiosos...

O Senhor sorriu para mim, mas disse ao mestre: «Quem é este que assim trazes perante mim?» E o mestre respondeu: «Este é um candidato que procura admissão na Grande Fraternidade.» Então o Senhor perguntou: «Fianças por ele como sendo digno de admissão?» O mestre respondeu: «Fianço...» [13]

As memórias da instrução que lhe fora dada durante esse período regressaram em sobressalto e o jovem rapaz esforçou-se por registar as suas recordações. O seu inglês era ainda fraco, mas ele foi visto a escrever laboriosamente as instruções do seu mestre. Krishnamurti, nos seus anos posteriores, negou qualquer memória de ter escrito o pequeno livro, *Aos Pés do Mestre*, que pretende ser o conjunto de instruções que lhe foram dadas pelo seu mestre na altura da sua iniciação, e que se viria a tornar um clássico espiritual. No entanto, aqui ficam vários relatos desse acontecimento:

O primeiro acontecimento notável que sucedeu foi eu encontrar o Krishnaji a escrever todas as manhãs algumas notas num caderno escolar com um lápis, e ele olhava para cima e dizia: «Como é que se soletra isto

ou aquilo?» Leadbeater explicou-me que ele estava a tentar escrever de memória, sem falar muito ou distrair-se de forma alguma, o que tinha aprendido com o mestre durante a noite. Bem, eu nunca gostei de ser indelicado ou de espreitar por cima do livro ou de ser demasiado cusco, mas sei perfeitamente que, manhã após manhã, ele escreveu algo laboriosamente e chegou a dizer ao Conde Keyserling, aparentemente alguns anos mais tarde, está registado algures, quando lhe perguntaram: «Escreveu aquele livro Aos Pés do Mestre?», ele respondeu: «Não me lembro, mas lembro-me de escrever algo muito laboriosamente em inglês nos meus primeiros tempos.» [14]

— RUSSELL BALFOUR CLARKE

A história de como este pequeno livro veio a ser escrito é comparativamente simples. Todas as noites eu tinha de levar este rapaz no seu corpo astral até à casa do mestre, para que lhe pudesse ser dada instrução. O mestre dedicava talvez quinze minutos em cada noite a falar com ele, mas no final de cada conversa reunia sempre os pontos principais do que tinha dito numa única frase, ou em poucas frases, fazendo assim um resumo curto e fácil que era repetido ao rapaz, de modo a que ele o aprendesse de cor. Ele lembrava-se desse resumo de manhã e escrevia-o. O livro consiste nessas frases, do epítome do ensinamento do mestre, feito por si próprio e nas suas palavras. O rapaz escreveu-as de forma algo laboriosa, porque o seu inglês não era então muito bom. Ele sabia todas estas coisas de cor e não se preocupou particularmente com as notas que tinha tirado. Um pouco mais tarde, subiu até Benares com a Dr.ª Annie Besant. Enquanto esteve lá, escreveu-me, estando eu em Adyar, e pediu-me que reunisse e lhe enviasse todas as notas que ele tinha tirado daquilo que o mestre dissera. Organizei as suas notas o melhor que pude e dactilografei-as todas... e no devido tempo o livro foi publicado.

Inúmeras pessoas, literalmente milhares, escreveram a dizer como as suas vidas inteiras foram mudadas pelo livro, como tudo se tornou diferente para elas porque o leram. Foi traduzido para vinte e sete línguas. Conheceu cerca de quarenta edições, ou mais, e foram impressos mais de cem mil exemplares. Um trabalho maravilhoso foi realizado por ele. [15]

— C. W. LEADBEATER

O privilégio é-me concedido, como mais velha, de escrever uma palavra de introdução a este pequeno livro, o primeiro escrito por um Irmão mais novo, jovem em corpo, na verdade, mas não em Alma. Os ensinamentos nele contidos foram-lhe dados pelo seu mestre ao prepará-lo

para a Iniciação, e foram escritos por ele de memória — lenta e laboriosamente, pois o seu inglês no ano passado era muito menos fluente do que é agora. A maior parte é uma reprodução das próprias palavras do mestre; aquilo que não é uma reprodução verbal desse género é o pensamento do mestre revestido pelas palavras do seu discípulo. Duas frases omitidas foram fornecidas pelo mestre. Noutros dois casos, uma palavra omitida foi acrescentada. Além disto, é inteiramente de Alcyone, a sua primeira dádiva ao mundo. [16]

— ANNIE BESANT

No primeiro aniversário da iniciação de Krishnamurti, foi fundada a Ordem da Estrela do Oriente para preparar o caminho para a vinda do mestre do mundo. Uma revista, *The Herald of the Star*, também surgiu trimestralmente, com a primeira publicação datada de 11 de janeiro de 1911. O número de membros na altura atingiu os 50 000, com delegações em mais de cinquenta países. A revista continuaria por muitos anos, enquanto os membros se dedicaram, nos dezoito anos seguintes, a preparar-se para a «vinda do Senhor».

A Ordem da Estrela do Oriente foi estabelecida para reunir num único corpo aqueles que, dentro e fora da Sociedade Teosófica, aguardam a vinda do mestre do mundo, e partilhariam de bom grado do glorioso privilégio de preparar o Caminho do Senhor. Onde quer que se veja a cintilar a pequena Estrela de Prata, sabe-se que ela brilha acima de um coração que bate de esperança e alegria. Cada membro da Sociedade que acredita nessa vinda deve usar a Estrela de Prata, pois não devemos ficar atrás do mundo menos instruído dos não teosofistas.

Trabalhai então, Irmãos e Irmãs, de forma estafante e bem; estudai afincadamente, a fim de que sejais capazes de ensinar os não estudiosos; amai, para que a vossa boa vontade se espalhe por toda a parte, e abençoe até os ingratos e os maus; cooperai com a natureza na sua grande obra de evolução, e utilizai as suas leis para benefício vosso e de todos em vosso redor. E assim, que a paz dos mestres esteja convosco, e que a Sabedoria Deles guie os vossos passos.

Vosso fiel servidor, Annie Besant, Presidente A Sociedade Teosófica Adyar, novembro de 1911 [17]

Nem todos dentro da Sociedade ficaram tão radiantes com a promoção de Krishnamurti a figura de culto, um futuro messias. Alguns escreveram indignados dizendo que Besant impunha as suas opiniões pessoais aos

membros em geral. Rudolf Steiner, um eminente colega teosófico da Sra. Besant na Alemanha, considerou que a S.T. se estava a tornar «orientalizada» e recusou-se a aceitar o jovem Krishnamurti como tendo qualquer tipo de importância espiritual. Ele cindiu-se e fundou a sua própria sociedade, a Antroposofia, que floresce até ao dia de hoje com uma ênfase na educação, nas artes e na publicação de livros.

Ao refutar as acusações, uma enérgica Sra. Besant escreveu no *The Adyar Bulletin* em junho de 1912:

...estes membros declaram que eu quero forçar as minhas opiniões pessoais sobre a Sociedade... Ao longo de toda a minha vida trabalhei pela liberdade de pensamento e de expressão para os outros, e assumi-a para mim própria, e sou demasiado velha para render a minha própria liberdade sob o ditame de uns poucos membros da S.T. O facto de estarem perturbados com isso apenas mostra que não estão dispostos a permitir aos outros a liberdade que reivindicam para si próprios, e que utilizam, de forma bastante livre, para me atacar, sabendo que com isto não põem de forma alguma em perigo a sua condição de membros, e que eu sou a primeira a defender a sua liberdade de pensamento e de expressão. [18]

No meio de um crescente mal-estar vindo de vários quadrantes, incluindo de Narayaniah, que começava a ter sérias dúvidas sobre a propriedade dos contactos dos seus filhos com C.W.L., a Sra. Besant partiu com os irmãos para a Inglaterra. Os irmãos continuaram as suas lições num vasto leque de disciplinas e estavam sempre rodeados por numerosos professores e tutores. Uma educação inglesa era considerada de suma importância.

Na primavera de 1911, a Sra. Besant chegou a Inglaterra e foi saudada por multidões imensas. Sabia-se que trazia consigo Alcyone, sobre quem tinham lido em *The Lives*. E, como é evidente, o *The Herald of the Star* continuava a trazer notícias das atividades de Krishnamurti. Foi então que ele conheceu uma mulher de quem viria a ser muito próximo, Lady Emily Lutyens. Esposa do eminente arquiteto Edward Lutyens, filha do primeiro Conde de Lytton, Vice-Rei da Índia, e neta do romancista vitoriano Bulwer Lytton. Lady Emily era uma teosofista devota e ativa; dava palestras e escrevia artigos, e era confidente e apoiante de Annie Besant. Ela recordou esse primeiro encontro:

Devo agora relatar o dia memorável em que conheci o Krishna pela primeira vez. A Sra. Besant tinha deixado Adyar em março de 1911 e embarcado de Bombaim em abril, a caminho de Inglaterra. Trazia consigo

os dois rapazes, Krishna e Nitya, e também George Arundale, um homem grande, moreno e bastante bem-parecido, que tinha então trinta e três anos. Juntamente com uma multidão de outros teosofistas, eu estava na Estação de Charing Cross para receber a Sra. Besant e os seus protegidos. Eu só tinha olhos para o Krishna, uma figura singular, com longos cabelos pretos que lhe caíam quase até aos ombros e uns olhos escuros enormes que tinham neles um estranho olhar vago. Estava vestido com um casaco Norfolk. A Sra. Besant pilotou-o ao longo da plataforma, ansiosa por evitar que a multidão o pressionasse. Ele tinha quase quinze anos e Nitya era dois anos mais novo.

Ao deixar a estação, encontrei uma das nossas membras num estado quase de desmaio. Ela era algo psíquica e disse que tinha sido dominada pela glória da aura de Krishna. [19]

Os dois jovens rapazes indianos tremiam no clima frio da Inglaterra. Usar roupas ocidentais pela primeira vez, e particularmente usar sapatos, era uma experiência nova e dolorosa, e caminhar era uma agonia. A atenção pública era assustadora para Krishnamurti, que ainda era tímido e retraído. O luminar teosófico George Arundale foi trazido como tutor e as lições e exercícios continuaram. Esperava-se que os irmãos frequentassem Oxford. Embora houvesse alguma resistência por parte da universidade em admitir de todo indianos, havia muita esperança de que isso viesse a mudar.

Após uma permanência de alguns meses, o grupo regressou à Índia e à convenção teosófica em Benares. Falando de si próprio na terceira pessoa, como fazia frequentemente, Krishnamurti contou que:

Ele era literalmente adorado — e costumava esquivar-se de tudo isso. Houve uma cena, creio eu, ao regressar com a Dr.ª Besant da Europa numa estação na Índia: o comboio parou e uma enorme multidão veio e queria ver o rapaz. Ele tinha-se fechado na casa de banho e não queria sair. Como era tímido, não queria nada disto. E a Dr.ª Besant teve de vir e disse: «Por favor, sai.» E apenas porque ela pediu, ele saiu; caso contrário, não teria saído. E o comboio ficou retido, não sei por quantas horas. Porque eles se penduravam todos nas carruagens, no tejadilho e por todo o lado. E a este rapaz, nem a adoração, nem a lisonja, nem as multidões — nada parecia tocá-lo. Portanto — ele era vago, morónico, talvez não seja essa a palavra, mas o suficiente para descrever um rapaz que era absolutamente ausente. Dizia a toda a gente: «Farei o que quiserem.» Essa costumava ser a sua frase favorita. «Farei o que quiserem.» Mesmo agora, por vezes, isso acontece. [20]

Foi então que, em 1911, teve lugar um acontecimento de transcendente importância.

Um bom número de membros juntou-se à Ordem da Estrela do Oriente durante a convenção, e alguém sugeriu (de forma bastante casual) que seria um grande prazer para eles se o chefe da Ordem [Krishna] lhes entregasse pessoalmente os seus certificados de adesão. A ideia foi acolhida com entusiasmo, e outros membros mais antigos também pediram permissão para devolver os seus certificados a fim de os receberem novamente de forma direta das mãos do chefe. Assim, fixou-se uma hora (18h do dia 28 de dezembro) e descemos ao Salão da Secção Indiana. Pensámos nisso apenas como uma pequena cerimónia formal, e eu até duvidei se a presidente viria, pois estava cansada após a sua palestra das quatro horas.

NOTAS

[1] No original, esta citação poética encontra-se destacada na cor azul para assinalar a autoria direta de Krishnamurti. O mesmo critério cromático aplica-se aos fragmentos textuais subsequentes sob a numeração [12], [13] e [20].

[8] Excertos orais e documentais recolhidos sobre a infância partilhada dos irmãos Jiddu.

[9] Depoimento de Russell Balfour Clarke coligido durante a entrevista gravada em Adyar no inverno de 1979.

[10] Transcrição continuada das memórias de Russell Balfour Clarke relativas ao período de tutoria e à transição de tutela dos menores.

[11] Descrição dos arquivos teosóficos sobre as dinâmicas espirituais e vigílias associadas à primeira iniciação de Alcyone.

[14] Adenda às declarações orais de Russell Balfour Clarke a respeito do processo de composição escrita atribuído ao jovem discípulo.

[15] Declaração de Charles Webster Leadbeater incluída na introdução editorial histórica da obra literária gerada em Adyar.

[16] Prefácio original de Annie Besant impresso nas edições iniciais de Aos Pés do Mestre.

[17] Manifesto de fundação e exortação aos membros emitido pela presidência da Sociedade Teosófica.

[18] Artigo de esclarecimento institucional publicado por Annie Besant no órgão oficial de comunicação The Adyar Bulletin.

[19] Memórias autobiográficas de Lady Emily Lutyens publicadas em balanço da sua vivência com os protegidos da Sociedade.

Apenas membros da Estrela foram admitidos, mas o salão estava cheio; suponho que estivessem lá cerca de quatrocentas pessoas. Sentavam-se na sua maioria no chão, mas havia uma linha de bancos em redor das paredes e algumas cadeiras na extremidade superior. A presidente e eu sentámo-nos ali, com a Miss Arundale [tia de George], o Nitya e alguns outros, e os bancos estavam ocupados principalmente por senhoras europeias. A disposição era a de que o chefe deveria ficar de pé mesmo à nossa frente, com Telang [o representante nacional para a Índia] ao seu lado. Os membros deveriam avançar em fila, cada um entregando o seu certificado a Telang, que lia o seu nome em voz alta e depois passava o papel ao Krishna, que o devolvia ao proprietário... os primeiros dois ou três membros receberam os seus papéis com uma vénia e um sorriso, e regressaram aos seus lugares.

De repente, o salão encheu-se de um poder tremendo, que fluía de forma tão evidente através do Krishna que o membro seguinte caiu aos seus pés, dominado por esta maravilhosa torrente de força. Nunca vi nem senti nada que se assemelhasse minimamente a isto; lembrava irresistivelmente o vento impetuoso e a efusão do Espírito Santo no Pentecostes. A tensão era enorme e todos na sala foram afetados da forma mais poderosa. Era exatamente o género de coisas de que lemos nas antigas escrituras e que consideramos exageradas; mas aqui estava diante de nós, no século vinte.

Depois disso, cada um se prostrava à medida que chegava a sua vez, muitos deles com lágrimas a correr-lhes pelas faces. A cena era de facto memorável, pois a torrente de devotos era de um caráter notavelmente representativo. Havia membros de quase todos os países da Europa, da América e de todas as partes da Índia, e era extremamente marcante e belo ver brancos e negros por igual, brâmanes e budistas, parsis e cristãos, altivos príncipes rajputas e mercadores magnificamente trajados, homens de cabelos brancos e crianças pequenas, todos prostrando-se em enlevada devoção aos pés do nosso Krishna. A bênção derramada era tão óbvia que todos os presentes ansiavam por partilhar dela, e aqueles que não traziam consigo os certificados arrancaram as suas insígnias da Estrela e entregaram-nas, para que também pudessem receber algo das suas mãos.

Ele permaneceu de pé todo o tempo, com perfeita graça e autodomínio, sorrindo docemente para eles e estendendo as mãos em

bênção sobre cada forma prostrada por sua vez. Penso que o culminar daquela cena estranhamente comovente foi quando o nosso querido Nitya se lançou aos pés do irmão, e toda a congregação rompeu num aplauso entusiástico. Mal sei porquê, mas de algum modo pareceu no momento nada irreverente, mas inteiramente apropriado e natural.

Quando o último daquela grande comitiva fez a sua vénia, Krishna regressou ao seu lugar entre nós, e seguiram-se alguns minutos de silencioso êxtase, de um estranho e calado temor e expectativa. Então a Presidente sussurrou ao Krishna para encerrar a reunião, e ele levantou-se, estendeu a mão direita sobre as cabeças da assistência e disse solenemente: «Que a bênção do grande Senhor repouse sobre vós para sempre.» E assim descemos novamente ao mundo comum e deixámos o salão, sentindo que tínhamos passado por uma das maiores experiências das nossas vidas... [21]

— C. W. LEADBEATER

A verdadeira compaixão é sempre cheia de poder, e aqueles que são poderosos no verdadeiro caminho são cheios de ternura. [22]

— *THE HERALD OF THE STAR*, 25 DE OUTUBRO DE 1913.

A partir desse dia, o 28 de dezembro de 1911 tornou-se um dia especial, quase sagrado, no coração dos membros da Ordem da Estrela do Oriente.

Narayaniah, entretanto, estava a ser grandemente influenciado por hindus ortodoxos e por inimigos da Sra. Besant que eram extremistas antibritânicos. Insistiam que os rapazes estavam a quebrar a casta e que abandonariam o Hinduísmo em troca de filosofias teosóficas incipientes. Também trouxeram à colação o escândalo anterior de Leadbeater.

Annie Besant conseguiu acalmar os ânimos novamente ao sublinhar quão importante seria uma educação em Oxford para o futuro dos rapazes. Pouco depois, em fevereiro de 1912, retirou secretamente os rapazes da Índia antes que Narayaniah pudesse pensar duas vezes sobre o assunto, dizendo-lhe que eles não regressariam até que a sua educação estivesse concluída. Isto equivalia, essencialmente, a uma declaração de guerra. Narayaniah respondeu mais tarde movendo um processo judicial contra Besant para recuperar a custódia dos seus filhos. Este processo prolongado foi eventualmente ganho por uma determinada Sra. Besant, num caso marcado por acusações e contra-acusações. A proximidade de Leadbeater com os rapazes foi um ponto constante de disputa.

Quando Krishnamurti e o seu irmão foram finalmente para Inglaterra [em 1912], eu fui um pouco antes e lá passei o primeiro ano numa casa antiga e maravilhosa pertencente à Lady de la Warr, onde tínhamos uma leitaria privada, leite maravilhoso, natas, ovos e tudo o mais; e vivíamos em grande estilo, com um mordomo e muitos criados numa casa lindíssima. Tínhamos uma motocicleta, que ocupava grande parte da nossa atenção. E costumávamos desmontá-la e montá-la novamente. Ele era um mecânico muito habilidoso e gostava imenso desse género de coisas.

Nessa altura, ele começava a assumir a direção editorial da *The Herald of the Star*, com a qual o George Arundale, naturalmente, ajudava, mas começava também a sentir uma certa revolta contra o facto de ser o chefe da Ordem da Estrela do Oriente. Eu costumava confortá-lo, mas a sua grande confortadora nessa altura era a Lady Emily Lutyens, que preenchia verdadeiramente o lugar da sua falecida mãe. Ela foi um grande consolo para ele ao passar por uma fase muito difícil de revolta contra o facto de ser feito chefe de algo e de se falar dele de tal maneira que todo o tipo de pessoas que ele nunca tinha visto lhe chamavam «nosso amado chefe» e assim por diante. Um dia ele disse-me: «Chamam-me o seu amado chefe e nunca sequer me viram.» Disse-mo com grande mágoa um dia, e eu tentei confortá-lo. Bem, seja como for, a guerra chegou, foi em 1914, não foi? Separámo-nos, foi o fim da nossa bela vida juntos ali, e eu vi-me no exército sob treino e, por fim, fui para França. Passei por toda a guerra até 1918. [23]

— RUSSELL BALFOUR CLARKE

Quando fui à Europa pela primeira vez, vivi entre pessoas que eram ricas e instruídas, que ocupavam posições de autoridade social; mas quaisquer que fossem as suas dignidades ou distinções, elas não me conseguiam satisfazer. Estava em revolta também contra os teosofistas com todo o seu jargão, as suas teorias, as suas reuniões e as suas explicações da vida. Quando ia a uma reunião, os conferencistas repetiam as mesmas ideias que não me satisfaziam nem me faziam feliz. Fui a cada vez menos reuniões, vi cada vez menos as pessoas que meramente repetiam as ideias da Teosofia. Questionava tudo porque queria descobrir por mim próprio.

Caminhava pelas ruas, observando os rostos das pessoas que talvez me observassem com interesse ainda maior. Ia a teatros, via como as pessoas se divertiam tentando esquecer a sua infelicidade, pensando que resolviam os seus problemas ao entorpecerem os seus corações e mentes com uma excitação superficial. [22]

— *LIFE IN FREEDOM*, 1928

Krishnamurti e Nityananda deveriam permanecer na Inglaterra e na Europa por quase dez anos. Durante esse período de estudo, viveram em isolamento tranquilo no campo inglês. Exceto pelo séquito de tutores, guardiões e devotos que os rodeavam, tinham pouco contacto com o mundo em geral.

Enquanto Krishnamurti e o pequeno grupo estavam isolados no campo, o mundo explodia lá fora. A Primeira Guerra Mundial grassava em batalhas ferozes e Krishnamurti, com dezanove anos de idade, anseia por ajudar. Durante algum tempo, lavou o chão num hospital militar perto de Londres. Numa das suas cartas semanais a Annie Besant, escreveu: «Quero muito trabalhar, terrivelmente, mas ninguém me quer. Parece que a verdadeira dificuldade é o facto de eu ser indiano e isso parece afastar toda a gente.» No final do ano, a Sra. Besant instou-o a abandonar todas as ideias de serviço de guerra e a continuar calmamente os seus estudos. Lembrou-lhe, como fazia frequentemente, que a sua felicidade residiria apenas no trabalho que tinha pela frente.

Ele respondeu aos desejos dela dizendo: «Não sabe como lamento se causei alguma ansiedade... Sei que não tenho levado a minha vida a sério até agora e vou fazê-lo a partir de agora. Começo os meus estudos na segunda-feira. Tentarei entrar em Oxford assim que puder...»

Durante esses anos, Annie Besant estava longe, na Índia, profundamente absorvida na política e na luta pela autonomia política da sua pátria adotiva. Nas suas palestras públicas, contudo, continuava a proclamar a vinda do mestre do mundo e alertava para os perigos de rejeitar a sua mensagem, como fora feito há dois mil anos.

Ao longo de 1916, os rapazes trabalharam arduamente para passar nos seus exames de admissão. Nitya teve pouca dificuldade, mas as esperanças de Krishnamurti desvaneciam-se. Tanto Oxford como Cambridge estavam fora de questão. Além das suas fragilidades académicas, deve ter sido difícil para universidades conservadoras considerarem a aceitação de um rapaz indiano que tinha sido anunciado pelo mundo fora como o messias vindouro! Krishnamurti recordou:

Foram enviados para uma escola, uma escola cuidadosamente escolhida, onde o irmão mais novo fazia tudo de forma brilhante. Conseguia todas as notas mais altas, mas o irmão mais velho achava terrivelmente difícil aprender. Por exemplo, ele falava francês

razoavelmente bem nesses dias, pois tinha estado em França, mas não conseguia passar num exame de francês, embora lhe tivessem ensinado durante um ano também na escola francês, latim, etc.

Ele saía-se razoavelmente bem na escola desde que o deixassem em paz, mas no momento em que tinha de passar num exame, não conseguia colocar nada no papel. Chegava ao salão de exames, olhava para o relógio e ficava em branco. Nada acontecia. Tentaram isto na Sorbonne, na Universidade de Londres e assim por diante, e assim por diante. Nada. Então a Dr.ª Besant disse: «Basta!» O outro irmão gostava de direito e passou em todos os exames necessários. [24]

O fim da guerra em 1918 trouxe um aumento de atividade entre os teosofistas. Annie Besant, tão enérgica como sempre, conseguiu regressar a Londres. Retomou as palestras públicas e colocou Krishnamurti na vanguarda das reuniões e como editor das publicações da Estrela. À medida que envelhecia, porém, ele sentia-se cada vez mais distanciado daquilo que via como as limitações e restrições de qualquer forma que tentasse codificar «a verdade». Estava inquieto e insatisfeito, mas dividido devido à sua lealdade para com a Sra. Besant. «Se eu vier a ocupar uma posição de liderança na Sociedade Teosófica», disse ele, «será por aquilo que sou, e não pelo que as outras pessoas pensam de mim...»

Krishnamurti encontrava-se na dolorosa posição de gostar genuína e profundamente da Sra. Besant, a quem, nas suas frequentes cartas afetuosas, continuava a chamar «Minha Queridíssima Mãe, *Amma* minha» e «Minha própria e amada Mãe». Mas o fardo de viver de acordo com a presunção de ser o mestre do mundo que ela tão ardentemente fomentava era grande. Tinha dificuldade em lidar com a adoração dos membros da Ordem da Estrela. Além disso, era agora claro que não teria a carreira escolar brilhante que tinha sido planeada para ele. Tanto para Krishnamurti como para Nityananda, era uma vida sob pressão — e depois mais pressão.

No entanto, havia algum alívio durante os períodos de viagem. Em Nova Iorque, Krishnamurti travou conhecimento com o conceituado e elegante artista James Montgomery Flagg e posou para o seu retrato. Flagg escreveu:

O Sr. Krishnamurti — ou Krishnaji, como o seu irmão afetuosamente lhe chamava — posou para mim para um retrato a lápis, aqui reproduzido, por ocasião de um almoço com os meus pais quando ele visitou a América há cerca de um ano. Ele e o irmão eram jovens felizes e, quando não se olhava para eles mas se escutava, jurar-se-ia que eram dois jovens ingleses

a conversar. Apesar das suas peles bronzeadas, não tive a sensação de que fossem estrangeiros, como costuma ser o caso entre ocidentais e orientais. Pelo contrário, senti imediatamente como se tivesse conhecido um irmão muito amado. Para mim, foi um episódio extraordinário. Eu não sabia na altura que ele tinha sido efetivamente selecionado para ser o veículo do Cristo, mas este rapaz parecia encher o estúdio até transbordar com uma alegria espiritual absolutamente inexplicável.

Estive com ele talvez uma hora e meia, mas lamentei profundamente dizer-lhe adeus. Ora, esse género de coisas não acontece — e eu não conseguia explicá-lo. Krishnaji era simples nas suas maneiras — juvenil — e tinha sentido de humor, transbordava de sorrisos. Contou-nos histórias da sua criação brâmane na Índia — episódios divertidos da sua infância — do seu pai, de sacerdotes, de muitas coisas. Tem um rosto extraordinário, olhos enormes com pestanas longas, e vestia-se bem. Elogiei-o pela sua gravata. Parece que o humor e o vestir-se bem não são incompatíveis com a espiritualidade. Mas acima de tudo para mim foi a minha alegria de estar com ele — guardo essa memória, essa hora e meia. [25]

Ao longo dos anos, a Ordem da Estrela continuou a crescer e, por volta de 1921, tinha reunido muitos membros. Krishnamurti tornava-se mais assertivo, mas para Nitya o futuro mudou abruptamente. Ficou doente e foi-lhe diagnosticada tuberculose. Esta seria a primeira de uma série de crises que o atormentariam e enfraqueceriam ao longo dos anos seguintes.

Após uma ausência de dez anos do seu país natal, decidiu-se que a missão de Krishnamurti deveria começar em Adyar. Para a Sra. Besant, o dia há tanto esperado ocorreu no início de dezembro de 1921. «Os dois irmãos, que partiram como rapazes, regressaram como homens», disse ela. «Um capítulo fechava-se e outro abria-se.»

Embora Krishnamurti mergulhasse no seu trabalho como chefe da Ordem da Estrela do Oriente, as suas lutas internas continuavam. «Há uma rebelião dentro de mim, surgindo silenciosa, mas seguramente... com que propósito, não sei. Uma luta contínua e depois mais alguma luta.»

Onde quer que Krishna fosse, era objeto de curiosidade. «Ao andar pela rua, apontam para mim... lá vai aquele tipo impresso nos jornais... o messias, e depois desatam a rir... oh, como odeio tudo isto, e vou ter isto toda a minha vida... Senhor, o que fiz eu para merecer tudo isto.»

Infelizmente, as muitas reuniões e viagens constituíam um fardo pesado para Nitya. Tinha febres altas e tossia gravemente. As radiografias mostravam que ambos os pulmões estavam agora afetados.

Foi sugerido pelo Sr. A. P. Warrington, secretário-geral da Sociedade Teosófica, que a Califórnia tinha um clima saudável para doentes com tuberculose. Os preparativos de viagem foram rapidamente feitos, pois uma amiga, a Sra. Mary Gray, ofereceu duas pequenas casas de campo no Vale de Ojai, cerca de oitenta milhas a norte de Los Angeles — uma para Warrington e outra para os irmãos.

Chegaram a Ojai a 6 de julho de 1922, e ambos os jovens se deleitaram com a abertura e a liberdade da atmosfera da Califórnia, tão diferente da Índia e da Inglaterra conscientes de classes, castas e raças.

Durante um curto período, Nitya pareceu melhorar, mas o melhor de tudo era que os irmãos estavam sozinhos. A privacidade tinha sido um luxo que lhes fora negado desde a infância. Agora, encontravam-se em quase total isolamento. Os seus únicos vizinhos eram o Sr. Warrington e um Sr. Walton, vigário-geral da Igreja Católica Liberal, que vivia por perto, e Rosalind Williams, de dezanove anos, irmã de um amigo da Sra. Gray. Krishnamurti teve a oportunidade de estar consigo próprio. Caminhava sozinho nas colinas, subindo por entre pomares de laranjeiras e mato rasteiro para alcançar uma cordilheira que se estendia bem acima do vale. Uma inquietação apossou-se dele e, durante vários dias, queixou-se de um calor sufocante. Nitya descreveu os estranhos acontecimentos numa carta à Sra. Besant:

Num vale longo e estreito de pomares de damasqueiros e laranjais fica a nossa casa, e o sol quente brilha dia após dia para nos lembrar Adyar, mas ao entardecer o ar fresco vem da cordilheira de colinas de cada lado. Muito para lá da extremidade inferior do vale corre a estrada longa e perfeita que vai de Seattle, em Washington, até San Diego, no sul da Califórnia, cerca de duas mil milhas, com um fluxo incessante de tráfego turbulento; contudo, o nosso vale repousa feliz, desconhecido e esquecido, pois uma estrada entra por ele, mas não conhece caminho de saída. Os índios americanos chamavam ao nosso vale o Ojai (pronuncia-se *O-hai*), ou o ninho, e durante séculos devem ter olhado para ele como um refúgio.

A nossa casa de campo fica na extremidade superior e mais ninguém vive por perto exceto o Sr. Warrington, que tem uma casa de campo inteiramente para si a poucas centenas de jardas de distância; e o Krishna, o Sr. Warrington e eu estamos aqui há quase oito semanas, a descansar e a

recuperar a saúde. Temos um visitante ocasional no Sr. Walton, o vigário-geral da Igreja Católica Liberal para a América, que tem uma casa no vale, e Rosalind Williams, uma jovem rapariga americana, permanece uma semana ou duas por perto, passando o seu tempo connosco.

Há cerca de duas semanas aconteceu este incidente que lhe quero descrever, quando por acaso nos encontrávamos os cinco aqui reunidos.

Na noite de quinta-feira, dia dezassete [de agosto de 1922], o Krishna sentiu-se um pouco cansado e inquieto e notámos no meio da nuca um nódulo doloroso do que parecia ser um músculo contraído, com o tamanho aproximado de berlinde grande. Na manhã seguinte parecia bem, até depois do pequeno-almoço, quando se deitou para descansar... estava deitado na cama a rebolar e a gemer como se estivesse com dores fortes... Começou novamente a gemer e um ataque de tremores e calafrios apoderou-se dele, e ele cerrava os dentes e apertava as mãos com força para afastar os tremores; era exatamente o comportamento de um paciente com malária, exceto que o Krishna se queixava de um calor espantoso... Algum processo decorria no corpo do Krishna, como resultado de influências dirigidas de planos que não o físico... Durante a manhã as coisas pioraram e, quando me vim sentar ao seu lado, ele queixou-se novamente do calor terrível e disse que estávamos todos cheios de nervos e o deixávamos cansado; e a cada poucos minutos sobressaltava-se na cama e afastava-nos; e começava outra vez a tremer. Durante todo este tempo estava apenas semiconsciente, pois falava de Adyar e das pessoas de lá como se estivessem presentes; depois deitava-se quieto outra vez por um bocadinho até que o agitar de uma cortina ou o bater de uma janela, ou o som de um arado distante no campo o despertavam de novo e ele gemia por silêncio e quietude.

Sentei-me perto, mas não demasiado perto. Fizemos o nosso melhor para manter a casa silenciosa e escura, mas pequenos sons que mal se notam são inevitáveis, contudo o Krishna tinha ficado tão sensível que o mais ténue tilintar lhe punha os nervos em franja.

... (A)lguns minutos depois estava a gemer novamente e, passado pouco tempo, pobre rapaz, não conseguiu reter a comida que tinha ingerido. E assim continuou toda a tarde; tremendo, gemendo, inquieto, apenas semiconsciente e o tempo todo como se estivesse com dores.

... O Krishna parecia muito pior, parecia estar a sofrer imenso, os tremores e o calor pareciam intensificados e a sua consciência tornou-se cada vez mais intermitente. Quando parecia ter o controlo do seu corpo, falava o tempo todo de Adyar e imaginava-se constantemente em Adyar.

Depois dizia: «Quero ir para a Índia! Porque me trouxeram para aqui? Não sei onde estou», e repetidamente, e outra vez dizia: «Não sei onde estou.» Contudo, por volta das seis horas, quando tomámos a nossa refeição da noite, ele acalmou até termos terminado.

Então, de repente, a casa inteira pareceu cheia de uma força terrível e o Krishna estava como que possuído. Numa voz cheia de dor disse que ansiava por ir para o bosque. Agora chorava convulsivamente em voz alta, não ousávamos tocar-lhe e não sabíamos o que fazer; tinha deixado a cama e sentara-se num canto escuro da sala, no chão, chorando convulsivamente em voz alta que queria ir para o bosque na Índia. De repente, anunciou a sua intenção de ir dar um passeio sozinho, mas conseguimos dissuadi-lo disso, pois não achávamos que estivesse em condições adequadas para deambulações noturnas.

Depois, como manifestou desejo de solidão, deixámo-lo e reunimo-nos lá fora na varanda, onde em poucos minutos ele se juntou a nós, trazendo uma almofada na mão e sentando-se o mais longe possível de nós. Força e consciência suficientes lhe foram concedidas para vir cá fora, mas uma vez ali, desapareceu novamente de nós, e o seu corpo, murmurando incoerências, ficou ali sentado no alpendre.

Foi então que o Sr. Warrington teve uma inspiração divina. Em frente da casa, a poucas jardas de distância, ergue-se uma jovem árvore de pimenta, com folhas delicadas de um verde tenro, agora pesada com flores perfumadas... Ele instou gentilmente o Krishna a ir lá para fora para debaixo dessa árvore, e ao início o Krishna não queria, mas depois foi por sua própria iniciativa.

Estávamos agora numa escuridão estrelada e o Krishna sentou-se sob um teto de folhas delicadas, negras contra o céu. Continuava a murmurar inconscientemente, mas passado pouco tempo veio um suspiro de alívio e ele chamou por nós: «Oh, porque não me mandaram para aqui antes?» Seguiu-se um breve silêncio.

E agora começou a cantar. Nada passara pelos seus lábios há quase três dias e o seu corpo estava totalmente exausto com a tensão intensa, e foi uma voz calma e cansada que ouvimos cantar o *mantram* entoado todas as noites em Adyar. Depois, silêncio.

... Sentámo-nos com os olhos fixos na árvore, perguntando-nos se tudo estaria bem, pois agora havia um silêncio perfeito, e enquanto olhávamos vi subitamente por um momento uma grande estrela brilhar acima da árvore, e

soube que o corpo do Krishna estava a ser preparado para o Grande Ser... O lugar parecia estar preenchido por uma grande presença e um grande anseio apoderou-se de mim para cair de joelhos e adorar, pois soube que o próprio Grande Senhor de todos os nossos corações tinha vindo; e embora não O víssemos, todos sentiram o esplendor da Sua presença.

... O fulgor e a glória dos muitos seres presentes duraram quase meia hora... Depois, passado pouco tempo, ouvimos os passos do Krishna e vimos a sua figura branca aproximar-se na escuridão, e tudo tinha terminado.

... No dia seguinte houve novamente uma recorrência do tremor e da consciência semiconsciente no Krishna, embora agora durasse apenas alguns minutos e a longos intervalos. Todo o dia ele jazeu sob a árvore em *samadhi* e, à noite, sentou-se em meditação como na noite anterior... Desde então e todas as noites ele senta-se em meditação sob a árvore.

NOTAS

[1] No original, as passagens textuais de autoria direta de Krishnamurti encontram-se grafadas na cor azul para se distinguirem das vozes dos restantes testemunhos e biógrafos, conforme a indicação explícita deixada pela autora. Este critério estende-se ao excerto assinalado sob a numeração [22].

[21] Registo memorial descritivo lavrado por Charles Webster Leadbeater a respeito dos fenómenos coletivos testemunhados no decurso da Convenção de Benares.

[23] Transcrição do testemunho oral continuado do Capitão Russell Balfour Clarke acerca do quotidiano partilhado e da posterior separação decorrente da conflagração militar na Europa.

[24] Depoimento retrospetivo de Krishnamurti sobre o seu percurso escolar e as vicissitudes nos exames de aptidão académica institucionais no Ocidente.

[25] Memórias gráficas e notas biográficas literárias publicadas pelo retratista James Montgomery Flagg sobre a sessão artística partilhada com os irmãos Jiddu em Nova Iorque.

Descrevi o que vi e ouvi, mas quanto ao efeito do incidente sobre todos nós, não falei, pois creio que levará tempo, pelo menos para mim,

para compreender plenamente a glória que fomos privilegiados de testemunhar, embora sinta agora que a vida só pode ser gasta de uma maneira: no serviço do Senhor.

Após estes acontecimentos extraordinários, Krishnamurti escreveu o seu próprio relato:

No dia 17 de agosto, senti uma dor aguda na nuca e tive de reduzir a minha meditação para quinze minutos. A dor, em vez de melhorar como eu esperava, piorou.

O culminar foi atingido no dia dezanove. Não conseguia pensar, nem era capaz de fazer nada, e fui forçado por amigos aqui a recolher-me à cama. Fiquei então quase inconsciente, embora estivesse bem ciente do que se passava ao meu redor. Voltava a mim por volta do meio-dia de cada dia. No primeiro dia, enquanto estava nesse estado e mais consciente das coisas em meu redor, tive a primeira experiência mais extraordinária. Havia um homem a consertar a estrada; esse homem era eu próprio, a picareta que ele segurava era eu próprio; a própria pedra que ele estava a partir era uma parte de mim; a tenra folha de relva era o meu próprio ser e a árvore ao lado do homem era eu próprio. Quase conseguia sentir e pensar como o calceteiro, e conseguia sentir o vento a passar através da árvore, e a pequena formiga na folha de relva eu conseguia sentir. As aves, a poeira e o próprio ruído eram uma parte de mim. Justamente nessa altura passava um carro a alguma distância; eu era o condutor, o motor e os pneus; à medida que o carro se afastava de mim, eu afastava-me de mim próprio. Eu estava em tudo, ou melhor, tudo estava em mim, inanimado e animado, a montanha, o verme e todas as coisas que respiram. Durante todo o dia permaneci nesta condição feliz.

... A manhã do dia seguinte [20 de agosto] foi quase igual à do dia anterior, e eu não conseguia tolerar demasiadas pessoas no quarto... acabei por caminhar até à varanda e sentei-me alguns momentos exausto e ligeiramente mais calmo. Comecei a voltar a mim e, finalmente, o Sr. Warrington pediu-me para ir para debaixo da árvore de pimenta, que fica perto da casa. Ali sentei-me de pernas cruzadas na postura de meditação. Quando estava assim sentado há algum tempo, senti-me a sair do meu corpo, vi-me sentado com as folhas delicadas e tenras da árvore sobre mim. Estava virado para o oriente.

À minha frente estava o meu corpo e, acima da minha cabeça, vi a estrela, brilhante e límpida... conseguia ainda ver o meu corpo e pairava perto dele. Havia uma calma tão profunda tanto no ar como dentro de mim, a calma do fundo de um lago profundo e insondável. Como o lago, sentia que o meu corpo físico, com a sua mente e emoções, podia ser agitado na superfície, mas nada, não, nada podia perturbar a calma da minha alma. A presença dos seres poderosos esteve comigo durante algum tempo e depois eles partiram. Estava supremamente feliz, pois tinha visto. Nada jamais poderia ser o mesmo. Bebi nas águas claras e puras na fonte da vida e a minha sede foi aplacada. Nunca mais poderei ter sede, nunca mais poderei estar em trevas absolutas. Vi a luz.

Toquei a compaixão que cura toda a dor e sofrimento; não é para mim, mas para o mundo... [27]

Na quietude da noite, Krishnamurti passara por uma experiência transformadora que mudou completamente a sua vida. Nos meses e anos que se seguiram, Krishnamurti continuou com o doloroso estado de preparação que viria a chamar de «o processo». Durante este período agonizante, nenhuma tentativa foi feita para consultar uma opinião médica, uma vez que Krishnamurti e outros ao seu redor concordavam que estes acontecimentos eram uma preparação espiritual do seu corpo e, de acordo com antigos textos hindus, tratava-se do «despertar de *Kundalini*», a «serpente de fogo» que se diz significar o estado desperto e libertado.

O porquê de este «despertar» se fazer acompanhar por uma dor tão excruciante nunca obteve resposta nas cartas trocadas entre os irmãos, Besant e Leadbeater, enquanto procuravam ansiosamente respostas para perguntas sem resposta. Num relato muito longo, Nitya escreveu em parte:

Creio que nunca rezei tão fervorosamente como nessa noite. Era uma prece, não para que ele fosse poupado à dor, pois estávamos absolutamente certos de que Eles não o deixariam suportar nem mais um segundo do que o necessário, mas todos rezámos para que ele não se lembrasse de nada daquilo. Parecia impossível que não se lembrasse de uma imposição tão positiva — de uma tortura tão prolongada. Temíamos a impressão pavorosa que isso deixaria na sua memória, se lhe fosse permitido lembrar-se.

... ele sentira um ardor pavoroso na sua espinha e queria encontrar o ribeiro que desce pelo desfiladeiro e afundar nele o seu corpo para aliviar o ardor. Sentimo-nos gratos por não o termos deixado ir.

Isto foi na manhã do dia cinco [de setembro de 1922]. Mas a noite trouxe o culminar na preparação do corpo, uma parte definida, e talvez a parte mais difícil do árduo trabalho pareceu chegar ao fim. A resistência e a coragem do Krishna e a grandeza da ocasião atraíram uma bênção rara e maravilhosa, e todos nós, o Sr. Warrington, a Rosalind e eu, que éramos da casa, fomos suficientemente afortunados por estar presentes e partilhar do grande privilégio. A noite, que foi de sofrimento intenso, pareceu marcar o sucesso do longo período de trabalho no corpo. [28]

A atitude de Krishnamurti em relação ao seu trabalho sofreu uma profunda transformação e, com uma nova energia e intensidade, embarcou em 1923 numa intensa digressão de palestras pelos centros teosóficos de todos os Estados Unidos, seguindo depois para Londres, Holanda e Viena. Ao longo do ano, continuou a ter crises agonizantes de «o processo», embora apenas os mais próximos tivessem conhecimento disso.

Inundado de alegria pelas suas novas perceções e sob a chama revigorada da sua missão, Krishnamurti viajou pelo mundo. Falou na Europa, Índia, Austrália e Estados Unidos. Estas viagens, com uma agenda cheia de palestras, reuniões e convenções, constituíram um fardo pesado para a saúde delicada de Nitya. Algum tempo antes, fora-lhe diagnosticada tuberculose. À medida que o seu estado piorava, escreveu: «Estou na cama há quatro semanas e os meus ossos estão a romper-me a pele... Caminho até ao precipício da morte, olho para o fundo e volto a caminhar para trás... está a tornar-se um hábito em mim.»

Em julho de 1925, devastado pela doença, Nityananda e o seu irmão regressaram de uma viagem à Austrália para o seu querido lar em Ojai. Com uma febre alta e perto da exaustão, Nitya estava «assustadoramente magro e incrivelmente fraco», mas, após alguns meses de permanência no clima seco do vale e sob o tratamento especial com o Osciloclaste de Abrams, pareceu melhorar lentamente.

Krishnamurti, desesperadamente preocupado com o estado do irmão, sonhou que visitava a Grande Fraternidade e implorava pela vida de Nitya, dizendo que sacrificaria a sua felicidade em troca. Faria tudo o que fosse exigido para deixar Nitya viver, pois «senti que a sua vida estava a ser decidida». Quando lhe disseram que ele iria ficar bem: «Foi um alívio tal que toda a minha ansiedade desapareceu completamente e estou contente.»

A confiança em mestres esotéricos, uma pedra angular dos ensinamentos de Besant e Leadbeater, fora uma parte intrínseca da juventude de Krishnamurti. A linha divisória entre o sonho e a vigília era

ténue; visões e manifestações pareciam fazer parte da existência comum para o jovem sensível. Em anos posteriores, ele diria que estes estados eram projeções da mente.

Em outubro, a Sra. Besant telegrafou a Krishnamurti pedindo-lhe que a acompanhasse de Inglaterra à Índia para a Convenção do Jubileu da Sociedade Teosófica. A Madame de Manziarly, uma antiga apoiante dos tempos de Paris, viria para Ojai para atuar como enfermeira de Nitya, juntamente com o associado indiano Rama Rao. Rosalind e Rajagopal, que tinham estado em Ojai a ajudar a cuidar do enfermo, iriam com Krishnamurti.

Durante anos, existira uma fé inquestionável por parte dos membros da Estrela de que Nitya fora escolhido para estar ao lado do seu irmão no apoio ao trabalho. Fazia parte de um grande plano. Para cumprir o seu papel predeterminado, a vida de Nitya seria seguramente poupada. Ainda assim, foi com grande relutância que Krishnamurti deixou o seu irmão doente em Ojai.

A 16 de outubro de 1925, numa carta do Gotham Hotel em Nova Iorque, Krishnamurti escreveu a Nitya dizendo que a sua carta seguinte seria de Londres, que o irmão estava sempre no seu pensamento e que não se esquecera dele, declarando que se amavam mais do que a qualquer outra coisa no mundo e que nunca se separariam.

A aumentar a turbulência estava a consternação pelo facto de, segundo notícias de Huizen, na Holanda, ter ocorrido uma série surpreendente de acontecimentos. Iniciações estavam a ser distribuídas por atacado e, sob aparente revelação, George Arundale declarou que tinham sido nomeados doze apóstolos para o mestre do mundo. A Sra. Besant, a aproximar-se dos oitenta anos, confirmou num longo discurso, no Acampamento da Estrela de agosto de 1925 em Ommen, que: «Ele escolherá, como outrora, os Seus doze apóstolos... Ele já os escolheu.» [29] Entre eles encontravam-se Leadbeater, Besant, Arundale, Jinarajadasa, Lady Emily e outros.

«Esta história dos apóstolos é o limite», disse Krishnamurti. «Não acredito nisso de todo. Faz-me chorar ver estas coisas sagradas arrastadas pela lama.» [30]

Aqueles de vós que ainda hesitam, que ainda tacteiam, que estão presos nesta turbulência de dor e sofrimento, ansiedade e mesquinhez, podem ler livros, frequentar escolas onde se ensinam sistemas específicos

de filosofia, onde há cerimónias, onde há limitações, mas para aqueles que têm este único desejo de libertação não há escola.

— *THE STAR BULLETIN*, 1924

Quando Krishnamurti e a sua comitiva chegaram a Inglaterra, a 23 de outubro, Lady Emily esperava-os fielmente em Plymouth. Ela foi sujeita a uma «avalanche de sarcasmo». Krishnamurti repudiou todos os pronunciamentos de iniciações, *arhats* e apóstolos. Coisas de grande solenidade tinham sido postas com um aspeto vulgar e ridículo. Ainda assim, o amor de Krishnamurti pela Sra. Besant impediu-o de falar publicamente.

Krishnamurti escreveu a Nitya de Londres relatando que fora mais uma vez transformado no foco de adulação e que se sentia tão pouco à vontade com as pessoas de lá, disse ele, com a sua pretensão e as suas «frases pomposas».

Em breve, a comitiva alargada de quinze pessoas, incluindo a Sra. Besant, George Arundale e a sua esposa, James Wedgewood, Lady Emily, Rosalind, Rajagopal, Shiva Rao e outros, embarcou no navio *Ormuz* com destino à Índia e à Convenção do Jubileu. A 9 de novembro, no mar, algures entre Nápoles e Port Said, Krishnamurti escreveu novamente ao seu irmão, desejando que estivessem juntos. O passado era como um pesadelo, mas o futuro seria um «sonho feliz», e instou novamente Nitya a curar-se depressa. Disse que enviaria a carta por correio no dia seguinte, ao chegar a Port Said.

Contudo, ao chegar ao porto, chegou um telegrama preocupante a dizer que Nitya apanhara gripe. Um cabo posterior transmitia de forma ominosa: «Gripe um pouco mais grave. Rezem por mim.»

Mas a fé implícita de que os mestres guardariam a vida de Nitya parecia excluir quaisquer desastres. A missão de Krishnamurti, com o seu irmão ao seu lado, parecia imutável.

Em 1909, quando os portais da glória se abriram para o jovem indiano empobrecido, ele recusou-se a ser treinado, educado ou preparado de qualquer forma para o seu novo papel, a menos que Nitya pudesse estar com ele. O laço infantil de amor fraternal era forte e cresceu em profundidade ao longo dos anos.

O jovem, agora com trinta anos de idade, fora despojado, com o tempo, de tudo o que considerava mais querido. A começar pela morte da

sua mãe aos dez anos, o seu afastamento do contexto da sua herança indiana, o ser criado como um cavalheiro inglês, a quebra das regras de casta, o distanciamento do seu pai e o esquecimento, por falta de uso, da sua língua materna, o télugo — agora, o último elo vivo estava prestes a romper-se. Na noite de 13 de novembro de 1925, uma grande tempestade de trovoada sacudiu o navio enquanto este entrava no Canal de Suez. Um telegrama que comunicava a morte de Nitya foi entregue à Sra. Besant. Com todos os sonhos despedaçados, ela dirigiu-se à cabine de Krishnamurti para lhe dar a notícia. Com a perda do seu irmão, Krishnamurti estava agora sozinho, cortado do passado, privado de laços familiares.

Incrédulo e inconsolável, chorou convulsivamente, gemendo à noite, chamando em voz alta por Nitya em télugo. Shiva Rao, que partilhava a cabine com ele, escreveu que: «A notícia quebrou-o completamente; fez mais — toda a sua filosofia de vida — a fé implícita no futuro tal como delineado pela Sra. Besant e pelo Sr. Leadbeater, o papel vital de Nitya nele, tudo pareceu despedaçado naquele momento. Durante os dez dias seguintes, ele chorava convulsivamente e clamava por Nitya... Dia após dia observámo-lo, de coração partido, desiludido.» Depois, lentamente, com um esforço imenso, ele mudou, recompondo-se para enfrentar a vida sem Nitya.

Os sonhos agradáveis que o meu irmão e eu tínhamos da vida física acabaram: o sonho de estarmos juntos, de nos vermos a fazer coisas, de viajarmos juntos, de nos divertirmos juntos, de conversarmos e brincarmos um com o outro e de todas aquelas pequenas coisas que tanto contribuem para uma vida de prazer agradável.

... O silêncio era de especial deleite para ambos; era então tão fácil compreender os pensamentos e sentimentos um do outro. A irritação ocasional um com o outro não foi de modo algum esquecida, mas nunca íamos muito longe, pois passava em poucos minutos. Costumávamos cantar canções cómicas ou entoar cânticos juntos, conforme a ocasião o exigia. Ambos gostávamos da mesma nuvem, da mesma árvore e da mesma música. Divertímo-nos muito na vida, embora fôssemos de temperamentos diferentes.

... Um velho sonho morreu e um novo está a nascer, como uma flor que rompe a terra firme. Uma nova visão está a surgir e uma consciência maior está a desdobrar-se.

... Uma nova força, nascida do sofrimento, pulsa nas veias e uma nova simpatia e compreensão está a nascer do sofrimento passado — um desejo

maior de ver os outros sofrerem menos e, se tiverem de sofrer, de ver que o suportam nobremente e saem disso sem demasiadas cicatrizes. Chorei, mas não quero que os outros chorem; mas se o fizerem, agora sei o que isso significa. [22]

— *THE HERALD OF THE STAR*, JANEIRO DE 1926

O meu irmão morreu;
Éramos como duas estrelas num céu nu.
Ele era como eu,
Queimado pelo sol quente
Na terra onde [existem] brisas suaves,
Palmeiras balouçantes
E rios frescos,
Onde existem sombras inumeráveis,
Papagaios de cores vivas e aves tagarelas.
Onde as copas verdes das árvores
Dançam sob o sol brilhante;
Onde existem areias douradas
E mares azul-esverdeados:
Onde o mundo vive sob o fardo do sol
E a terra é cozida num castanho baço;
Onde os campos de arroz de um verde faiscante
São viçosos em águas lodosas,
E corpos nus, bronzeados e reluzentes
Estão livres na luz deslumbrante:
A terra
Da mãe que amamenta o seu bebé à beira da estrada;
Do amante devoto
Que oferece flores vistosas;
Do santuário do caminho;
De silêncio intenso;
De paz imensa.
Ele morreu;
Chorei em solidão.
Por onde quer que fosse, ouvia a sua voz
E o seu riso feliz.
Procurei pelo seu rosto
Em cada transeunte
E perguntei a cada um se se tinha cruzado com o meu irmão;
Mas ninguém me conseguia dar conforto.

Adorei,
Rezei,
Mas os deuses permaneceram em silêncio.
Não conseguia chorar mais;
Não conseguia sonar mais.
Procurei-o em todas as coisas,
Em cada clima.
Ouvi o sussurrar de muitas árvores
Chamando-me para a sua morada.
E então,
Na minha busca,
Vislumbrei-Te,
Ó Senhor do meu coração;
Só em Ti
Vi o rosto do meu irmão.
Só em Ti,
Ó meu amor eterno,
Eu contemplo os rostos
De todos os vivos e de todos os mortos. [22]
— *THE SONG OF LIFE*, 1931

Não tente fazer as pazes com os mortos, mas faça as pazes com os vivos. [22]

— *THE STAR BULLETIN*, 1931

Após a longa viagem marítima, aqueles que receberam Krishnamurti e a comitiva de Besant, à chegada a Adyar, a 25 de novembro de 1925, disseram que o seu rosto estava sereno, radiante e intocado pela perda avassaladora que sofrera meros dez dias antes. Frente a frente com a dor, ele chegou a compreender a sua natureza e moveu-se através dela. Em momentos de exaustão podia ainda clamar por Nitya, mas a compreensão do sofrimento e da agonia pela qual passam todos os seres humanos com a perda de entes queridos resolveu-se numa quietude límpida. O luto terminara. Mas, a partir dessa altura, Krishnamurti raramente voltou a falar de hierarquias ocultas ou dos mestres. Estava agora sozinho, sem se apoiar em ninguém.

Nas poucas semanas que antecederam a abertura da Convenção do Jubileu, eclodiram novas tensões. Leadbeater e uma comitiva de setenta pessoas tinham chegado da Austrália. Ele encarava os acontecimentos de Huizen com grande suspeita e frieza, e ocorreu uma rutura entre Arundale,

o arquiteto dos «Apóstolos», e o grupo de C.W.L. Annie Besant encontrava-se no centro destas divisões e até a devota Lady Emily chegou a acreditar que Besant fora enganada.

A convenção abriu a 24 de dezembro sob uma especulação entusiasmada de que os próprios mestres apareceriam para este evento. O *New York Times* e o *New York Herald*, o *The Times of India* e outros jornais relataram a chegada de centenas de delegados de todo o mundo. Mais de três mil pessoas reuniram-se num frenesi de antecipação, mas foi plano, nada aconteceu. Além da rotina regular de palestras e reuniões, não houve qualquer sinal dos esperados acontecimentos milagrosos que muitos tinham sido levados a crer que se manifestariam no quinquagésimo aniversário da Sociedade Teosófica.

No dia seguinte, 28 de dezembro, sob a grande figueira-dos-pagodes (*banyan*), o Congresso da Estrela realizou a sua sessão de abertura. Foi então que algo de facto ocorreu. Krishnamurti falava da vinda iminente do mestre do mundo. Alguns tinham um sentimento de expectativa e contagiaram os outros no grupo com o seu entusiasmo.

A 28 de dezembro de 1925, teve lugar uma ocorrência única na qual estive presente. Numa reunião do Congresso da Estrela sob a figueira-dos-pagodes em Adyar, às 8 horas da manhã, com os amplificadores desligados, um acontecimento dramático teve lugar enquanto o Krishnaji falava. Surgiu no final da sua palestra. Ele estivera a falar sobre o mestre do mundo; de repente, a sua voz mudou para um tom requintadamente doce, mas poderoso e, através de grandes vagas de poder compassivo, continuou:

«Ele vem apenas para aqueles que querem, que desejam, que anseiam» — e depois tornou-se uma voz diferente — calma, serena e com uma qualidade ressonante. Ele disse: «Eu venho para os que querem simpatia, que querem felicidade, que anseiam ser libertados, que anseiam encontrar a felicidade em todas as coisas. Venho para reformar e não para derrubar. Venho não para destruir, mas para construir.»

Posso testemunhar que foi uma experiência espiritual única e, de todos os presentes, Annie Besant, C.W.L. e Raja estavam mais profundamente cientes do seu significado. Mais tarde, na reunião de encerramento do Congresso da Estrela, Annie Besant disse: «... aquele acontecimento [de 28 de dezembro] marcou a consagração definitiva do veículo escolhido... a aceitação final do corpo escolhido muito tempo antes... A Vinda começou...» Ela escreveu no *Theosophist*: «Pela primeira vez, a Voz que

falou como nenhum homem jamais falou, soou novamente nos nossos caminhos inferiores aos ouvidos da grande multidão que se sentava sob a figueira-dos-pagodes... e sabemos que o período de espera terminou e que a Estrela da Manhã surgiu acima do horizonte.» [31] No nono-segundo ano da minha vida, a minha memória é provavelmente defeituosa, mas recordo esta experiência inesquecível com uma clareza cristalina.

— RUSSELL BALFOUR CLARKE

NOTAS

[1] Conforme explicitado no aparato editorial da obra, os segmentos textuais compostos diretamente por Krishnamurti encontram-se impressos na cor azul para se diferenciarem das narrativas biográficas circundantes. Este critério estende-se ao longo desta secção e engloba o fragmento poético sob a numeração [22] e o relato pessoal sob o número [27].

[26] Conclusão das notas epistolares e testemunhos anexos de Jiddu Nityananda relativos à vivência mística no Vale de Ojai.

[28] Excertos do diário e correspondência de Jiddu Nityananda descrevendo os aspetos somáticos e a intensidade do designado «processo».

[29] Ata e registo oficial das alocuções públicas efetuadas pela presidência durante as atividades do acampamento teosófico internacional de Ommen.

[30] Correspondência privada de Krishnamurti dirigida ao seu círculo de maior intimidade em reação às deliberações institucionais da fação europeia.

[31] Artigos de fundo e crónicas oficiais inseridos por Annie Besant no periódico institucional Theosophist em balanço do encerramento do jubileu.

Uma vez, através da boca do Seu veículo, a 28 de dezembro último, Ele falou pela primeira vez no nosso mundo inferior desde há cerca de dois mil anos. Krishnamurti estava a falar, e era evidente que ele se encontrava sob uma influência muito forte no momento antes de ser inteiramente

possuído, e eu lerei o que ele estava a dizer, porque mostra a influência que então jogava sobre ele. Ele estivera a falar sobre o mestre do mundo: «Estamos todos à espera d'Ele, que é o Exemplo, que é a personificação da nobreza. Ele estará connosco em breve, Ele está connosco agora.

Ele vem para nos conduzir a todos a essa perfeição onde existe a felicidade eterna; Ele vem para nos conduzir, e vem para aqueles que não compreenderam, que sofreram, que são infelizes, que não são iluminados. Ele vem para aqueles que querem, que desejam, que anseiam.» O orador sobressaltou-se, parou um momento, e depois outra voz ecoou através dos seus lábios, uma voz não ouvida na Terra há dois mil anos: «Eu venho para os que querem simpatia, que querem felicidade; que anseiam ser libertados; que anseiam encontrar a felicidade em todas as coisas; venho para reformar e não para derrubar; não para destruir, mas para construir.» [32]

— ANNIE BESANT, 1926

A voz de Krishnamurti tinha aumentado em força e poder enquanto falava. Depois, quando ele mudou para a primeira pessoa e disse, em tons vibrantes e compassivos: «*Eu venho*», uma corrente elétrica arrepiou a assistência. A Sra. Besant viria a dizer: «Aquele acontecimento [28 de dezembro de 1925] marcou a consagração definitiva do veículo escolhido... a vinda começou.»

Da chama saíste, à chama regressarás e assim unirás o princípio e o fim. [22]

— *WHO BRINGS THE TRUTH?*, 1926

Alguns anos antes, Krishnamurti conhecera o jovem Barão Phillip van Pallandt, dos Países Baixos, que haveria de doar a sua residência e propriedade ancestral, o Castelo de Eerde, à Ordem da Estrela. Cinco mil acres de floresta rodeavam os belos edifícios do século dezoito. Krishnamurti disse que era um dos locais mais bonitos que conhecia. As tapeçarias Gobelin «eram maravilhosas, criavam uma atmosfera de antiga dignidade e beleza. Grandes árvores com duzentos ou trezentos anos reuniam-se em redor do castelo...». Por muitos anos vindouros, Eerde foi o principal local de reunião europeu da Ordem da Estrela. O próprio castelo tornou-se um centro onde pequenos grupos se reuniam. A vizinha Ommen acomodava os milhares que vinham para os primeiros acampamentos.

Este não é o lugar para procurar novos rótulos, para satisfazer vaidades pessoais; este deve ser o lugar onde cada um deve viver tão perigosamente quanto possa, tão energicamente quanto possa, tão

aventurosamente quanto possa, de acordo com esta Lei eterna. Não deveis fazer deste lugar um deserto de falsos ideais, nem fazer de vós próprios seres submissos; não deveis criar pequenos deuses e adorar em pequenos santuários — isto podeis fazê-lo noutro lado, não é isto o que se pretende aqui; este é o género errado de adoração, o género errado de atitude, o género errado de devoção. Uma vez que tenhas bebido nesta fonte, não queres beber em mais lado nenhum; uma vez que tenhas adorado aqui, não queres adorar mais nada no mundo. Quem quer adorar à luz de uma vela, quando pode ter o sol? [22]

— *THE KINGDOM OF HAPPINESS*, 1927

BARÃO PHILLIP VAN PALLANDT

UM DOS PRIMEIROS APOIANTES DE KRISHNAMURTI, ZWOLLE, HOLANDA

VP: Houve uma reunião em Ommen, numa das minhas propriedades, da Sociedade Teosófica Holandesa, e eles convidaram um certo Wadia, um parsi vindo das altas montanhas da Índia, para conduzir essa reunião. O Jack Burton, que era professor na escola Arundale em Inglaterra, também estava lá. E ele disse: «Oh, tens de pedir ao Krishnaji para vir.» Eu só o tinha visto uma vez numa reunião em Londres, nunca tinha falado com ele.

EB: Posso perguntar em que ano foi isso?

VP: 1921. Datas eu lembro-me sempre. E o Jack Burton disse: «Tens de pedir diretamente ao Krishnaji para vir de Paris porque o Wadia quer estabelecer centros secretos e isso pode ser perigoso.» Eu disse: «Jack, eu não o conheço. Pede tu para ele vir», o que ele fez imediatamente. Bem, penso que em menos de 24 horas o Krishnaji estava em Eerde. E a parte curiosa desta reunião da Sociedade Teosófica do Wadia era — oh sim! Não me posso esquecer de lhe dizer, era *A Doutrina Secreta* de manhã, ao meio-dia e à noite; ora, não sei se alguma vez espreitou *A Doutrina Secreta*? Bem, alguma vez compreendeu alguma coisa? É tão profunda, pela Sra. Blavatsky. Bem, é divertido espreitá-la porque não se compreende uma palavra, realmente nem uma palavra. E então o Krishnaji chegou e o que fez ele? Bem, o Wadia tinha as suas palestras de manhã, ao meio-dia e à noite sobre *A Doutrina Secreta,* e o Krishnaji não fazia nada, escutava, mas, entretanto, organizou desportos de modo a impedir o Wadia de fazer um centro secreto aqui. Esse era o objetivo. E vou dizer-lhe que tipo de desportos, era incrivelmente engraçado! Um dos desportos consistia em

ficar no meio de um campo com uma corda e uma pedra na ponta, a girá-la em redor, e ele punha todas aquelas senhoras idosas a saltar por cima enquanto ela girava. Tinham de saltar por cima, todas aquelas senhoras idosas da Sociedade Teosófica, era muito engraçado! Ele ficou no castelo, em Eerde, comigo. E a partir desse momento tornámo-nos grandes amigos, realmente grandes amigos.

EB: Nessa altura, estava ciente de que Krishnamurti haveria de ser o chamado mestre do mundo? Qual foi a sua reação a isso?

VP: Eu era, como é evidente, muito mais jovem do que agora, mas encarei-o sempre como sendo o homem mais extraordinário que alguma vez conheci. E também a Dr.ª Annie Besant, que foi a mulher mais maravilhosa que já conheci.

EB: De que forma era Krishnamurti extraordinário?

VP: Vou contar-lhe uma coisa realmente engraçada. Quando o Wadia, a quem o Krishnaji realmente fez oposição ao organizar os desportos — e o Wadia deve ter sentido isso —, quando o Wadia se foi embora no meu pequeno automóvel, o Krishnaji veio connosco e, a vinte e sete quilómetros de Ommen, tivemos um furo, um furo duplo esquerda-direita. Eu conduzia carros para o meu pai desde 1900, desde os dez anos de idade, era de longe o que conduzia há mais tempo, mas era assustadoramente desajeitado e o Krishnaji notou isso ao mudar a roda. Portanto, numa fração de segundo, o Krishnaji tomou tudo em mãos e colocou a roda nova com as suas mãos esguias, tirou a que estava suja — eram estradas terrivelmente poeirentas, poeira espessa — e com as suas mãos esguias tirou a roda e colocou a roda nova e depois continuámos a conduzir. Sempre que passo por esse local, nunca me esqueço do ponto exato onde tivemos esse furo. Corremos, embora o comboio já tivesse partido, como é óbvio, de Zwolle, por isso tivemos de conduzir muito depressa para apanhar o comboio. Chegámos a Zwolle, à estação. Nesses tempos, era preciso ter um bilhete especial para entrar na plataforma. O Krishnaji não quis saber desse bilhete, saltou por cima de todas as barreiras e chegou à plataforma precisamente no local e no momento em que o comboio se afastava, com o Wadia lá dentro, sem uma mala, que ele tinha deixado na estação. O Krishnaji, logo após saltar as barreiras, dirigiu-se ao comboio e, naquele preciso local, naquele momento, o Wadia espreitava pela janela; o Krishnaji não teve mais nada a fazer senão entregar-lhe a mala — um dos momentos mais cómicos que já presenciei na minha vida! E o comboio seguiu viagem.

EB: Para continuar com esses primeiros dias, pode dizer-nos como surgiram os Acampamentos da Estrela e como nasceu a associação com o Castelo de Eerde?

VP: Não penso nestas coisas há dezenas de anos, mas ainda assim lembro-me de bastante. Encontrei algo de grande no Krishnaji e ofereci-lhe a propriedade inteira de 1700 acres, acres holandeses, o triplo em acres ingleses, e ele disse: «Não aceito nada!» Mas podíamos formar uma fundação, e foi o que aconteceu, a Fundação Eerde.

EB: E ele vinha todos os anos falar no Castelo de Eerde?

VP: Sim.

EB: Lembra-se do conteúdo do seu ensinamento? Como expressava ele esse ensinamento? Além das suas palavras, o que significava a sua presença para a reunião?

VP: Oh, significava imenso. Deve pensar que os teosofistas que ali estavam pensavam muito no Krishnaji, porque a Sociedade Teosófica o anunciava como um futuro mestre do mundo — disso não se pode esquecer.

EB: Ele via-se a si próprio como o mestre do mundo?

VP: Suponho que talvez no seu íntimo, mas ele nunca falava de coisas dessas. Ele era tão assustadoramente simples. Uma das coisas especiais em relação ao Krishnaji é que ele é terrivelmente simples em tudo. Mesmo até agora.

EB: Há mais alguma coisa de que se lembre sobre ele, o que fazia, quais eram as suas atividades ali?

VP: Ele era terrivelmente entusiasta de automóveis. Uma vez estive com o Krishnaji, em Paris, numa grande exposição de automóveis. O Krishnaji saltou para um dos *stands* e entabulou uma longa conversa com um homem. Penso que era um carro Lancia, de Itália, e depois disso ouvi os dois homens do *stand* de automóveis a falar um com o outro: «O que aquele homem sabe sobre automóveis!» Eu, que conduzia automóveis desde 1900, não percebia nada de mecânica, de maquinaria, absolutamente nada, apenas conduzia, conduzia depressa, nunca tive um acidente.

«ELE ERA TERRIVELMENTE ENTUSIASTA DE AUTOMÓVEIS.» NO CARRO DE VAN PALLANDT

EB: Diria que ele se interessa por qualquer tipo de coisa mecânica? Como as coisas funcionam?

VP: Inteiramente, muitíssimo.

EB: Como diria que o ensinamento de Krishnamurti afetou a sua vida?

VP: Oh, muitíssimo. Mas é difícil dizer como. Senti sempre, e continuo a sentir, que ele é a maior pessoa que alguma vez conheci. Mas foi muito, muito difícil para a Dr.ª Annie Besant segui-lo. Num grande acampamento com 3700 pessoas numa tenda em Eerde, o Leadbeater adormeceu, lembro-me tão bem disso, mas a Dr.ª Annie Besant, até ao primeiríssimo e último segundo, escutou intensamente. Mas ela não conseguia segui-lo, isso posso dizer.

EB: Portanto, Leadbeater não estava de todo interessado no que Krishnamurti tinha para dizer?

VP: Parecia não estar, adormeceu; e Annie Besant escutava muito intensamente perante 3700 pessoas, e o Leadbeater adormeceu.

EB: Como era a relação de Krishnamurti com Leadbeater?

VP: Bem, ele dizia: «Foi o tempo mais pavoroso da minha vida» — quando ele e o Nitya foram enviados para Sydney para junto do Leadbeater — «O tempo mais pavoroso da minha vida.»

EB: Havia outras pessoas ali na altura de quem ele se sentisse particularmente próximo? Ele deve ter sido muito próximo do seu irmão. Lembra-se de Nitya?

VP: Oh, perfeitamente. A morte dele foi algo pavoroso para ele. Pavoroso; ele sofreu imenso. Soube disso a bordo de um navio entre... a Austrália e a Índia. Ali recebeu a mensagem e foi algo terrível. As pessoas que lá estavam disseram que ele sofreu terrivelmente.

EB: Viu-o quando ele regressou à Índia? Quando Krishnamurti regressou da Austrália à Índia após a morte do irmão, estava na Índia na altura?

VP: Eu estava na Índia em 1925, no ano do quinquagésimo aniversário da Sociedade Teosófica.

EB: Após a morte de Nitya, Rajagopal ajudou Krishnamurti no seu trabalho?

VP: Ele — penso que após a morte de Nitya — o Rajagopal se chegou à frente. Sim, ele chegou-se à frente após a morte de Nitya. Eu sentia que o Nitya era um amigo absolutamente maravilhoso, completamente diferente do Krishnaji. O Nitya era extremamente adorável, essa é a palavra que posso dizer. O Nitya era um rapaz extremamente adorável de quem eu gostava imenso, e a sua morte foi algo de terrível para mim.

EB: Barão Van Pallandt, há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

VP: Quem me dera lembrar-me de mais.

EB: Bem, penso que relembrou realmente uma grande quantidade de coisas, que remontam a muitos, muitos anos. Muito obrigada.

VP: Não tem de quê. [33]

Tenho sempre receio de organizações e sociedades e ordens, porque existe em todas elas uma inclinação para considerar a sua forma particular de palavras ou jargão como a única verdade; de modo que, quando a simples verdade da realidade se desdobra diante delas, elas a interpretam mal, a perdem, e mesmo aquelas pessoas que estão realmente a procurar e que estiveram realmente a trabalhar e a sacrificar-se podem perder a própria coisa pela qual se sacrificaram. Temos de ter a verdade numa forma especializada porque fomos criados num grupo específico; temos de ter a verdade revestida pelo nosso próprio jargão particular e, assim que ela não é dada dessa maneira, não a compreendemos. É por isso que muitas vezes gostaria que não existisse tal coisa como uma organização, se é que não me vão interpretar mal; muitas vezes gostaria que fôssemos todos livres para pensar por nós próprios, para sentir a realidade das coisas por nós próprios, sem termos organizações, líderes de grupo, representantes nacionais, chefes e assim por diante. [22]

— CHICAGO, 1927

Durante o mesmo período de tempo, Krishnamurti conheceu uma jovem mulher que viria a ser fulcral na sua juventude. Helen Knothe abriria no jovem comportas de um anseio romântico que até então tinham permanecido firmemente fechadas. Era uma jovem rapariga americana de dezassete anos, estudante de violino que ia estudar música para Amesterdão. Helen, que mais tarde se casou com Scott Nearing, um importante crítico social americano e ambientalista defensor do regresso à terra (muito antes de tal ser moda), viveu uma vida surpreendentemente livre para uma jovem mulher da década de 1920. Helen fora levada para a

Holanda pela sua mãe holandesa para continuar ali os seus estudos de violino. Ela tinha dezassete anos na altura e Krishnamurti vinte e seis.

HELEN KNOTHE NEARING

UMA DAS PRIMEIRAS AMIGAS DE KRISHNAMURTI

HN: Antes de começar a ter lições em Amesterdão, fui com a minha mãe a Ommen, onde o Sr. Wadia, que também era um teosofista proeminente na altura, conduzia cursos, e a minha mãe assistia aos cursos. O Krishna tinha sido convidado por Phillip van Pallandt para vir a Ommen porque o Phillip estava interessado em doar a sua grande propriedade ali. O Phillip ouvira falar de Krishnamurti — penso que deve ter sido nessa conferência em Paris. Convidou Krishnamurti e o seu irmão para virem a Ommen encontrar-se com ele, com o pensamento de talvez doar a terra a Krishnamurti.

O Nitya não estava suficientemente bem para vir, por isso o Krishna veio sozinho. Ele estava há escassos dias em Ommen e o Phillip levava-o a passear no seu carro, mostrando-lhe aquela parte do país, e o Krishna por acaso viu-me a fazer uma corrida com uma rapariga sueca — o que estávamos a fazer no meio do campo não sei, uma corrida, eu pela América e a minha amiga sueca pela Suécia — e eu ganhei a corrida. O Krishna e o Phillip van Pallandt aproximaram-se de mim e falaram comigo, e eu pedi um autógrafo ao Krishna.

O Phillip van Pallandt viu que ele ficara intrigado ou interessado e disse: porque não vem ao castelo para o jantar ou algo assim. Então fui ao castelo e almocei com ele, e não havia mais nenhum jovem por perto na altura, e foi pura coincidência que isto tenha acontecido de algum modo. O facto de eu ser a pessoa jovem, a rapariga jovem na altura, por quem Krishnamurti aparentemente se apaixonou. Eu tinha mais ou menos a idade certa.

EB: Quais foram as suas primeiras impressões quando conheceu este jovem pela primeira vez?

HN: Não existia a atmosfera que mais tarde cresceu em redor dele. Eu não fazia ideia da sua reputação e do que tinha sido dito sobre ele, e ele próprio não parecia apoiar-se muito nisso. Era despretensioso, viera sem comitiva, viera sozinho ver o Phillip. O Phillip era uma pessoa muito simples e tratava-o de forma simples. Este era um rapaz jovem que conheci que era extraordinariamente belo e completamente diferente de qualquer outro que eu já tivesse conhecido, mas penso que ele estava mais preparado para a experiência do que eu naquela altura. Ele era tão diferente de qualquer rapaz que eu tivesse conhecido antes. Tinha apenas uma semana na Holanda, eu ia ficar mais tempo, muito mais tempo, e ele tinha uma semana ali e passou esse tempo inteiramente comigo — a caminhar no bosque ou a andar de bicicleta, ou no carro do Phillip, o velho carro Mercedes do Phillip, penso que era — e finalmente, ao fim de cerca de cinco dias, estávamos a caminhar nas charnecas, na urze na Holanda, e ele declarou amor verdadeiro. Era tão tímido que cobria o rosto com um lenço. Estávamos sentados na urze e ele admitiu-me na trindade do seu irmão, a quem amava imenso, da Sra. Besant, a quem chamava «*Amma*», e da Lady Emily. Disse: «Estes são os meus três maiores amigos», e admitiu-me nessa categoria na altura. E pareceu ser algo de completamente novo para ele. Isto foi, como é óbvio, algo de extraordinário e fora do comum.

EB: E ele cobria o rosto quando falava consigo?

HN: Ele era tão tímido. E a sua primeira carta ao deixar Ommen — ele teve de regressar a Londres e depois teve de ir para a Índia —, e na sua primeira carta dizia: «Lembra-te de como eu era assustadoramente tímido», e depois dizia também: «Tu não sentes o mesmo que eu em relação a isto.» E guardei, todos estes anos, guardei essas cartas. São tão puras, e tão nobres, e tão belas, e tão eloquentes que fazem parte da história dele.

EB: Krishnamurti expressou alguma opinião sobre o casamento, as suas opiniões pessoais sobre o casamento?

HN: Não, porque suponho que nunca pensámos nisso. E suponho que, por mais próximos que estivéssemos durante esse tempo, não me lembro de carícias, não me lembro de abraços, não me lembro de beijos, o que é estranho, nunca pensei: «Oh, não devemos», ou não creio que tenhamos pensado: «Não devemos.» Era outra atração, uma espécie de encontro de almas, e eu tive a sensatez aos dezassete anos — e eu era apenas uma rapariga americana imatura, mas tive a sensatez — de o apreciar pelo que era.

EB: Está a dizer que não existia propriamente um lado físico na vossa amizade e na vossa relação?

HN: De todo, de todo, e no entanto era quente e profunda, até mesmo apaixonada. Estranho. Foi um grande derramamento do amor e do espírito dele na altura, e ele queria que eu estivesse com ele. Estava desesperado por ir para a Índia tão cedo após me ter conhecido. Conhecíamo-nos há uma semana na Holanda, depois ele teve de regressar a Inglaterra, e depois ele realmente inventou uma viagem de regresso à Holanda para dar uma palestra ou algo parecido lá, mas era na realidade para me ver outra vez. E depois estivemos juntos em Amesterdão, na sede teosófica holandesa por escassos dias, talvez um fim de semana prolongado ou parte de uma semana, e depois ele teve de regressar à Índia.

EB: E durante esse período, Krishnamurti falava sobre o seu trabalho?

HN: Sim, e estava bastante desesperado com isso. Ele ainda não estava preparado para isso, e via-o à sua frente e sabia o que tinha de fazer. Teve o seu momento de grande desânimo sobre o qual escreveu.

NOTAS

[1] No original, as passagens de autoria textual direta de Krishnamurti figuram realçadas na cor azul para se individualizarem da prosa biográfica e dos restantes depoimentos orais, em conformidade com as notas indicativas da autora. Este critério aplica-se de forma estrita ao fragmento transcrito sob o número [22].

[32] Registo documental e transcrição oficial do discurso proferido por Annie Besant perante as comissões institucionais da Sociedade Teosófica no ano de 1926.

[33] Transcrição do depoimento oral prestado pelo Barão Phillip van Pallandt no decurso da entrevista conduzida na localidade de Zwolle, Holanda.

EB: Esse foi um período de grande agitação nele e de insegurança quanto ao que deveria ser o seu papel?

HN: Sim, e de receio de que as pessoas esperassem mais dele do que aquilo que ele tinha em si para dar.

EB: Creio que foi em 1923, quando estava com Krishnamurti e o grupo em Ehrwald, no Tirol austríaco. E houve uma recorrência do chamado «processo»?

HN: Correto.

EB: Poderia descrever o que aconteceu?

HN: Bem, eu estive com ele todas as noites do mês em que permanecemos em Ehrwald.

EB: Esse foi o início dessas experiências?

HN: Esse foi o começo de tudo, sim. O Nitya tinha escrito à Lady Emily, a mim e a algumas outras pessoas sobre o que se andara a passar em Ojai, mas não sabíamos se voltaria a acontecer alguma vez.

EB: Isso foi cerca de um ano após a sua chamada «experiência da árvore de pimenta», o processo que levou ao culminar do que aconteceu em Ojai.

HN: Reativou-se em Ehrwald e fui chamada a ajudar.

EB: Poderia descrever o que aconteceu?

HN: À noite, costumávamos sentar-nos na varanda com vista para as montanhas, e o Krishna e o Nitya cantavam, e tínhamos canções e *mantrams*, e era óbvio que o Krishna estava perturbado fisicamente. Por isso, ele deixou o grupo.

EB: Como é que isso se manifestava?

HN: Ele estava febril e quente, perturbado e inquieto. Entrou na casa com o Nitya e, passados uns momentos, o Nitya chamou-me e eu devia sentar-me e segurar-lhe a mão. E ele estava obviamente com dores e em sofrimento, a chorar. E isto era algo difícil de eu presenciar e suportar, mas fiz o que pude para ajudar. Isso continuou todas as noites; eu guardei um diário de todos aqueles dias e das noites em que estive com ele. Penso que foi todas as noites.

EB: Ocorria apenas à noite?

HN: Sim. Por vezes, ele ficava particularmente agitado, alegre e brincalhão, e depois caía neste estado de ausência e não estava de todo connosco. Era uma pessoa completamente diferente.

EB: Fala-se hoje em dia de experiências fora do corpo; é dessa maneira que caracterizaria esses incidentes?

HN: Não. Era muito no corpo, era muito intenso. Era o corpo que estava a passar por essa experiência. Embora, por vezes, o próprio Krishna parecesse não estar ali, mas sim um rapazinho, quase uma criança de três ou quatro anos, e esta criança, este «elemental do corpo» é que suportava a dor e chegava a gritar com o Krishna e a dizer: «Afasta-te, eu consigo cuidar disto melhor do que tu.» Era como duas personalidades estranhas, e o Krishna voltava e falava com este pequeno «elemental do corpo», e eles conversavam.

EB: Havia duas vozes diferentes? A da criança pequena e a do homem jovem?

HN: Exatamente. E depois o homem jovem pressentia seres a chegar, a assistir e a ajudar, ou talvez até a impor-lhe aquilo. Nós não sabíamos, o Nitya e eu. O Nitya sentava-se num canto afastado e eu estava perto do Krishna, a segurar o corpo e a ajudar o corpo. O Nitya e eu não éramos clarividentes, mas sentíamos a bênção desta presença maravilhosa a descer as montanhas e a entrar no quarto, e eles davam mensagens ao Nitya, a mim e ao Krishna.

EB: Como eram transmitidas essas mensagens?

HN: Através da voz do Krishna, e o Nitya ou eu rabiscávamo-las o melhor que podíamos às escuras. Estávamos maioritariamente às escuras. Registámos essas mensagens. Algumas eram para o Nitya. Algumas eram para mim e algumas eram para o próprio Krishna.

EB: Quais eram essas mensagens?

HN: Eram sobre o que deveríamos fazer e o que deveríamos ser, e sobre o que era a dor.

EB: Para que servia a dor?

HN: Nós pensávamos que era a *Kundalini*. Pensávamos que era o despertar da *Kundalini* e a desobstrução das passagens — pensávamos que o Senhor viria através dessas influências benéficas e maravilhosas que sentíamos que iam assumir o controlo do Krishna naquela altura. E depois este pequeno «elemental do corpo» era tão terno, tão doce e tão querido, era como se eu estivesse num quarto com o Nitya, o Krishna e uma outra pequena entidade. Completamente diferente. Falavam juntos, discutiam juntos.

EB: Sobre o que discutiam?

HN: O pequenino dizia: «Eu sei suportar a dor melhor do que tu, fica de fora.» E o Krishna voltava novamente, gritava e caía... Tenho a certeza de que os camponeses lá em baixo que geriam a casa em Ehrwald, eles estavam apenas dois andares abaixo, devem ter ouvido tudo isto; por isso, penso que o John Cordes, que era o assistente na altura, lhes disse que ele tinha ataques de epilepsia.

EB: Alguma vez sentiu que se assemelhava em algo a um ataque de epilepsia?

HN: Eu não sabia nada sobre epilepsia na altura, pelo que estava convencida de que se tratava de um teste esotérico de resistência.

EB: Ainda sente isso hoje em dia?

HN: Não sei. Não posso ter uma opinião sobre isso agora porque não sei como se desenvolve ou o que era.

EB: Após estes episódios, havia alguma mudança no Krishnamurti do dia a dia?

HN: Ele conseguia ser perfeitamente normal e nós não conseguíamos acreditar que era a mesma pessoa.

Tem sido uma luta constante encontrar a verdade, porque eu não me sentia satisfeito com a autoridade de outrem, ou com a imposição de outrem, ou com o engodo de outrem; queria descobrir por mim próprio e, como é natural, tive de passar por sofrimentos para descobrir. [22]

— *WHO BRINGS THE TRUTH?*, 1927

Se amais a verdade intensamente e, contudo, absolutamente por si mesma, amais tudo. Se a verdade é o único conforto, e tendes esse conforto, o vosso desejo é partilhá-lo com os outros... [22]

— *THE POOL OF WISDOM*, 1927

Não é um reino que fica longe, nem uma morada para a qual precisemos de fazer uma viagem até aos confins da Terra. Deveis encontrar a chave que abre todas as portas do céu, todos os jardins do êxtase; e essa chave é a vossa intuição, e com essa chave podeis entrar e viver eternamente nesse jardim. [22]

— *THE POOL OF WISDOM*, 1927

EB: Ele tinha recordação disto ao despertar?

HN: Não, não muita.

EB: Ele tinha a sensação de dor ou do alívio da dor?

HN: No, ou estava ligado ou estava desligado. Por vezes, o Nitya acordava-me a meio da noite e dizia: «É melhor vires, o Krishna precisa de ti.» E então eu ia e ficava com ele, e não sei se era o Krishna nessa altura ou o pequenino, mas, como é natural, eu estava ali e feliz por estar com ele. Isso continuou por mais de um mès em Ehrwald, e depois ele convenceu-me a regressar à Austrália com ele e a não ficar mais a estudar violino. Então voltei a Viena para recolher o meu violino e a minha música e despedir-me das pessoas de lá, e ir a casa convencer os meus pais de que queria ir para a Austrália. Estive com ele um pouco depois disso. Ele ainda sofria destas coisas da mesma maneira e, no barco que fazia a travessia de Southampton para Nova Iorque, estive com ele no barco, mas aquele mês pesado de resistência e dor — não creio que tenha voltado a ocorrer durante tanto tempo enquanto estive por perto.

EB: Portanto, foi aproximadamente um mês. É muito tempo para suportar algo assim. Depois diminuiu, dizia.

HN: Mas ele precisava e queria que eu estivesse com ele, e o Nitya providenciou para que eu tivesse uma cabine com porta de comunicação, e eu estive com ele.

EB: Havia então o entendimento de que a Helen exercia uma influência especial?

HN: Aparentemente, um papel especial.

EB: Ele fez-lhe outras declarações de amor enquanto estiveram ali, enquanto ele passava por este processo?

HN: Sim.

EB: Portanto, o afeto e o amor dele por si ao longo de todo esse período não foram danificados por todo este processo?

HN: Não, de facto, foram provavelmente intensificados pelo facto de eu estar perto dele.

EB: Depois a Helen foi com ele a bordo do navio. Quanto tempo durou a vossa relação?

HN: Ele organizou para que outra jovem mulher, Ruth Roberts, e eu seguíssemos para Sydney sozinhas. Continuou a escrever, esperando que eu me saísse bem. O Krishna veio a Sydney a caminho de Ojai, porque o Nitya tinha de sair da Índia, ele não estava bem. O Krishna não foi bem recebido em Sydney pelo Leadbeater.

EB: Por que razão foi isso?

HN: O C.W.L. não compreendia este processo que estava a decorrer. Dizia que nunca lhe tinha acontecido a ele, nunca tinha acontecido à Sra. Besant, e tornou-se bastante frio com o Krishna e deixou-o à espera no átrio da mansão (*The Manor*) em Sydney, e estava muito preocupado com o Nitya, e com razão, porque o Nitya estava a partir. Nós não sabíamos, mas o Nitya estava a partir.

EB: Gostaria que descrevesse a relação de Krishnamurti com o irmão.

HN: Era tão próxima, tão calorosa, tão doce e tão querida quanto possa ser. Penso que o Nitya era a pessoa mais próxima dele no mundo; depois ele também amava a Sra. Besant, e também amava a Lady Emily, e nessa altura também me amava a mim. Esses eram os que lhe eram mais próximos, mas o Nitya era o mais próximo de todos, ele era simplesmente uma parte dele, e a influência do Nitya sobre ele era muito boa, ajudava-o de tantas maneiras.

EB: Nunca sentiu que houvesse ciúme ou a chamada rivalidade fraternal?

HN: Nunca, eram apenas irmãos extremosos, ambos se apreciavam imensamente um ao outro, era uma relação lindíssima.

EB: Como era a relação de Krishnamurti com Annie Besant durante esse período?

HN: Muito afetuosa, muito terna, muito devota.

EB: Nessa altura, ele estava, num certo sentido, a mergulhar no seu trabalho.

HN: Exatamente, e eu tive a sensatez de compreender isso.

EB: Quando detetou pela primeira vez sinais de distanciamento entre Krishnamurti e a Sociedade Teosófica?

HN: Talvez um pouco na Austrália, quando ele veio pela segunda vez com o Nitya, mas ele estava tão absorto na saúde do pobre Nitya. Estava a começar aí porque o C.W.L. o isolou.

EB: Houve uma mudança definitiva por volta desse período; ele tornou-se cada vez mais aberto naquilo que escrevia. Estava a tornar-se mais independente, aparentemente também nas suas relações pessoais. Estava noiva de Krishnamurti nessa altura?

HN: Não, nós sabíamos que nada disso poderia ocorrer. Primeiro, eu própria parecia sabê-lo, e ele sabia-o devido à sua missão. A Sra. Besant dissera textualmente que éramos muito próximos e que iríamos crescer juntos, e que iríamos trabalhar juntos, mas que não poderia haver nada desse género.

EB: Pensava-se, aparentemente, que o casamento o desviaria da sua missão.

HN: Oh, certamente. Mas chegou a sair nos jornais, ele estava em Ojai na altura, e pensei que talvez mentes mais sábias lhe pudessem ter dito: «Isto foi bastante longe.» Isso pode ter dado início ao desapego dele, nunca soube. A minha família queria que eu regressasse da Austrália na altura, e deixei a Austrália contrariada e regressei, e o Krishna recebeu-me em Santa Bárbara e conduziu-me a Ojai. Ele foi doce e afetuoso como sempre, mas algo estava cortado, ou algo estava diferente, e pressenti que o período da nossa proximidade tinha terminado. Fiquei em Arya Vihara por talvez uma semana, e ele levou-me ao comboio. Éramos amigos próximos e carinhosos como sempre, tanto quanto eu sabia, mas esse foi o fim.

EB: Durante este período, qual era a sua perceção dos ensinamentos? Estava realmente interessada nos ensinamentos?

HN: Eu sabia que ele ensinava «viver no presente». Penso que absorvi tudo isso e o reconstruí numa filosofia para mim própria que dura até ao dia de hoje. Nunca reneguei nada do que ele disse ou escreveu. Assumi-o em mim e formulei o meu próprio modo de vida e filosofia, que durou a minha vida inteira. Não deitei nada disso fora. [35]

Como toda a gente, Krishnamurti, no passado, procurou, obedeceu e adorou; mas à medida que o tempo passava, à medida que o sofrimento chegava, ele quis descobrir a realidade que se esconde atrás da imagem, atrás do pôr do sol, atrás do ídolo, atrás de todas as filosofias, atrás de todas as religiões, de todas as seitas, de todas as organizações; e para descobrir e compreender isso, teve de se agarrar a um suporte de irrealidade, de

falsidade, até que, pouco a pouco, foi capaz de passar por todos esses santuários que são limitadores, que são agrilhoadores, por todos os deuses que insistem na adoração. Ao passar por todos esses, ele foi capaz de chegar onde todas as religiões, onde todos os afetos são consumados, onde toda a adoração termina, onde todo o desejo cessa, onde o eu separado é purificado ao ser destruído. É porque passei por esses estágios que sou capaz de falar com a autoridade do meu próprio conhecimento, e dar-vos-ia desse conhecimento, dessa experiência. [22]

— *WHO BRINGS THE TRUTH?*, 1927

As fileiras crescentes da Ordem da Estrela impactaram não apenas a Índia, Inglaterra, Europa e os Estados Unidos, mas também a América Latina. À medida que Krishnamurti continuava a viajar incansavelmente pelo mundo, ia reunindo muitos amigos de toda a vida pelo caminho. A consideração deles por ele nunca desvaneceu.

Em Los Angeles, algum tempo antes, conhecera um jovem que viria a tornar-se um desses amigos de toda a vida. Sidney Field, diplomata e autor de muitos argumentos cinematográficos em Hollywood, nascera na Costa Rica, filho de pai americano e mãe costa-riquenha. Os seus pais foram fundadores da Ordem da Estrela na Costa Rica e eram bons amigos de ambos os irmãos.

SIDNEY FIELD

DIPLOMATA E ARGUMENTISTA, LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

SF: Quando viemos da Costa Rica para Los Angeles, em 1925, comprámos uma casa em Crescent Heights Boulevard, e o meu pai convidou o Krishnaji para vir tomar chá. Eu estava petrificado porque pensei: «Ele vai ver através de mim. Sou apenas um miúdo comum e não fiz absolutamente nada para merecer este encontro.» Tínhamos reuniões todos os domingos na Costa Rica da Ordem da Estrela do Oriente, e supunha-se que nos preparávamos para a grande vinda. Finalmente conheci-o em casa. Ele veio com o Nitya, e era apenas a família e um jornalista de Nova Iorque, que sabia sobre o Krishnamurti e estava muito interessado. Menciono isto porque, após a reunião, ele disse:

«Sabe, o Krishnaji é o mais belo dos dois, mas o Nitya tem muito mais da substância que eu pensaria que um mestre do mundo possuísse.»

Falámos sobre todo o tipo de coisas, sobre líderes do mundo e assim por diante. Foi verdadeiramente uma conversa interessante. Bem, eles foram-se embora porque o Nitya não se estava a sentir bem, mas perguntei ao Krishnaji quando o poderia ver, e ele disse: «Liga-me e organizamos uma data.» A partir desse ponto, iniciámos uma amizade muito interessante. Eu tinha acabado de fazer dezasseis anos em maio, e ele estava muito interessado no que os jovens faziam e pensavam. Nesse ano, quando ele veio cá, fui vê-lo e deparei-me com uma situação interessante.

Ele não tinha carro e perguntou-me se eu o podia conduzir por aí. Disse-me para me encontrar com ele às seis horas no Ambassador Hotel e que ele ia visitar um amigo. E eu estava muito curioso com isso: «Que tipo de encontro será este?» Não lhe perguntei quem ele ia ver. Às seis horas em ponto, bati à porta do quarto que ele me tinha indicado; a porta abriu-se e ali estava o John Barrymore, que olhou para mim de forma muito severa, e então o Krishnaji ouviu a minha voz, aproximou-se e apresentou-me. Isso foi uma grande surpresa para mim. Perguntei-lhe: «Sobre o que fala com o Barrymore, Krishnaji?» Eu nem sequer sabia que ele se interessava por esse género de coisas. Ele disse: «Sim, ele está muitíssimo interessado e pensa que a renúncia do Buda foi um dos grandes atos da história. E falámos imenso sobre o Buda, ele sabe uma quantidade razoável sobre a vida budista.»

Então o Krishnaji convidou o Barrymore a visitá-lo em Ojai. Como é óbvio, sabe que o Barrymore era alcoólico, e ele prometeu ao Krishnaji que estaria estritamente sóbrio nesse dia. O Krishnaji contou-me a história mais tarde. Parece que, a caminho de Ojai, ele parou em Ventura porque estava com muita sede. Queria apenas um pouco de água. Bem, acabou com uma quantidade enorme de cervejas. E conduziu até Ojai. Estava uma hora atrasado, mas o Krishnaji não tinha começado o almoço, e disse: «O Barrymore praticamente caiu-me nos braços. Mal se conseguia manter de pé. Mas foi muito cavalheiro e muito engraçado, um homem muito espirituoso.» E ao fim de um bocado, com galões de café, estava sóbrio e conduziu de regresso a casa.

EB: O Barrymore não supunha ter sugerido que Krishnamurti interpretasse o Buda num filme?

SF: Exatamente. O Barrymore estava muito interessado em fazer um filme sobre o Buda. O Krishnaji, a propósito, disse: «Tentei dissuadi-lo logo de início, limitei-me a dizer-lhe que era um papel muito difícil e assim por diante... Embora tenha pensado que Ananda, o discípulo favorito de

Buda, era talvez algo mais desejável em que se concentrar.» De qualquer modo, o Barrymore entrou em contacto com ele mais tarde e disse: «Penso que és muito sábio. Vou fazer o filme e interpretarei o Ananda.» O Buda foi relegado para um papel praticamente sem importância, e ele queria que o Krishnaji interpretasse esse papel. O Krishnaji recusou. De qualquer modo, o Barrymore nunca conseguiu obter o dinheiro para o filme.

EB: Seria um tema bastante esotérico mesmo para os dias de hoje. Mas naqueles tempos teria sido ainda mais desconhecido.

SF: Correto. Portanto, nada foi feito, mas continuaram a ver-se. Através do Barrymore, ele conheceu muitas outras pessoas no negócio do cinema. Ficou a conhecer bem a Norma Talmadge. Lembro-me de uma vez em que ele veio jantar connosco e trazia a mão estendida quando entrou, e pensei que ele se tinha magoado. Foi à casa de banho e disse: «Deixa-me lavar a mão.» Quando voltou, eu disse: «Desculpa, o que fizeste? Magoaste-te?» E ele disse: «Não, é o perfume da Norma Talmadge. Não o consigo tirar da mão.»

EB: Para voltar atrás, poderia dizer-nos algo sobre la Ordem da Estrela? Diz que na Costa Rica havia um grupo que executava os mandatos da Ordem da Estrela?

SF: Correto. Sabe, a Sociedade Teosófica foi fundada na Costa Rica — e foi a primeira Sociedade Teosófica em toda a América Latina — pelo meu avô, que era um pintor famoso em Espanha, Tomás Povedano de Arcos, e pelo meu pai e pela minha mãe. Eles foram os três membros originais que fundaram a Sociedade Teosófica e, um ano ou dois mais tarde, a Ordem da Estrela do Oriente. E, como digo no meu livro *Krishnamurti: The Reluctant Messiah*, o Krishnaji viu-se involuntariamente envolvido na política costa-riquenha porque um dos nossos homens mais proeminentes, Federico Tinoco, era um grande crente em Krishnamurti. Pertencia à Ordem da Estrela do Oriente e acabou por tomar o poder num golpe de Estado. Tornou-se presidente. E anunciou que criaria uma sociedade que refletiria as ideias de Krishnamurti.

EB: Um ato bastante corajoso de se fazer, não foi?

SF: Um ato extraordinariamente corajoso, sim. O meu pai era o presidente, nessa altura, do Banco Internacional, que é agora o Banco Nacional e o maior do país. Insistiram que queriam a fotografia dele na nota de dez colones e, na sua lapela, estava a pequena Estrela do Oriente. Bem, a Igreja Católica ficou muito alarmada com toda esta situação e fez

uma campanha tremenda no jornal, dizendo que isto fora feito expressamente e com meios desonestos para fazer passar a mensagem de Krishnamurti por todo o país. As pessoas perguntavam: «O que significa aquela Estrela?», e depois explicavam-lhes, e seguiu-se um grande banzé sobre o assunto, que culminou no incêndio do templo teosófico. Pela primeira vez, a Sociedade Teosófica tinha um local realmente magnífico que construíram com alguns membros muito ricos, e um sacerdote veio depois a público dizer: «Fui eu que o queimei, deitei-lhe uma tocha em nome de Deus.»

Houve uma grande agitação! Havia também uma coluna no jornal *La Información*, o jornal controlado pelo governo, na qual se inseriam excertos de *Aos Pés do Mestre*. Tudo isto se passava nesses dias. Portanto, quando o Tinoco estava em alta, o Krishnaji era muito popular, e quando o Tinoco caiu e acabou por ser corrido do país, o Krishnaji ficou muito impopular. Ele meteu-se nesta atividade política toda sendo o homem totalmente inocente e inconsciente disso. Ficou muito divertido quando lhe contei. Na Costa Rica, tinha havido uma preparação que era única na América Latina, devido ao facto de Tinoco publicar excertos de *Aos Pés do Mestre*. Tornou-se uma moda ser membro da Ordem da Estrela e as pessoas, incluindo muitos dos membros do seu gabinete, usavam uma pequena estrela — o que não significava nada, penso eu. Era apenas uma questão de agradar ao presidente.

EB: Quando o Tinoco foi destituído do poder, tenho a certeza de que foi o fim de Krishnamurti?

SF: Oh, as ações de Krishnamurti caíram por terra. Ora, outro teosofista e membro da Estrela de nome Julio Acosta, que fora professor, uma pessoa encantadora, lembro-me muito bem dele, foi quem iniciou a revolução contra o Tinoco. Quando entrou na Costa Rica com as suas tropas, que eram na realidade um grupo patético de peões, o Tinoco já estava de saída. Sabia que tinha perdido tudo. O Julio Acosta candidatou-se à presidência e tornou-se presidente. Portanto, tudo começou de novo — a publicação dos escritos do Krishnaji ou excertos de *Aos Pés do Mestre*. Assim, as ações do Krishnaji subiram em flecha outra vez.

EB: Nas conversas privadas de Krishnamurti consigo, ele falava na linha do seu ensinamento?

SF: Sim, fazia-o frequentemente, mas apenas de forma geral — a menos que o encostássemos à parede e lhe perguntássemos diretamente: «E quanto a isto?» Então ele entrava em detalhes. A razão pela qual se tornou

uma amizade estreita, apesar da grande diferença de idades, foi o facto de eu nunca o pressionar em nada relativamente às suas opiniões. Sentia-me feliz por estar com ele. Achava que ele era uma pessoa absolutamente encantadora. Adorava o seu sentido de humor e o seu riso assemelhava-se tanto ao de uma criança que eu costumava guardar piadas para lhe contar só para o ver rir.

EB: Mas, como diz, era muito mais jovem, tinha dezasseis, dezassete anos. E ele era relativamente maduro.

SF: Sim, ele tinha cerca de quê, vinte e oito, trinta?

EB: Apesar de haver essa diferença de idades, ainda mantiveram a amizade?

SF: Ainda mantivemos uma amizade, e uma amizade muito estreita. Ele sentia-se muito à vontade comigo — e, passado um bocado, eu sentia-me inteiramente à vontade com ele.

EB: Como descreveria a personalidade dele? Diz que ele tinha um bom sentido de humor, mas sentia uma seriedade subjacente nele?

SF: Sim, muito, muito sublinhada, decididamente! Muito sério e muito interessado na pessoa com quem estava enquanto ser humano. O que ias fazer neste mundo, esse género de coisas. Encontrei no Krishnamurti um desapego extraordinário; ele parecia estar realmente interessado em ti e no que se estava a passar, e sentias que isto era absolutamente genuíno, não apenas uma encenação.

EB: Ao longo dos anos, ouviu Krishnamurti falar nos Estados Unidos. Foi a outros países para o ouvir falar?

SF: A Ommen, sim. Ele pediu-me para ir a Ommen ao pré-acampamento. Passei dez dias um bocado miseráveis ali, enclausurado no meu apartamento, e o Krishnaji não se via em lado nenhum. Depois, finalmente, um dia a Lady Emily disse: «O Krishnaji ver-te-á amanhã às três horas.» Estive lá no dia seguinte às três horas, bati à porta, o Krishnaji disse: «Entra.» Ele estava absolutamente magnífico numa túnica dourada.

«QUANDO ELE ENTROU NO QUARTO DISSE PARA MIM PRÓPRIO: 'DE FACTO, O SENHOR DO AMOR CHEGOU.'»

— KAHLIL GIBRAN

NOTAS

[1] No original, todas as passagens de autoria textual direta de Krishnamurti encontram-se impressas na cor azul para se diferenciarem das narrativas biográficas circundantes, de acordo com as diretrizes da autora. Este critério estende-se ao longo desta secção e engloba o fragmento doutrinário sob a numeração [22].

[35] Transcrição continuada das declarações e memórias orais prestadas por Helen Knothe Nearing a respeito dos registos do seu diário pessoal da época de Ehrwald.

Disse-me para entrar e sentar-me ao seu lado, porque eu tinha ficado ali apenas a olhar para ele. Não me lembro da nossa conversa, mas algo foi dito. Penso que não foi nada de muito significativo ou importante, mas subitamente saí do meu corpo numa experiência de alegria mais extraordinária do que qualquer outra que já tenha sentido. Foi algo como ter rompido para um outro mundo. Tudo o que conseguia fazer era conter-me para não gritar de alegria enquanto o Krishna falava.

Nunca contei isto ao Krishnaji senão muitos anos mais tarde, aqui em Malibu, e ele disse-me: «Que pena, Sidney, que não tenhas seguido isso, porque poderia ter sido uma revelação.» Bem, fosse como fosse, compreendi que tinha apenas dezasseis anos e há uma grande quantidade de interesses na vida de um jovem de dezasseis anos. Penso que, quando uma experiência como essa surge, ou nos entregamos inteiramente a ela e não sabemos o que vai acontecer, ou recuamos e a porta começa a fechar-se. E foi isso o que aconteceu.

EB: Poderia dizer o que precipitou essa experiência?

SF: Não sei o que a precipitou.

EB: Foi algo que incorporou na sua vida quotidiana?

SF: Bem, incorporou-se na minha vida quotidiana no sentido de que, depois disso, senti um amor e um afeto tremendos. Tudo aquilo em que os meus olhos tocavam, o meu coração acolhia. Foi uma experiência maravilhosa nesse aspeto. Depois começou a afastar-se. E muitas vezes eu voltava a ter este sentimento maravilhoso, não com esta força, mas muito diminuído. [36]

Precisa de ser convencido da beleza do pôr do sol, da beleza de uma rosa, ou de uma única estrela num céu nu, ou do grito de uma ave numa floresta silenciosa? Está ali; e aqueles que têm a experiência da dor e têm o desejo de um conhecimento imenso, descobrirão a beleza, reconhecê-la-ão, tornar-se-ão um com essa beleza. [22]

— *THE HERALD OF THE STAR*, SETEMBRO DE 1927

Durante os anos seguintes, uma torrente de poesia brotou da pena de Krishnamurti. Grande parte dela era de uma natureza exaltada e extática. Krishnamurti fala de «O Amado» muito ao estilo dos clássicos do misticismo, tanto do Oriente como do Ocidente. Os seus pequenos volumes incluem, entre outros, *Come Away* (1927), *The Search* (1927), *The Immortal Friend* (1929) e *The Song of Life* (1931). O ano de 1931 marcou o fim destes livros, embora a poesia viesse a reaparecer mais tarde na sua vida de uma forma bastante diferente.

Nesta altura, emergiu também um grande anseio de renunciar a toda a vida mundana e viver num retiro ascético como um *sanyasi* solitário. Esta esperança nunca se realizou e, exceto por breves interlúdios, Krishnamurti viveu a maior parte da sua vida rodeado por outros.

Como quem contempla através de uma pequena janela Uma única folha verde, um pequeno retalho do vasto céu azul, Assim comecei a perceber-Te, no princípio de Todas as coisas. À medida que a folha murchava e secava, o retalho cobria-se como com uma Nuvem escura, Assim Tu definhavas e desaparecias, Para renascer de novo, Como a única folha verde, como o pequeno retalho do céu azul. Por muitas vidas tenho visto o inverno desolador e a primavera verde. Aprisionado no meu pequeno quarto,

Não conseguia contemplar a árvore inteira nem o céu por completo. Jurava que não havia árvore nem o vasto céu — Essa era a verdade. Através do tempo e da destruição A minha janela cresceu. Eu contemplei, Agora, Um ramo com muitas folhas, E um retalho maior do azul, com muitas nuvens. Esqueci a única folha verde, o pequeno retalho do vasto azul. Jurava que não havia árvore nem o céu imenso — Essa era a verdade. Cansado desta prisão, Desta pequena cela, Revoltei-me contra a minha janela. Com os dedos a sangrar Arranquei tijolo após tijolo, Eu contemplei, Agora, A árvore inteira, o seu grande tronco, Os seus muitos ramos e as suas mil folhas, E uma parte imensa do céu. Jurava que não havia outra árvore, nem outra parte do céu — Essa era a verdade. Esta prisão já não me retém, Voei para longe através da janela, Ó amigo, Eu contemplo cada

árvore e a vasta extensão do céu ilimitado. Embora eu viva em cada folha isolada e em cada pequeno Retalho do vasto céu azul, Embora eu viva em cada prisão, olhando para fora através de cada pequena fresta, Libertado sou eu. Vede! Nada me há de prender — Esta é a verdade. [22]

— *THE SEARCH*, 1927

Caminhei por um trilho na selva Que um elefante abrira, E em redor de mim jazia um emaranhado de deserto. A voz da desolação enche a planície distante. E a cidade é ruidosa com os sinos de um templo alto. Além da selva estão as grandes montanhas, Calmas e límpidas. No medo da Vida A tentação da dor é criada. Derrubai a selva — não apenas uma simples árvore, Pois a verdade é alcançada Pondo de lado tudo o que semeastes. E agora caminho com o elefante. [22]

— *THE STAR BULLETIN*, DEZEMBRO DE 1930

A dúvida é como um unguento precioso; Embora queime, curará grandemente. Digo-te, convida a dúvida Quando na plenitude do teu desejo. Chama pela dúvida Na altura em que a tua ambição Ultrapassa os outros em pensamento. Desperta a dúvida Quando o teu coração se regozija num grande amor. Digo-te, A dúvida gera o amor eterno; A dúvida limpa a mente da sua corrupção. Assim a força dos teus dias Será estabelecida na compreensão. Para a plenitude do teu coração, E para o voo da tua mente, Deixa que a dúvida rasgue os teus enredos. Como os ventos frescos das montanhas Que despertam as sombras no vale, Assim deixa a dúvida chamar para a dança O amor decadente de uma mente contente. Não deixes a dúvida entrar sombriamente no teu coração. Digo-te, A dúvida é como um unguento precioso; Embora queime, curará grandemente. [22]

— *THE SONG OF LIFE*, 1931

No verão de 1924, Krishnamurti, Nityananda, Helen Knothe, Rajagopal e Rosalind (que viriam a casar-se vários anos mais tarde) seguiram de navio a vapor para a Inglaterra. A bordo, conheceram um jovem com quem Krishnamurti manteria uma amizade que durou muitos anos, o mitólogo Joseph Campbell. A amizade continuou durante uma visita a Paris. Depois, quando Krishnamurti regressou a Londres e seguiu para a Índia, separaram-se até algum tempo depois.

De acordo com a biografia de Joseph Campbell por Stephen e Robin Larsen, Campbell permanecera em Paris e tornara-se amigo de Angela Gregory, uma jovem estudante que estudava escultura sob a direção do

prestigiado Antoine Bourdelle. Ela escreveu sobre o seu encontro com Campbell:

Fiquei muito interessada quando descobri que ele [Campbell] conhece o Krishnamurti, o jovem messias hindu — intimamente. Foi ele quem posou para o Bourdelle no outono passado e o deixou rendido com a sua personalidade maravilhosa. O Campbell ficou tão entusiasmado por descobrir que eu estava interessada no Krishna — tendo sido impulsionado pelo seu livro *The Kingdom of Happiness*...

... O Bourdelle tinha convidado o Krishnamurti para almoçar com ele e com a Madame Bourdelle. A Madame Bourdelle disse: «O meu marido tem uma estudante americana que conhece um jovem americano que o conhece a si — o Joseph Campbell.» O Krishna mostrou-se entusiasmado. «Oh, o Joseph Campbell — gostaria imenso de o ver. Diga-lhe para se encontrar comigo após a minha palestra desta noite no Clube Teosófico.»

Essa terça-feira seria uma ocasião histórica, pois, embora os dois jovens fossem amigos há três anos, e se correspondessem além de conversarem sobre temas filosóficos, seria a primeira vez que Campbell ouvia Krishnamurti dar uma das suas fascinantes palestras públicas.

Como habitualmente, o salão estava superlotado, mas após a entrada de Krishnamurti, passando por entre a assistência, «ele agarrou a mão do Joe enquanto descia pelo corredor [não o via há dois anos]». ... Após a palestra, conversaram durante um longo bocado e combinaros ver-se novamente em Paris, em junho [1928], quando o Krishna regressasse da América.

... A simplicidade e a força da sua mensagem foram eficazes em Campbell, trazendo-o de volta muitas vezes ao longo do ano e meio seguinte às palestras inspiradas do seu amigo Krishna.

Campbell relembrou mais tarde temas de algumas das palestras de Krishnamurti: «O que ele dizia tinha a ver com o problema de integrar todas as faculdades e trazê-las ao centro. Utilizava a imagem da biga puxada pelos três cavalos da mente, do corpo e da alma. Isto estava exatamente na minha linha; e embora eu não sentisse que pudesse ser classificado como um Novo Ensinamento do Mundo, fui levado a pensar no meu problema agora em termos de centralização psicológica.»

Campbell estava agora sob a influência de Krishnamurti e de Antoine Bourdelle numa fusão do artístico com o espiritual, que haveria de se tornar a marca registada do trabalho da sua vida.

Em 1928, Campbell visitou o Castelo de Eerde com Krishnamurti e escreveu:

Após uma visita deliciosa ao castelo do Krishnamurti na Holanda, mal consigo pensar noutra coisa que não seja a sabedoria e a beleza do meu amigo. Caminhei com ele nos bosques que rodeiam a sua casa. Ele respondeu às minhas perguntas e entusiasmou-se com la beleza das árvores. Deu-me muito em que pensar e lançou-me numa busca por algo que mal compreendo...

... A cerca de duas milhas do castelo há um acampamento enorme [Ommen]. Durante a primeira semana de agosto, três mil pessoas estiveram ali para ouvir o Krishna. Vinham de cerca de cinquenta países — Islândia, Java, Brasil...

Passei a maior parte do meu tempo a passear com pessoas sob grandes árvores e a discutir até mais não poder. Todas as manhãs, às onze horas, o Krishna dava-nos a todos uma pequena palestra, e nós dizíamos o que tínhamos a dizer sobre as coisas, se por acaso tivéssemos algo a dizer. Depois do jantar, sentávamo-nos em redor da lareira e discutíamos as coisas. Havia ali algumas pessoas deliciosas e a conversa era bastante animada. [37]

Havia pessoas de todo o mundo em Eerde nesse verão, e Campbell ficou tão entusiasmado com a riqueza intercultural que começou a fazer planos para dar a volta ao mundo e visitar todos os seus novos amigos. Seria a Índia em primeiro lugar, pensou, com os seus grandes locais sagrados, talvez até Adyar, na costa leste, para onde Helen Knothe fora uns anos antes e onde existia um centro permanente: a sede mundial, no seu gracioso parque... havia muita agitação presente em Eerde durante o verão de 1928.

Krishnamurti, o homem que fora declarado «perfeito», não só não dizia as coisas que se supunha que dissesse, como recomendava às almas dos seus ouvintes uma profunda introspetiva pessoal e o imperativo de confrontar a turbulência inevitável que encontrariam no seu íntimo. Para os seguidores de Krishnamurti e para os desalentados teosofistas, o impacto disto foi semelhante ao de Jesus quando disse: «Não venho trazer a paz, mas a espada», ou quando derrubou as mesas dos cambistas no Templo. Havia guerra no céu que pairava sobre Eerde.

Um artigo no *L'Intransigeant* que apareceu em março de 1928 em Paris, descrevia Bourdelle e Krishnamurti como «Dois Mensageiros».

O Grande Escultor Fala de Alguém que é Chamado o Messias.

Imaginai um homem bastante jovem, que ainda não tem trinta anos, um hindu de nascimento nobre, radiante de rosto e suave de movimentos, por outras palavras, um homem a quem todos os atrativos da vida poderiam legitimamente apelar e que vos diz: «Venho trazer de volta ao mundo a mensagem de paz e de amor.» Este jovem deixa o seu país e, apesar da oposição bramânica, dirige-se para os países ocidentais. Muitos estão contra ele, e muitos são os sorrisos.

Mas o riso e o entusiasmo significam pouco para este hindu de uma calma prodigiosa; ele tem dentro de si séculos de sabedoria. Indiferente às riquezas, aos sinais excessivos de admiração, ele persegue apenas um fim, o de impressionar o mundo com a sua miséria e o caminho de saída. Falam de um messias; os céticos escarnecem, as mentes brilhantes discursam, mas ele continua, não se assumindo de forma alguma como um deus, confiante na sua missão. Esse é Krishnamurti.

E agora vemos um homem que luta com uma das formas mais densas da matéria — a pedra — ele corta-a, martela-a, transforma-a, arrancando-lhe a inércia. As suas duas mãos, que não são grandes, bastam para insuflar vida e espírito nesta matéria que ele domina. Um homem de baixa estatura, ombros largos, um rosto surpreendente emoldurado por uma barba que é quase branca, de aspeto apostólico, ele trouxe e continua a trazer ao mundo uma mensagem — a da arte. Como artista, e um grande artista, ele tem grandes sonhos e grandes ansiedades. Esse é Bourdelle.

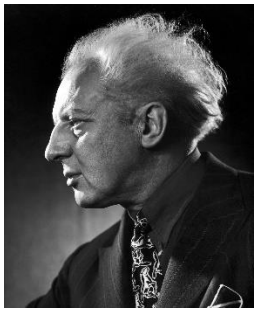
Bourdelle e Krishnamurti aproximaram-se. Pediu-se ao mestre que fizesse um busto do jovem sábio. Ele fê-lo e foi conquistado. Dever-se-á ficar surpreendido com isso? Pode-se facilmente imaginar as conversas trocadas durante as sessões. O estudo minucioso do artista que procura fixar na pedra o mistério real e a profundidade do rosto cor de bronze e imóvel. Mas procurei o Bourdelle especialmente para lhe falar do Krishnaji e foi com uma gentileza suave que ele me disse:

«Quando se ouve o Krishnaji falar, fica-se tão surpreendido. Tanta sabedoria e um homem tão jovem! Manifesta-se-lhe esta surpresa, ele responde referindo-se às suas várias vidas. Não sorriais: isto refere-se a uma crença que na Índia é uma certeza. Não existe ninguém em existência que seja mais impessoal do que ele, cuja vida seja mais dedicada à dos outros do que a sua. Como lhe disse um dia: ‘E quem sabe, Krishnaji, se algum dia os homens te receberão com pedras?’

Ele respondeu-me que a sua vida não tinha importância. Escreveu poemas muito belos, e no entanto não é um poeta nem um escritor. É o homem que vem dizer-nos para matarmos o nosso orgulho, o nosso amor pelo transitório; as coisas eternas são as únicas que importam. Bem, sim, o Cristo veio e falou a mesma linguagem, mas lembrar-nos-emos dela? E a renovação destas palavras de paz será supérflua? Krishnamurti é um grande sábio e, se eu tivesse quinze anos de idade, segui-lo-ia.»

Enquanto escuto de olhos bem abertos, Bourdelle levanta-se e vai buscar um caderno. Lê-me algumas páginas emocionantes, todas repletas da força que o caracteriza e dedicadas a Krishnamurti. É um tributo magnífico que há de aparecer numa revista em que o *maître* tem um interesse pessoal e que está colocada sob o signo misterioso da estrela de cinco pontas. Assim passou o belo jovem indiano sob os nossos céus. E ele encantou aqueles de nós que, em tempos idos, teriam moldado as catedrais da época. [38]

À medida que a década de 1920 avançava para o seu fim, Krishnamurti entrou em contacto com mais um elemento de um grupo de artistas e intelectuais. Leopold Stokowski, o maestro de renome internacional, visitou o Castelo de Eerde para falar com Krishnamurti sobre música e arte.



LEOPOLD STOKOWSKI

MAESTRO

LS: Cada arte tem o seu meio de expressão. O dramaturgo — o palco, os atores, as luzes, os figurinos, a decoração em cor e forma; o escultor — a pedra ou a madeira; o poeta — as palavras; o pintor — a tela e o

pigmento; o músico — a vibração do ar. Parece-me que a música é a menos material das artes, e talvez pudéssemos mesmo conceber uma arte ainda mais subtil do que essa. Ocorreu-me que existem aspetos da música que são extremamente imateriais, que são quase puro espírito — e que algum dia se poderá desenvolver uma arte que seja imaterial, puro espírito...

K: Não pensa que não se trata tanto de uma questão de comparar uma arte com outra, mas sim da evolução do indivíduo que produz essa arte? No que respeita à possibilidade de evoluir uma arte ainda mais subtil do que a música, não será a questão da inspiração? A inspiração, de acordo com a minha ideia, é manter a inteligência entusiasticamente desperta.

LS: Sinto que a inspiração é quase como uma melodia ou um ritmo, como música que oiço no mais profundo, no mais profundo de mim, como se estivesse muito longe.

K: Porque é um músico, ouvirá essa inteligência para a qual está desperto o tempo todo, e irá interpretá-la através da música. Um escultor expressaria essa inteligência na pedra. Percebe o meu ponto de vista? O que importa é a inspiração.

LS: Mas pensa que a inspiração tem muita «relação» com a inteligência?

K: No sentido em que a estou a utilizar, sim. Afinal de contas, senhor, esse é o ponto fulcral. Se não for inteligente, não é um grande criador. Portanto, a inteligência, se for insuflada e mantida viva, atuará sempre como um meio para a inspiração. É a isso que eu chamo inspiração. Obtém uma nova ideia porque mantém a sua inteligência desperta.

LS: Essa não é de todo a sensação que tenho no meu íntimo. Posso descrevê-la desta maneira: quando tenho uma inspiração, é como se me lembrasse, me tornasse consciente de algo que, há cinco ou dez minutos, entrou de algum modo no meu cérebro. Estava lá antes, mas não tinha entrado na minha consciência. Tenho a sensação de que esteve lá em segundo plano durante muito tempo — não sei quanto tempo — e que acabou de se chegar à frente.

K: Eu diria que é a inteligência que está a trabalhar para obter essa ideia. Afinal de contas, senhor, por favor vejamos isto concretamente: um ser sem inteligência não seria inspirado no sentido mais elevado da palavra. Sinto-me inspirado quando vejo uma coisa bela, uma paisagem bela, oiço música bela ou alguém recitar poesia, porque a minha inteligência está o

tempo todo à procura. E se existe beleza, quero traduzir essa visão em algo que as pessoas compreendam. Não é isso?

LS: Essa é uma forma de expressão.

K: E existem centenas de formas. Eu sou apenas uma forma, no sentido em que estamos a discutir, e poderá haver a forma de um poeta, de um escultor, de um músico e assim por diante.

LS: Tenho a sensação dentro de mim de que a inspiração vem de um nível mais elevado do que a inteligência.

K: Não, eu digo que a inteligência é o nível mais elevado. Senhor, a inteligência, para mim, é a acumulação da experiência, é o resíduo da experiência.

LS: Qual é a relação entre «inteligência» no seu sentido da palavra e «intuição»?

K: Não se pode separar a intuição da inteligência no sentido mais elevado. Um homem hábil não é um homem inteligente. Ou melhor, eu deveria dizer que um homem hábil não tem necessariamente de ser um homem inteligente.

LS: Não, mas muitas vezes existe uma grande distância entre um homem inteligente e um homem intuitivo.

K: Sim, porque, mais uma vez, situa-se numa escala muito diferente. A intuição é o ponto mais alto da inteligência.

LS: Ah, agora sinto-me inteiramente de acordo consigo.

K: A intuição é o ponto mais alto da inteligência e, para mim, manter viva essa inteligência é a inspiração. Ora, só se pode manter viva essa inteligência, de que a intuição é a expressão mais elevada, através da experiência, sendo o tempo todo como uma criança que questiona. A intuição é a apoteose, o culminar, a acumulação da inteligência.

LS: Sim, isso é verdade. Posso fazer-lhe outra pergunta? Se, como diz, a libertação e a felicidade são o objetivo das nossas vidas individuais, qual é o objetivo final de toda a vida coletivamente? Ou, por outras palavras — de que forma a verdade, tal como a enuncia, responde à pergunta sobre o porquê de estarmos nesta Terra e em direção a que objetivo estamos a evoluir?

K: Portanto, a pergunta é: se o objetivo para o indivíduo é a liberdade e a felicidade, qual é ele coletivamente? Eu digo que é exatamente o mesmo. O que divide os indivíduos? A forma. A sua forma é diferente da minha, mas essa vida atrás de si e atrás de mim é a mesma. Portanto, a vida é unidade; logo, a sua vida e a minha vida devem do mesmo modo culminar naquilo que é eterno, aquilo que é liberdade e felicidade.

LS: Em todo o desígnio da vida, não encontra nenhum objetivo mais além do que a liberdade e a felicidade, nenhum desígnio ou função mais além para toda a vida?

K: Ora, senhor, não será como uma criança que diz: ensina-me a matemática superior? A minha resposta seria: de nada serviria ensinar-te matemática superior a menos que tenhas primeiro aprendido álgebra. Se compreendermos esta coisa específica, a divindade dessa vida que se encontra diante de nós, não é importante discutir o que se situa mais além, porque estamos a discutir uma coisa que é incondicionada com uma mente condicionada.

LS: Isso está perfeitamente respondido, claro e breve. As pessoas lembram-se melhor do que é breve. Sempre me pareceu que as obras de arte deveriam ser anónimas. A pergunta na minha mente é: será um poema, ou drama, ou quadro, ou sinfonia a expressão do seu criador, ou será ele o meio através do qual as forças criativas fluem?

K: Senhor, esse é um ponto no qual estou realmente interessado.

LS: Ora, o senhor é um poeta e eu sou um músico. O que me interessa é comparar as nossas sensações quando estamos a criar nos nossos respetivos meios. Alguma vez se sente um total estranho em relação àquilo que escreveu?

K: Oh, com certeza.

LS: Eu sinto... e acordo no dia seguinte e digo: fui eu que escrevi isto? Isto não se parece nada comigo!

K: Ora, eu digo que isso é a inspiração. Essa é a sua intuição, o ponto mais alto da sua inteligência a atuar subitamente. E esse é o meu ponto fulcral. Se mantiver a sua mente, as suas emoções, o seu corpo em harmonia, puros e fortes, então esse é o ponto mais alto da inteligência, a partir do qual a intuição atua. Esse é o único guia. Agora veja, por exemplo, os poetas, dramaturgos, músicos, todos os artistas: deveriam ser anónimos, desapegados de tudo o que criam. Penso que essa é a maior

verdade. Ser, dar e estar desapegado daquilo que se dá. Afinal de contas, os maiores artistas do mundo, os maiores mestres do mundo dizem: «Olhai, eu tenho algo que, se realmente o compreenderdes, desdobrará para sempre a vossa inteligência, atuará como a vossa intuição. Mas não me adoreis como um indivíduo — afinal de contas, isso não me diz respeito.» Mas a maioria dos artistas quer o seu nome colocado sob o quadro, quer ser admirada. Quer os seus graus académicos e títulos.

LS: Aqui está uma pergunta muito, muito antiga. A verdade é relativa ou absoluta? É a mesma para todos nós ou diferente para cada um?

K: Não é nenhuma das duas, senhor.

LS: Então o que é?

K: Não se pode descrevê-la. Não pode descrever aquilo que lhe dá inspiração para escrever música, pois não? Se lhe perguntassem: é absoluta ou é relativa, responderia: «O que me está a perguntar? Não é nenhuma das duas.» Compreende, não se pode dizer que é o absoluto ou o relativo. Situa-se muito além da matéria, do tempo e do espaço. Pegue, por exemplo, na água daquele rio ali fora. Está limitada pelas suas margens. Então poderia dizer, olhando para a água: «A água é sempre limitada», porque vê as margens estreitas que a fecham. Mas se estivesse no meio do oceano, onde não vê nada senão água, poderia dizer: «A água é ilimitada.»

LS: Essa é uma resposta perfeita... não precisa de dizer mais nada — está completa. Existe um padrão ou critério de beleza na arte, ou cada pessoa encontra a sua própria beleza à qual responde? A pergunta está relacionada com a questão do gosto. As pessoas estão sempre a dizer: isto é bom gosto, aquilo é mau gosto. Com que autoridade dizem isso?

K: Eu diria que pela sua própria experiência.

LS: Essa é uma resposta pessoal. Então pode alguma autoridade dizer o que é bom ou mau na arte?

K: Não; no entanto, sustento que a beleza existe em si mesma, além de todas as formas e de todas as apreciações.

LS: Ah, então isso é uma coisa eterna?

K: Como o perfume eterno da rosa. Senhor, o senhor ouve música e eu oiço música; o senhor ouve todo um vasto plano de vibrações, eu apenas oiço esta quantidade — mas esta quantidade encaixa-se em todo o seu vasto plano.

LS: Sim. É uma questão de absorção pessoal, de experiência. Portanto, a resposta é como a da outra pergunta: em si mesma é tanto relativa como absoluta, mas para nós é relativa.

K: Tem de ser!

LS: Vemos o desígnio na vida, nas artes, no nosso corpo, nas máquinas e em tudo, e o desígnio de um automóvel é feito sempre com a ideia da sua função. Qual é a função da vida, de toda a vida?

K: Exprimir-se.

LS: De que forma a ordem surge da sua doutrina da liberdade?

NOTAS

[1] No original, as passagens de intervenção ou autoria textual direta de Krishnamurti encontram-se destacadas na cor azul para se diferenciarem das narrativas biográficas ou das vozes dos restantes interlocutores, de acordo com o critério explicitado pela autora. Esta norma estende-se ao longo desta secção e abrange os fragmentos poéticos e os diálogos transcritos sob a numeração [22].

[36] Transcrição continuada das declarações e memórias orais partilhadas por Sidney Field a respeito das suas vivências com os irmãos Jiddu durante a juventude em Los Angeles.

[37] Excertos epistolares e anotações do diário de viagem de Joseph Campbell relativos à sua permanência na propriedade de Ommen e no Castelo de Eerde no verão de 1928.

[38] Crónica jornalística e entrevista biográfica de fundo publicada pelo periódico parisiense L'Intransigeant em março de 1928, sob a epígrafe histórica de balanço artístico e filosófico.

K: Porque, senhor, a liberdade é o objetivo comum para todos — o senhor admite isso. Se cada homem compreender que a liberdade é o objetivo comum, cada um então, ao moldar-se, ao adaptar-se a este objetivo comum, só pode criar ordem.

LS: Quer dizer que, ao vivermos de acordo com o ideal de liberdade, o ideal de beleza, devemos todos finalmente chegar ao mesmo objetivo?

K: Com certeza; não é assim?

LS: ... e assim a ordem surgirá?

K: Atualmente, estamos aqui o senhor, eu e mais meia dúzia de outros que temos todos ideias diferentes sobre o que é o objetivo final. Mas se nos sentássemos todos e perguntássemos: «Qual é o objetivo supremo para cada um de nós?», diríamos liberdade e felicidade para um e para todos. Então, mesmo que o senhor trabalhe de uma maneira e eu de outra, continuamos a trabalhar ao longo das nossas próprias linhas em direção ao mesmo objetivo. Então tem de haver ordem. [39]

Tem sido uma luta constante encontrar a verdade, porque eu não me sentia satisfeito com a autoridade de outrem, ou com a imposição de outrem, ou com o engodo de outrem; queria descobrir por mim próprio e, como é natural, tive de passar por sofrimentos para descobrir. [22]

— *WHO BRINGS THE TRUTH?*, 1927

Apesar da amizade estimulante e alargada de tantos em redor de Krishnamurti, um sentimento de desassossego permanecia como uma constante na sua vida e, à medida que a investigação minuciosa e a divergência ácida de Krishnamurti se tornavam cada vez mais aparentes para os milhares que se aglomeravam para ouvir as suas palestras, o mal-estar e a confusão agitavam a Ordem da Estrela. O que estava a acontecer ao belo jovem cujos discursos no passado pareciam apenas uma continuação calmante daquilo que já era conhecido?

Onde estavam as palavras de conforto para acalmar os atribulados? Seriam os clichés dourados para um mundo cansado da guerra, perdido e desiludido na paz? Nas palestras públicas, ele era questionado de forma incisiva pelas suas audiências.

PERGUNTA: A IMPRESSÃO DE UM MESTRE DO MUNDO, CONFORME É GERALMENTE CONCEBIDA, TRANSMITE ACIMA DE TUDO A IDEIA DE COMPAIXÃO. ALGUMAS PESSOAS ENCONTRAM NO SEU ENSINAMENTO A FALTA DESSA QUALIDADE. PODERIA DEFINIR A SUA CONCEPÇÃO DE COMPAIXÃO?

Um cirurgião que vê uma doença que está a corroer um homem diz: para o curar, tenho de operar. Outro médico menos experiente vem, alimenta-o e embala-o para adormecer. A qual chamaria o mais compassivo? Vós quereis conforto, aquele conforto que nasce da decadência e que imaginais ser compaixão, afeto, verdadeiro amor. A sombra desse conforto vós quereríeis ter, mas se eu vo-la desse, isso não seria o trabalho de um verdadeiro mestre. [22]

— *THE STAR BULLETIN*, SETEMBRO/OUTUBRO DE 1928

PERGUNTA: É O SENHOR O CRISTO QUE REGRESSOU?

Amigo, quem pensa que eu sou? Se eu disser que sou o Cristo, criará outra autoridade. Se disser que não sou, também criará outra autoridade. Pensa que a verdade tem algo a ver com o que pensa que eu sou? Não está preocupado com a verdade, mas sim com o vaso que contém a verdade. Não quer beber as águas, mas quer descobrir quem moldou o vaso que contém as águas. Amigo, se eu lhe disser que sou, e outro lhe disser que não sou o Cristo — onde ficará? Ponha de lado o rótulo, pois esse não tem valor. Beba a água, se a água for limpa. [22]

— *LET UNDERSTANDING BE THE LAW*, 1928

PERGUNTA: SE FORMOS QUESTIONADOS PELAS PESSOAS SOBRE EM QUE BASE ACREDITAMOS QUE O SENHOR, KRISHNAJI, É O MESTRE DO MUNDO, QUE RESPOSTA GOSTARIA QUE DÁSSEMOS?

Sei que o questionador é muito sério, mas a sua seriedade é enganadora. Se apenas repetirem palavras que aprenderam comigo, elas não terão valor para ninguém. Como sabe que eu sou o mestre do mundo? Alguns de vós não conhecem nem o Krishnamurti nem o mestre do mundo. É divertido e, no entanto, num certo sentido trágico, que deis tanta importância às palavras. Tenho dito repetidamente que não importa de que poço se extraem as águas, desde que as águas sejam puras, desde que as águas saciem a sede dos homens. Vós estais preocupados com a construção do poço e não com as águas. [40]

— OMMEN, HOLANDA, 1928

PERGUNTA: TEM UM ENSINAMENTO PARA AS MASSAS E OUTRO PARAS OS SEUS DISCÍPULOS ESCOLHIDOS?

Não tenho discípulos escolhidos. Quem são as massas? Vós próprios. É nas vossas mentes que existem as distinções entre as massas e os escolhidos, entre o mundo exterior e o mundo interior. É nas vossas mentes que corrompeis, que rebaixais a verdade. Ó amigo! Se estiver na presença do amor pela vida, incluirá todas as coisas, transitórias ou permanentes, nesse amor. Quer ter um ensinamento especial para os poucos escolhidos porque no seu coração existe segregação, separação; e deseja confinar as águas puras da vida e guardá-las para si próprio. Pode perguntar ao sol se brilha para as massas ou para os poucos escolhidos? Pode perguntar às

chuvas se são feitas para as planícies ou para as montanhas? Se não compreender, fará, como sempre foi feito, este ensinamento para os poucos, e assim rebaixará a verdade e a trairá. Porque existe limitação no seu coração, divide a água da vida que é feita para reis e para mendigos por igual. Quer venha de um poço dourado ou de um riacho corrente, a água é a mesma e sacia a sede de todos, sem separação de cores, castas, credos e dos especialmente escolhidos. É porque durante tantos anos, durante tantos séculos, durante tantas eras, a verdade tem sido limitada e rebaixada que deseja fazê-lo novamente, e já o está a fazer quando pergunta: «A verdade é feita para as massas ou para os poucos escolhidos?» Diz que as massas não compreendem; que é demasiado difícil para elas alcançarem; que são apenas os poucos que conseguem subir alto. Pensa que não tenho tanto afeto e amor como qualquer um de vós? Mas porque passei por todos os vossos estágios, digo: não passeis por esses estágios, mas evitai-os, ponde-os de lado e reuni a vossa força como homens que sobem alto. [22]

— *LET UNDERSTANDING BE THE LAW*, 1928

Depois, numa declaração que haveria de prenunciar os acontecimentos dramáticos que se avizinhavam em 1929, Krishnamurti escreveu:

Porque colocastes as crenças antes da vida, os credos antes da vida, os dogmas antes da vida, as religiões antes da vida, existe estagnação. Podeis reter as águas do mar ou reunir os ventos no vosso punho? A religião, tal como a compreendo, é o pensamento congelado dos homens a partir do qual construíram templos e igrejas. No momento em que atribuís a uma autoridade externa uma lei e uma ordem espiritual e divina, estais a limitar, estais a sufocar essa mesma vida que desejais realizar, à qual daríeis liberdade. Se existe limitação, existe servidão e, portanto, sofrimento. O mundo atualmente é a expressão da vida em servidão. Assim, de acordo com o meu ponto de vista, as crenças, as religiões, os dogmas e os credos nada têm a ver com a vida e, logo, nada têm a ver com a verdade. [22]

— *LIFE THE GOAL*, 1928

Não haveria retrocesso, não haveria compromisso. Sabendo quão profundamente Annie Besant gostava dele, Krishnamurti tinha ainda assim de trilhar o único caminho que conhecia. Amando-a, mas incapaz de a trazer consigo, ele seguiu em frente. Lady Emily também, quase uma mãe para ele durante tantos anos, foi igualmente deixada para trás, embora continuassem a manter uma relação afetuosa e amigável. Ambas eram incapazes de sondar a clareza de diamante da sua perceção, incapazes de abdicar dos amados mestres e cerimónias.

Uma preocupada Sra. Besant perguntara-lhe anteriormente: «O que vai acontecer-te? Onde vais conseguir dinheiro? Quem vai escutar-te?» Isto ao jovem que, em anos anteriores, mostrara interesse apenas por roupas e carros e proferia palavras belas e esperadas.

Em 1929, uma jovem rapariga austríaca, cuja família pertencia aos principais teosofistas em Viena e organizava muitas das palestras e reuniões ali realizadas, envolveu-se pessoalmente no trabalho da Estrela. Assistiu a muitos dos Acampamentos de Ommen e, mais de sessenta anos mais tarde, relembrou o acampamento especial de 3 de agosto de 1929. A Dr.ª Hedda Bolgar fez parte do corpo docente da Universidade de Chicago durante muitos anos. É membra da Associação Psicanalítica Internacional e diretora fundadora do Wright Institute, em Los Angeles, e cofundadora do Instituto Psicanalítico em Los Angeles, onde é atualmente analista de formação e supervisão.

DR.ª HEDDA BOLGAR

PSICANALISTA, LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

EB: Dr.ª Bolgar, pode descrever as expectativas que se geraram em redor das palestras de Ommen de 1929?

HB: Penso que tenho de recuar um bocadinho. Estamos a falar, essencialmente, do fim de uma década que tentava lidar com a devastação da Primeira Guerra Mundial. Durante esse tempo, tanto os derrotados como os vencedores tiveram de chegar a acordo com a destruição incrível da guerra, com as mortes incontáveis de jovens, com a agitação económica geral, com a reestruturação de toda a Europa. Foi uma década extremamente difícil, também muito interessante. As pessoas estavam agitadas de muitas maneiras diferentes e, como sempre acontece depois das guerras, procuram respostas para uma grande quantidade de perguntas; procuram explicações: como pôde isto acontecer? Como poderíamos evitá-lo? Onde errámos? Havia uma enorme quantidade de desespero e, portanto, alguma esperança por algo melhor, por alguém que as ajudasse, por alguém

que as guiasse. Penso que esses são os momentos em que as pessoas procuram sempre salvadores de algum tipo.

De facto, essa década, penso eu, estava realmente muito madura em novas ideias, novas filosofias, novos movimentos políticos, novas formas de arte e um grande interesse pelo oculto e um grande interesse por novas respostas; não necessariamente respostas filosóficas, respostas religiosas, respostas éticas. Havia muitas, muitas formas de inquirição e busca. E nessa atmosfera, uma das coisas que emergiu foi uma grande quantidade de conversas sobre a vinda de um chamado mestre do mundo. Teve origem com a Sra. Annie Besant, que era bem conhecida de algumas pessoas, certamente no Reino Unido e de alguns líderes sindicais no Continente, de algumas feministas no Continente. A Sra. Besant tinha sido muito ativa na Sociedade Fabiana, fora ativa no movimento das mulheres, fora ativa na luta pela justiça social e igualdade; nesse contexto, muita gente a conhecia. No entanto, ela era também teosofista e estava também envolvida em questões da Índia e também, creio eu, do movimento de libertação indiano, pelo que era uma pessoa bem conhecida; e era uma das principais porta-vozes desta crença, de que tinha chegado o momento para um mestre do mundo. «Mestre do mundo» foi a palavra que, penso eu, ela e o Leadbeater escolheram para caracterizar este novo salvador e, porque o movimento nessa altura era muito internacional e certamente interconfessional, houve uma tentativa de fazer disso algo que não ofendesse nenhuma religião e que reunisse pessoas que procuravam respostas ao longo de linhas espirituais.

O mestre do mundo ia ser este jovem hindu, que fora trazido da Índia pela Sra. Besant, com o seu irmão, para ser educado no Ocidente e para cumprir a missão que ela previa para ele. Supunha-se que ele seria o messias seguinte, Buda, profeta, o que fosse; e tanto quanto a maioria das pessoas sabia, ele era um indiano tímido, jovem, muito belo que ocasionalmente falava de forma terna e suave e dizia coisas razoavelmente aceitáveis sobre o caminho do homem para uma vida melhor, uma vida interior melhor. Essa era a expectativa geral. Ia haver esta segunda, terceira vinda, conforme o contexto em que as pessoas a vissem.

EB: Por que razão as pessoas procuram um salvador ou um messias?

HB: Bem, partindo do princípio de que aqui estão todas estas perguntas não resolvidas, aqui está a luta, aqui estão as dúvidas, aqui está o desejo de acreditar, de ter alguém que seja melhor, mais sábio, mais conhecedor, para quem se possa olhar, que tenha respostas, que nos liberte da dor de não saber, de ter de lidar com tantos dos conflitos humanos e

dificuldades da época; a necessidade de ser salvo, a necessidade de ser guiado, a necessidade de nos dizerem como alcançar a salvação, em última análise. Mas, entretanto, apenas um estado de bem-estar espiritual. E nesses momentos críticos, penso que era ainda mais urgente. Toda a gente procurava alguém que ajudasse.

EB: Qual foi a reação à declaração de Krishnamurti relativamente à dissolução da Ordem da Estrela?

HB: Foi uma reação muito complexa. Teve muitos aspetos. O primeiro foi o choque absoluto; algo para o qual nos andávamos a preparar e que esperávamos há anos e anos, e aqui estava a pessoa que ia sê-lo e estávamos todos preparados para seguir, para ser liderados, para admirar e para adorar, e subitamente a pessoa que se supõe ser tudo isso diz: «Não, não o farei. Eu não o sou. Esse não é o caminho. Não olheis para mim como a pessoa que responderá a todas as vossas perguntas.» Com efeito: «Ide e encontrai as vossas próprias respostas.» Isso é uma coisa muito grande para se aceitar.

EB: A senhora sugeriu que — isto, num certo sentido, provou a grandeza do homem — ele era, se não o mestre do mundo, pelo menos algo nessa linha, um grande mestre.

HB: Bem, qualquer pessoa que conseguisse resistir à pressão incrível das expectativas e ao facto de ser preparada por alguém que era realmente uma segunda mãe para ele e a quem, tenho a certeza, ele amava e respeitava imenso, e que fizera o anúncio ao mundo de que ele ia ser o mestre do mundo, e todas as pessoas que estavam sentadas em redor daquela fogueira em Ommen à espera de ouvir o discurso de aceitação e, em vez disso, serem informadas de que ele estava a dissolver a organização, que não acreditava que ninguém pudesse ser o guia de outrem nestes caminhos — penso que foi necessária uma força tremenda e uma capacidade tremenda para suportar pressões de todos os tipos; e a ideia de que não havia uma única pessoa que o pudesse guiar, que cada um tem de ser a sua própria pessoa, no vernáculo de hoje, foi uma verdadeira revelação; era realmente novo, era tão totalmente diferente de tudo o que qualquer pessoa esperava, que surgiu realmente como um pronunciamento incrível.

EB: Existe uma correlação entre o método analítico, se quisermos, e o que Krishnamurti dizia, particularmente no que respeita às suas declarações não autoritárias?

HB: Alguns de nós pensam no processo psicanalítico, ou no processo psicoterapêutico, como acompanhando o desenvolvimento humano. Todos começamos como bebés, dependendo primeiro das nossas mães e depois do nosso pai, e gradualmente tornamo-nos um pouco menos dependentes e aprendemos coisas — aprendemos a fazer as coisas por nós próprios. No início existe uma grande quantidade de necessidades e o nosso bem-estar depende de termos essas necessidades compreendidas. Gradualmente, aprendemos que a mãe não está ali apenas para cuidar de nós, que ela tem uma vida própria e isso manifesta-se de muitas maneiras, e assim, gradualmente, o impulso, e penso que a necessidade intrínseca, nos seres humanos para se tornarem independentes, para se tornarem autónomos, para conhecerem a sua própria vontade e as suas próprias ideias, torna-se mais forte.

E se uma criança tiver a sorte de ter pais que respeitem isso, haverá um desenvolvimento normal na direção de uma independência cada vez maior. Independência na ação, independência no pensamento, nos sentimentos, o que não significa que se viva isolado, mas significa que se começa a ter realmente um eu bastante integrado que conhece o seu próprio valor. Ora, parece-me que o ponto terminal deste desenvolvimento é muito o tipo de coisa de que o Krishnaji falava quando sugeria que cada um tem de encontrar o seu próprio caminho, tem de encontrar as suas próprias respostas. Não se pode procurar organizações e hierarquias e chefes de hierarquias e pessoas designadas para nos dizerem o que pensar, o que sentir, como viver. Penso que esta ênfase na importância, na individualidade, no próprio eu e na busca dentro de si próprio, em vez da aceitação de ideias e crenças já feitas, é a verdadeira relação ali.

EB: Qual é o verdadeiro papel de uma figura religiosa?

HB: Penso que todas as grandes figuras religiosas, líderes religiosos, estão a tentar mudar as mentes das pessoas, a mudar os pontos de vista das pessoas, as suas formas habituais de viver e pensar. Todos os grandes líderes religiosos foram também, fundamentalmente, ativistas políticos e estavam realmente, de uma forma ou de outra, a atacar o sistema, a tentar reduzir o poder do sistema. Jesus, penso eu, mais do que alguns dos outros, talvez por estar vivo na nossa cultura, mais ou menos a cultura ocidental, e porque compreendemos o ambiente social um pouco melhor do que compreendemos algumas das figuras religiosas mais distantes, como Maomé ou Buda.

Penso que a verdadeira contribuição de Krishnamurti em 1929, quando dissolveu a Ordem da Estrela, quando fez a sua declaração sobre como as organizações não o vão conseguir fazer, o que ele fez realmente foi desmantelar uma hierarquia bastante cuidadosamente erguida, uma elite de poder cuidadosamente estruturada dentro de um grupo de pessoas que aguardavam todas o cumprimento da profecia.

EB: Como pensa que Krishnamurti encarou as suas ações em 1929?

HB: Em 1929, quando o Krishnaji fez a sua famosa declaração, quando desmantelou a Ordem da Estrela, quando perante tudo o que a Sra. Besant e todos os outros andavam a dizer há anos, ele essencialmente negou o facto de ser alguém em particular; certamente não era o mestre do mundo. Disse que continuaria a dar palestras, a falar e a escrever mas que, de modo algum, era alguém cuja palavra fizesse lei. E na atmosfera de expectativa e no cenário extremamente organizado e hierárquico da Sociedade Teosófica e da comitiva de Krishnamurti naqueles dias, isto foi uma declaração incrivelmente revolucionária; isto foi muito o equivalente a expulsar os filisteus do Templo. Isto foi uma ação política, uma declaração de independência psicológica e espiritual. A partir desse dia, o Krishnaji foi o seu próprio senhor. Diria o que acreditava e o que queria dizer. Resistiria a qualquer tentativa de o encurralar na antiga posição, e houve muitas dessas tentativas, e testemunhar a força, integridade e integridade incríveis deste homem, em si mesmo, parecia desmentir o facto de ser apenas alguém que se encontrava numa busca própria. Ele surgiu com um poder incrível e foi, penso eu, muito difícil não dizer: «Não queres ser o mestre do mundo, mas na verdade olha para o que estás a fazer. Não é porque a Sra. Besant diz que és o mestre do mundo, mas sim precisamente devido a este ato de te tornares totalmente independente de qualquer tipo de estrutura de poder.» Isso, penso eu, tornou muito difícil não pensar que ele era alguém de muito especial.

EB: O que fez a senhora após os acontecimentos dramáticos do Acampamento de Ommen?

HB: Na realidade, afastei-me de todo o — não sei como lhe chamar nesta altura, uma vez que já não era uma organização. Precisava realmente de voltar aos meus estudos, aos meus amigos e a viajar para outros locais que não Ommen. Portanto, durante muito tempo, não houve realmente qualquer ligação. Segui o meu próprio caminho e acabei por me tornar psicóloga e psicanalista, e muitas vezes me perguntei como esses primeiros anos afetaram o meu trabalho e a minha escolha de profissão.

Nunca fiz a ligação de forma consciente mas, ao pensar nisso agora, parece-me que deve ter ficado o resíduo de um impacto porque respondi tão fácil e prontamente à ideia de abolir as autoridades espirituais e de combater a ortodoxia. Fiz isso no meu próprio campo onde, Deus sabe, existe imensa ortodoxia. Temos constantemente de a combater. Achei isso muito fácil de fazer e sem o tipo de culpa que vejo em alguns dos meus colegas que questionam Freud, com grande conflito. Existe uma relutância tremenda em abdicar da hierarquia e da adoração do líder estabelecido.

EB: Qual é o verdadeiro problema com que os seres humanos se deparam no caminho para a independência e a sanidade?

HB: Penso que a verdadeira dificuldade que cada ser humano experiencia é o medo de estar sozinho. É tão difícil crescer, deixar a casa paterna no verdadeiro sentido, assumir a responsabilidade pela sua própria vida, pela sua própria crença e pelos seus próprios pensamentos, sem procurar algures alguém que pelo menos aprove ou encoraje ou diga que se está no caminho certo. Mas quando se trata de procurar o que algumas pessoas chamam «a verdade», ah... então penso que temos de procurar dentro de nós próprios e estamos sozinhos nessa viagem, e temos de estar sozinhos nela porque, caso contrário, torna-se a verdade de outrem.

EB: Qual é a sua recordação mais forte desse período?

HB: Lembro-me sempre do sentimento, lá atrás em 1929 em Ommen, desta figura franzina de uma pessoa bela e de como ele estava incrivelmente sozinho naquele momento, quando tinha realmente abdicado talvez do último laço, do último apego que possuía um minuto antes de fazer o anúncio, e depois pensei no quanto ele tinha realmente perdido. Lembrei-me das histórias que tinha ouvido sobre a sua infância e de como a Sra. Besant o tirou, essencialmente, da sua família e o trouxe para a Inglaterra; e estava a pensar em como o clima deve ter sido diferente, como deve ter sido frio e cinzento depois da Índia, e em como ele tinha perdido a sua família e todos os cheiros, sons e alimentos familiares, e a única ligação que tinha era o Nitya, o seu irmão, e depois o Nitya morreu, pelo que perdeu até isso; e aqui estava ele, realmente, numa terra muito estranha e o principal apoio era a Sra. Besant, a sua segunda mãe, a quem ele certamente amava imenso, e como deve ter sido incrivelmente difícil fazer-lhe frente, dizer-lhe «Não», renegá-la em público, e quanta coragem foi necessária, quanta força, e como por essa altura ele deve ter sido capaz de estar sozinho e quão sozinho tem estado desde então. Ora, não penso que esperemos de nós próprios, pessoas comuns, que sejamos capazes de

tolerar esse tipo de solidão, mas sei que esse é o medo neste processo de desenvolver algum tipo de independência ou interdependência, mas certamente a abdicação da dependência infantil. Lembro-me de tantos pacientes, quando lhes perguntei o que há de tão assustador em crescer, e todos dizem: «Parece-me tão solitário.» Portanto, a solidão é uma coisa muito assustadora para a maioria das pessoas e, no entanto, é muito difícil desenvolver respostas para as vossas próprias perguntas a menos que consigais manter-vos sozinhos. [41]

Estar sozinho haveria de ser um tema principal para Krishnamurti. Ao longo dos dias e anos do seu ensinamento, ele questionou todos os pressupostos, até os seus próprios, especialmente os seus próprios. Tudo era examinado rigorosamente e de novo, sem qualquer resquício do pensamento anterior. A crisálida tornando-se sempre a borboleta. Sozinho e sem pestanejar, Krishnamurti olhava para as questões da vida. Os temas principais nunca se transformavam em dogmas, não havia respostas feitas e garantias fáceis para as perguntas persistentes, por vezes desesperadas, que lhe eram colocadas.

Outros elementos, outros aspetos dos ensinamentos emergiram ao longo dos anos, mas apoiavam-se no alicerce de se estar sozinho. *«Sede uma luz para vós próprios»*, dizia ele. Questionava o permitir-se a imposição do imperativo psicológico ou espiritual de outrem, por muito exaltado que fosse, nas nossas vidas. A verdade deles era apenas a nossa opinião em segunda mão. Aqueles que faziam o seu ninho no conforto de crenças já feitas nunca voariam.

NOTAS

[1] No original, as passagens de autoria textual direta de Krishnamurti encontram-se impressas na cor azul para se diferenciarem das narrativas biográficas ou das vozes dos restantes testemunhos orais, em conformidade com as notas institucionais da autora. Este critério aplica-se de forma estrita ao longo desta secção e engloba os fragmentos de diálogo e as respostas documentadas sob a numeração [22].

[39] Conclusão das notas e diálogos reflexivos partilhados entre Krishnamurti e Leopold Stokowski na residência de Eerde.

[40] Registos biográficos institucionais e atas das sessões de perguntas e respostas coligidas durante as atividades públicas no acampamento europeu de Ommen.

[41] Depoimento e análise retrospetiva da Dr.ª Hedda Bolgar coligidos em Los Angeles no decurso da entrevista conduzida pela autora.

Iremos discutir esta manhã a dissolução da Ordem da Estrela. Muitas pessoas ficarão encantadas e outras ficarão um pouco tristes. Não é uma questão de regozijo nem de tristeza, porque é inevitável, como vou explicar.

Talvez se lembrem da história de quando o diabo e um amigo dele caminhavam pela rua, e viram adiante deles um homem baixar-se e recolher algo do chão, olhar para aquilo e guardá-lo no bolso. O amigo disse ao diabo: «O que é que aquele homem recolheu?» «Ele recolheu um pedaço da verdade», disse o diabo. «Isso é um péssimo negócio para ti, então», disse o seu amigo. «Oh, de modo nenhum», respondeu o diabo, «vou deixar que ele a organize.»

Sustento que a verdade é uma terra sem caminhos, e não se pode aproximar dela por caminho algum, por nenhuma religião, por nenhuma seita. Esse é o meu ponto de vista, e a ele adiro absoluta e incondicionalmente. A verdade, sendo ilimitada, incondicionada, inacessível por qualquer caminho que seja, não pode ser organizada; nem se deve formar nenhuma organização para conduzir ou coagir as pessoas ao longo de qualquer caminho particular. Se compreenderem isto primeiro, então verão como é impossível organizar uma crença. A crença é uma questão puramente individual, e não podem nem devem organizá-la. Se o fizerem, ela torna-se morta, cristalizada; torna-se um credo, uma seita, uma religião, a ser imposta aos outros. Isto é o que toda a gente ao longo do mundo está a tentar fazer.

A verdade é estreitada e transformada num brinquedo para aqueles que são fracos, para aqueles que estão apenas momentaneamente descontentes. A verdade não pode ser rebaixada, pelo contrário, o indivíduo deve fazer o esforço de ascender a ela. Não se pode trazer o topo da montanha até ao vale. Se querem atingir o topo da montanha, devem passar pelo vale, escalar as escarpas, sem medo dos precipícios perigosos. Devem escalar em direção à verdade, ela não pode ser "reduzida" ou organizada para vós. O interesse pelas ideias é sustentado principalmente pelas organizações, mas as organizações só despertam o interesse a partir de fora. O interesse que não nasce do amor à verdade por si mesma, mas que é despertado por uma organização, não tem valor.

A organização torna-se uma estrutura na qual os seus membros se podem encaixar convenientemente. Eles já não se esforçam pela verdade ou pelo topo da montanha, mas antes esculpem para si mesmos um nicho conveniente no qual se colocam, ou deixam que a organização os coloque, e consideram que a organização os conduzirá, desse modo, à verdade... Sustento que nenhuma organização pode conduzir o homem à espiritualidade.

Se uma organização for criada para este propósito, torna-se uma muleta, uma fraqueza, uma escravidão, e deve mutilar o indivíduo e impedi-lo de crescer, de estabelecer a sua singularidade, que reside na descoberta por si mesmo dessa verdade absoluta e incondicionada. Portanto, essa é outra razão pela qual decidi, visto que por acaso sou o chefe da Ordem, dissolvê-la. Ninguém me persuadiu a tomar esta decisão.

Isto não é nenhum feito magnífico, porque eu não quero seguidores, e falo a sério. No momento em que seguem alguém, deixam de seguir a verdade. Não me importa se prestam atenção ao que eu digo ou não. Quero fazer uma certa coisa no mundo e vou fazê-la com uma concentração inabalável. Estou a ocupar-me de apenas uma coisa essencial: libertar o homem. Desejo libertá-lo de todas as gaiolas, de todos os medos, e não fundar religiões, novas seitas, nem estabelecer novas teorias e novas filosofias.

Então perguntar-me-ão naturalmente por que motivo percorro o mundo inteiro, falando continuamente. Dir-vos-ei por que razão faço isto; não porque deseje seguidores, não porque deseje um grupo especial de discípulos especiais. (Como os homens adoram ser diferentes dos seus semelhantes, por mais ridículas, absurdas e triviais que sejam as suas distinções! Não quero encorajar esse absurdo.) Não tenho discípulos, nem apóstolos, seja na terra ou no reino da espiritualidade.

... Se houver apenas cinco pessoas que escutem, que vivam, que tenham os seus rostos voltados para a eternidade, será suficiente. De que serve ter milhares que não compreendem, que estão totalmente embalsamados no preconceito, que não querem o novo, mas preferem traduzir o novo para se adequar aos seus próprios eus estéreis e estagnados? Se falo com força, por favor não me entendam mal, não é por falta de compaixão. Se ides a um cirurgião para uma operação, não é bondade da parte dele operar mesmo que vos cause dor? Assim, da mesma maneira, se falo diretamente, não é por falta de afeto real — pelo contrário.

... Durante dezoito anos prepararam-se para este evento, para a Vinda do instrutor do mundo. Durante dezoito anos organizaram-se, procuraram alguém que desse um novo deleite aos vossos corações e mentes, que transformasse toda a vossa vida, que vos desse uma nova compreensão; alguém que vos elevasse a um novo plano de vida, que vos desse um novo alento, que vos libertasse — e agora vejam o que está a acontecer!

Considerem, raciocinem convosco próprios e descubram de que maneira essa crença vos tornou diferentes — não com a diferença superficial de usar um distintivo, o que é trivial, absurdo. De que maneira uma tal crença varreu todas as coisas inúteis da vida? Essa é a única forma de julgar: de que maneira estais mais livres, maiores, mais perigosos para qualquer sociedade que se baseie no falso e no inútil? De que maneira os membros desta organização da Estrela se tornaram diferentes?

... Estais todos a depender de outra pessoa para a vossa espiritualidade, de outra pessoa para a vossa felicidade, de outra pessoa para a vossa iluminação; e embora se tenham estado a preparar para mim durante dezoito anos, quando digo que todas estas coisas são desnecessárias, quando digo que devem afastar tudo isso e olhar para dentro de vós próprios para a iluminação, para a glória, para a purificação e para a incorruptibilidade do eu, nenhum de vós está disposto a fazê-lo. Pode haver alguns, mas muito, muito poucos.

Então, para quê ter uma organização?

... Disse no ano passado que não faria concessões. Muito poucos me escutaram então. Este ano tornei-o absolutamente claro. Não sei quantos milhares em todo o mundo — membros da Ordem — se prepararam para mim durante dezoito anos, e no entanto agora não estão dispostos a escutar incondicionalmente, totalmente, o que eu digo.

Então, para quê ter uma organização?

... Verão quão absurda é toda a estrutura que construíram, procurando ajuda externa, dependendo dos outros para o vosso conforto, para a vossa felicidade, para a vossa força. Estas só podem ser encontradas dentro de vós próprios.

Então, para quê ter uma organização?

Estais habituados a que vos digam o quanto avançaram, qual é o vosso estatuto espiritual. Que infantil! Quem senão vós próprios vos pode dizer se sois incorruptíveis? Não estais a falar a sério nestas coisas.

Então, para quê ter uma organização?

Mas aqueles que realmente desejam compreender, que procuram encontrar aquilo que é eterno, sem princípio e sem fim, caminharão juntos com uma intensidade maior, serão um perigo para tudo o que é inútil, para as irrealidades, para as sombras. E eles concentrar-se-ão, tornar-se-ão a chama, porque compreendem. Devemos criar um corpo assim, e esse é o meu propósito. Devido a essa compreensão real, haverá amizade verdadeira. Devido a essa amizade verdadeira — que vós pareceis não conhecer — haverá cooperação real por parte de cada um.

E isto não por causa de autoridade, não por causa de salvação, não por causa de imolação por uma causa, mas porque compreendem realmente e, portanto, são capazes de viver no eterno. Isto é uma coisa maior do que todo o prazer, do que todo o sacrifício.

Portanto, estas são algumas das razões pelas quais, após uma cuidadosa ponderação durante dois anos, tomei esta decisão. Não provém de um impulso momentâneo. Não fui persuadido a isso por ninguém. Não me deixo persuadir em tais coisas. Durante dois anos estive a pensar nisto, lenta, cuidadosa, pacientemente, e decidi agora dissolver a Ordem, visto que por acaso sou o seu chefe. Podem formar outras organizações e esperar por outra pessoa. Com isso não estou preocupado, nem em criar novas gaiolas, novas decorações para essas gaiolas. A minha única preocupação é libertar os homens absoluta e incondicionalmente.

PARTE DOIS: O ÚLTIMO PASSO...

KRISHNAMURTI EM HOLLYWOOD

Deuses, mestres, aparições podem existir, mas não têm valor para o homem que procura a verdade, pois ainda estão no mundo dos fenómenos. — *The Star Bulletin*, Setembro/Outubro de 1932

Os líderes teosóficos diziam continuamente: «Quando o Senhor vier, deveis estar preparados para que ele diga coisas [que são] totalmente diferentes do que esperais, coisas que abalarão os próprios alicerces da vossa existência. Sede avisados. Sede avisados. Estai preparados.»

Quando, em 1927, a Sra. Besant, presidente da Sociedade Teosófica, anunciou que a Vinda tinha tido lugar e Krishnamurti começou a falar por si mesmo, foram eles, os líderes, que não conseguiram aceitar as coisas inesperadas que ele dizia, foram as vidas deles que foram abaladas até aos

seus alicerces. Eles repudiaram-no e assim, de uma forma estranha, a profecia deles cumpriu-se. Isto é realmente uma coisa extraordinária a considerar, e considerar o que ele foi e o que permanecerá. O seu ensinamento é único... [42] — Mary Lutyens

Em 1929, Krishnamurti deixou para trás o mundo de sonho de Arcádia e entrou numa nova vida. Estava por sua conta. De certa forma, não era muito diferente da sua vida anterior, na medida em que o ritmo frenético de viagens continuava como antes.

Em Budapeste, Krishnamurti não se deixou dissuadir por ameaças contra a sua vida por parte de estudantes católicos furiosos, ameaçados pela sua postura contra o nacionalismo. Um guarda à paisana teve de o seguir para todo o lado. As suas palestras continuaram na Jugoslávia, em Frankfurt e em Viena.

O ano de 1931 assistiu também à construção de Vasanta Vihar em Madras, que foi edificada pelo *Star Publishing Trust*, a nova entidade com sede em Ommen que passava agora a imprimir os Relatos Integrais (*Verbatim Reports*) de todas as palestras. Eram vendidos através de Madras, Londres e Hollywood, traduzidos em dezoito línguas e tinham agências e representantes em outros tantos países.

Embora muitos dos seguidores mais antigos dos seus dias de "messias" se tenham afastado em desespero, alguns permaneceram firmemente ao seu lado. Nessa altura, Krishnamurti era *persona non grata* em Adyar e, por isso, ficou em Vasanta Vihar. Esta permanece hoje como a sede da Fundação Krishnamurti da Índia.

A Sociedade Teosófica, dividida pelo conflito gerado pela sua partida, reagrupou-se o melhor que pôde, mas sem as fortes figuras centrais dos tempos anteriores. Annie Besant, agora com 86 anos e com a sua grande energia e intelecto a falharem, viveu até 1933. Krishnamurti permaneceu-lhe dedicado até ao fim, mas com intervalos crescentes na sua afetuosa e longa correspondência. Ele viu-a vários meses antes da sua morte e, embora ela lhe tenha segurado a mão e demonstrado afeto, Krishna sentiu que talvez ela já não o reconhecesse verdadeiramente.

Charles Webster Leadbeater viveu apenas alguns meses após a morte de Besant e, com a sua partida, as duas figuras dominantes da Sociedade Teosófica desapareceram na história. Helena Blavatsky e Henry Steel Olcott já eram memórias. O ambicioso George Arundale tornou-se finalmente presidente da Sociedade Teosófica. Outra figura poderosa no

movimento era James Ingall Wedgewood, da família do grande oleiro Josiah Wedgewood. C. Jinarajadasa também continuou como um cultivador dos campos, mas sem Besant a força galvanizadora tinha desaparecido.

Krishnamurti, ao longo dos anos seguintes, falou com crescente clareza e força, sem a restrição de ter de se cingir a uma linha aceitável. A sua linguagem mudou gradualmente de um estilo vitoriano/teosófico floreado para a linguagem concisa e despojada dos seus anos posteriores. Um caçador inveterado de dicionários, consultava frequentemente um dos seus favoritos para verificar significados e derivações. Não havia nenhum jargão elíptico para aprender a fim de que alguém pudesse aproximar-se do seu ensinamento. As palavras eram límpidas e comuns como a água, palavras que a maioria conseguia compreender. Embora frequentemente impregnadas de conteúdo poético, eram, no entanto, acessíveis a todos.

Na verdade, todo o seu ensinamento era para todos. Ia diretamente aos seus ouvintes — sem quaisquer intermediários. Não era necessário ser um iniciado ou pertencer a um grupo esotérico para chegar ao âmago do seu ensinamento. Não havia dogma que fosse pré-requisito para a compreensão, nenhuma crença em mestres, salvadores, mandamentos ou escrituras de qualquer espécie. Nem a reencarnação nem a crença numa vida celestial após a morte eram necessárias. As Upanishads, a Bíblia, a Torá, os Sutras ou o Alcorão não precisavam de ser lidos, pois quando se cita, dizia Krishnamurti, está-se apenas a repetir, e o que se está a repetir não é a verdade. A verdade não pode ser repetida.

Rótulos como cristão, muçulmano, hindu, judeu ou budista eram sem sentido e divisivos. Não era necessário acreditar em nenhuma ordem hierárquica ou lutar para atingir objetivos espirituais. Não havia passos no caminho para a iluminação. Na verdade, não havia estrada, caminho ou objetivo.

Poder-se-ia perguntar, então, o que restava?

Quando a mente é limpa de toda a imagem, ou ritual, de crença, de símbolo, de todas as palavras, mantrans e repetições, e de todo o medo, então o que se vê será o real, o intemporal, o eterno, que pode ser chamado Deus; mas isto requer uma enorme intuição, compreensão, paciência, e é apenas para aqueles que investigam realmente o que é a religião e a perseguem dia após dia até ao fim. Só tais pessoas saberão o que é a religião verdadeira. Os restantes estão apenas a proferir palavras da boca para fora, e todos os seus ornamentos e decorações corporais, as suas pujas

e o toque de sinos — tudo isso é apenas superstição sem qualquer significado. É apenas quando a mente está em revolta contra toda a chamada religião que ela encontra o real. — *Think on These Things*, 1964

Krishnamurti tinha-se transformado de um jovem belo, embora vago — alguns diziam, um dândi eduardiano — num homem moderno, livre dos laços do condicionamento passado.

Para o Sr. Krishnamurti ter rompido de uma forma tão clara e intransigente com as faixas em que esteve envolvido durante dezoito anos, ter num certo sentido rejeitado o seu alto destino, ter deitado fora uma grande riqueza, ter arriscado a perda de todos os seus amigos e discípulos, corajosamente, em suma, ter tomado a sua vida nas suas próprias mãos, esta foi uma ação que deve ter exigido uma coragem e uma força de caráter bastante excecionais. Quando se considera o tipo de vida que o Sr. Krishnamurti foi compelido a levar desde a infância, a sua natureza desmoralizadora e tentadora, é impossível recusar um tributo de admiração perante o espetáculo de um gesto tão raro e até magnífico. [43] — Theodore Besterman

A história toma agora um rumo diferente. Os elementos intensamente dramáticos que conduziram à renúncia de Krishnamurti ao mundo que lhe tinha sido oferecido suavizaram-se numa vida muito mais simples, liberta das tensões de lealdades conflituosas.

Rajagopal viajava com ele para todo o lado, ocupando o lugar — mas nunca o preenchendo — que outrora fora do amado Nitya. Como gestor coordenador, confidente e secretário, focava-se nos detalhes e era, por natureza, muito exigente. Era um organizador soberbo, e os registos eram sempre mantidos meticulosamente. O oposto exato de Krishnamurti, que permanecia indiferente aos assuntos de negócios e cuja natureza reservada e gentil contrastava com a do seu amigo. O quão contrastante era, só se viu muitos anos mais tarde.

Ao longo dos vários anos seguintes, nas sessões de perguntas e respostas, que faziam parte do formato das suas palestras, Krishnamurti continuou a enfrentar questionamentos intensos relativamente ao seu percurso anterior.

PERGUNTA: QUE SIGNIFICADO E VALOR ATRIBUI AO TERMO «INSTRUTOR DO MUNDO»? SERÁ QUE TODA A GENTE QUE ATINGE A LIBERTAÇÃO É UM «INSTRUTOR DO MUNDO»?

Não se preocupem com termos, rótulos e frases. Olho para o «instrutor do mundo» como alguém que realizou a verdade. O oceano não pode ser trazido até ao rio, por isso o rio deve procurar o oceano. Da mesma forma, para atingir este estado de libertação, que pode ser comparado ao mar, o indivíduo deve ir em direção a esse mar; ele não pode entrar nele porque não pode ser condicionado. Para mim, a realidade do «instrutor do mundo» não está no nome, mas no facto de atingir esta libertação, esta iluminação. Para mim, a realidade é que um indivíduo pode atingir essa liberdade de autoconsciência, essa purificação, essa libertação do eu que lhe confere uma imensa calma, serenidade, flexibilidade, força e um afeto desapegado de todas as coisas.

PERGUNTA: NEGA A IMPORTÂNCIA DAS RELIGIÕES, DAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS E DO SERVIÇO HUMANITÁRIO?

Não nego nada. Afirmo que as religiões são os pensamentos congelados dos homens, a partir dos quais eles constroem templos e igrejas. As religiões são formas sistematizadas de pensamento, mas como o próprio pensamento é vida, não se pode prendê-lo. Porque estais a prender a vida através de códigos, de conjuntos de crenças, de credos, de religiões, há confusão, conflito e sofrimento. A vida é livre e, se tentarem prender a vida através da religião, que é uma forma sistematizada de pensamento, matarão a vida.

Desejo libertar o homem do medo, fazê-lo confiar em si mesmo para mostrar que pode ser senhor de si próprio, que é responsável pelas suas próprias ações, pela sua própria felicidade. Mas porque ele adora enganar-se a si mesmo, abrigar-se nas sombras confortáveis dos templos das religiões, não há compreensão; e, portanto, há sofrimento e contenda contínua. — *The Star Bulletin*, Maio/Junho de 1932

Krishnamurti passava parte de cada ano em Nova Iorque, lar de muitos artistas. Era também, na época, o lar da então aspirante e hoje notável artista, Beatrice Wood.

Beatrice Wood

Ceramista e Artista, Ojai, Califórnia

BW: Imagino que conheci Krishnamurti pela primeira vez em 1923. Um amigo, Reginald Pole, trouxe-o ao meu pequeno apartamento no último andar em Nova Iorque. Depois fomos ao *Metropolitan Museum* e estivemos a ver arte indiana. Almocei com ele e com o seu irmão Nityananda, Rajagopal e Mima Porter, que ele conhecia desde jovem. Almoçámos todos no *Gotham Hotel*, e eu estava muito tímida e com imenso respeito por ele.

EB: Qual foi a sua impressão quando o viu pela primeira vez?

BW: Bem, acho que escrevi no meu diário: «Uma das pessoas mais bonitas que alguma vez vi.» Na verdade, só o ouvi falar vários anos mais tarde. Estive no seu primeiro acampamento em Ojai, em 1928. O acampamento durou uma semana. Eu já tinha almoçado com ele várias vezes porque tínhamos muitos amigos em comum. Eu não era uma amiga extremamente íntima, era uma boa amiga. Como o acampamento durava uma semana, decidiu-se que deveria haver algum entretenimento, e ele encarregou-se de organizar peças de teatro. Apresentámos três peças de um ato, uma de Tolstoi, uma de George Bernard Shaw e acho que uma de Barry. E as pessoas do acampamento que estavam interessadas participaram. Coube-me a tarefa de ensaiá-las, e depois apresentámos *The Light of Asia* como uma das peças. Foi maravilhoso, aquelas primeiras palestras, sentados no chão sob os carvalhos. Nunca se falava de dinheiro, de nada. E havia uma atmosfera fantástica, e eu escutava. Eu andava a ler outro filósofo e depois li Krishnamurti, e achei-o o orador mais profundo, embora não faça ideia do quanto absorvi do que ele disse. Havia um grande silêncio naquelas primeiras palestras, e lembro-me da mesma coisa na Índia, muitos anos mais tarde, o grande silêncio do público.

Notas

[42] Nota relativa ao testemunho de Mary Lutyens sobre o cumprimento paradoxal da profecia dos líderes teosóficos e a unicidade do ensinamento de Krishnamurti após a rutura de 1929.

[43] Nota correspondente à citação de Theodore Besterman, destacando o impacto cultural e a coragem excecional demonstrada por Krishnamurti ao abdicar do seu papel predestinado e da estrutura da Ordem.

EB: Acha que isso se devia ao facto de as pessoas sentirem que ele era um messias-que-estava-por-vir, por causa daquelas proclamações?

BW: Bem, acho que isso deve ter tido imenso a ver com o assunto. Durante esses primeiros anos, ele dava entrevistas muito facilmente. Tive cinco com ele e uma delas ficou comigo e ajudou-me especialmente. Quer que lhe conte?

EB: Sim, por favor.

BW: Tinha a ver com ciúme. Geralmente não tenho ciúmes de outras pessoas que fazem arte, mas uma vez vi um vidrado que eu andava a tentar fazer. Fui até Claremont e ali estava aquele vidrado que eu tanto tinha lutado para conseguir e não conseguira. Foi como um impacto físico de ciúme, e fiquei horrorizada comigo mesma. Então fui conversar com Krishnamurti. Estas não são as palavras exatas dele, mas é o impacto do que ele me fez perceber. Ele disse algo como isto: «Tudo bem, somos todos ciumentos. Não tente não ser ciumenta. Deixe isso para lá e passe para outro pensamento» — e isso ajudou-me de imensas maneiras.

Essa coisa de tentar não ser ciumenta, mas em vez disso tocar a quietude da mente.

EB: Acha que o facto de ele falar tantas vezes sobre observar as nossas próprias reações e as nossas próprias respostas a tornou mais consciente? Antes, o ciúme poderia ter surgido em si, mas agora estava consciente dele.

BW: Bem, isso está tanto nos ensinamentos dele, e todos os grandes instrutores religiosos ao longo dos tempos disseram: «Conhece-te a ti mesmo». E o que percebi de Krishnamurti é que, se eu encarar a atividade da minha mente, as suas distrações, o seu ciúme, se assim quiserem — e

simplesmente deixar andar — eu chego a tocar naquilo que é para mim uma quietude. A questão é, como ele dizia, vigiar de momento a momento. Claro que não faço isso. Só posso dizer que ele teve um grande impacto em mim e que sou diferente do que seria se não o tivesse ouvido.

Em 1930, ele convidou-me a mim e a um bom amigo meu para irmos à Holanda, para o pré-acampamento, durante uma semana antes do início das palestras oficiais, e houve muitas discussões. Fomos para a Holanda e para Ommen, e estava muito frio. A maioria das pessoas estava em pequenas cabanas, e Krishnamurti, na altura, estava alojado no castelo — e convidou-nos, juntamente com outros, para ficarmos no castelo. Mas ele era assediado pelas pessoas e recusava-se a expulsá-las. Por isso, em vez disso, ficámos com o gestor do acampamento.

EB: Essas discussões do pré-acampamento eram diferentes das palestras normais?

BW: O pré-acampamento? Bem, na Holanda esse foi o único pré-acampamento a que fui. Éramos um grupo mais pequeno de pessoas; e aqui na América ele fazia pré-acampamentos, tinha grupos de vinte pessoas, e fui a pelo menos quatro deles, que eu me lembre, mas acho que isso foi nos anos trinta, não nos anos vinte. E respondia-se a perguntas, e lembro-me de ele dizer a uma mulher: «Nenhum de vós escuta, não há uma verdadeira partilha entre vós». Eu gostava deles porque havia uma proximidade na qual podíamos fazer as perguntas que quiséssemos.

EB: Qual foi o seu contacto seguinte?

BW: Bem, o meu seguinte foi quando fui a Arya Vihara para passar uma noite ou duas.

EB: Vivia em Ojai nessa altura?

BW: Vivia em Ojai e depois, em 1948, mudei-me para uma casa mesmo em frente à dele, por isso via-o muito continuamente. Durante algum tempo trabalhei para Rajagopal, mas a minha vista não estava boa. Eu simplesmente não era rápida e precisa o suficiente para continuar a trabalhar para ele. Éramos jovens nessa altura. Todos interligados, conhecendo-nos uns aos outros.

EB: E o que foi que a trouxe a Ojai, em primeiro lugar?

BW: Oh, vim por causa de Krishnamurti, sem qualquer dúvida. Tinha-o conhecido em Nova Iorque, e tinha conhecido Rajagopal e Rosalind. O meu coração tinha sido partido num caso de amor e eu

precisava de algo para sobreviver. E conhecia Krishnamurti, e foi assim que vim para o primeiro Acampamento da Estrela. Tenho funcionado maravilhosamente como artista desde que estou aqui. Nunca pensei duas vezes em mudar-me para Ojai. O que me preocupava era o facto de estar perdida. O meu coração estava genuinamente partido e eu queria algo que me ajudasse a compreender a vida. Peguei nos meus últimos cem dólares para apanhar o comboio e vim para cá.

EB: E havia uma comunidade de pessoas interessadas em redor de Krishnamurti?

BW: Oh sim, sempre. Huxley, claro, e Robert e Sarah Logan eram o que se chamava aristocracia. Odeio essa palavra, mas há uma palavra, alta qualquer coisa.

EB: Alta sociedade? Classe alta?

BW: Filadelfianos de classe alta. Eles abandonaram a alta sociedade depois de conhecerem a Dra. Besant e Krishnamurti. Ele costumava falar na casa deles em Sarobia, na Pensilvânia, e depois o Robert Logan comprou uma casa mesmo atrás de Arya Vihara, e ele e eu éramos bons amigos. Viamo-nos todos continuamente.

EB: Gostaria de recuar um pouco no tempo. Teve conhecimento do que aconteceu quando Krishnamurti teve a sua chamada experiência da «pimenteira»?

BW: Contaram-me. Mas, de resto, não me apercebi.

EB: Conseguiu notar alguma diferença, um novo despertar ou uma outra compreensão?

BW: Não. Não posso dizer que tenha notado, porque sempre que via Krishnamurti ele era apenas um ser humano, como todos nós. Não estava em cima de uma árvore a falar de coisas elevadas. Ele ajudava quando estava em Arya Vihara na criação dos animais, acho que ordenhou a vaca durante algum tempo. Ele criou a Radha, aquela filhinha de Rosalind e Rajagopal, praticamente criou-a. Fazia as coisas que qualquer pessoa faria. Mas ele também me ensinou — ensinou é a palavra errada, mas ao escutá-lo comecei a perceber a importância de, independentemente do que fizesse no presente, fazê-lo perfeitamente. Porque sou muito desleixada, muito descuidada, e estou a tentar vigiar isso. Esse é o impacto dele sobre mim. Quando estava na casa dos quarenta anos, fui entregar cerâmica a uma das grandes superfícies — o meu agente tinha-se ido embora — e a gerente

disse: «Onde está a sua fatura?», e eu disse: «Fatura, o que é uma fatura?». Ela disse: «É uma lista». Eu disse: «Minha senhora, eu sou uma artista, não penso em listas». Ela disse: «Como é que espera receber?». E isso foi uma grande revolução na minha vida. Portanto, o poder prático da exatidão dele tornou-me consciente da ordem. Ele fez-me ver a importância de ser interiormente verdadeira. Fez-me ficar consciente do condicionamento da mente.

EB: Uma das coisas significativas que ele apontou foi o que se passa realmente na mente. É bastante invulgar esta ênfase na mente, no próprio pensamento como um obstáculo.

BW: Oh, sim, como já disse, eu andava a ler outro filósofo, muito conceituado, e depois peguei num dos livros de Krishnamurti, e Krishnamurti pareceu-me estar muito mais além em pensamento profundo.

EB: Qual foi o seu sentimento quando Krishnamurti dissolveu a Ordem da Estrela?

BW: Bem, eu sou contra organizações. Não vejo como uma pessoa com a amplitude dele possa trabalhar através de qualquer organização. Porque no momento em que se tem uma organização, fica-se preso a rigidezes e a regras. Isso nunca me incomodou de todo. Sabe, acho que a vida é muito misteriosa e, sejamos francos, o próprio tema do sexo, que é um problema para aparentemente toda a gente de uma forma ou de outra... Eu digo que não conhecemos os diferentes costumes deles, não sabemos, e a questão é que é estranho darmos tanta importância a isso em vez de nos preocuparmos em ser interiormente honestos. Para mim, essa é a primeira coisa, e estou consciente do condicionamento da minha mente, e luto mais para ser reta do que luto para fazer cerâmica ou outra coisa qualquer, mas não consigo. Mas luto, e isso é o que é realmente importante. Acho que para todos nós é importante caminhar em direção àquilo que é honesto e compassivo, e não precisamos de uma Ordem da Estrela.

EB: Acha que a beleza física de Krishnamurti teve impacto? Acha que ajudou ou prejudicou o seu papel como instrutor?

BW: Não faço ideia, acho que, se fez alguma coisa, ajudou, porque nos faz sentir bem ver uma pessoa bonita. Escuto uma pessoa bonita muito mais depressa do que uma pessoa comum, e tenho de aprender a ser simpática com pessoas que não têm um aspeto atraente.

EB: Acha que isso pode ter levado as pessoas pelo caminho errado? Sentimo-nos atraídos por pessoas poderosas, pessoas bonitas, mas o que ele

tinha para dizer era avassalador no seu impacto. Acha que as pessoas não estavam a prestar tanta atenção ao que ele dizia porque se apaixonaram por este homem bonito?

BW: Não estava consciente disso, mas estava consciente de que algumas mulheres se sentiam pessoalmente mais próximas dele do que eu, embora eu possa tê-lo visto muitas mais vezes. Provavelmente porque tinha imenso respeito por ele. Perdi um pouco disso quando o encontrei na Índia, nos anos sessenta. Sei que ele contestou... contestou é a palavra errada, ele apontou para as minhas joias todas e eu disse: «Eu gosto de joias, e até punha um brilhante no nariz se não me doesse», e ele levantou as mãos horrorizado e eu disse: «Krishnaji, tu simplesmente não és igual às mulheres, não és coquete da maneira que nós somos». Ele apontou para as pulseiras todas no meu braço. Uma mulher indiana disse, a rir: «Encontrámo-la quando estivemos na América e vimos as joias que trazia deitadas e rimo-nos juntas dizendo: "como será quando ela vier à Índia"». Ora, a mulher indiana usa muitas joias. Sempre adorei joias, por isso usei ainda mais. Adoro joias desde os meus dezasseis anos. Supõe-se que é vulgar e de mau gosto. Não me importa, gosto de joias, por isso uso-as. Fico feliz quando as vejo noutras mulheres. Ora, faltaria à compreensão, parece-me, se deixasse de usar joias só porque o Krishnamurti podia não gostar. Ele disse: «Pareces uma prisioneira com isto». Eu tinha mais nos braços. Limitei-me a rir-me dele. «Tu não sabes, não és mulher», mas ele era muito cuidadoso com a forma como se vestia, muito mais do que eu. Estava sempre muito bem arranjado, impecável e asseado, por isso não tinha o direito de me dizer uma única palavra! Estive numa reunião na Índia e percebi, porque estava muito infeliz, que a solidão absoluta era provavelmente o problema básico. No dia seguinte fui ouvi-lo e havia uma grande multidão de indianos ao ar livre, e achei que ele foi bastante maravilhoso na forma como abordou o facto do malefício da solidão absoluta do homem. Foi maravilhoso o modo como o fez.

EB: As pessoas ainda têm essa sensação de isolamento, sentem que estão isoladas e sozinhas, e anseiam verdadeiramente por alguém com quem falar sobre assuntos importantes.

BW: Mas o homem está principalmente sozinho, apesar de fazer parte da raça humana, e ele fez-me perceber que a maior parte da nossa distração e atividade serve para escapar a essa solidão absoluta, mas se a encararmos, a atividade da vida continua como uma canção. É inteiramente diferente se a conseguirmos encarar.

EB: Qual é a coisa mais significativa que aprendeu ao ouvir o K falar? Mencionou há pouco a ordem, um sentido de ordem...

BW: Não sei exatamente como responder a isso, porque acho que tentar libertar-me do condicionamento da minha mente é aquilo com que mais luto. Ora, isso não significa que não se deva rir, dizer coisas parvas... isso é inteiramente diferente.

EB: Acha que havia formas de Krishnamurti ter sido mais claro na exposição do seu ensinamento?

BW: Não sei. Sabe, ele está a falar sobre o que não tem forma. Não podemos reter o pensamento numa forma, e ele vai a uma profundidade tal que não vejo como poderia ser mais claro, mas não faço ideia do quanto absorvi. Como posso saber? Apenas sei que, no que me diz respeito, luto no sentido de ser um ser humano mais honesto do que seria se não o tivesse conhecido. Fica por aí.

EB: Continuou a ouvir Krishnamurti ao longo dos muitos anos?

BW: Durante muitos anos, até há cerca de quinze anos, quando comecei a ficar surda. Nos últimos anos, quando regressei da Índia, comecei a ficar surda, por isso não ia, mas lia-o constantemente. Não todas as noites, mas frequentemente, porque não quero ser fanática. Aliás, todas as noites quando me vou deitar leio algo de natureza filosófica — exceto quando quero fazer batota, e faço batota de vez em quando quando tenho um romance policial e não posso esperar para saber o fim.

EB: Não creio que possa ser censurada por isso. Aliás, é sabido que Krishnamurti gostava de ler romances policiais.

BW: Talvez ele também fizesse batota. Acho que aquilo que todos temos de vigiar é o fanatismo. Acho que temos de vigiar isso com muito cuidado.

EB: O próprio Krishnamurti questionava constantemente tudo. Questionava os seus próprios pensamentos, o seu próprio ensinamento num certo sentido, por isso nunca poderia ter-se tornado ele próprio um fanático. Nunca impôs quaisquer leis para que alguém as seguisse. Acho que ele foi um bom exemplo de liberdade em relação ao fanatismo. Muito obrigada pela sua contribuição. Tenho de lhe dar os parabéns pela sua memória magnífica.

BW: Não acho que seja assim tão boa.

EB: Bem, aos cem anos, acho que não nos podemos queixar.

BW: Eu tenho trinta e dois para mim, só tenho cem para o resto de vós.

«Porque vós sois o mundo, as vossas ações afetarão o mundo em que viveis, que é o mundo das vossas relações. Mas a dificuldade está em reconhecer a importância da transformação individual. Exigimos a transformação, a transformação da sociedade ao nosso redor, mas somos cegos, relutantes em transformarmo-nos a nós mesmos.» — *Bangalore Talk II*, 1948

Nos anos trinta, durante os acampamentos anuais da Estrela em Ojai, na Califórnia, Krishnamurti fez muitos amigos novos, nem todos eles artistas ou intelectuais. Entre eles estava Harry Wolfe.

Harry Wolfe

Homem de Negócios, Los Angeles, Califórnia

EB: Sr. Wolfe, disse que a sua esposa o apresentou a Krishnamurti, que o levou para o ouvir. Poderia descrever isso?

HW: Quando cheguei a casa de uma longa viagem de negócios, a Sra. Wolfe sugeriu que fôssemos a Ojai para ouvir um excelente ser humano. E eu disse: «Bem, Laura, prefiro jogar golfe do que ir para lá ouvir uma conversa fiada», sabe, a maior parte destes instrutores ou palestras baseia-se na religião ou algo do género, e eu não estou interessado em religião. Depois de me convencer de que eu devia ir e que podíamos jogar golfe depois de ele terminar a palestra, decidi alinhar. Escutei com muita intensidade porque queria captar todo o significado daquilo de que ele estava a falar. Ele encurralou-me num canto onde eu não conseguia contestar uma única coisa que ele tinha para dizer, por isso, depois de o ouvir, em vez de querer jogar golfe, a verdade é que não estava com disposição para o golfe, pensei: «Voltaremos amanhã porque quero ouvi-lo outra vez».

Portanto, voltámos no dia seguinte e eu voltei a escutar com muita intensidade e não consegui contestar nada do que ele disse. E quis voltar no fim de semana seguinte. Ele prendeu o meu interesse de tal forma que eu só queria escutar, e após o terceiro fim de semana quis uma entrevista — que ele dava na altura — quinze minutos de cada vez. Acho que isto foi em 1930. Os quinze minutos terminaram e eu disse: «Bem, acho melhor ir andando». Ele disse: «Não, espere um minuto, quero perguntar-lhe uma coisa, falar mais um bocado consigo».

Falei-lhe do meu negócio e expliquei quão corrupta era a indústria dos diamantes, e como os grossistas estavam a enganar os retalhistas, e não havia verdadeira integridade no negócio. Tanto no meu próprio negócio como no negócio da joalharia. Eu estava exclusivamente no negócio dos diamantes, e os joalheiros são da mesma maneira. E expliquei-lhe muitas coisas assim, e ele ficou interessado no que eu tinha para dizer, por isso deixou-me ficar — pôs a mão no meu joelho e disse: «Espere um minuto, está tudo bem». Então continuámos a conversar, não me lembro exatamente do que tive para dizer depois disso, mas ele percebeu que eu estava a fazer um inventário do que se passava em termos de corrupção...

EB: Isso pareceu-lhe algo novo?

HW: Bem, ele ficou surpreendido por eu ter tanto interesse em descobrir qual era a situação nos negócios. Disse-lhe que os diamantes, mais de 95 por cento dos diamantes que são lapidados para o mercado mundial, são lapidados incorretamente — o que nós chamamos no meio de burlados. Porque o peso de chumbo na pedra, no pedaço de rocha, deveria ser desbastado — porque eles querem uma pedra de dois quilates em vez de um quilate e meio. Sabe, cada diamante tem cinquenta e oito facetas, e essas pequenas facetas são exatamente como espelhos minúsculos, e se os ângulos geométricos desses pequenos espelhos estiverem no ângulo correto, é impossível não projetar os raios de luz de volta para a superfície. É isso que lhe dá a sua própria luz e beleza.

EB: Krishnamurti ficou surpreendido ao ouvir que o negócio era tão corrupto?

HW: Sim, ficou.

EB: Já o tinha ouvido falar várias vezes, qual foi a sua reação ao conhecê-lo pela primeira vez?

HW: Oh, ele era tão amigável e tão fácil de lidar que não tive dificuldade nenhuma em falar com ele. Limitei-me a dizer-lhe exatamente

o que pensava. E demo-nos muito bem. E depois disso tive — não sei quantas conversas, fui a Ojai pelo menos meia dúzia de vezes. Numa viagem perguntei-lhe: «Krishnaji, o que achas que vai acontecer à Índia quando se libertarem do domínio da Grã-Bretanha?». E ele disse: «Bem, vão ser explorados pelos indianos em vez de o serem pelos britânicos. A mesma coisa». Ele percebia que as pessoas são pessoas, e as pessoas só estão interessadas em obter vantagens para si próprias à custa de outrem.

EB: Como compararia as palestras desses dias com o que ele diz hoje?

«ELE MUDOU COMPLETAMENTE A MINHA VIDA. ABANDONEI O MEU NEGÓCIO — ABANDONEI O MEU NEGÓCIO PORQUE PERCEBI QUE EU ERA O MESMO TIPO DE SER HUMANO QUE TODOS OS OUTROS. EU ERA CORRUPTO.»
— HARRY WOLFE

HW: Bem, é difícil de explicar. Variava um pouco, mas o princípio é o mesmo. O núcleo principal do seu ensinamento é praticamente o mesmo agora do que era na altura. Palavras diferentes, apresentação diferente. Aliás, cheguei a oferecer-lhe quinhentos dólares — naqueles tempos isso era muito dinheiro — como um sinal de apreço pelo que ele tinha feito por mim. Ele disse: «Eu não posso fazer nada por ninguém, você é que tem de o fazer».

Bem, percebi que comecei a pensar de maneira diferente, a agir de maneira diferente e a sentir-me de maneira diferente em relação aos seres humanos, percebendo que estão todos condicionados e que não são responsáveis pelo que fazem ou dizem, porque como se pode culpar um gravador por estar condicionado a tocar uma música? Então comecei a ser um pouco mais tolerante com as pessoas que se querem aproveitar de mim, não as culpava porque essa é a ordem do dia. Isso aplica-se nos negócios, aplica-se na lei, todos os setores nas relações humanas estão corrompidos.

EB: Krishnamurti deve ter tido um impacto considerável na sua vida?

HW: Oh, teve, absolutamente. Ele mudou completamente a minha vida. Abandonei o meu negócio — abandonei o meu negócio porque percebi que eu era o mesmo tipo de ser humano que todos os outros. Eu era corrupto. Estava a aproveitar-me da confiança que as pessoas depositavam em mim ao vender-lhes mais do que precisavam, recorrendo à arte da venda, e percebi o que estava a fazer. Por isso, deixei-o. Sabe, eu lidava com o tipo de diamantes que o joalheiro comum nem sequer vê, o diamante que não é burlado, que tem a beleza máxima. E decidi que não tinha de os

vender, as pessoas comprariam se eu explicasse o que era. Portanto, tive de moldar os meus clientes, mostrando-lhes a diferença entre uma pedra que não está bem lapidada e uma pedra que está bem lapidada.

Ganhei muito menos dinheiro, mas dava-me prazer fazer negócios que não falseavam o perfeito azul-branco. Não existe tal coisa como perfeito ou azul-branco. Ou é azul ou é branco, ou é amarelo ou é cor-de-rosa. Não há cores duplas, porque a cor de um diamante é determinada apenas pela cor do corpo, não pelo brilho da pedra. Nós costumávamos classificar as nossas pedras exatamente pelo que eram — a cor, o grau de pureza e a lapidação. A lapidação é a coisa mais importante porque é o que lhe dá a luz.

EB: Notou que o seu negócio entrou em declínio?

HW: Oh sim, declinou imenso. Ganhei menos dinheiro, mas dava-me prazer porque não tinha de pressionar ou vender — as pessoas compravam. Há uma grande diferença.

EB: Acha que se não tivesse conhecido Krishnamurti, teria chegado a estes sentimentos, digamos, éticos, de forma independente? Ou teria continuado como era antes?

HW: Acho que não. Ele despertou-me para o facto de que eu não era diferente de mais ninguém. Eu era tão corrupto como qualquer outro. E tive de ver isso em mim mesmo — ver realmente, para poder libertar-me disso.

EB: E viu isso instantaneamente?

HW: Oh, sim. Sim, claro, não foi difícil de fazer.

EB: Muitas vezes as pessoas dizem que leva tempo, e Krishnamurti diz sempre que pode ser instantâneo.

HW: É instantâneo. Ou se vê ou não se vê. Se se vê, não vale a pena ir mais longe. Vê-se e já está. A verdade é instantânea.

EB: Portanto, foi simplesmente a sua inteligência em funcionamento. Viu e agiu em conformidade.

HW: Sabe, no minuto em que se vê algo que é um facto, não se vai mais longe, é aquilo. O meu pensamento é inteiramente diferente, porque não faço comparações. Limito-me a olhar para os factos como eles são, não é preciso ir mais longe do que isso. A atenção, creio eu, é o fator mais importante, porque só se está a viver parcialmente se não se estiver atento. Se entrarmos numa sala e não prestarmos atenção ao que lá está, não estamos atentos. A maioria das pessoas não está atenta, só quer ver o que

quer ver e já está. Mas a atenção tem sido o meu instrutor, por assim dizer, porque eu não sabia falar inglês quando vim para este país como um rapaz de doze anos, por isso, naturalmente, o meu vocabulário é bastante limitado.

EB: Acho que se expressa bastante bem.

HW: Faço o melhor que posso com o que tenho. [45]

Nos anos seguintes, extensas viagens de palestras levaram Krishnamurti e Rajagopal por todo o mundo. Em 1933, viajaram para o Cairo, Alexandria, Atenas, Oslo, Paris e Roma. Houve outro acampamento em Ommen, na Holanda, e depois seguiram para a Índia para uma viagem de um mês.

Em 1934, na Austrália, Krishnamurti deparou-se com multidões grandes e entusiastas; contudo, à medida que avançava para a Nova Zelândia, perante um público igualmente recetivo, algo surpreendente aconteceu-lhe — e também a George Bernard Shaw!

Proibição de Radiodifusão na Nova Zelândia

NOVA ZELÂNDIA. A proibição da rádio a Krishnamurti na Nova Zelândia causou considerável agitação. O assunto foi, desde então, levantado no parlamento e o nome de Krishnamurti aparece frequentemente na imprensa e é muito mencionado em discursos políticos. Isto deu à sua recente visita muita publicidade não procurada e aumentou o interesse do público pelas suas ideias. Os amigos na Nova Zelândia dizem que poderão ter um grande problema em conseguir uma sala suficientemente grande para albergar aqueles que estão ansiosos por ouvir Krishnamurti na sua próxima visita ao país.

NOVA ZELÂNDIA. O Relato Integral (*Verbatim Report*) mencionado na carta precedente do Sr. Rajagopal contém as palestras de Krishnamurti no *Town Hall* de Auckland, onde ele se dirigiu a uma sala cheia de 3000 pessoas em duas ocasiões; três palestras matinais nos Jardins da Escola Vasanta; uma palestra para homens de negócios em Auckland e uma palestra para teósofos na Nova Zelândia. A imprensa da Nova Zelândia dedicou muito espaço à visita e às atividades de Krishnamurti, e muitos dos jornais lamentaram a ação das autoridades governamentais ao recusarem permitir-lhe a radiodifusão sob o pretexto de que a sua palestra continha matéria controversa. O Sr. George Bernard Shaw encontrava-se

por acaso na Nova Zelândia ao mesmo tempo e o epílogo da sua peça *Androcles e o Leão* também foi proibido. Os seguintes extratos dos jornais podem dar uma ideia do alvoroço causado.

A Proibição da Transmissão de Krishnamurti

THE AUCKLAND STAR. Milhares de ouvintes que ansiavam por ouvir Jiddu Krishnamurti, o filósofo indiano, através da estação de radiodifusão IYA vão ficar desapontados, pois ele não poderá utilizar o microfone dessa estação. A informação constava de uma carta do gestor do Conselho de Radiodifusão da Nova Zelândia (*New Zealand Broadcasting Board*).

O Conselho foi notificado da visita de Krishnamurti há algumas semanas, e foi feito um pedido para que lhe fosse permitido transmitir a partir da estação de Auckland uma alocução nos moldes de uma transmitida a partir do *Town Hall* de Sydney. Uma cópia da alocução foi enviada com o pedido. A resposta recebida foi no sentido de que a matéria era controversa e, portanto, não podia ser permitido que fosse para o ar na Nova Zelândia.

Críticas desfavoráveis ao Conselho fizeram-se ouvir esta manhã em muitos quadrantes, quando foi tornado público que as alocuções públicas de Krishnamurti foram proibidas na rádio.

A Atitude de Krishnamurti

THE DOMINION, WELLINGTON. O Sr. Krishnamurti disse hoje que esta era uma experiência única para ele. Tinha estado no ar na Austrália quatro ou cinco vezes e tinha sido retransmitido por toda a Europa e América. «Claro que não posso fazer nada a esse respeito», disse ele. «Se o Governo não deseja que eu fale através do seu microfone, isso é assunto do Governo. É como alguém pedir-nos para não entrarmos na sua casa privada. Não vamos, e o assunto fica arrumado. Certamente que parece absurdo.» Disse que, na sua opinião, se um assunto não fosse controverso, era inútil e não significava nada.

O Comentário do Sr. G. B. Shaw

EVENING POST, AUCKLAND. O Sr. George Bernard Shaw não se mostra seriamente perturbado com a proibição da transmissão do epílogo da sua peça *Androcles e o Leão* em Christchurch. Considera, no entanto, que a recusa em permitir que o conhecido instrutor religioso indiano Krishnamurti transmita é um erro muito mais grave. «Um caso muito menos desculpável é a recusa em permitir que o Sr. Krishnamurti transmita.

Ele é um instrutor religioso da maior distinção, que é escutado com proveito e assentimento por membros de todas as igrejas e seitas, e a proibição é um erro ignorante.

A desculpa de que a radiodifusão é controversa é um absurdo. Tudo o que vem pela telefonia sem fios é controverso, exceto o sinal horário e o boletim meteorológico... As autoridades ignoram evidentemente o prestígio de Krishnamurti e a sua doutrina admiravelmente universal, e classificam-no apenas como um pagão indiano. Quando ele se tornar conhecido na Nova Zelândia, vão arrepender-se disso.» [46]

Os anos desgastantes de viagens deixaram Krishnamurti num estado de exaustão e, após uma curta estada em Hollywood com o amigo de longa data John Ingleman, seguiu para Ojai por um breve período. O trio composto por Krishnamurti, Rajagopal e Rosalind, juntamente com a sua filhinha bebé, Radha, rumou para Carmel, no norte da Califórnia, para alguns meses de descanso.

Durante essa estada em 1934, Krishnamurti travou conhecimento com o grande poeta americano Robinson Jeffers. Os dois caminhavam frequentemente juntos e, embora o lacónico Jeffers falasse muito pouco, escreveu de facto um poema intitulado «Credo», que muitos sentem referir-se a Krishnamurti.

O meu amigo da Ásia tem poderes e magia, Ele arranca uma folha azul do jovem eucalipto-azul E, contemplando-a, reunindo e aquietando O Deus na sua mente, cria um oceano mais real do que o Oceano, o sal, a real Presença aterradora, o poder das águas.

Jeffers ficou especialmente impressionado com a força da pessoa de Krishnamurti que, sentia ele, era mais eloquente do que as suas palavras. A Sra. Jeffers disse que «a luz parece entrar na sala quando Krishnamurti entra». [47]

Outro visitante de Carmel foi o escritor Rom Landau, que conhecera Krishnamurti anteriormente em Inglaterra e ficara profundamente impressionado com ele. Landau veio a Carmel expressamente para entrevistar Krishnamurti para o seu livro, *God Is My Adventure*. Após longas caminhadas e conversas diárias juntos, a sua visita aproximava-se do fim. Expressou o seu espanto pelo facto de:

Nem nos registos dos místicos ocidentais nem nos livros dos iogues e santos orientais encontramos a história de um "santo" que, após vinte e cinco anos de preparação para um destino divino, tenha decidido tornar-se

um ser humano comum, que renuncia não só aos seus bens terrenos mas também a todas as suas reivindicações religiosas.

Estava bastante escuro e as primeiras estrelas começavam a aparecer. A atenção não se distraía com as luzes, cores e formas do dia. O padrão misterioso do destino notável de Krishnamurti tornava-se mais claro, e comecei a compreender o que ele queria dizer quando disse que, até há poucos anos, a vida tinha sido um sonho para ele e que mal tinha tido consciência da existência externa ao seu redor. Não terão sido esses os anos de preparação? Não terão sido os anos em que o homem Krishnamurti tentava encontrar-se a si próprio para substituir aquele antigo eu através do qual a Sra. Besant e Charles Leadbeater, a Teosofia e uma estranha credulidade, atuaram durante mais de vinte anos?

Na verdade, não era a de Krishnamurti uma história suprema? O instrutor que renuncia ao seu trono no momento do seu despertar, no momento em que o deus nele tem de dar lugar ao homem, no momento em que o homem pode começar a encontrar Deus dentro de si mesmo? Não terão mesmo os anos em que o seu espírito se demorou em sonhos estado cheios de uma verdade que é, por enquanto, demasiado misteriosa para ser compreendida por nós? [48]

Em 1935, Krishnamurti embarcou numa viagem de oito meses pela América do Sul, viajando para o Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e, no final da viagem, México. Muitos dos que viram a sua fotografia em artigos de jornais seguiam-no pelas ruas para vislumbrar o jovem indiano.

Contudo, em Buenos Aires, a Igreja tomou uma posição negativa e um dos seus padres inundou as ruas com panfletos *«Contra Krishnamurti»*.

Apesar de se ter feito um esforço para estudar espanhol antes de embarcar na viagem, Krishnamurti, nas suas vinte e cinco palestras na América Latina, falou apenas em inglês. O quanto foi realmente compreendido era uma incógnita.

PERGUNTA: COMO PODEMOS AJUDAR MELHOR A HUMANIDADE A COMPREENDER E A VIVER OS SEUS ENSINAMENTOS?

É muito simples: vivendo-os você mesmo. O que é que eu estou a ensinar? Não vos estou a dar um novo sistema, ou um novo conjunto de crenças; mas digo: olhai para a causa que criou esta exploração, a falta de amor, o medo, as guerras contínuas, o ódio, as distinções de classes, a divisão do homem contra o homem. A causa é, fundamentalmente, o desejo

por parte de cada um de se proteger através da ganância, através do poder. Todos desejamos ajudar o mundo, mas nunca começamos por nós próprios. Queremos reformar o mundo, mas a mudança fundamental deve primeiro ocorrer dentro de nós. Portanto, começai a libertar a mente e o coração deste sentido de posse. Isto exige, não mera renúncia, mas discernimento, inteligência. [49] — *Rio de Janeiro, Brasil, 17 de Abril de 1935*

...No mundo do espiritual, a busca de segurança expressa-se através do desejo de imortalidade. Em cada um existe o desejo de permanecer permanente, eterno. Isto é o que todas as religiões prometem, uma imortalidade no além, que não passa de uma forma subtil de segurança egoísta. Ora, qualquer pessoa que prometa esta continuação egoísta, a que chamais imortalidade, torna-se, consciente ou inconscientemente, a vossa autoridade. Olhai para as várias religiões no mundo e vereis que, a partir do vosso próprio desejo de segurança, de salvação, de continuação, criastes uma autoridade subtil e cruel à qual se tornaram totalmente escravizados, que está constantemente a mutilar o vosso pensamento, o vosso amor.

Ora, para interpretar esta autoridade, deveis ter mediadores a quem chamais padres, que se tornam, de facto, os vossos exploradores. (Aplausos) Talvez aplaudam um pouco depressa demais — porque vós sois os criadores destes exploradores. (Risos, aplausos) Alguns de vós podem não criar conscientemente estas autoridades espirituais, mas, subtilmente, sem saberem, estão a criar outros tipos de exploradores. Podem não ir a um padre, mas isto não significa que não estejam a explorar ou a ser explorados. Onde há o desejo de segurança, de certeza, deve haver autoridade, e vós entregais-vos inteiramente àquelas pessoas que prometem guiar-vos, ajudar-vos a alcançar essa segurança. Portanto, as religiões tornaram-se, em todo o mundo, o recetáculo de interesses instalados e de crenças organizadas e fechadas. (Aplausos) Senhores, posso sugerir uma coisa? Por favor, não se deem ao trabalho de aplaudir, pois é uma perda de tempo. [50] — *Montevideo, Uruguai, 21 de Junho de 1935*

PERGUNTA: ACREDITA EM DEUS?

Ou faz esta pergunta por curiosidade para saber o que eu penso, ou quer descobrir se Deus existe. Se é apenas por curiosidade, naturalmente não há resposta; mas se quer descobrir por si próprio se Deus existe, então deve abordar esta investigação sem preconceitos; deve aproximar-se dela com uma mente fresca, sem acreditar nem desacreditar. Se eu dissesse que sim, aceitaria isso como uma crença, e acrescentaria essa crença às crenças

mortas já existentes. Ou, se eu dissesse que não, isso tornar-se-ia apenas um apoio conveniente para o incrédulo.

Se um homem deseja verdadeiramente saber, que não procure a realidade, a vida, Deus, o que será apenas uma fuga ao sofrimento, ao conflito; mas que compreenda a própria causa do sofrimento, do conflito, e quando a mente se libertar disso, ele saberá. Quando a mente está vulnerável, quando perdeu todo o apoio, explicações, quando está nua, então conhecerá a bem-aventurança da verdade. [51] — *Santiago, Chile, 7 de Setembro de 1935*

A viagem pela América do Sul tinha sido árdua e, após um período de descanso e uma tentativa de recuperar o peso perdido durante a viagem, a ronda de palestras recomeçou. Primeiro Ojai, depois Sarobia, na propriedade dos Logan, seguindo para Ommen e, no início de 1937, de volta à Índia para mais uma série de palestras.

As condições na Índia eram, como sempre, um choque, dado que a pobreza e a degradação permaneciam enraizadas e a ascensão corrosiva do nacionalismo ameaçava ainda mais o moribundo *Raj* Britânico.

A Índia não era o único país a viver agitação. A ameaça sombria dos acontecimentos na Europa avançava inexoravelmente em direção ao conflito mundial. Hitler consolidava o seu poder e vigiava de perto os acontecimentos em Espanha. Ali a guerra civil assolava, e com a queda de Madrid em 1939, Franco impôs o seu domínio sobre a alma do seu país. Os povos de língua espanhola tinham desde há muito interesse em Krishnamurti, mas enquanto Madrid ardia, ardia também todo o *stock* de livros de Krishnamurti traduzidos para espanhol. Foi uma perda tremenda e que levou anos a retificar.

Antes do regresso a Ojai, Krishnamurti parou novamente em Roma. A proibição de Mussolini de palestras públicas permitia apenas encontros íntimos em casas particulares, e o círculo de amigos ali formado manteve o contacto contínuo com Itália possível. Foi aí que conheceu a jovem Vanda Scaravelli, nascida Passigli. Ao longo dos anos, ele ficava frequentemente alojada na casa dos Scaravelli, em Florença. Em anos posteriores, foi Vanda quem tornou possíveis as suas estadas na Suíça, no Chalet Tannegg, quando ele iniciou os seus importantes encontros europeus nos anos sessenta.

Por que razão os ensinamentos de Krishnamurti — o resultado de profunda compaixão e amor — são tão importantes? Uma mente atenta é

uma mente inteligente. Com a simplicidade da sua linguagem, a clareza do seu pensamento e a paixão com que se expressa, ele é capaz de despertar a nossa inteligência. Este é o milagre! — *VANDA SCARAVELLI*

De volta a Ojai em 1938, Krishnamurti fez novos amigos. Gerald Heard e Aldous Huxley, ambos escritores e intelectuais credenciados, tinham deixado a Inglaterra face às ameaças sombrias de guerra. Vindo para a meca do sul da Califórnia, foram atraídos para a órbita de Krishnamurti. Huxley, a sua esposa Maria e Krishnamurti tornaram-se cedo amigos íntimos. Longas discussões sérias eram interrompidas por piqueniques descontraídos. Anita Loos, uma conhecida dramaturga e argumentista, descreve um desses piqueniques:

Anita Loos

Dramaturga e Argumentista, Hollywood, Califórnia

Tanto o Aldous como a Maria adoravam piqueniques; a ideia de um deixava-os felizes como crianças pequenas. Lembro-me de uma excursão em particular com um *dramatis personae* tão fantástico que poderiam ter saído de *Alice no País das Maravilhas*. Havia vários teósofos da Índia, sendo o mais proeminente Krishnamurti. As senhoras indianas vestiam sári, que eram bastante elegantes, mas os restantes de nós usavam os trajes de desporto antigos mais informais. O Aldous bem podia ser o gigante de alguma atração secundária de circo; a Maria e eu poderíamos servir de anãs, mas com as nossas roupas fuleiras o circo seria bastante de segunda categoria...

A Greta [Garbo] estava disfarçada com um par de calças de homem e um chapéu de formato castigado com uma aba maleável que quase lhe

cobria o rosto; a Paulette [Goddard] usava um traje nativo mexicano com fios de lã coloridos entrançados no cabelo. Bertrand Russell, de visita a Hollywood na altura, Charlie Chaplin e Christopher Isherwood pareciam todos duendes marotos numa folia.

O Matthew Huxley era o único do grupo que era um adolescente meramente e normalmente desalinhado.

O equipamento do piquenique era tão invulgar como o elenco de personagens. Krishnamurti e os seus amigos indianos, proibidos de cozinhar os seus alimentos ou de comer em recipientes que tivessem sido contaminados por comida animal, estavam carregados de louça e de uma variedade de panelas e tachos a tilintar. A Greta, na altura estritamente vegetariana, cumpria uma dieta especial de cenouras cruas que lhe pendiam do lado em molhos. Os outros podiam comer, e comiam, comida de piquenique normal, mas a Paulette, para quem nenhuma ocasião é festiva sem champanhe e caviar, tinha aumentado o equipamento com um balde de gelo para o vinho e caixas térmicas.

Tínhamos partido em vários automóveis, sem nenhum objetivo definido a não ser encontrar um local onde se pudesse acender uma fogueira em segurança... Krishnamurti e a delegação indiana puseram-se a cozinhar o seu arroz. E enquanto os restantes de nós desfaziam as sanduíches, as cenouras cruas da Greta e o caviar da Paulette, fomos sobressaltados por uma voz masculina áspera que ecoou: «Que raio se passa aqui?»

Remetidos ao silêncio pelo espanto, virámo-nos para encarar um Xerife, ou uma réplica razoável, com uma arma na mão.

«Ninguém neste bando sabe ler?», exigiu ele ao Aldous.

Notas de Tradução

[45] Nota referente ao depoimento de Harry Wolfe sobre o impacto ético e imediato das palavras de Krishnamurti no seu percurso pessoal e na reestruturação da sua conduta comercial no setor dos diamantes. [46] Nota relativa à reação pública e parlamentar face à censura radiofónica imposta a Krishnamurti e a George Bernard Shaw pelo Governo da Nova Zelândia em 1934.

[47] Nota correspondente à ligação de amizade entre Krishnamurti e o poeta Robinson Jeffers em Carmel, ilustrada pela composição do poema

«Credo». [48] Nota alusiva à análise do escritor Rom Landau em God Is My Adventure quanto à natureza sem precedentes da renúncia e ao processo de despertar espiritual de Krishnamurti.

[49] Nota sobre a transcrição da resposta de Krishnamurti no Rio de Janeiro quanto à necessidade da transformação individual prévia a qualquer reforma social.

[50] Nota referente à conferência de Montevideu em 1935, abordando de forma crítica a génese da autoridade e a dependência psicológica face às estruturas religiosas organizadas.

[51] Nota relativa à intervenção de Krishnamurti em Santiago do Chile em setembro de 1935 sobre a problematização do conceito de Deus e a libertação dos suportes ideológicos da mente.

O Aldous admitiu docilmente que sabia ler, mas ainda assim ninguém percebeu a insinuação do homem até ele apontar para a placa de [Proibida a Entrada]... Então o Aldous jogou o seu trunfo. Indicou a presença da Menina Garbo, da Menina Goddard e do Sr. Chaplin. Os olhos mesquinhos e minúsculos do xerife semicerram-se apenas por breves instantes para o grupo.

«Ah, é assim?», perguntou ele. «Bem, eu já vi todos os filmes que eles alguma vez fizeram», disse, «e nenhuma dessas estrelas pertence a este bando. Portanto, ponham-se daqui para fora, seus vagabundos, ou prendo-vos a todos.»

Dobrámos as nossas tendas como os árabes e afastámo-nos culpadamente. Só quando estávamos no jardim da casa dos Huxley, onde o piquenique foi retomado, é que começámos a pensar nas gordas excitantes dos jornais... «Prisão em Massa em Hollywood. Greta Garbo, Paulette Goddard, Charlie Chaplin, Aldous Huxley, Lord Bertrand Russell, Krishnamurti e Christopher Isherwood Detidos.» [52]

A amizade com Huxley deu frutos. Ele incentivou Krishnamurti a publicar após ver exemplos dos seus escritos. Alguns anos mais tarde, Huxley escreveu a introdução para o livro de Krishnamurti, *A Primeira e Última Liberdade* (*The First and Last Freedom*).

Aldous Huxley

Autor, Romancista e Filósofo

Existe uma espontaneidade transcendente da vida, uma «realidade criativa», como Krishnamurti lhe chama, que se revela como imanente apenas quando a mente do percetor está num estado de «passividade alerta», de «atenção sem escolha».

O julgamento e a comparação comprometem-nos irrevogavelmente com a dualidade. Apenas a atenção sem escolha pode conduzir à não-dualidade, à reconciliação dos opostos numa compreensão total e num amor total. *Ama et fac quod vis*. Se amares, podes fazer o que quiseres. Mas se começares por fazer o que queres, ou por fazer o que não queres em obediência a algum sistema tradicional ou a noções, ideais e proibições, nunca amarás.

O processo libertador deve começar com a atenção sem escolha daquilo que queres e das tuas reações ao sistema de símbolos que te diz que deves, ou não deves, querer isso. Através desta atenção sem escolha, à medida que ela penetra nas camadas sucessivas do ego e do subconsciente que lhe está associado, surgirá o amor e a compreensão, mas de uma outra ordem daquela com que estamos ordinariamente familiarizados. Esta atenção sem escolha — em cada momento e em todas as circunstâncias da vida — é a única meditação eficaz.

Todas as outras formas de ioga conduzem ou ao pensamento cego que resulta da autodisciplina, ou a algum tipo de êxtase autoinduzido, a alguma forma de falso samadhi. A verdadeira libertação é «uma liberdade interior de realidade criativa». Esta «não é um dom; é para ser descoberta e vivenciada. Não é uma aquisição a ser acumulada para vos glorificar a vós próprios. É um estado de ser, como o silêncio, no qual não há um devir, no qual há plenitude. Esta criatividade pode não procurar necessariamente expressão; não é um talento que exija manifestação exterior. Não precisais

de ser um grande artista ou de ter um público; se procurardes estas coisas, perdereis a realidade interior.

Não é um dom, nem é o resultado de um talento; é para ser encontrado, este tesouro imperecível, onde o pensamento se liberta da luxúria, da malevolência e da ignorância, onde o pensamento se liberta do mundanismo e do desejo pessoal de ser. É para ser vivenciado através do pensamento correto e da meditação». A autoconsciência sem escolha levar-nos-á à realidade criativa que subjaz a todas as nossas fantasias destrutivas, à sabedoria tranquila que está sempre lá, apesar da ignorância, apesar do conhecimento que é meramente ignorância sob outra forma.

«O conhecimento é uma questão de símbolos e é, demasiadas vezes, um obstáculo à sabedoria, ao desvelar do eu de momento a momento.» *— ALDOUS HUXLEY*

Uma mente que chegou à quietude da sabedoria «conhecerá o ser, conhecerá o que é amar. O amor não é pessoal nem impessoal. O amor é o amor, não para ser definido ou descrito pela mente como exclusivo ou inclusivo. O amor é a sua própria eternidade; é o real, o supremo, o incomensurável». [53]

A situação na Europa sob a ameaça implacável de Hitler tornava-se cada vez mais desesperada. O medo toldava a vida das pessoas e o Acampamento desse ano seria o último.

A Segunda Guerra Mundial eclodiu e as vidas ficaram em polvorosa. Lex Muller, que há muito está associado ao trabalho de Krishnamurti na Holanda, era um jovem estudante na altura. Foi um dos que foi apanhado pela rede de Hitler:

Lex Muller

Professor de Engenharia

LM: Aconteceu mesmo antes da Guerra, quando fui internado no antigo acampamento da Estrela durante a Guerra. De repente, descobri que estava a comer em pratos que tinham o nome *Star camp Ommen* neles.

EB: Poderia descrever como foi parar ao acampamento de Ommen?

LM: Durante a Guerra, a Ocupação Alemã teve problemas com os estudantes. A dada altura, decidiram que queriam que os estudantes assinassem uma declaração de lealdade às Forças de Ocupação Alemãs, mas houve uma grande reação entre os estudantes! Muita gente não assinou

e eu também não. Fiquei em casa durante algum tempo e não voltei ao meu trabalho e depois, passados tempos, acho que foi em Maio de 1943 ou por aí, os alemães disseram que os estudantes tinham de se reunir nuns quantos centros de concentração no país. No meu caso, foi em Utrecht, e tive de lá ficar até mais tarde.

EB: Isso foi em retaliação pela recusa em assinar a declaração de lealdade?

LM: Sim. Portanto, tive de decidir o que fazer, ou ia para a clandestinidade, e a minha mãe sentia que não conseguia lidar muito bem comigo na clandestinidade, por isso decidi ir. Reunimo-nos ali em Utrecht e, no dia seguinte, fomos transferidos de comboio para Ommen, onde ficámos uns dias, e depois fomos enviados para a Alemanha.

EB: Mas não se tinha apercebido de que era o acampamento da Estrela até ver os pratos da Estrela?

LM: Sim.

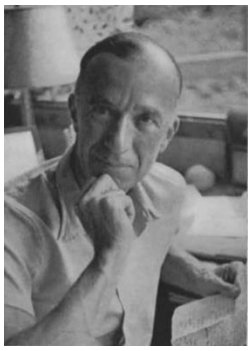
EB: Tenho ideia de que o acampamento em Ommen foi utilizado, durante uma parte da Guerra, como campo de concentração.

LM: Sim, acho que durante todo o tempo.

EB: Teria sido utilizado contra qualquer tipo de dissidente, ou era direcionado contra judeus ou qualquer pessoa que não estivesse em conformidade?

LM: Eles reuniam os judeus ali antes de os transportarem para a Alemanha e para a Polónia. [54]

O Barão van Pallandt, que fora o generoso doador, alguns anos antes, do Castelo de Eerde e da propriedade de Ommen ao jovem Krishnamurti, escreveu numa carta a amigos sobre a terrível situação na Holanda durante a Segunda Guerra Mundial e, em particular, sobre os acontecimentos em Eerde:



Barão Phillip van Pallandt

Apoiante Inicial de Krishnamurti

É absolutamente impossível dar-vos em palavras uma ideia adequada da Holanda durante o período de Maio de 1940 a Abril de 1945, e não o vou tentar fazer. Estes são apenas alguns pensamentos que me vêm à mente, principalmente sobre Eerde, ao acordar nesta manhã de domingo, 10 de Junho de 1945, e estou a escrevê-los para vós no papel. Como não me é possível escrever uma longa carta a cada um dos meus amigos individualmente, mandei copiar esta carta.

Após quatro anos e onze meses, nós em Eerde fomos libertados pelas viaturas blindadas canadianas dos *Manitoba Dragoons* na manhã de 6 de Abril. Cinco dias mais tarde, Ommen foi libertada pelo *Black Watch (Royal Highland Regiment)* do Canadá. Enquanto observávamos a construção de uma ponte de barcas sobre o Regge, conhecemos ali o Major Robert Macduff, D.S.O., deste regimento, que acabou por se tornar um excelente amigo. Aquele sentimento de libertação, após tanta perseguição, mal se consegue exprimir. Ninguém que não tenha sido perseguido por um inimigo implacável durante cinco anos consegue compreender o que significa ser livre outra vez.

Praticamente toda a gente na Holanda, exceto os muito jovens e os muito velhos, era caçada pelos alemães. Cerca de 370 000 operários, 120 000 judeus e 20 000 prisioneiros políticos foram levados para a Alemanha. Dos 150 000 judeus na Holanda, cerca de 30 000 conseguiram esconder-se: debaixo de soalhos, entre paredes duplas, no subsolo; 120 000 foram levados para a Polónia e para a Alemanha e, destes últimos, crê-se que entre dois e três mil ainda estejam vivos. De um grupo de 700 rapazes judeus de Amesterdão, que vi chegar a Buchenwald em Fevereiro de 1941, apenas um continua vivo.

Agora começou o enorme trabalho de repatriamento dos trabalhadores forçados holandeses e dos prisioneiros políticos na Alemanha, quase meio milhão de homens e algumas mulheres. Eerde está a ser utilizado como hospital para estes prisioneiros políticos, homens e mulheres, que estão demasiado fracos e doentes para irem diretamente para casa. Muitos deles são apenas esqueletos e pesam menos de metade do seu peso normal, embora tenham sido libertados há sete ou oito semanas. As suas histórias são terríveis e todos consideram um prodígio o facto de terem escapado de ser gaseados ou torturados até à morte.

... Talvez em nenhum país do mundo o movimento de resistência clandestino tenha trabalhado de forma tão eficiente e em tão grande escala como na Holanda, e li há dias que o Sr. Churchill tinha, na altura, decidido não mencionar nenhum dos grandes resultados deste trabalho para não o colocar em perigo. Pois deveis compreender que em lado nenhum da Europa Ocidental a Gestapo, o *Sicherheitsdienst* e a Polícia Verde foram mais implacáveis do que na Holanda, que a partir de 1940 consideravam parte da Grande Alemanha.

As armas V-1 passavam a sul de Eerde em grande número. Estavam demasiado longe para serem vistas, mas faziam um ruído como motores de aviões extremamente pesados. Mas as V-2 trouxeram o sofrimento de Inglaterra ainda mais para perto das nossas mentes. Costumavam ser abastecidas em Archem, no lado oposto do rio Regge, e lançadas em Hellendoorn. Era um espetáculo fantástico ver estes foguetes subirem para a estratosfera contra um céu limpo, de dia ou de noite.

... Tal como aconteceu, a própria Eerde escapou maravilhosamente. Nenhum dos painéis de carvalho sofreu o mínimo que fosse, mas depois de os prisioneiros russos, que seguiam as unidades alemãs em fuga da Bélgica, terem acampado sobre palha em todas as grandes salas do castelo e ali terem feito a sua própria comida, aquilo ficou num estado imundo. A antiga prata da família, que no tempo de Napoleão tinha sido escondida no fundo do fosso interior de Eerde, enterrámo-la no nosso jardim a 10 de Maio, quando os alemães entraram na Holanda. Quando os velhos sinos das igrejas foram levados para a Alemanha para serem fundidos, os dois enormes sinos de 1517 da igreja gótica primitiva de Ommen também foram levados. Fui ouvir o repique do meio-dia pela última vez.

O Acampamento da Estrela foi utilizado como campo de concentração durante vários anos pelos alemães e foi o movimento clandestino na Holanda que nos salvou ao apoderar-se dele quando os canadianos se aproximavam, mesmo antes de a ordem poder ser executada para que fosse queimado até aos alicerces.

... Na manhã de 11 de Outubro de 1940, fui levado com outros para o Campo de concentração de Buchenwald. Fomos colocados numa espécie de vedação dentro do grande campo, de modo a não nos misturarmos com o resto dos prisioneiros. Embora nós, como represálias pelos prisioneiros alemães feitos nas Índias Orientais Holandesas, não fôssemos postos a trabalhar e não fôssemos espancados, muitos do grupo morreram. Mas a coisa terrível era ver e saber o que se passava ao nosso redor. Nada do que

foi dito sobre Buchenwald foi de todo exagerado. Os polacos e os judeus tinham uma vida ainda mais curta do que os prisioneiros políticos e quase todos morriam de fome, espancados ou de frio, enquanto tinham sempre de trabalhar doze horas ou mais por dia, sete dias por semana, à base de umas fatias de pão e de uma quantidade insuficiente da sopa de couve aguada.

Mas a única coisa surpreendente sobre os homens e mulheres torturados, que conseguiram sair vivos destes Infernos, e eu já falei com muitos deles, é que não encontrei um homem ou uma mulher que se arrependa da experiência. Desenvolve-se uma força interior de que se sente falta quando se regressa e anseia-se, como eu próprio senti, por estar entre os camaradas, e leva muito tempo a sentirmo-nos em casa novamente num mundo sem a intensidade interior do campo de concentração. Esta intensidade interior é uma coisa muito real. Lembro-me bem de quando cheguei a Buchenwald e pensei que poderíamos ser encostados a uma parede e fuzilados, que disse para mim próprio: «Se eles fizerem isto, então ficarei ali com um sorriso no rosto». E sempre senti que valeu a pena ter estado em Buchenwald para ter passado por esta experiência de estar livre do próprio eu físico, mesmo que apenas por aquele breve momento. [55]

Durante os primeiros anos da Guerra na Europa, a América permaneceu sem se comprometer, e o envolvimento total só teve lugar após o ataque a Pearl Harbor, a 7 de Dezembro de 1941. As viagens estavam praticamente paradas e Ojai parecia muito distante da turbulência dos tempos, embora jovens homens e mulheres fossem chamados para o serviço militar de todas as partes do país.

As palestras e as discussões na altura eram muito menos frequentes e centravam-se em Ojai e Hollywood, com uma viagem à casa dos Logan, Sarobia, perto de Filadélfia. Krishnamurti não fazia segredo do facto de ser pacifista, tal como o seu amigo Aldous Huxley.

Krishnamurti via poucas pessoas nesses anos de retiro. Os Rajagopal e a sua filha viviam muito perto, Krishnamurti na «Pine Cottage» e os Rajagopal em «Arya Vihara», embora Rajagopal passasse grande parte do seu tempo em Hollywood a tratar de assuntos de negócios e editoriais.

O velho amigo, Sidney Field, conseguia ver Krishnamurti com bastante frequência — quando o racionamento de combustível o permitia — e estava preocupado com as declarações antibélicas do seu amigo:

Vi bastante o Krishnamurti durante os anos da Guerra, ele esteve aqui durante vários anos sem viajar para lado nenhum. Eu tinha um contacto

com o FBI, um homem chamado McFarlane, que me disse que havia homens dos Serviços Secretos em algumas das palestras — as palestras do Krishnaji em Ojai — e eles estavam muito preocupados porque ele era contra a guerra nas coisas que andava a dizer. Quando contei isto ao Krishnaji, ele riu-se. Durante a reunião seguinte, esta foi a primeira reunião após a Guerra, ele atacou a guerra da forma mais forte possível, simplesmente nunca suavizou as suas palavras por um segundo, e eu conhecia dois ou três dos homens ali que eram dos Serviços Secretos. Eles tiravam apontamentos. Pessoas que eram a favor da guerra interrompiam-no e insultavam-no, e aqueles que eram contra a guerra atacavam as pessoas do «amor à guerra», e quase houve uma rixa geral debaixo dos carvalhos. O Krishnaji permaneceu perfeitamente calmo, e foi nessa altura que ele me escreveu a dizer que precisava de uma prorrogação no seu passaporte, e que estavam a ter dificuldades em consegui-la, e se havia alguma coisa que eu pudesse fazer.

Então escrevi ao Chefe da Imigração, e aquilo pareceu-me tão ridículo que não pude deixar de me rir, eu a dar uma recomendação ao Krishnaji de que ele era um homem de elevada idoneidade moral e que todos nos considerávamos muito afortunados por termos estado lá nas suas palestras em Ojai. Bem, finalmente, ele conseguiu a prorrogação, mas disseram-lhe que tinha sido difícil por causa do que ele tinha dito. Como digo, ele nunca mudou em nada a sua abordagem à guerra. Como digo, quase houve uma briga de punhos. Em todas as palestras havia pessoas que o interrompiam rudemente, e ele limitava-se a parar e a dizer muito suavemente: «A guerra com que se deveriam preocupar está dentro de vós, não fora». [56]

Quando um homem não está em conflito dentro de si mesmo, então não cria conflito exteriormente. O conflito interior, projetado para o exterior, torna-se o caos mundial. Afinal de contas, a guerra é um resultado espetacular do nosso viver quotidiano; e sem transformação na nossa existência diária, haverá forçosamente a multiplicação de soldados, de treinos militares, do saudar de bandeiras e de todo o lixo que o acompanha. — *Bombay Talk 9, 1948*

A própria palavra ciência significa conhecimento, e o homem espera através da ciência ser transformado num ser humano são e feliz. E assim o homem persegue avidamente o conhecimento de todas as coisas da terra e de si próprio. O conhecimento não é compaixão e, sem compaixão, o conhecimento gera o malefício, uma miséria indizível e o caos. O conhecimento não pode fazer o homem amar; pode criar a guerra e os

instrumentos de destruição, mas não pode trazer o amor ao coração ou a paz à mente. Perceber tudo isto é agir, não uma ação baseada na memória ou em padrões. O amor não é memória, uma recordação de prazeres. — *Diário de Krishnamurti, 1982*

Outro amigo desses primeiros tempos, e que continuou próximo até à morte de Krishnamurti, foi William Quinn. Um homem ponderado e introspetivo, que sondou as profundezas do ensinamento de Krishnamurti. Mais tarde, tornou-se um dos três diretores fundadores do influente *Esalen Institute* em Big Sur, na Califórnia.

William Quinn

Cofundador, Esalen Institute, Big Sur, Califórnia

WQ: Conheci o Krishnaji em Novembro de 1944. Tinha vinte e um anos. Cheguei a Arya Vihara com outros dois jovens e ficámos à espera dele numa salinha. Ele chegou esbaforido, tendo vindo a correr da sua casa, e ao abrir a porta e entrar, radiante e juvenil com um sorriso brilhante, os seus olhos fulgurantes a captarem-nos, tive uma reação imediata e ingénua. Fui fisicamente percorrido de uma ponta à outra por uma música de violino altiva de Prokofiev, intensamente lírica e jubilosa.

Perguntei-lhe sobre o significado da atenção, e ele disse: «Se olhardes para as vossas mentes, vereis que é como milhares de borboletas a redemoinhar! Dificilmente conseguis seguir uma única ideia nesta complexidade. Uma forma de trazer clareza à mente é escreverdes os vossos pensamentos e sentimentos imediatos em resposta aos acontecimentos do dia, e depois refletirdes sobre eles. Se enfatizardes um problema particular nesta escrita, ele conduzir-vos-á gradualmente a todos os outros».

«Krishnamurti sentia que uma grande parte da nossa confusão provém de pensamentos repetitivos, e eles são repetitivos porque não estão concluídos.» *— WILLIAM QUINN*

Krishnamurti sentia que uma grande parte da nossa confusão provém de pensamentos repetitivos, e eles são repetitivos porque não estão concluídos. Ao pensá-los até ao fim, eles deixariam de clamar dentro de nós e a mente ficaria mais livre e espaçosa, mais «atenta». Krishnamurti trabalhou arduamente durante muitos anos para clarificar a sua própria

mente, e este trabalho fez parte do percurso que lhe permitiu ser um instrutor.

Krishnamurti estava imensamente consciente, no final dos anos vinte e início dos anos trinta, do movimento de maré em direção a outra grande guerra. Isto tornou-se um tema central nas suas palestras públicas por todo o mundo.

EB: Disse-me que o impacto da Segunda Guerra Mundial em si foi substancial. Foi um objetor de consciência?

WQ: A guerra começou em 1939, quando eu tinha dezasseis anos. Antes dessa altura, andava a preparar-me para uma vida nas ciências físicas. Mas a partir do momento em que a guerra começou, vi com incredulidade como os cientistas se prestavam de forma inconsciente à conflagração geral. Talvez tenha sido simplista, mas concluí que, se me tornasse cientista, os meus talentos seriam usados na guerra, o que considerava inaceitável. Portanto, senti que devia abandonar a ciência. Concluí também que não podia ser soldado, e esperava ser enviado para a prisão, porque não tinha base religiosa para esta posição, conforme era exigido pela definição do governo para um objetor de consciência.

EB: Foi o idealismo juvenil que o fez sentir que a ciência podia curar os problemas do mundo?

WQ: Sem dúvida. Mas houve também vários cientistas de estatura mundial nos anos vinte e trinta que eram imensamente idealistas quanto à melhoria da vida através da ciência e, em rapaz, fui muito afetado pela visão elevada de caráter deles.

EB: Embora estivesse disposto a ir para a prisão, isso não aconteceu?

WQ: Não. Tive sorte, e estava livre, como poucos jovens estavam naquela altura. Mas as questões levantadas pelo facto da guerra e a minha relação com ela tornaram-se uma preocupação total e formaram o núcleo da minha consciência. O que havia de fazer com a minha vida? Como podia a ciência ser tão cúmplice neste mal? Isto levou-me a questionar a própria natureza do conhecimento.

EB: Chegou a Krishnamurti com essa disposição de espírito? Tinha-o lido e depois quis falar com ele pessoalmente.

WQ: Através da amizade com um eminente físico, cheguei a ver claramente, por volta dos vinte anos, o caráter tentativo e provisório da formulação e teoria científicas. Isto foi um alívio imenso para mim, mas a

minha consciência da guerra continuava a arder, tal como acontecia com muitas outras centenas de milhões de pessoas.

No verão de 1944, trabalhei como vigia de incêndios numa torre nas montanhas Bitterroot, no norte de Idaho. Era uma região selvagem na altura, com vastas extensões de floresta virgem. Logo de início fiz experiências com a meditação e, na primeira vez que o fiz, aconteceu algo notável. Sem sequer ter concebido tal possibilidade, a minha mente parou espontaneamente e fui despertado para a glória da vida. Vi instantaneamente que esta nova dimensão de perceção era a «resposta» à guerra que então grassava rumo ao seu clímax, e a resposta para «O que vou fazer com a minha vida?». Este estado extraordinário durou meses.

Quando a época dos incêndios terminou, fiz boleia até Los Angeles. Pelo caminho, senti-me como se estivesse a ser levado por uma corrente de destino, em direção a algo que não sabia o que era. No dia da minha chegada, conheci por acaso outro jovem da minha idade que me falou de Krishnamurti no espaço de uma hora. Disse imediatamente para mim próprio: «Vou viver com aquele homem!». Conversei com o meu novo amigo durante um par de dias sobre Krishnamurti e li um pouco das suas palestras dadas nos anos trinta. Então tudo pareceu fazer sentido, vislumbrando um pouco a natureza unitária do medo e do desejo. Durante uma semana deambulei pela cidade num estado de reverência, espantado e sem compreender. Pouco depois disto, nós os dois, com um terceiro jovem, visitámos Krishnamurti. Nas nossas conversas não enfatizei a guerra, uma vez que parecíamos pensar segundo linhas paralelas nessa matéria.

Notas de Tradução

[52] Nota sobre o relato humorístico de Anita Loos a respeito do piquenique interrompido pelo xerife e o quase envolvimento das figuras proeminentes de Hollywood e da intelectualidade numa detenção em massa.

[53] Nota correspondente ao excerto do prefácio de Aldous Huxley para a obra A Primeira e Última Liberdade, versando sobre a atenção sem escolha (choiceless awareness) e o desvelar do eu.

[54] Nota referente ao depoimento de Lex Muller sobre a ocupação alemã da Holanda e a conversão do acampamento de Ommen em campo de concentração pelas forças nazis.

[55] Nota alusiva à missiva do Barão Phillip van Pallandt que documenta a libertação de Eerde pelas tropas canadianas, as estatísticas da deportação holandesa e a vivência pessoal no Campo de Buchenwald.

[56] Nota relativa às memórias de Sidney Field quanto à vigilância exercida pelos Serviços Secretos americanos sobre as conferências de teor antibélico proferidas por Krishnamurti em Ojai durante o período da Guerra.

EB: O que teria acontecido se Hitler tivesse vencido? Se alguém é confrontado com o mal implacável, qual é a resposta correta?

WQ: Tenho a certeza de que o Krishnamurti estava consciente de quão monstruoso Hitler era, talvez de forma mais aguda do que o resto de nós. O ponto de vista dele era de que, se resistirmos ao mal, tornamo-nos o mal. Então o mal intensifica-se num conflito cego que não tem outro fim senão a ruína e a exaustão. Antes da guerra, ele disse publicamente que era ele próprio um pacifista, incondicionalmente. Mais tarde, ficou de pé atrás com esse termo, e com a «não-violência» como uma ideologia, porque achava que se a posição de alguém fosse meramente ideológica, e não do coração, teria pouco significado.

Nas suas palestras de Ojai de 1944 e 1945, enquanto a Segunda Guerra Mundial ainda grassava, o significado da Guerra é um tema central. Alguém perguntou durante as palestras de 1945: «Posso encontrar Deus numa trincheira?» Krishnamurti respondeu: «Um homem que procura Deus não estará numa trincheira... Vós e o soldado criaram uma cultura que vos força a assassinar e a ser assassinados, e no meio desta crueldade desejais encontrar o amor.»

Já agora, a candura com que Krishnamurti falou contra a guerra nos anos quarenta foi quase única neste país na altura. A posição dos jovens objetores de consciência era muito difícil, pois não éramos apoiados por virtualmente ninguém na geração dos nossos pais e a pressão social era enorme.

«O caminho da paz é simples. É o caminho da verdade e do amor. Começa com o próprio indivíduo. Onde o indivíduo aceita a sua responsabilidade pela guerra e pela violência, aí a paz encontra um ponto de apoio. Para ir longe, é preciso começar perto e as primeiras ações são no interior. As fontes da paz não estão fora de nós e o coração do homem está à sua própria guarda. Para termos paz, devemos ser pacíficos.

Para pôr fim a violência, cada um deve libertar-se voluntariamente das causas da violência. Diligentemente, cada um deve aplicar-se à tarefa da autotransformação. As nossas mentes e corações devem ser simples, criativamente vazios e vigilantes. Só então pode o Amor surgir. Só o amor pode trazer a paz ao mundo e só então o mundo conhecerá a bem-aventurança do real. O caminho da paz.» — *All-India Radio Broadcast, Bombaim, 3 de Abril de 1948*

EB: Ele sugeriu alguma resolução para esses conflitos que encontravam a sua expressão na guerra?

WQ: Bem, em 1945 as pessoas já estavam preocupadas com uma Terceira Guerra Mundial. Ele dizia então que éramos cada um de nós, individualmente, responsáveis pela carnificina em massa da presente guerra; que estávamos todos nela, como se fôssemos uma só família, todos parte de uma única corrente, sendo as nossas individualidades como pequenos remoinhos nela. A única «resposta» era cada um de nós reconhecer a sua própria responsabilidade e permitir que a sua própria vida fosse mudada.

Acho que ele tinha uma compreensão sofisticada das estruturas políticas do mundo. Nos primeiros tempos, ele e o seu irmão Nityananda falavam intensamente sobre estas coisas. As circunstâncias de Krishnamurti puseram-no em estreito contacto com socialistas proeminentes, bem como com a aristocracia e pessoas nos círculos internos do poder por todo o mundo. Na década de 1920, o K e muitas outras pessoas criativas sentiam que ainda havia esperança para a humanidade, e talvez que tivéssemos aprendido algo com a Primeira Guerra Mundial. Ao escrever e ao falar durante esses anos, o K tinha uma espécie de otimismo lírico, que parece ingénuo aos nossos olhos desiludidos de hoje.

EB: As vossas conversas pessoais com Krishnamurti nos anos quarenta abordavam problemas individuais em vez do cenário social ou da guerra?

WQ: Acho que eu estava a tentar chegar ao âmago do pensamento dele, principalmente, qual é a natureza da atenção. Essa era a sua palavra-chave naqueles tempos. Ele falava muito pouco em público sobre meditação na altura, mas falava, em vez disso, de atenção sem escolha, atenção na ação, e da atenção meditativa como um estado constante de ser.

EB: Aparentemente, ele abandonou a palavra «atenção» (*awareness*) mais tarde, por achar que estava a ser excessivamente usada.

WQ: Ele usava o termo constantemente, e toda a gente que estava interessada nos seus ensinamentos usava-o de forma tão incessante que ficou inteiramente desgastado. Por isso, ele abandonou a palavra e tentou chegar à sua substância de outras formas. Mas eu gosto da palavra hoje em dia. É cognata de «acordado» e sugere uma capacidade primordial, embutida, como a visão, mas abrangendo todos os sentidos e emanando de algo para além dos sentidos.

Contudo, ele pessoalmente «meditava», ou seja, reservava um tempo e um lugar e, pelo que percebi, sentava-se então, recetivo e disponível caso algo acontecesse, mas não num estado de expectativa.

EB: Como sabe, nos seus anos posteriores ele ridicularizava um pouco a ideia de meditar a horas fixas, e dizia que se pode meditar num autocarro.

WQ: Questionei-o de perto sobre o que ele entendia por meditação. Teria a mesma intensidade o tempo todo? Ele disse: «Oh, não! Para mim é como uma corrente, na qual existem poços profundos. Ora, nos últimos três dias não consegui meditar de manhã porque estava com uma constipação forte, mas esta manhã a constipação estava melhor e a meditação tornou-se extremamente intensa.» Ele transmitiu isto através de gestos que sugeriam uma expansão imensa. «Mas», disse ele, «só a deixo ir até certo ponto, para não queimar o organismo!» Continuou dizendo que a qualidade da meditação lhe surgia inesperadamente em momentos invulgares, por exemplo enquanto caminhava, e que esse era o melhor tipo de meditação.

EB: Quando Krishnamurti disse que só deixava a meditação ir até certo ponto, queria dizer que ela podia ser demasiado intensa para o organismo?

WQ: Talvez, para fazer uma analogia, se possa dizer que é como sair do sol. Eu não controlo o calor e a luz do sol, mas posso controlar a quantidade da minha exposição a ele.

EB: Ele disse o que era necessário para esse tipo de meditação? Seria necessária uma limpeza ou pureza? Ou era um dom?

WQ: Ele sentia que a «pureza» era muito importante e, ao longo de todos os anos em que o conheci, abordou-a muitas vezes. Sentia também que a escrita que sugeria tornaria a meditação possível.

EB: O que queria ele dizer com pureza?

WQ: Uma vez disse-me: «Tens de ser simples, como a gota de chuva.» Acho que pureza significava para ele uma perceção cristalina, não contaminada por imagens e projeções.

EB: Diria que Krishnamurti era um místico?

WQ: Acredito que sim, embora ele evitasse a palavra. A palavra *Verdade* em grego implica «oculto», e na antiga tradição cristã significava especificamente oculto para a mente de imagem e conceito. Por outras palavras, perceção direta. São João da Cruz tinha uma metáfora maravilhosa para isto: «Se eu puser a mão diante dos meus olhos, não consigo ver o sol; se eu tiver uma imagem de Deus, não consigo ver Deus.»

«A verdade é um perigo para a sociedade.» — *THE STAR BULLETIN, 1932*

EB: Pode dizer como era estar com Krishnamurti?

WQ: Nas nossas conversas e no trabalho conjunto, como no jardim ou a cuidar das abelhas, nunca senti o peso de um cabelo de manipulação ou pressão para ser outra coisa que não o que era. Eu teria sido sensível a quaisquer segundas intenções, mas ele era cristalino. Isto permitia uma proximidade e uma conversa que era profunda e terna, como a música de um violoncelo.

Ele nunca «falava de trabalho» exceto nas alturas que reservávamos para uma discussão cuidadosa. No dia a dia, ele nunca era o homem que presidia às palestras. A *persona* pública estava totalmente ausente. Era nitidamente como se a mente que conhecemos através dos seus escritos fosse posta completamente de lado, como uma ferramenta quando não é necessária.

Na nossa vida quotidiana normal, ele falava a níveis simples, como se a abstração e a análise lhe fossem desconhecidas. Grande parte do tempo fazia-me lembrar uma criança extremamente atenta e cortês, na maioria das vezes silenciosa, mas totalmente presente. Era absolutamente modesto e desprendido de si próprio. Como nunca se evidenciava, podíamos relacionar-nos com ele da forma mais simples, completamente sem autoconsciência nós próprios.

EB: Diria que Krishnamurti era inocente?

WQ: Acho que sim! E até ingénuo e cândido, em muitos aspetos, e suscetível de ser manipulado pelos seus amigos. Tinha uma qualidade muito infantil. Mas isto tinha os seus limites e, em assuntos fundamentais,

ele era inabalável. O que considero que foi central é que ele questionou o seu papel como instrutor do mundo e rejeitou esse papel. No final dos anos vinte, ele negou radicalmente a necessidade de autoridade espiritual e disse que a verdade é uma terra sem caminhos. Pode dizer-se que a ideia de que ele seria o instrutor do mundo foi uma manipulação extraordinária. Ele foi alimentado à força na sua juventude com a doutrina teosófica, como aqueles gansos que geram *pâté de foie gras*. O milagre é que ele saiu disso e, paradoxalmente, tornou-se o instrutor do mundo.

EB: Krishnamurti indicou se as questões sobre o amor pessoal o tinham perturbado?

WQ: Ele disse-me que tinha resolvido três grandes problemas quando era jovem, ponderando sobre eles durante muitos anos. Um deles era o sexo. Seria o ascetismo o caminho correto? Ou, uma vez que é aparentemente natural e nos foi dado, deveríamos usar o sexo?

EB: Se alguém pensa que pureza significa castidade, então seria difícil para uma pessoa ter uma relação natural com o sexo oposto.

WQ: Perguntei-lhe especificamente sobre isso e ele disse que não havia uma resposta geral para esta pergunta. Falou sobre isso com ternura. Disse que era uma questão que cada um tinha de resolver por si próprio, e não se podia dizer que se devia ser casto, ou que o amor pessoal e a sexualidade seriam inimigos da vida espiritual.

Quanto à amizade, acho que ele sentia que a experiência do nosso amor pessoal comum era a própria chama, e talvez a única chama, que nos podia despertar, embora a cerquemos de sentimentos de posse e tudo o mais. Afinal de contas, foi certamente a morte do irmão que o despertou plenamente. Após esse acontecimento, todos sentiram o novo homem. Ao longo da sua vida ele teve uma série de amizades íntimas e duradouras, entre as quais muitas mulheres.

EB: Sentia ele que o amor pessoal podia levar alguém para além de si próprio, e seria isso uma espécie de libertação?

WQ: Bem, sim, com reservas. Ele enfatizava enormemente a importância da vida comum e corrente, que naturalmente inclui os nossos afetos privados. Obviamente que podemos ficar encurralados no amor pessoal. Mas se compreendermos o seu egoísmo, acho que ele subentende que podemos ir além dele, e no entanto o amor permanece. Mas este amor não fica então ancorado no seu objeto, nem dependente dele, antes liberta o

objeto bem como a nós próprios. E isto não significa que o objeto seja descartado; pelo contrário, é engrandecido.

EB: Havia a sensação de que ele se poderia desviar da sua missão espiritual na vida por ter amizades e afetos pessoais? Isso faz parte da visão tradicional de abstinência e castidade sexual.

WQ: Ele disse uma vez: «a libertação não é fora da manifestação, mas na manifestação.» O que ele queria dizer, acho eu, é que não é através do evitação da vida que podemos encontrar o que ele então chamava de libertação. O desapego não significa dissociação! É o fim da separação entre mim e ti.

EB: Como acha que ele definia o termo «libertação»?

WQ: Significava a liberdade em relação ao cativeiro de um condicionamento estreito e aos conflitos que mutilam a maioria de nós. Essencialmente, significava a liberdade em relação a nós próprios, e não uma qualquer liberdade licenciosa em relação aos constrangimentos sociais.

EB: Durante esses anos de guerra, como era a vida quotidiana em Arya Vihara? Deve ter sido bastante simples.

WQ: Éramos apenas os quatro, o Krishnaji, a Rosalind, a sua filha Radha e eu, que estávamos em contacto diário. O Sr. Rajagopal raramente aparecia. Devido ao racionamento em tempo de guerra, vivíamos quase completamente da terra. Tínhamos pomares, hortas, oitenta galinhas, uma vaca e abelhas. O Krishnaji tratava das galinhas e eu ordenhava a vaca. Ambos trabalhávamos no jardim e cuidávamos das abelhas. A Rosalind, sempre alegremente laboriosa, fazia queijo fresco e manteiga, e cozia um pão de trigo integral maravilhoso. Ela cozinhava as nossas refeições. O Krishnaji e eu lavávamos a louça, e muitas vezes senti uma bem-aventurança espantosa nesta atividade humilde.

Ojai era uma aldeia na altura e parecia remota do mundo. Tínhamos poucos visitantes devido ao racionamento de gasolina, e os transportes públicos estavam requisitados pelos militares. Era incrivelmente difícil chegar a Ojai, mesmo a partir de Los Angeles.

EB: Acha que o K se sentia encurralado em Ojai durante os anos da guerra e durante a sua doença, e terá isso criado uma tensão nele?

WQ: Não sei quanto a isso, mas tenho pensado que esses anos podem ter sido profundamente valiosos para ele. Antes da guerra, ele tinha sido

excessivamente ativo, falando por todo o mundo e envolvido com um grande número de pessoas. Assim, nos anos quarenta, durante vários anos, houve uma quietude e solidão forçadas, e ele viveu num lugar muito bonito que tinha as associações mais criativas. Foi ali, debaixo da pimenteira, que ele começou a encontrar-se no início dos anos vinte.

Esse acontecimento também fora possível porque, pela primeira vez desde a infância, ele estava sozinho e fora da turbulência da vida pública. Acho que este período nos anos quarenta foi de uma meditação e «recolhimento» quase contínuos, uma palavra de que ele gostava, e que disso emergiu a clareza maravilhosa do seu discurso público nos anos subsequentes.

«Ele ficou inicialmente fascinado pelo movimento juvenil... e intrigado pela abertura e afeto [dos jovens], a sua posição antibélica e a rejeição geral da autoridade e da cultura empresarial. Mas veio a ficar horrorizado com o uso generalizado de drogas por parte deles.» — *WILLIAM QUINN*

EB: Acha que a ida de Krishnamurti para a Índia foi um passo na sua libertação, num certo sentido?

WQ: Não propriamente, porque acho que o acontecimento fundamental ocorreu no final dos anos vinte, na sequência da morte do irmão. Mas aquilo a que ele chamava «o processo» aparentemente continuou ao longo da sua vida. E foi sem dúvida intensificado em resposta ao desafio extraordinário da Índia. Concebo o processo como sendo aquela corrente de atenção meditativa de que ele me falou, na qual havia poços profundos. E acho que essa corrente era a vida dele, ou melhor, a vida que fluía através do seu organismo, contraindo-se e expandindo-se com os seus próprios ritmos extraordinários. Ele não pensava nela como a «sua» vida, mas como a vida.

O mundo tinha mudado durante os anos do seu retiro. A Europa estava em ruínas e a rede centrada em Ommen irremediavelmente despedaçada. Quando foi para a Índia, ele afastou-se da esterilidade e da paralisia espiritual dos Estados Unidos, que persistiram por muitos mais anos na era de McCarthy e mais além. Os Estados Unidos só começaram a acordar quando os jovens da geração da Guerra da Coreia começaram a dissociar-se do *establishment* nos anos cinquenta, como se viu nos chamados *Beatniks*, precursores do movimento juvenil dos anos sessenta.

Ele chegou à Índia no final de 1947, numa altura extraordinária, e quando estava interiormente maduro, no pleno florescimento da sua maturidade. Toda a Ásia estava em fermentação. A Índia tinha-se libertado da tirania britânica algumas semanas antes. Imaginei que as pessoas inteligentes na Índia estavam despertas, de formas que as pessoas nos Estados Unidos não poderiam estar, para questões profundas sobre a natureza da sociedade e o indivíduo na sociedade, que forma de governo seria a correta para a Índia, e assim por diante, com uma intensidade de vida ou morte. A Índia significou a renovação da sua vida pública, e ele falou por todo o país. Entrou imediatamente em contacto com um grupo notável de pessoas, algumas das quais tinham estado na linha da frente desses acontecimentos enormes. Um círculo de amigos, incluindo Pupul Jayakar, Ahalya Chari e tantas outras, iniciou os diálogos com ele que continuaram pelo resto da sua vida.

EB: Acha que Krishnamurti era fundamentalmente diferente dos outros seres humanos, desde o nascimento, por assim dizer?

WQ: Não acho, e aí, para mim, reside a sua principal beleza e significado. Ele aparentemente era uma criança excecionalmente desprendida de si própria, mas chegou à sua maturidade através de um trabalho extremamente árduo. Foi precisamente o seu sentido de parentesco com o resto de nós que o impeliu a falar. Poderia dizer-se que na sua maturidade houve uma mudança fundamental, no sentido de que o egocentrismo foi esmagado, e que ele passou então a funcionar a partir de uma dimensão diferente da vida. Mas toda a sua mensagem era de que esta transformação é para todos nós. Quanto à forma como as energias espirituais se devem desdobrar em nós, gosto da imagem do Novo Testamento: *O vento assopra onde quer, e ouves o seu ruído, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito* — João 3:8.

EB: Como se sentia Krishnamurti em relação aos jovens e ao uso de drogas nos anos sessenta?

WQ: Acho que ele ficou inicialmente fascinado pelo movimento juvenil e pelos jovens desse meio que conheceu. Ficou intrigado com a abertura e o afeto deles, a sua posição contra a guerra e a rejeição geral da autoridade e da cultura empresarial. Mas veio a ficar horrorizado com o uso de drogas generalizado por parte deles. Falámos sobre isto muitas vezes. Chegou ao ponto de eu não poder mencionar os jovens sem ele pensar em drogas e deixar-se levar por violentas críticas. Eu próprio tinha sido um

observador atento do desenvolvimento da cultura das drogas e tínhamos perceções semelhantes. Sentíamos que Aldous Huxley e Alan Watts, em particular, tinham uma responsabilidade primordial por essa praga.

Como os Flautistas de Hamelin, tinham usado o seu prestígio para converter os jovens à sua crença neste atalho mágico para a realidade religiosa. O K sentia que uma mente religiosa tem de florescer de uma forma humilde, inconsciente e orgânica, e que as drogas eram um atalho ilusório, esmagando estruturas psicofísicas complexas e delicadas. Disse que o uso de drogas por pretensos homens santos tinha sido observado há séculos na Índia e era ali conhecido como um beco sem saída completo.

Nas décadas de setenta e início de oitenta conheci muitos jovens de uma estirpe diferente, que tinham vindo para as palestras de Ojai. Uma história típica era a de um rapaz de dezasseis anos, ou por aí, que deparava com um dos livros de Krishnamurti e iniciava imediatamente uma revolução silenciosa na sua vida. Depois, anos mais tarde, aparecia em Ojai. Estes jovens eram tipicamente modestos e ponderados, e conheci tantos deles que falei sobre eles ao Krishnamurti, uma vez que era improvável que ele os conhecesse na órbita em que se movia. Ele instou-me a dar-lhe uma espécie de explicação sobre todo o contexto da cultura dos EUA da qual eles emergiam e quais eram as suas perspetivas. Disse que a nossa cultura não tinha lugar para tais jovens e que eles teriam de encontrar o seu próprio caminho. Ele ficou extraordinariamente entusiasmado, quase fora de si, enquanto eu falava. Continuo a sentir que isto é imensamente importante, porque não há forma de saber quantos jovens assim, por todo o mundo, foram igualmente tocados por Krishnamurti.

Notas de Tradução

[57] Nota relativa à análise detalhada de William Quinn sobre a perspetiva de Krishnamurti face à resistência ao mal, o sentido profundo da meditação e da pureza, e a sua posterior desilusão com o rumo contracultural e o consumo de estupefacientes na década de 1960.

A ênfase que era colocada na psicologia da condição humana e na natureza da mente, com as suas complexidades labirínticas, atraiu inevitavelmente os profissionais de saúde mental para Krishnamurti e para a sua obra. Tem havido uma longa relação com pessoas nesta área. Um dos

que foi atraído por ele foi Benjamin Weinniger, antigo reitor da Escola de Psiquiatria de Baltimore-Washington.

Benjamin Weinniger, M.D.

Psiquiatra, Santa Barbara, Califórnia

BW: Em 1946, apresentei Krishnamurti a todos os psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Washington. Ele esteve em minha casa durante uma semana e falava todos os dias. Os que lá estiveram ficaram muito impressionados com ele. Harry Stack Sullivan, Erich Fromm, David Rioch e Margaret Rioch. Durante esse período, Karen Horney pediu-me para ir a Nova Iorque. Passei duas horas com ela a discutir o ensinamento de Krishnamurti e ela não só ficou impressionada com ele, como viu a semelhança entre o ensinamento dele e toda a sua escola, o grupo de psicanalistas de Karen Horney. Eles interessaram-se e começaram a escrever sobre o ensinamento de Krishnamurti. Mais tarde, David Shainberg e todo o seu grupo psicanalítico do círculo de Karen Horney ficaram absorvidos no ensinamento de Krishnamurti. O K costumava ir lá todos os anos para várias palestras, para esses analistas. Eles ainda estão envolvidos de uma forma ou de outra. Uma das pessoas abandonou por completo a psicanálise e tornou-se artista. Portanto, esse foi um dos efeitos importantes.

«As perceções de Krishnamurti sobre a mente humana eram mais claras do que as de qualquer outra pessoa que eu tivesse conhecido.»
— BENJAMIN WEINNIGER

EB: Krishnamurti conseguia expor claramente a sua visão da mente humana aos psicanalistas?

BW: As perceções de Krishnamurti sobre a mente humana eram mais claras do que as de qualquer outra pessoa que eu tivesse conhecido. Era óbvio para mim que ele tinha uma melhor compreensão e, quando o levei a Washington D.C. e ele falou com os psicanalistas, eles perguntaram-me: «Como é que sabia que estaríamos interessados em Krishnamurti?». Disse-lhes que era óbvio para mim que seria esse o caso. Eles ficaram muito interessados e isso teve um efeito na prática e na vida deles também.

EB: Krishnamurti devia ansiar por estes encontros.

BW: Bem, já vi Krishnamurti com medo e acho que é importante descrever as circunstâncias em que isso aconteceu. Quando ele ia falar com

os psiquiatras e psicanalistas pela primeira vez em Washington, D.C., veio ter comigo e estava a tremer de medo. Disse: «Estou assustado». E eu tentei tranquilizá-lo de que correria tudo bem, e depois, quando ele entrou para a palestra, percebi que ele foi capaz de abandonar o medo. Ele permitiu-se vivenciar o medo por completo e depois deixou-o ir. A maioria de nós não faz isso, ficamos com os medos em vez de os deixarmos ir. É isto que ele quer dizer quando diz: «Não tenho medo». Também lhe perguntei: «Terias medo se estivesses a morrer?», e ele disse: «Não sei. Teria de ver, teria de estar atento para ver se tinha medo».

EB: Havia alguma área em particular que fosse de especial interesse para o grupo?

No amor não há nem «tu» nem «eu». — *The Star Bulletin*, Março/Abril de 1933

BW: Tem havido um interesse considerável entre psicanalistas e psiquiatras recentemente na atividade egocêntrica e, na verdade, a atividade egocêntrica é algo de que Krishnamurti falou toda a sua vida e talvez os psiquiatras estejam a começar a compreendê-la. É um ponto muito importante; a maioria de nós, se for gravemente ferida na infância, tem mais dificuldade em interromper a atividade egocêntrica. Outra forma de o dizer é o envolvimento excessivo consigo mesmo. É mais fácil fazer isso na medida em que se teve uma infância agradável ou boa. Nesse caso, é mais fácil abandonar a atividade egocêntrica; de outro modo, é mais difícil. Algumas pessoas nunca se libertam dela.

EB: Há algum foco especial na saúde mental hoje em dia?

BW: Os psicanalistas hoje em dia estão a enfatizar la importância do amor; até Freud enfatizou a importância do trabalho e do amor. Mas hoje enfatizam ainda mais a importância do amor. A maioria dos psicanalistas e psiquiatras tem uma visão mais limitada do amor e eu sinto que eles não vão suficientemente longe. Param antes de atingir o objetivo. Se uma pessoa não entra num despertar espiritual e numa compreensão da totalidade da pessoa, então fica incompleto. O trabalho da maioria dos psiquiatras/psicanalistas é, na minha opinião, incompleto, e a influência de Krishnamurti foi capaz de me ajudar a ir mais longe na minha própria vida do que teria ido sem ele.

EB: De que é que acha que Krishnamurti estava realmente a falar?

BW: Quando tive as minhas conversas privadas com Krishnamurti, ele disse-me aquilo de que pensa que está a falar. Psicologia, filosofia e

religião, esse é o assunto de que ele está a falar — os três. Não é apenas uma coisa, estão todos relacionados, inter-relacionados. Não se podem separar. Os psicanalistas, os psicanalistas modernos, pensam que sem filosofia não há psicanálise. Esse é o início, a orientação filosófica.

EB: Houve alguma alteração na sua prática médica devido ao seu interesse em Krishnamurti?

BW: Nos primeiros cinco anos da minha formação, estava a praticar a psicanálise freudiana regular, mas depois de terminar a formação dei por mim a derivar de volta para o meu interesse pela forma de ensinar de Krishnamurti. A mudança foi em parte o facto de eu estar a ter mais uma relação com a pessoa, com o doente. Não era tão impessoal e não hesitava em falar sobre a minha filosofia e em partilhá-la com os doentes. Muitas vezes dava-lhes os panfletos de Krishnamurti para lerem e acho que tive muito impacto através disso, e muitos deles ficaram muito interessados e seguiram o ensinamento. A minha prática psicanalítica foi criticada por estar tão envolvida com Krishnamurti, mas continuei a ensinar. Muitas das coisas que aconteceram a mim e aos meus doentes são na verdade não-verbais. O sentimento entre nós é o que passa. Há um elemento no que diz respeito à prática médica, e este é um ponto que aprendi com Krishnamurti. A faculdade de condenar que possuo é muito forte e aprendi, ao longo dos anos, a estar atento à minha condenação. Esta transparecia como impaciência, porque eles sentiam que, quando entravam no meu consultório e no mundo em geral, eram condenados todos os dias. Mais tarde, quando vinham ao meu consultório, tinham a sensação de que alguém aqui não estava a condenar e saíam do consultório a sentir-se, virtualmente, como eu costumava sentir-me ao deixar Krishnamurti.

EB: Ao longo da sua vida, Krishnamurti sublinhou a liberdade, a liberdade psicológica. Qual é a sua perspetiva sobre esta ênfase?

«Na minha experiência, não há forma de descrever Krishnamurti por palavras. Pode dizer-se que ele era um instrutor do mundo ou pode dizer-se que era um grande psicólogo, filósofo e um grande instrutor religioso, e isso não transmitiria nada à outra pessoa.» *— BENJAMIN WEINNIGER*

BW: Muitos psicólogos não acreditam que exista tal coisa como liberdade psicológica — pensam que se está condicionado e que se é vítima do passado e que ninguém é psicologicamente livre. Os não-psicólogos dizem por vezes: se houver apenas mais uma pessoa no mundo além de si próprio, não é livre de fazer o que lhe apraz; a outra pessoa não deixará.

Mas Krishnamurti não está a falar desse tipo de liberdade, ele está a falar de liberdade psicológica e isto é muitas vezes muito confuso. Somos uma parte do nosso passado total, mas psicologicamente podemos ser livres. Temos muita dificuldade em compreender Krishnamurti porque ele fala muitas vezes sobre liberdade psicológica, morte psicológica, fim psicológico, e ele não quer dizer tecnicamente terminar. Psicologicamente livre significa estar livre do condicionamento passado.

EB: A maioria das religiões e filosofias vê a importância do autoconhecimento. Qual é a chave para a autocompreensão?

BW: A chave para a autocompreensão na psicanálise baseia-se na revelação da história passada e Krishnamurti estabelece um ponto muito importante — um ponto ligeiramente diferente. A chave, tal como ele a vê, é estar atento às suas reações. Geralmente, as suas imagens da forma como as coisas deveriam ser estão constantemente a ser ameaçadas e, quando a sua imagem é ameaçada em qualquer área, reage, e por vezes reage com raiva ou mágoa, e essas reações provêm sempre do seu passado. Portanto, pode chegar ao seu passado através da compreensão das suas reações, em vez de escavar na história passada.

EB: Pode dar uma descrição de Krishnamurti, tanto do homem como do ensinamento?

BW: Na minha experiência, não há forma de descrever Krishnamurti por palavras. Pode dizer-se que ele era um instrutor do mundo ou pode dizer-se que era um grande psicólogo, filósofo e um grande instrutor religioso, e isso não transmitiria nada à outra pessoa. Não há forma, no meu vocabulário limitado, de descrever Krishnamurti a não ser através da leitura dos seus ensinamentos. Consegue-se ter algum sentimento disso através dos filmes e das cassetes de vídeo, aí consegue-se ter um sentimento de Krishnamurti sem o ler. Mas acho que não conseguiria transmiti-lo a ninguém — não por palavras. A sua presença era muito poderosa; o que ele transmitia para mim era realmente o tipo de pessoa que ele é, de modo que quando o vi em 1945 para uma série de palestras, ele estava atrasado para o compromisso — cinco minutos — e veio lá fora dizer-me que estava atrasado, apertou-me a mão e saiu rapidamente. O impacto do seu aperto de mão, a sua presença era tão vibrante que, depois de ele sair, senti que estava pronto para ir para casa, foi um impacto tão forte. A sua presença é o que é comunicado e muitas pessoas que ouvem as palestras nem sequer se lembram do que ele disse. Algumas delas lembram-se e são capazes de falar sobre isso, mas muitas não são, porque o que é comunicado por

Krishnamurti é não-verbal; a parte sagrada, la parte silenciosa é comunicada e isso é maioritariamente não-verbal, e é a isto que as pessoas respondem, mesmo que possam não compreender nada do que ele disse. [58]

Krishnamurti tinha um interesse de longa data na educação. Esta era considerada um esforço triplo que envolvia alunos, professores e pais. Todos deveriam estar a aprender juntos. Em 1928, a primeira escola tinha aberto no belo local de Rishi Valley, perto do seu local de nascimento em Madanapalle, na Índia. Uma segunda, a Escola de Rajghat, ficava nas margens do sagrado Ganges, perto da antiga cidade de Benares, ou Varanasi, como é agora chamada. A escola foi inaugurada em 1934, embora a terra tivesse sido comprada anos antes. Ahalya Chari foi alguém que teve uma ligação de longa data com a obra de Krishnamurti. No seu livro *Krishnamurti at Rajghat*, descreve o intuito sério com que Krishnamurti encarava a educação.

Ahalya Chari

Autora e Educadora, Escola de Rajghat, Varanasi, Índia

Em 1928, Krishnamurti inspirou-se na grande universidade de Berkeley, na Califórnia, para fundar instituições educativas por direito próprio. Ao procurar terras, desde o início, Krishnamurti parecia saber o que queria: «Quatrocentos acres de terra nas margens do rio em Benares (Varanasi)». A tarefa foi confiada a Sanjeeva Rao, um jovem próximo da Dra. Besant, que também era membro do Serviço Educativo Indiano (*Indian Educational Service*). Sanjeeva Rao partiu nesta «louca aventura» para comprar a terra, embora isso fosse para ele «uma proposta avassaladora». Depois de localizar cento e cinquenta acres de terra nas margens do Ganga (Ganges) que pertenciam ao Conselho do Acantonamento Militar Britânico (*British Military Cantonment Board*), com uma devoção e tenacidade inabaláveis conseguiu persuadir as

autoridades a vender a terra. O dinheiro foi encontrado e, depois, no devido tempo, Sanjeeva Rao negociou a compra dos duzentos e vinte e vinte cinco acres que ficam do outro lado do rio Varuna, perto da aldeia de Sarai Mohana.

Entre 1928 e 1948, Sanjeeva Rao construiu uma escola residencial mista em Rajghat, chamando-lhe *The Rajghat Besant School*. Mais tarde, o Colégio Vasanta para estudantes do sexo feminino (*Vasanta College for women*) e o Vasantashrama, um dormitório feminino, foram ali localizados.

Quando Krishnamurti regressou a Varanasi em 1948, após uma ausência prolongada, ficou em Rajghat numa casa com vista para o Ganga. E, durante os trinta e oito anos seguintes, regressou a esta casa repetidas vezes, conversando com estudantes, académicos e visitantes de todo o mundo.

O Ganga nasce nos Himalaias e corre pelas grandes planícies do norte da Índia até ao Golfo de Bengala. Exceto ao longo de um trecho situado entre os *ghats* de Varanasi, onde o rio subitamente curva e corre para norte em direção à sua nascente, ele segue um curso sudeste. Para os antigos geógrafos, o rio voltando-se sobre si mesmo, tal como a mente meditativa do sábio, era o símbolo do caráter sagrado do rio.

Nos escritos de Krishnamurti, o rio Ganga como uma imagem para a mente meditativa é uma metáfora recorrente. Escrevendo em Rajghat no seu caderno, ele diz:

«A meditação era como esse rio, só que não tinha princípio nem fim; começava e o seu fim era o seu princípio.»

A metáfora é levada mais longe, pois as águas dadoras de vida do Ganga partilham com a mente meditativa o poder de terminar: O rio curva-se majestosamente à medida que corre para leste, passando pelas aldeias, pela cidade e pelos bosques profundos, mas aqui, mesmo abaixo da cidade e da ponte, o rio e a sua margem oposta são a essência de todas as margens de rios; cada rio tem a sua própria canção, o seu próprio deleite e travessura, mas aqui, a partir do próprio silêncio, ele contém a terra e os céus. É um rio sagrado, como todos os rios são, mas novamente aqui, uma parte do longo e sinuoso rio, há uma suavidade de imensa profundidade e destruição.

«A vida é como um rio», disse ele às crianças da Escola de Rajghat. «Nunca parada, sempre em movimento, sempre viva e rica... todos temos de nos preparar para ela... Um lugar como [Rajghat] deve proporcionar

uma atmosfera onde vos é dada toda a oportunidade de crescer, sem influências, sem condicionamentos, sem ensinamentos, para que, quando sairdes [deste lugar], possais enfrentar a vida de forma inteligente, sem medo.»

A educação era central para o objetivo declarado de Krishnamurti «de libertar o homem incondicionalmente», e aprender sobre a vida era essencial para este processo. O desafio lançado por ele, de criar uma nova geração de jovens capazes de fazer perguntas fundamentais, de se libertarem das ações do medo, da raiva e da inveja, de porem de lado o passado, os fardos da tradição, do dogma e da crença, era único. Incluía tanto o educador como o educando. E continha em si as sementes para a regeneração da humanidade e da sociedade.

A própria maneira como Krishnamurti colocava o desafio era perturbadora. Não dava ao educador espaço para se acomodar na elaboração de teorias pedagógicas. Sentindo o domínio que milénios de tradição exerciam sobre as mentes dos professores, ele era apaixonado, impaciente, implacável nas suas discussões com eles, exigindo a sua máxima atenção. «Existe um grupo de pessoas a trabalhar em conjunto para provocar uma mudança radical em si próprias e nos estudantes?», perguntava ele, repetidas vezes. E, ao longo dos anos, muitos professores vieram para Rajghat e tentaram, à sua maneira, manter a intenção viva. Mas a tarefa foi sempre esmagadoramente difícil, porque aqui, nestes locais fundados por Krishnamurti, não se está a lidar com sistemas ou métodos, mas sim com o mundo do interior que está vivo, em movimento, a mudar e sempre a escapar ao nosso alcance. Caminhar com Krishnamurti era como caminhar com o fogo; se mantivéssemos viva a chama dentro de nós, deparávamos com a alegria da descoberta subitamente, num instante, caso contrário não.

Com os estudantes, Krishnamurti era gentil e afetuoso. Falava sobre o medo e desvendava com imensa paciência as muitas formas como os pais, os professores, a sociedade em geral e a religião usam o medo para moldar as suas mentes. Apontava de diferentes maneiras como o hábito, a imitação e a conformidade destroem as mentes e os corações. E chocava os mais velhos que estavam presentes ao despertar os estudantes para «a violência da obediência». Krishnamurti estava impressionado com as crianças de Rajghat, com a sua capacidade de se sentarem calmamente e de escutarem, com o seu sentido de admiração. «Onde no mundo encontraríeis tal

inocência?», comentou ele uma vez. E os estudantes sentiam-se livres na sua presença para fazer todo o tipo de perguntas.

A situação das mulheres na Índia era uma questão de profunda preocupação para Krishnamurti. Ele aproximava-se das jovens mulheres do colégio pacientemente e com imenso afeto. As raparigas também escutavam e perguntavam-se se conseguiriam alguma vez levar vidas independentes, livres de superstição e livres do domínio que os homens exerciam sobre elas.

A compaixão de Krishnamurti pelos pobres daquela terra era profunda. Queria que as escolas da K.F.I. (*Krishnamurti Foundation of India*) aprendessem a cuidar dos seus vizinhos. Repetidas vezes incitava as crianças e perguntava se, de alguma forma, se sentiam aparentadas com os pobres. Numa das suas palestras públicas, falou incisivamente ao seu público:

«Sabeis que uma das coisas estranhas é que, embora a Índia seja um país muito triste, há sempre um sorriso. Os pobres sorriem. Estão a passar fome, oprimidos, não têm felicidade, estão perpetuamente a trabalhar e, no entanto, ao passardes pela rua, especialmente no campo, eles sorriem para vós. Isto não acontece em mais lado nenhum do mundo. Este é o milagre deste país.» [59]

Krishnamurti desejava há muito iniciar uma escola em Ojai. Anos antes, em 1926 e 1927, Annie Besant fizera um apelo a fundos para comprar terras. Quando foram angariados $200 000, formou-se a *Happy Valley Association* e foram comprados 450 acres na zona alta de Ojai e 240 acres na zona baixa de Ojai/Meiners Oaks. Este terreno inferior incluía o *Oak Grove* (o Carvalhoal), onde Krishnamurti realizou as suas palestras durante tantos anos. Os três administradores originais eram Krishnamurti, Rosalind Rajagopal e Aldous Huxley. Foi um pequeno começo, mas a paixão pela educação em todas as suas formas, tanto para crianças como para adultos, impeliu Krishnamurti a estabelecer um centro no «Novo Mundo» onde as suas ideias educativas pudessem ser postas em prática.

Com Rosalind como sua diretora, ele sentia que a promissora escola estava em boas mãos. O plano era então partir para a Austrália e para a Índia, mas mais uma de uma série de doenças impediu essa viagem até 1947.

Na Índia, tinha havido anteriormente uma pressão crescente para que o Governo Britânico abandonasse o país, no movimento conhecido como

«Quit India» (Deixem a Índia). Liderado pelo visionário M.K. Gandhi e pelos seus seguidores, este movimento não era apenas uma ação política que visava remover a Índia do domínio colonial e, assim, truncar o Império Britânico, era ao mesmo tempo um movimento de reforma social dentro da Índia. Estes jovens socialistas idealistas viam o seu país não apenas livre do domínio estrangeiro, mas, ao mesmo tempo, a demonstrar uma igualdade compassiva para todos os seus cidadãos.

Foi em Agosto de 1947 que a Índia alcançou a sua independência da Grã-Bretanha e, nessa atmosfera inebriante de liberdade, Krishnamurti regressou sozinho à sua pátria, após uma ausência de nove anos. Contudo, não foi apenas a liberdade do domínio colonial que foi estimulante, mas sim um sentido expansivo de liberdade em relação aos impulsos asfixiantes e algo ditatoriais dos Rajagopal que foi libertador para ele. Durante muitos anos, Krishnamurti tinha vivido em estreito contacto diário com eles, sendo o único alívio as longas caminhadas solitárias. Agora, finalmente, mergulhava no contacto com um grupo de pessoas vital e sério, detentor de uma antiga herança espiritual. O discurso era uma parte diária da vida e Krishnamurti floresceu no seu ambiente.

Notas de Tradução

(Nota: Respeitando a numeração original que surge no texto)

[58] Nota referente ao testemunho do Dr. Benjamin Weinniger sobre a introdução de Krishnamurti junto dos círculos psicanalíticos de Washington e Nova Iorque e a profundidade não-verbal da sua presença psicológica.

[59] Nota relativa à crónica de Ahalya Chari sobre o percurso e o propósito fundacional da Escola de Rajghat, a simbologia do rio Ganges e a abordagem de Krishnamurti face à educação e à condição social na Índia.

Um grupo formou-se em redor dele, incluindo as mentes jovens mais brilhantes da época. Ardendo com a sua recém-encontrada liberdade política, mas saturados com milhares de anos de uma tradição de diálogo investigativo, o grupo uniu-se numa associação duradoura. Desde 1947 até ao presente, este vínculo continuou, enriquecido e animado por um afluxo contínuo de recém-chegados. Vinham de muitas esferas da vida: política e

literária, artística e académica. Muitos eram combatentes pela liberdade que tinham passado o tempo necessário na prisão na luta pela independência do domínio britânico.

... Depois vim para a Índia e vi que as pessoas ali se iludiam igualmente, continuando com as mesmas velhas tradições, tratando as mulheres com crueldade. Ao mesmo tempo, autodenominavam-se muito religiosas e pintavam os rostos com cinzas. Na Índia, podem ter os livros mais sagrados do mundo, podem ter as maiores filosofias, podem ter construído templos maravilhosos no passado, mas nada disso foi capaz de me dar o que eu queria. Nem na Europa nem na Índia consegui encontrar a felicidade. — *Life in Freedom*, 1928

Uma dessas pessoas jovens era Pupul Jayakar, que na altura era uma das combatentes anticolonialistas e uma fervorosa assistente social empenhada em aliviar o fardo das classes desfavorecidas da Índia. Hoje, é uma distinta autora e biógrafa de Krishnamurti e de Indira Gandhi, com quem trabalhou de perto. É uma reconhecida líder cultural e uma das intelectuais de maior destaque na Índia.

Pupul Jayakar

Autora e Biógrafa, Bombaim, Índia

PJ: O Krishnaji regressou à Índia em 1947, após a guerra e uma ausência de vários anos. Em Janeiro de 1948, eu tinha ido ver a minha mãe. Eu era uma assistente social, que tinha interesse e estava envolvida na política. Nessa altura, não tinha qualquer interesse por nada relacionado com uma vida religiosa. O meu pai tinha morrido uns anos antes e a minha mãe nunca recuperara do choque. Havia um velho amigo do meu pai, Sanjeeva Rao, que estivera ligado à Dra. Besant durante muitos anos e que,

na época, era o responsável pela organização da visita do Krishnaji à Índia. Ele tinha vindo ver a minha mãe e, quando lá cheguei, disse-me que ia levar a minha mãe a ver o Krishnaji.

Quando era criança, eu tinha andado na escola teosófica para raparigas em Benares. Lembro-me de ver o Krishnaji por um minuto e de ficar impressionada com a beleza extraordinária do Krishnaji como pessoa. Como não tinha mais nada para fazer, pensei em ir com a minha mãe ver esta pessoa tão bonita. Fomos para a *Carmichael Road*, onde ele estava alojado, e, passado um pouco, o Krishnaji entrou. Se o tivessem visto na altura... foi como a explosão súbita de uma presença, a entrada repentina de uma presença diferente de tudo o que alguma vez se tinha visto. Ele tinha uma grande beleza, que ainda mantém, mas, ao vê-la pela primeira vez, o impacto foi total. Estava vestido com roupas indianas. Lembro-me de que ele costumava rir muito nesses dias, e vinha a rir-se quando entrou. O Sanjeeva Rao apresentou-nos, o Krishnaji sentou-se e a minha mãe começou a falar-lhe detalhadamente sobre o meu pai. Passado um pouco, ele voltou-se para ela e disse: «Amma, veio ter com a pessoa errada. Não tenho simpatia para lhe dar». Isto foi um golpe, eu não percebi o que ele queria dizer. Ele disse: «De qual marido sente falta? Do marido com quem casou, do marido que foi o pai dos seus filhos, ou do homem que ele teria sido se estivesse vivo? Sente falta da memória do homem?». Foi tudo muito confuso. Senti-me um pouco perturbada, angustiada e com um pouco de raiva por ele não conseguir dar à minha mãe o consolo de que ela precisava. Depois voltou-se para mim e perguntou: «E você, o que faz?». Eu disse: «Faço trabalho social».

Ele começou a rir-se. Fiquei novamente muito perturbada por ele se rir disso. Ele disse: é como uma pessoa que leva um balde ao poço, o balde tem um furo e, quanta mais água se deita, mais água corre para fora. Falou desta maneira durante um bocadinho. Estivemos lá cerca de uma hora. Quando voltámos para casa, jurei a mim mesma que nunca mais lá voltaria, mas não conseguia manter-me afastada e, quando soube que ele ia dar algumas palestras públicas, fui ouvi-lo outra vez. Não conseguia perceber uma palavra do que ele dizia, mas voltei a ir. Depois, o Sanjeeva Rao veio dizer-me que o Krishnaji queria que eu fosse às suas palestras mais pequenas. Comecei a ir e, depois disso, já não houve retrocesso.

EB: O que foi dito nessa altura que foi decisivo no seu pensamento?

PJ: Logo desde o início, ele fazia discussões em grupos muito pequenos na Índia, onde doze a quinze pessoas se reuniam em redor dele.

Nesses dias, ele sentava-se todas as manhãs e todos os finais de tarde, e as pessoas entravam, sentavam-se à volta dele e faziam-lhe perguntas. Havia uma abertura tremenda e uma compaixão tremenda que fluíam dele. Comoveu-me profundamente. Lembro-me de que ele costumava falar com os indivíduos, desafiando-os implacavelmente, questionando-os, até que, ao escutá-lo, chegava um ponto em que se conseguia ver. Este instante de ver, que por si só é impossível de descrever, transforma toda a natureza do eu. Aconteceu comigo e acho que esse instante de ver, de escutar, foi para mim a coisa mais significativa que teve lugar; eu vi-me realmente como era naquele instante.

EB: Essa deve ter sido uma experiência avassaladora, e foi a isso que sentiu que não podia voltar as costas?

PJ: Sim, e a partir daí o ensinamento começou a desvelar-se. Ele era silencioso... havia este tremendo fluxo de energia. Dedicava muito tempo, reunia-se com as pessoas em grupos de manhã e ao fim da tarde, realizava pequenas e grandes discussões, dava palestras públicas e um número considerável de entrevistas privadas. O Krishnaji é totalmente diferente em cada uma destas áreas e, quando dava entrevistas privadas, era como se ele se tornasse literalmente um espelho que segurava diante de nós. O Krishnaji individual não existia, era apenas um espelho no qual a própria presença do Krishnaji nos fazia olhar para nós próprios pelo que éramos. Recusava-se a deixar que nos afastássemos da visão do que éramos. Nas discussões, uma das coisas mais interessantes para mim era ver este homem começar ao mesmo nível de todas as pessoas que se sentavam em redor dele. À medida que questiona, questiona-se a si próprio tanto quanto ao outro. Está disposto a recuar e a olhar para o que diz. Acho que outro elemento muito vital era a qualidade de escuta que se manifestava no Krishnaji. Não se estava habituado a esse tipo de escuta. Não creio que exista no mundo. Uma escuta na qual não há movimento do eu. Uma escuta que acolhe, num certo sentido, a totalidade. Sentia-se isso. É algo tangível.

EB: Durante esses anos, conseguiu vê-lo noutro contexto, sem ser como instrutor, de uma forma mais informal?

PJ: Sim. Costumava ir dar passeios de carro connosco. Vinha muitas vezes jantar a nossa casa. Lembro-me de duas ou três coisas muito vividamente. É difícil dizer que o Krishnaji tenha relações pessoais. Cada indivíduo sente um sentido de singularidade na sua relação com o Krishnaji. Ele responde a cada indivíduo fornecendo aquilo que a cada indivíduo falta. Ria imenso e a minha mãe, que era uma cozinheira muito

boa, costumava cozinhar especialmente para ele. Ele gostava de boa comida. Gostava da excelência. Quer fosse na forma como uma casa estava arrumada, ou na forma como uma refeição era preparada ou servida. Participava nas situações de uma forma muito humana.

EB: Mencionou as relações dele e disse que há uma linha, ou talvez algo, onde as pessoas não são capazes de estar em relação total com ele.

PJ: Não, eu digo que quando ele é o instrutor, sentado na plataforma, a dar as suas palestras, não nos conseguimos imaginar a ter uma relação com ele, porque há uma totalidade; ele é um vaso vazio e, no entanto, há uma plenitude total nele. Não há qualquer elemento pessoal nele. Quando dá uma entrevista, embora se sinta o calor, a compaixão, a gentileza e o amor do homem, não há nada de pessoal. Quando o encontramos à mesa do jantar ou andamos de carro com ele, contava e ouvia piadas, perguntava tudo sobre a Índia, tudo sobre os nossos filhos, as nossas famílias e os nossos problemas. Também estava preocupado com a situação das mulheres na Índia. Podia ver-se essa preocupação refletida em muitas das palestras que deu.

EB: Diria que a compreensão dele sobre a situação das mulheres na Índia estava aliada a uma compreensão da pobreza extrema que ali existia?

«Uma compaixão tremenda fluía dele. Comoveu-me profundamente.» *— PUPUL JAYAKAR*

PJ: Não, não tinha nada a ver com a pobreza da Índia. Era a posição social e a posição económica que a mulher indiana tinha na altura, onde dependia do marido. As leis de sucessão não a tinham tornado herdeira na herança do pai. As palestras de Krishnaji estavam cheias de secções onde expressava a sua angústia perante a situação das mulheres na Índia.

EB: Mencionou que ele comparou o trabalho social a carregar um balde com um furo. Ele ainda vê a questão sob esse prisma? Não há outra ação digna de atenção completa na esfera social?

PJ: Costumava dizer-me muitas vezes: «Porque está a perder o seu tempo, Pupul?». No entanto, interessava-se grandemente pelos tecelões e pelo artesanato com que eu estava envolvida. Foi muito estranho, depois de eu ter deixado tudo isso, que foi no ano passado, ele disse: «Sabe, criou isto ao longo dos anos, vai abandoná-lo?». Eu disse: «Porque pergunta? Já acabou». Ele disse: «Mas vai abandoná-lo?». Acho que, para ele, o momento criativo é muito importante. Desse momento criativo as coisas acontecem.

EB: Diria que Krishnamurti teve amizades próximas na sua vida?

PJ: Sim, diria que sim. Aliás, disse-me uma coisa muito estranha pouco tempo depois de o conhecer. Disse: «As pessoas geralmente adoram-me, tratam-me como a sua divindade, ou odeiam-me. Ser um amigo é difícil».

EB: O Krishnaji mostrou um grande interesse por uma variedade de coisas ao longo da sua vida, por automóveis, por roupas; seriam essas áreas onde ele poderia ser mais brincalhão?

PJ: Seria brincalhão. Há um lado dele que relaxa, ri, é humano. Por vezes, um indivíduo que não conhece o Krishnaji pode compreender mal a sua capacidade de relaxar. Está a diminuir em relação ao que era. Não acho que esse lado do Krishnaji seja tão espontâneo como era. Tornou-se muito mais grave.

EB: Disse anteriormente que o seu irmão e a sua irmã estiveram com Krishnamurti em Ootacamund em 1948. Podia falar-nos sobre isso?

PJ: Bem, eu conhecia o Krishnaji há apenas cinco meses. Estava a começar a conhecê-lo, mas ele era ainda em grande parte o estrangeiro desconhecido, se assim me posso exprimir. Ele pediu-nos para irmos a Ooty. Não tínhamos qualquer intenção de ir a Ooty.

EB: Podia dizer-nos primeiro onde fica Ooty?

PJ: Ootacamund, ou Ooty, é uma estância de montanha no sul, em Nilgiris, a uma altitude de cerca de oito mil pés. É densamente arborizada. Tem grandes avenidas e florestas de pinheiros e árvores, prados, é muito verde. O Krishnaji aceitou ficar em casa de um amigo ali durante seis semanas ou algo assim. De repente, recebi uma carta dele a pedir a mim e à minha irmã Nandini para irmos a Ooty. Nós fomos. A Nandini tinha muitos problemas domésticos, tinha uma família inteira, mas fomos. Passadas cerca de duas semanas, ele perguntou-nos subitamente se nos importaríamos de ficar ao final da tarde. Pediu-nos para irmos ao quarto dele. Fomos ao quarto dele. Disse: «Aconteça o que acontecer, não tenham medo. Sob circunstância alguma tenham medo. Se eu desmaiar e a minha boca ficar aberta, fechem-me a boca. Sentem-se apenas a uma distância de cerca de quatro pés de mim. Fiquem apenas a vigiar-ma».

EB: Estavam presentes apenas a Pupul e a sua irmã?

PJ: Sim, apenas nós as duas. Ele começou primeiro por queixar-se de uma dor tremenda no dente. Pensámos que tinha uma dor de dentes, mas

ele disse: «Não, não, não, não compreendem. Não, não, sentem-se quietas». Então sentámo-nos. Depois queixou-se de uma dor tremenda na cabeça e na coluna. Havia uma torrente de linguagem poética que saía dele. Passava o tempo a gemer e depois fluía esta torrente de linguagem maravilhosa.

EB: Essa linguagem fazia parte do ensinamento dele?

PJ: Costumava falar da natureza, de folhas e de pedras, e depois dizia: «Estão a divertir-se imenso comigo. Sabem o que estão a fazer? Estão a esvaziar completamente a minha mente». Tenho isso escrito, não me lembro das palavras exatas hoje em dia. Ele sugeria que havia algumas forças que estavam a trabalhar dentro do seu cérebro, limpando o cérebro, tornando-o totalmente vazio para que pudesse receber. Isto costumava prolongar-se por horas; durava por vezes quatro horas, cinco horas, por vezes seis horas.

EB: Ao longo de um período de noites sucessivas?

PJ: Quinze ou dezasseis noites seguidas. Havia um sentido tremendo de sagrado em todo o lugar. Éramos bastante novas naquilo, mas não podíamos deixar de sentir este sentido tremendo de estar num templo. Não um templo comum, mas uma grande presença. Havia outra coisa muito estranha. Ele passava o tempo a gritar o seu próprio nome. «O Krishna foi-se embora, deixou-me. Oh não, não, ele disse-me para não o chamar. Não o devo chamar, vai ficar muito zangado. Não o devo chamar». Depois, um dia disse: «Eles voltaram, não os veem? Lavados pelas gotas da chuva, sem mancha». Depois de isto continuar por algum tempo, ele desmaiava. A seguir voltava a si e voltava a ser completamente o Krishnaji durante um bocadinho. Depois recomeçava isto... e as três coisas eram a dor tremenda, o sentido tremendo de presença no quarto e o grande fluxo de linguagem.

EB: Quando ele falava dessa maneira, falava com a sua própria voz?

PJ: Quando falava sobre a natureza era a sua própria voz, mas quando costumava chamar pelo Krishna era uma voz diferente. Era uma voz que era uma voz vazia. Totalmente vazia, como se fosse... como hei de dizer? Era uma bolha vazia que o chamava. Havia alturas em que o corpo parecia subitamente crescer. Sentia-se uma plenitude tremenda.

EB: Parecia fisicamente maior?

PJ: Quando se diz isso soa tão estúpido que é difícil de dizer, mas era como se de repente surgisse uma luz.

EB: Ele estaria inconsciente nessa altura?

PJ: Estaria inconsciente nessa altura. Uma vez lembro-me muito bem, foi o fim, ele desmaiou. Ao desmaiar, o seu rosto estava transfigurado pela dor, mas subitamente mudou. Ficou totalmente quieto. Desapareceu cada vestígio de dor. Tornou-se um rosto profundamente meditativo, com uma beleza que não pode ser contida em nenhumas palavras. Limitámo-nos a ficar a vigiar, ficámos com uma sensação estranha de querer juntar as mãos. Depois, foi como se ele saísse do desmaio. Ficou ali deitado e depois voltou-se para nós. Disse: «Viram aquele rosto?». Nós dissemos «sim». Ele disse: «O Buda esteve aqui». Não sei como nos mantivemos equilibradas e sãs com aquilo, porque não sabíamos onde estávamos. Ali estávamos nós como duas crianças perdidas na floresta, subitamente lançadas numa situação que era incompreensível, completamente para além de tudo o que alguma vez poderíamos ter concebido. Depois, um dia, deixou de acontecer.

Outro incidente de que me lembro muito bem, a meio deste período. Fomos dar um passeio. Ele disse que queria caminhar nos bosques. Começou a chover, por isso levámos o carro, pois pensámos que ele se ia molhar e podíamos trazê-lo de volta. Fomos por essa estrada mas não o conseguimos encontrar, por isso voltámos. No espaço de dois minutos, ele entrou no quarto. Estava completamente seco. Nós dissemos: «Krishnaji, por onde caminhou?». Ele disse: «Por aquela estrada». Eu disse: «Não estava lá, nós fomos por essa estrada e não estava lá». Subitamente, ele desligou-se, deitou-se na cama e começou a falar. Disse: «Cobriram-me de folhas, fui coberto com todas as folhas que caem das árvores. Por pouco não voltava». Até ao dia de hoje não sei para onde ele foi caminhar. Disse que fora caminhar por aquela estrada, mas não estava nessa estrada. Foi uma experiência muito, muito estranha para nós.

EB: Durante este período ele manteve as suas atividades habituais?

PJ: Oh, sim. No momento em que passava por isto, ficava perfeitamente bem. Tinha deixado crescer a barba nessa altura. Costumava ir caminhar. Lembro-me de que ele tinha uma grande passada nesses dias.

EB: Ainda tem.

PJ: Costumava descer a colina e nós, às vezes, ficávamos a vê-lo descer. Lembro-me de um grupo de mulheres que carregava lenha na cabeça e que, ao ver esta figura passar a caminhar, retirou as cargas da cabeça e prostrou-se no chão à medida que ele passava.

EB: Chegou a surgir o pensamento de que se deveria chamar um médico nessas alturas?

PJ: Logo no início, sim. Nós dissemos: «Chamamos um dentista?». Ao que ele disse: «Não, não, não, sentem-se apenas. Não tenham medo. Aconteça o que acontecer, não tenham medo». Ele estava muito preocupado em que não houvesse medo. Aquele incidente que teve lugar em Ojai, quando ele disse que dentro de casa sentia tudo sujo. Não conseguia suportar o toque de nada e, por isso, teve de ir para debaixo da árvore, levar uma esteira e deitar-se. Aqui não houve nada disso. Nunca falou de qualquer tipo de poluição. Se há um sentimento com que fiquei, foi um sentido de sagrado. Grande sagrado. [60]

EB: Acha que isto é algo que acontece até ao dia de hoje? Este processo continua a decorrer?

PJ: Não dessa maneira. As presenças que estavam ali naquele quarto, a presença pulsante, acontece por vezes.

EB: Aquelas coisas sobre as quais ele escreveu no *Diário de Krishnamurti* (*Krishnamurti's Notebook*)...

PJ: Sim. Não é uma coisa contínua que tenha lugar.

EB: Durante esse período, ele alguma vez falou dos mestres ou de alguma coisa do género?

PJ: Exceto aquela única vez; «Eles estão aqui, estão aqui. Sem mancha», acho que ele usou essa frase, como gotas de orvalho ou gotas de chuva, mas nunca falou dos mestres. Costumava dizer que eles se estão a divertir comigo. Não me deixam. Sentia que o seu cérebro estava a ser completamente esvaziado.

EB: No *Diário* (*Notebook*), ele fala de o seu cérebro estar a ser esculpido.

PJ: Bem, era esse tipo de coisa que se passava, mas era uma coisa física intensa. O que mais seria, não se sabe.

EB: Qual diria que era a relação entre o físico, a dor disso, e o outro...

PJ: Quando a dor se tornava demasiado grande, ele costumava desmaiar.

EB: Estou a tentar compreender o papel dessa dor.

PJ: Realmente não lhe saberia dizer. Não era possível dizer. Lembro-me de lhe perguntar: «Fala de Krishna como se ele fosse uma pessoa exterior? Existem duas entidades?». Ele disse: «Não, não, Pupul, não é bem assim, não é bem assim». Deu a entender que existe apenas uma entidade.

EB: Conseguiu observar alguma alteração no seu ensinamento após estas experiências?

PJ: Acho que 1948 foi um período em que o seu ensinamento foi, a meu ver, diferente dos ensinamentos que tinham lugar anteriormente. Se foi devido a isto ou a outra coisa qualquer, não sei. Tenho notado que, sempre que ele passa por este tipo de experiência, isso tem um efeito. Não tem um efeito sobre o ensinamento em si, mas os ensinamentos mostram uma nova dimensão. Eu diria que, no que respeita ao ensinamento, consideraria que as fases principais foram 1948, 1960-1961 e 1972-1973. Estas são as três épocas principais. Em 1948, ele levava-nos literalmente pela mão para dentro do autoconhecimento. Conduzia-nos de pensamento em pensamento, até haver um fim do pensamento. Fazia isto, por exemplo, com o pensamento da ganância. Fazia isto com o surgimento do medo. Passava o tempo a dizer: «E depois o que surge? E depois o que surge?», de modo a que começássemos a observar «o que é» à medida que surgia. Também observávamos «o que deveria ser» à medida que surgia no pensamento. De modo a que estivéssemos despertos naquele instante do «o que é». Em 1961, essa fase tinha terminado. Em 1961 ele disse: passo a passo é o processo de análise. Ele apagou tudo isso e disse: o autoconhecimento é necessário, é essencial. Mas preocupou-se com o todo e não com o fragmento, com a visão total de uma coisa. Tornou-se, como tenho dito muitas vezes ao Krishnaji, muito mais abstrato. Era mais pessoal em 1948. Em 1972 não há qualquer relação pessoal no seu ensinamento. É um ensinamento que é absoluto, que não tem relação com o eu pessoal. Enquanto em 1948 havia uma relação com o eu pessoal. Tem havido um aprofundamento, um amadurecimento e um alargamento do ensinamento. Tornou-se universal. Pela primeira vez agora, ele está a falar sobre uma vida de retidão, que é uma vida completamente livre de atividade egocêntrica. Disse que isso é essencial antes que qualquer outra coisa possa ser. Nunca disse isso em 1948.

EB: De modo que tem havido uma mudança constante, na verdade.

PJ: Eu digo que há uma mudança constante; houve uma altura em que ele disse aos membros da fundação que «não tenho nada a ver com as fundações. Não tenho nada a ver com instituições. Não usem o meu nome

nas instituições nem me usem em qualquer sentido como uma autoridade. Não são os meus desejos que estão em causa. Só estou preocupado com o indivíduo e em despertar o autoconhecimento no indivíduo. Não estou preocupado com mais nada». Disse uma vez: «O meu verdadeiro dharma é esse». [61]

Muitos anos antes de conhecer Pupul Jayakar, Krishnamurti abordou uma questão de grande preocupação na Índia e que continua a ser um problema em todos os países do mundo, a oriente e a ocidente, mais de sessenta anos depois. Em 1928, Krishnamurti dirigiu-se à Associação das Mulheres Indianas (*Women's Indian Association*).

A vida é uma só, tanto nos homens como nas mulheres. Porque existe sofrimento, tanto na mulher como no homem, o sofrimento está na mulher como no homem; por isso, dividir os seres humanos em homens e mulheres, logo à partida, é errado. Porque têm corpos diferentes, nós pensamos — os homens pensam — que devem ser tratadas de uma forma diferente e educadas de uma maneira diferente. Mas não sofrem as mulheres da mesma maneira que os homens? Não têm elas as mesmas dúvidas, os mesmos problemas, os mesmos sofrimentos que os homens? Portanto, se olharmos de um ponto de vista mais amplo, o sexo desaparece, como deve ser. Com esse desaparecimento dos compartimentos da humanidade — homens e mulheres — la vida tornar-se-á muito mais simples; e poderemos resolver os problemas que cada um deve enfrentar.

... As mulheres são guardiãs da tradição muito mais do que os homens. Se as mulheres decidissem mudar alguma coisa no mundo, poderiam mudá-la amanhã. São capazes de muito mais autossacrifício do que os homens e, por isso, têm maior força. Mas a mulher que é uma guardiã da tradição, se quer compreender a vida, deve mudar a sua atitude mental. Não deve continuar a ser uma escrava. Uso esta palavra expressamente, porque as mulheres deixam-se dominar. Sei que muitas mulheres concordam comigo quando estão longe dos seus maridos, mas quando regressam aos seus lares, começam os problemas. Aí os homens começam a dominar. Porque haveriam de ceder? Vós sois tão boas como os homens; tendes maior força! Na América, em certas escolas, tem havido greves entre os estudantes porque os professores tratavam os estudantes de uma forma cruel. Portanto, deveríeis formar uma União de Mulheres e fazer greve por coisas que importam. [62]

Notas de Tradução

[61] Nota referente às memórias de Pupul Jayakar sobre a intensa vivência mística e os processos físicos experienciados por Krishnamurti em Ootacamund (1948), bem como a análise sobre as fases de evolução e o caráter progressivamente universal do seu ensinamento.

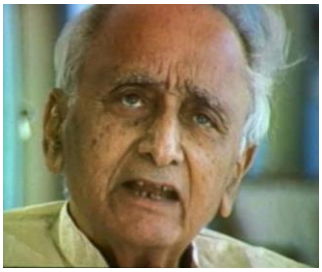
[62] Nota alusiva à alocução de Krishnamurti perante a Women's Indian Association em 1928, focando a desconstrução dos compartimentos de género e o apelo à emancipação e ação social das mulheres contra as estruturas tradicionais de dominação.

— MADRAS, ÍNDIA, 1928

Ela carregava uma grande cesta na cabeça, segurando-a no lugar com uma das mãos; devia ser bastante pesada, mas o balanço da sua passada não era alterado pelo peso. Estava belissimamente equilibrada, o seu caminhar era fácil e rítmico. No braço trazia grandes braceletes de metal que faziam um ligeiro som tilintante e, nos pés, trazia sandálias velhas e gastas pelo longo uso. O seu sári estava rasgado e sujo devido ao uso prolongado. Geralmente tinha várias companheiras com ela, todas carregando cestas, mas nessa manhã estava sozinha na estrada de terra batida. O sol ainda não estava muito quente e, no alto do céu azul, alguns abutres moviam-se em círculos largos, sem um bater de asas. O rio corria silenciosamente junto à estrada. Era uma manhã muito pacífica, e aquela mulher solitária com a grande cesta na cabeça parecia ser o foco da beleza e da graça; todas as coisas pareciam apontar para ela e aceitá-la como parte do seu próprio ser. Ela não era uma entidade separada, mas parte de si e de mim, e daquela árvore de tamareira. Ela não caminhava à minha frente, mas era eu que caminhava com a cesta na cabeça.

Não era uma ilusão, uma identificação pensada, desejada e cultivada, o que seria feio para além de toda a medida, mas uma experiência que era natural e imediata. Os poucos passos que nos separavam tinham-se desvanecido; o tempo, a memória e a grande distância que o pensamento gera tinham desaparecido totalmente. Havia apenas aquela mulher, não um eu a olhar para ela. E era um longo caminho até à cidade, onde ela venderia o conteúdo da sua cesta. Em direção ao anoitecer, ela regressaria por aquela estrada e cruzaria a pequena ponte de bambu a caminho da sua aldeia, apenas para reaparecer na manhã seguinte com a sua cesta cheia. [63] — *Commentaries on Living, Third Series*, 1960

Outro membro do grupo em redor de Krishnamurti era o ousado Achyut Patwardhan. Inflamado de zelo revolucionário, era um líder do povo. Vivendo durante longos períodos na clandestinidade, disfarçava-se para se esconder das autoridades governamentais. Em 1947 veio, desolado, ter com Krishnamurti, pois viu claramente que a luta pela afirmação e pelo poder, contida enquanto o inimigo eram os britânicos, se reafirmava logo que estes partiam, entre os próprios indianos. Além disso, o assassinato de Gandhi, em Janeiro de 1948, lançou o país numa frenesi de fações e desespero. Estas constatações sóbrias levaram Patwardhan a abandonar a vida política e a voltar-se para questões mais contemplativas.



Achyut Patwardhan

Combatente Anticolonialista e Filósofo, Madras, Índia

EB: Krishnamurti funcionava, aparentemente, como um grande guru. De que forma acha que ele era diferente?

AP: Esta é uma pergunta muito interessante. Particularmente para um homem como eu, que começou por olhar para ele como um guru. Em que sentido explicava o Krishnaji que não era um guru? Toda a nossa relação faz-se em termos de obter conhecimento de outrem, obter inspiração de outrem, obter orientação de outrem. Aquilo em que Krishnamurti tem insistido é que, se dependermos de outrem, por muito elevada que seja a sua posição, permanecemos seres humanos de segunda mão. Portanto, temos primeiro de dizer que há coisas que os outros não podem fazer por nós. Claro que existem psicólogos e existem filósofos que nos dão algumas diretrizes muito importantes; um professor de ioga dir-vos-á como sentarmo-nos direitos e como organizar o vosso dia.

Todas estas coisas podem ser úteis, mas o Krishnaji queria que compreendêssemos que há uma função importante que temos de fazer por nós próprios, e que consiste em compreender o que mais ninguém pode fazer por nós: isto é, olhar para o nosso próprio processo do ego. Olhar para o processo do ego é algo que mais ninguém pode fazer por nós e, por isso, ele estava a ajudar-nos a compreender exatamente como o pensamento

opera, como o desejo opera e como todo este mecanismo de ganância opera. Nisto, ele seguia a grande tradição do Buda. E chamava a isto «o processo autossustentado da ignorância, que não tem princípio mas que tem apenas um fim». Estas palavras são reminiscentes das do Buda.

«Krishnamurti era inteiramente diferente porque dizia que a dualidade entre o instrutor e o instruído tem de desaparecer antes que se possa compreender qualquer coisa.» *— ACHYUT PATWARDHAN*

Krishnamurti insistia em que o homem deve compreender que há uma parte do seu desenvolvimento que é alcançada através do conhecimento, da memória, da razão, do pensamento e da reflexão. E há também um ponto em que ele vê o limite do pensamento, vê que o pensamento cria o problema e não pode resolver todos os problemas que cria. Qual é a limitação intrínseca do pensamento? Ele achava que isto era algo que o homem tem de sondar por si próprio e que a resposta deve ser procurada dentro de si mesmo. A capacidade e o desejo de procurar um problema e procurar uma resposta por si próprio significava que não se pode dar ao luxo de depender de outrem para a fonte da sua inspiração ou para a sua iluminação.

O que se necessitava, acima de tudo, era de compreender o processo do ego. Ora, o processo do ego é diferente. Quando se diz «eu», é um ponto egocêntrico, mas quando se diz «o processo do ego», é o «eu» de toda a gente; inclui toda a gente. Portanto, usa-se o «eu», usa-se o próprio cérebro e os próprios processos de pensamento para compreender o processo do ego. Este é um importante fator impessoal. Desta forma, Krishnamurti era inteiramente diferente, porque dizia que a dualidade entre o instrutor e o instruído tem de desaparecer antes que se possa compreender qualquer coisa, e a compreensão consiste em acabar com esta dualidade.

UMA ANEDOTA: Lembro-me de estarmos sentados, alguns de nós juntos, e alguém disse: «Qual é o seu ensinamento, Krishnaji?». E o Krishnaji olhou de forma um pouco severa e disse: «Não há ensinamento». Para aqueles de nós que o escutavam, esta resposta não criou problemas, porque sabíamos que o que ele tentava comunicar é que, se dissesse alguma coisa, esta tornar-se-ia imediatamente conhecimento e seria guardada na memória e trazida para uso sempre que necessitássemos dela, e, nesse sentido, ele não ia oferecer algo para fazer de nós seres humanos de segunda mão. Portanto, sentimo-nos castigados e ficámos quietos. E, passados alguns momentos, ele voltou-se novamente e disse: «É muito simples. Onde tu estás, o outro não está», e voltou-se para o lado. [64]

A revolução, esta revolução psicológica e criativa na qual o «eu» não existe, surge apenas quando o pensador e o pensamento são um só, quando não há dualidade como a do pensador a controlar o pensamento; e eu sugiro que é apenas esta experiência que liberta a energia criativa que, por sua vez, provoca uma revolução fundamental, a rutura do eu psicológico. — *The First and Last Freedom*, 1954

A bela e brilhante Sunanda Patwardhan, cunhada de Achyut, era um dos membros do grupo central em redor de Krishnamurti nessa altura. Continua ativamente envolvida no trabalho de Krishnamurti e, com o seu marido Pama, está a trabalhar no sentido de fundar outra escola de Krishnamurti em Poona.

Sunanda Patwardhan, Ph.D.

Socióloga, Poona, Índia

SP: O Krishnaji é um dos maiores instrutores da humanidade. Não é como se outros instrutores não tivessem falado sobre o fim do sofrimento, o fim do processo do ego e a natureza da transcendência; mas para mim, e tenho a certeza de que para os milhares de pessoas que o escutaram, os ensinamentos de Krishnaji trazem certas características únicas. Antes de mais, ele aponta para o facto de que o destino da humanidade é um todo indivisível. Não se trata apenas de uma questão da sua salvação pessoal, de ir meditar e depois acabar com a fonte de conflito para si próprio. Pelo contrário, na medida em que nos mudamos a nós próprios, transformamos o mundo, e por isso é nossa responsabilidade mudarmo-nos a nós próprios. Portanto, a sua afirmação primária ou sutra, de que «vós sois o mundo e o mundo é vós», acho que é muito importante. Cada um de nós é responsável por mudar este mundo de ódio, de conflito, de antagonismos, de divisão em

diferentes grupos de pessoas, como hindus, como muçulmanos, como indianos. Essa é, creio eu, a singularidade deste ensinamento.

EB: Poderia falar sobre a dimensão física do ensinamento de Krishnamurti?

SP: O Krishnaji mostra a importância do papel dos sentidos em provocar uma quietude da mente e em despertar uma nova sensibilidade. Não é através da supressão dos sentidos; não é através da negação ou da sublimação dos sentidos, mas antes através do despertar dos vossos olhos, dos vossos ouvidos, do vosso tato, do olfato, de tudo. Geralmente, usamos ou estamos conscientes de apenas um ou dois sentidos de cada vez, ao passo que ele fala de todos os sentidos a operarem simultaneamente. Então pode haver a base para um estado não-verbal profundo. Este despertar dos sentidos tem em si vibração e vitalidade sem um centro.

EB: Disse há pouco que um instrutor como Krishnamurti só aparece uma vez em cada mil anos. Pode explicar o que quer dizer com isso?

SP: Sabe, o Buda pertenceu às grandes tradições de rutura da Índia. Isso foi há mais de 2500 anos. Ele repudiou tudo o que era tradicional, ritual, ritos, ortodoxia, etc. Tal como o Buda, o Krishnaji rompeu com a corrente principal da tradição indiana. Foi criado negando a sua língua materna e ensinaram-lhe inglês e francês. De certa forma, foi criado para falar a toda a humanidade na língua inglesa, que é compreendida em muitos países do mundo. Acho que isto é algo muito significativo, para que tudo o que ele diz possa ser compreendido diretamente por muitas pessoas em muitas partes do mundo.

EB: Existem centenas de gurus e Krishnamurti, num certo sentido, funcionou como um guru. De que forma era ele diferente?

«O Krishnaji era inteiramente diferente e único porque era muito enfático ao dizer que não existe autoridade espiritual.» *— SUNANDA PATWARDHAN*

SP: Acho que o Krishnaji era inteiramente diferente e único porque era muito enfático ao dizer que não existe autoridade espiritual; que não existe autoridade de espécie alguma em assuntos espirituosos. Muitas pessoas podem ter olhado para ele como um guru; era conhecido como o guru que era um não-guru. Pedia a cada um de nós para ser responsável por si próprio nesta jornada de investigação; não há autoridade na vida espiritual. Portanto, nunca dava respostas. Dizia: «Olhai para o problema. O problema revelar-se-á, tendes de investigar, tendes de observar o que é e,

nessa mesma observação, o que é revelar-se-á e uma transformação pode ter lugar. Para que isto aconteça, nenhum guru vos pode guiar. Se estais a sofrer, se estais num estado de agitação, nenhum guru vos pode ajudar. Tendes de o observar, e isso desperta uma capacidade de ser independente e de investigar em liberdade desde o início».

EB: O afeto tinha algum lugar nos ensinamentos de Krishnamurti?

SP: Eu diria que a emoção não tinha lugar nos seus ensinamentos. O sentimento não tinha lugar nos seus ensinamentos. A mera resposta do intelecto também é limitada; não tem base de afeto e sensibilidade na relação entre os seres humanos. É apenas quando nós, seres humanos, nos unimos em afeto que pode haver uma nova qualidade no nosso viver quotidiano. Ele certamente deu uma importância tremenda ao afeto e ao amor. Se tivermos isso, as relações não colocam qualquer problema.

Lembro-me de uma conversa com ele. Um amigo meu disse-me: «Sabe, nos ensinamentos de Krishnaji há lugar apenas para a compaixão. Não há lugar para o afeto humano comum, para o prazer ou para a afeição. Como se vive então?». Mais tarde, quando me encontrei com o Krishnaji, falei-lhe sobre isto. Ele disse: «A compaixão é uma coisa muito vasta, pode ser bastante abstrata. Muitas pessoas não conseguem compreender ou conceber o que é a compaixão. É muito difícil. Mas essa compaixão pode tocar uma pessoa. Pode relacionar-se com um indivíduo e, quando isso acontecer, compreendê-la-á». A compaixão pode continuar a ser um conceito, mas o afeto pode sentir-se onde não há preconceito, não há exigências de reciprocidade. Então é possível ter uma compreensão sem esforço e empatia mútua.

EB: A presença do instrutor impedia de alguma forma a compreensão daquilo de que ele estava a falar?

«O Krishnaji está a dirigir-se à humanidade, que já se aproximou mais uns dos outros como uma aldeia global. Ele está a dirigir-se à humanidade como uma única unidade.» *— SUNANDA PATWARDHAN*

SP: O que faz a presença de uma pessoa que é uma chamada «pessoa realizada», uma testemunha dessa inteligência e compaixão supremas? Temos descrições nas escrituras, nos livros, desses estados de «alteridade», de transcendência. Mas quando uma pessoa vive realmente na presença de uma tal pessoa, experiencia uma qualidade diferente porque há uma comunicação em silêncio daquilo que é sagrado, não apenas através da palavra, do símbolo ou do pensamento. A presença viva de um indivíduo

que é uma testemunha e um detentor dessa extraordinária dimensão sagrada e energia pura tem um significado que está para além de toda a medida.

EB: De que forma mudou Krishnamurti à medida que envelhecia e refletiu-se essa mudança nas palestras?

SP: Acho que o Krishnaji mudou imenso ao longo dos anos. Conheci-o primeiro em Madras, quando ele veio à Índia em 1947. Evidentemente, falando pessoalmente, apaixonei-me absolutamente pelos ensinamentos, por ele, e isso significou uma enorme mudança no rumo da minha vida. Era um prazer estar com ele; caminhava connosco, conversava connosco, era uma grande diversão estar com ele, à parte da seriedade do ensinamento em si. Eu diria que, talvez por volta do final dos anos cinquenta, este fator pessoal começou gradualmente a diminuir. Pessoalmente, observei que ele se tornou mais severo, muito sério e, a partir daí, houve muito pouco de pessoal nele. Conseguia ver que ele estava profundamente preocupado com o estado da humanidade. Durante cinquenta anos tinha ensinado, falado e viajado por todo o mundo. Porque é que nem uma única pessoa se tinha transformado? Ele estava certamente preocupado com este problema. Portanto, quase não havia lugar para o fator pessoal.

EB: Acha que o ensinamento de Krishnamurti pode criar as bases para uma nova civilização?

SP: Sinto que sim, embora possa não ser capaz de o fundamentar; é apenas um pressentimento intuitivo sobre este rumo. Hoje, o Krishnaji está a dirigir-se à humanidade, que já se aproximou mais uns dos outros como uma aldeia global. Ele está a dirigir-se à humanidade como uma única unidade. Portanto, a consciência humana está a ser interpelada, a ser tocada através da palavra e através da não-palavra pela sua presença e, consequentemente, toda a corrente da consciência humana está a ser afetada em profundidade. Este despertar da consciência coletiva da humanidade poderia ser a base para a libertação de um novo processo criativo. Novas energias na perceção, nas relações, podem ser libertadas. Podemos estar relacionados com outros seres humanos sem imagens; um novo processo criativo é posto em marcha, em diálogo connosco próprios, em diálogo com a natureza, em diálogo com as pessoas.

EB: Existem aspetos dos ensinamentos de Krishnamurti que só se podem compreender de forma não-verbal?

«A palavra é muito limitada e o pensamento é limitado... Nós observámos tudo isto — e a palavra não é a coisa.» *— SUNANDA PATWARDHAN*

SP: Todos sabemos que a palavra é muito limitada e o pensamento é limitado. A nossa relação mútua baseia-se no prazer, na dor, na dependência e na insegurança mútuas. Observámos tudo isto — e a palavra não é a coisa. Não apenas porque o Krishnaji o disse, mas porque nós também o compreendemos. Uma das grandes coisas que ele disse foi que as imagens na relação impedem de estar realmente relacionado com o outro. É apenas quando há sensibilidade, uma escuta, uma partilha sem querer nada, que há uma verdadeira relação. Uma das bases da qualidade não-verbal é ser sensível e estar relacionado em afeto uns com os outros. Se os seres humanos se conseguirem amar uns aos outros, ter afeto uns pelos outros, talvez encontremos uma saída para todo o extraordinário caos deste mundo. [65]

Vi pessoas que desejavam servir a irem para os bairros onde vivem os pobres e os degradados. Desejavam ajudar, mas estavam elas próprias indefesas. Como pode curar outrem de uma doença se é você mesmo vítima dessa doença? — *Life in Freedom*, 1928

Pama Patwardhan, tal como o seu irmão Achyut e a sua esposa Sunanda, teve uma ligação de longa data com Krishnamurti. Sendo um dos membros do grupo criados no fervor revolucionário, ele também viera a ver a vida noutros termos que não os que o socialismo fornecia. As respostas não eram para ser encontradas apenas através de retoques na estrutura social exterior, mas sim olhando para as mudanças que cada um pode efetuar no seu interior.

Pama Patwardhan

Editor e Secretário da Fundação Krishnamurti da Índia

EB: Perguntou-se a Krishnamurti se a pessoa comum o conseguia compreender. O que respondeu ele?

PP: Acho que, pela forma como estava a desvelar os seus ensinamentos, ele pretendia que qualquer pessoa, sem qualquer conhecimento especial ou erudição, devesse ser capaz de acolher e trabalhar com os seus ensinamentos. Ele sentia que aquelas pessoas que se tinham especializado em filosofia ou em qualquer área específica se tinham tornado eruditas, e para elas era difícil compreender e acolher os seus ensinamentos. Negar o seu conhecimento e escutar realmente Krishnamurti

era algo que um homem erudito considerava difícil. Devido à sua erudição, ele vai comparar, contrastar, vai avaliar. Não estava realmente a escutar. Acho que um homem comum seria capaz de compreender o que o Krishnaji dizia melhor do que uma pessoa que fosse erudita.

EB: Qual era a posição de Krishnamurti sobre a ação social?

PP: Tem sido muito difícil na Índia as pessoas compreenderem a sua posição sobre a ação social. Há tanta desigualdade, tanta miséria, tanta provação, tanta privação que qualquer pessoa sensível, qualquer pessoa com uma visão do mundo, consideraria que a ação social é a coisa certa a fazer. Esta questão surgiu especialmente durante o movimento *Bhoodan* de Vinoba Bhave de «regresso à terra». Ele tinha iniciado a sua viagem a pé na Índia para a doação de terras, declarando que «a terra, tal como a água, não podia ser propriedade de ninguém», que as pessoas com excesso de terra deveriam doá-la. Estava a atrair um grande número de seguidores.

O Krishnaji sentia muito fortemente que este tipo de ação social era fútil, que não produziria as mudanças básicas que os ativistas sociais tinham em mente. Seria sempre uma espécie de mudança cosmética, periférica. Aqueles que se voltavam para a ação social, ele também sentia que eram diferentes, pois tinham um grande potencial, um grande sentimento pelo homem comum, pelo seu sofrimento. Em vez de se voltarem para a ação, se se voltassem para uma mudança fundamental na psique humana, seriam capazes de ir realmente à raiz do problema. Descobrimos que o que ele dizia era tão verdadeiro.

Notas

[63] Nota referente ao excerto literário de Commentaries on Living, Third Series (1960), que evoca a observação lírica e a perceção de não-separatividade face à figura da mulher indiana na estrada de Madras em 1928.

[64] Nota alusiva ao depoimento do filósofo Achyut Patwardhan quanto à desconstrução do papel tradicional do guru por parte de Krishnamurti, à limitação do pensamento e à dissolução da dualidade entre mestre e discípulo.

[65] Nota correspondente à perspetiva sociológica de Sunanda Patwardhan sobre a responsabilidade global expressa no sutra «vós sois o

mundo», o papel simultâneo dos sentidos na quietude mental, e a centralidade do afeto não-ideológico na relação humana.

A minha família e eu estávamos grandemente envolvidos na ação política pelo movimento de libertação e na ação social pela revolução da terra. Não conseguíamos compreender por que motivo o Krishnaji era tão contra tudo isto e, entre nós, costumávamos dizer: «Bem, há algo de que o Krishnaji está a falar que nós não compreendemos». Mas, passados vinte e cinco anos, todos esses movimentos falharam — nada resultou daí. Vimos com os nossos próprios olhos a verdade daquilo de que ele falava. Estávamos muito longe do nosso objetivo. O movimento não produziu nenhum dos resultados que tínhamos pensado. Teria sido muito melhor se nos tivéssemos voltado para o problema básico da miséria humana, que é voltarmo-nos para o interior, que é ir à raiz do problema em nós próprios, em vez de tentarmos reformar a sociedade.

Mas, quando há pobreza ao nosso redor, não podemos simplesmente dizer que estamos a trabalhar em nós próprios e não fazer nada. Mas o Krishnaji sempre dissera que devemos manter o nosso quarto limpo, que temos um certo dever; devemos a nós próprios e à sociedade fazer tudo o que for possível para corrigir a desigualdade, a miséria das pessoas ao nosso redor. Mas não podemos fazer disso o foco da nossa ação e da nossa vida, sabendo que o foco está no nosso interior. A menos que esse centro esteja quieto, a menos que compreendamos as várias causas da miséria, o mero agir no exterior é fútil.

EB: Qual foi o impacto do ensinamento de Krishnamurti na sua vida?

PP: O impacto foi tão tremendo, tão profundo. Embora eu escutasse o Krishnaji desde 1948, entrei em contacto muito mais próximo com ele quando me tornei secretário da Fundação em 1976. Acho que, depois disso, o impacto foi tão grande que não sou a mesma pessoa. Eu costumava ser competitivo quando estava nos negócios. Não estava consciente de muitos problemas da vida em geral ou da minha própria vida. Fechei-me tornando-me insensível, o que eu não sabia na altura. Agora, ao olhar para trás, vejo quão fechado me tinha tornado, quão egocêntrico. Mas quando entrei em contacto mais próximo com o Krishnaji, ele costumava apontar as coisas e, à medida que me orientava completamente para a compreensão dos ensinamentos, vejo agora que não sou o mesmo homem. Não estou a afirmar que estou transformado ou algo do género, mas acho que estou muito mais sensível. Estou fora de muita confusão, conflito e miséria em

que os homens geralmente se envolvem. Acho que os ensinamentos me afetaram profundamente. Tem sido algo tremendo para mim. Acho que, se uma pessoa conseguir prestar atenção àquilo de que o Krishnaji está a falar, toda a qualidade da sua vida será diferente, ela será um ser humano melhor. [66]

Queremos provocar mudanças no mundo — mudanças económicas, mudanças sociais, mas parece-me que não se pode realmente provocar uma mudança exterior significativa a menos que haja uma revolução, uma transformação psicológica radical. — *London Talk 5, 1949*

Queremos a transformação através da legislação, através da revolução exterior, através de sistemas, mas no entanto continuamos interiormente não transformados. Interiormente estamos perturbados, estamos confusos; e sem trazermos ordem, paz e felicidade ao nosso interior, não podemos ter paz e felicidade exteriormente no mundo. — *Bombay Talk III, 1948*

Ingram Smith conheceu Krishnamurti em 1938, mas foi em 1949, quando era controlador de programas da Rádio Sri Lanka, que surgiram oportunidades mais extensas para caminhar e conversar com Krishnamurti. Ele continuou o seu trabalho frutífero durante muitos anos. As suas histórias e recordações são muitas e variadas. Esta é apenas uma das muitas. Foca-se num encontro com o mestre. Durante a associação de juventude de Krishnamurti com a Sociedade Teosófica, a crença nos mestres era um dogma fundamental da organização, como se disse anteriormente. Blavatsky, Besant, Leadbeater e outros falaram todos sobre receber mensagens significativas através de mestres visíveis e invisíveis. O próprio Krishnamurti teria escrito o pequeno livro *Aos Pés do Mestre* (*At the Feet of the Master*) na sequência da sua iniciação. Nesse evento, o seu suposto Mestre Kuthumi (o Koothumi ou KH) ter-lhe-á dado certas instruções que, ao serem escritas, se tornaram esse livro bem conhecido.

Talvez uma das experiências pessoais mais significativas de Krishnamurti me tenha sido contada em Dezembro de 1949. Foi durante a visita de Krishnamurti a Colombo, quando vínhamos de carro a sair da cidade para a nossa caminhada rápida ao fim da tarde. Gordon Pearce, que conhecia Krishnamurti desde a sua infância e que viria a ser o diretor da Escola de Rishi Valley no final desse ano, estava sentado no banco da frente, e o Krishnaji e eu atrás. O Gordon gostava de falar dos velhos tempos e, nessa tarde, estava a questionar o Krishnaji sobre esses primeiros dias.

«É verdade», perguntou ele, «que costumavas falar com o Mestre Kuthumi?» «Chegaste realmente a vê-lo e a falar com ele?»

Foi uma grande surpresa para mim quando o Krishnaji respondeu: «Sim». Após uma pausa, repetiu: «Sim, falava».

Depois passou a explicar o que se passava. Contou-nos que tinha falado com Kuthumi numa série de ocasiões, geralmente de manhã cedo enquanto meditava. Uma manhã, logo após o nascer do sol, Kuthumi apareceu à porta do quarto de Krishnamurti. Conversaram durante um bocado, até que o Krishnaji, que já tinha participado em discussões semelhantes antes, decidiu que queria mais do que uma comunicação verbal, não apenas palavras. Precisava de algum contacto tátil, de encontrar e tocar realmente em Kuthumi. Então levantou-se e caminhou até à porta iluminada pelo sol.

Depois vieram as palavras reveladoras.

«Caminhei mesmo através da figura. Voltei-me para trás. Não estava lá ninguém. Nunca mais voltei a ver o Mestre Kuthumi.»

Não houve mais perguntas. Continuámos a viagem em silêncio. [67]
— Ingram Smith, Colombo, Sri Lanka, 1949

Para ir muito longe é preciso começar muito perto, e o perto sois vós, o «vós» que deveis compreender. E à medida que começardes a compreender, vereis que há uma dissolução do conhecimento, de modo a que a mente se torne totalmente alerta, atenta, vazia, sem um centro, e apenas uma mente assim é capaz de receber aquilo que é a verdade. *— Bombaim, 1957*

«“Valha-me Deus, eu já tive um mito”, disse ele, “eu tinha o mito de que ia ser o instrutor do mundo quando, na verdade, eu era um jovem comum nessa altura — e queria fazer tudo o que um jovem quer fazer: apaixonar-se, andar de mota, correr por aí — eu era apenas um jovem. Tive uma luta entre o mito e o facto.”»

— DORIS PRATT

Durante o início dos anos cinquenta, tinha havido uma carga de viagens e palestras especialmente pesada. Em Agosto de 1950, Krishnamurti sentiu a necessidade de um afastamento completo — um retiro — que deveria durar um ano, mas que na verdade se prolongou até Janeiro de 1952. Embora tenha viajado um pouco, não falou publicamente. No final deste período, deu uma série de doze palestras em Vasanta Vihar,

Madras, e continuou com o seu calendário regular de intervenções em Londres, Holanda, Ojai, etc.

O ano de 1953 assistiu à publicação do seu primeiro livro importante, *A Educação e o Significado da Vida* (*Education and the Significance of Life*), deixando de lado a questionável obra de juventude *Aos Pés do Mestre*. Seguiu-se-lhe, em 1954, *A Primeira e Última Liberdade* com um prefácio de Aldous Huxley, parte do qual apareceu anteriormente neste livro. Estas obras foram o início de um fluxo constante de cerca de cinquenta livros que saíram ao longo da sua vida e que continuou após a sua morte.

A saúde débil atormentou-o ao longo dos anos e ele era frequentemente acometido por febres, algumas mais graves do que outras. Krishnamurti era um homem frágil, com a sua constituição inerente enfraquecida pelas doenças da infância. Foi apenas através do cuidado extremo que tinha com o seu corpo que conseguiu sobreviver até à velhice. Era meticuloso com a sua dieta (foi vegetariano toda a vida) e praticava exercício regularmente. A prática diária de ioga mantinha-o flexível e ágil — ele defendia que, para si, o ioga não dizia respeito a nada a não ser à força física e à flexibilidade, e não era um «exercício espiritual». As caminhadas diárias eram uma constante na sua vida. Não só faziam parte do seu regime físico, como também lhe davam o sustento da comunhão com a natureza.

Durante esses anos, outra escola foi fundada em Bombaim por Nandini Mehta, irmã de Pupul Jayakar. Ela fora um dos membros do grupo inicial que se formou em redor de Krishnamurti quando este regressou à Índia em 1947. Ela e a Pupul tinham estado em «Ooty» enquanto decorria a continuação do estranho «processo». A escola, chamada Bal Anand, é um centro de tempos livres onde crianças pobres e da rua se reúnem para participar em artes, artesanato e em ioga. Proporciona um oásis para crianças desfavorecidas através de um ambiente acolhedor e enriquecido com atividades culturais. A escola tornou-se, desde então, parte da Fundação Krishnamurti da Índia.

Vários anos mais tarde, durante as contínuas viagens que eram o próprio tecido da vida de Krishnamurti, os acontecimentos mudaram drasticamente de rumo. Ele tinha voltado a ficar gravemente doente enquanto se encontrava na Índia. Uma viagem planeada para palestras em Helsínquia, Londres, Biarritz, Ojai e Sydney teve de ser cancelada. Durante um período de convalescença na Suíça com Rajagopal, a frágil relação

entre os dois homens atingiu o ponto de rutura e nunca mais recuperou verdadeiramente. Entre outras coisas, Rajagopal disse que se tinha cansado de ser o «agente de viagens» de Krishnamurti. Partiu, deixando apenas o dinheiro estritamente suficiente para cobrir a conta do hotel.

Durante esse período de turbulência, contudo, uma nova ideia tinha estado a germinar. Em vez das viagens incessantes, por que não um centro na Europa onde pudessem realizar-se encontros anuais? As viagens ficariam então restritas a apenas três ou quatro locais por ano. Esse foi o nascimento dos encontros de Saanen, que duraram vinte e cinco anos a partir de então.

Três mulheres inglesas foram as grandes responsáveis pelo trabalho dinamizado em Inglaterra e, mais tarde, na Europa. Eram Doris Pratt, Mary Cadogan e Dorothy Simmons. Doris Pratt organizara durante alguns anos o trabalho em Inglaterra. Atuava, num certo sentido, como delegada de Rajagopal, reportando-lhe e entregando todas as finanças com uma contabilidade rigorosa do dinheiro gasto. A Doris permaneceu amiga e colaboradora até à sua morte.

Doris Pratt

Organizadora das Palestras de Krishnamurti, Londres

Lembro-me de uma entrevista, uma vez, com o Krishnaji, quando lhe disse que queria discutir o meu problema. O problema era que eu queria deixar de fumar. E ele disse-me: «Menina Pratt, tem estado a falar-me sobre o seu problema, mas na verdade existem quatro coisas: há a primeira, o facto é que fuma. Depois vem o mito de que fuma e gosta. A segunda é o mito de que gostava de não fumar, e depois vem o ideal, gostava de conseguir ser o ideal, alguém que nunca fumou; e em quarto lugar, há o vazio interior que nos faz ou fumar, ou dedicarmo-nos ao sexo ou a outra coisa qualquer. De modo que tinha uma luta entre o facto e o vazio, e no meio estava o mito». E depois disse: «Valha-me Deus, eu já tive um mito». Disse: «Eu tinha o mito de que ia ser o instrutor do mundo quando, na verdade, eu era um jovem comum. Nessa altura — e eu queria fazer tudo o que um jovem quer fazer: apaixonar-se, andar de mota, correr por aí — eu era apenas um jovem. Tive uma luta entre o mito e o facto».

A Doris teve a oportunidade inicial de ter longas discussões ponderadas com Krishnamurti. Numa delas, ele abordou a natureza do pensamento e a sua relação com o amor:

O pensamento destrói o amor, não é verdade? Porque enquanto a mente está ocupada a pensar, é uma mente inútil; está ocupada; anda às voltas e voltas nas suas próprias ocupações, nos seus próprios interesses, e só pode haver amor quando há uma base de vazio, de silêncio, que o amor possa preencher. O amor não pode entrar enquanto o pensamento está lá, pois não? Acho que não pode. Podemos dizer que amamos, mas o amor que conhecemos é possessivo. Inclui o ciúme e inclui a inveja e o medo, o medo de o perder; mas o amor de que ele falava, e que exemplificou e viveu tão magnificamente, é um amor que não conhece tais restrições e provém de um silêncio profundo.

A confissão ambígua de Krishnamurti sobre o seu papel revela-se nesta afirmação inicial feita a Doris Pratt:

«As lágrimas de todo o mundo produziram o instrutor do mundo.» [68]

PERGUNTA: DE QUE MANEIRA SE DEVE VIVER A VIDA QUOTIDIANA?

Se tivesse apenas uma hora de vida, o que faria? Não organizaria os seus assuntos terrenos e assim por diante?... pediria perdão à família e aos amigos?... e perdoar-lhes-ia? Não morreria completamente para as coisas da mente, para os desejos e para o mundo? E se isso pode ser feito durante uma hora, então também pode ser feito durante os dias e anos que possam restar. — *Commentaries on Living, 1956, 1959, 1960*

A guerra tinha agitado e mudado vidas por todo o mundo, trazendo para questionamento velhos valores e formas de pensar. Uma das pessoas que procurava novas respostas na altura era Mary Cadogan. Ela conta a história de como começou a busca e quais seriam as suas consequências. Durante cerca de trinta anos, Mary Cadogan trabalhou para o *Krishnamurti Foundation Trust*. Tem sido especialmente ativa na coordenação do trabalho dos vários Comités Europeus e na orientação da publicação dos livros de Krishnamurti. Ela própria é uma autora consagrada.

Mary Cadogan

Autora, Londres, Inglaterra

MC: É interessante discutir isto, porque sou de uma geração que chegou a Krishnamurti de uma forma nova no final dos anos 1940, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, o seu público fora maioritariamente teosófico. Pessoas que outrora tinham estado na Ordem da Estrela, especialmente. Após a guerra, Krishnamurti começou subitamente a atrair muitos jovens que não tinham nada desse percurso e que o viam num contexto inteiramente novo. Este foi o início lento daquilo que viria a tornar-se uma explosão de interesse no início dos anos 1960.

Ele esteve na América ao longo da guerra e sem contacto com o público e os leitores europeus. Em meados dos anos 1940, eu era uma jovem e, tal como outros que tinham sobrevivido à guerra, estava extremamente consciente da vida como algo infinitamente precioso. Queríamos realmente descobrir como usá-la, e não ficar novamente encurralados nos terríveis conflitos do nacionalismo. Senti que aquilo que procurava se encontrava na esfera das religiões, mas não sabia dizer exatamente o que era. Analisei a religião com a qual tinha crescido, que era o cristianismo, e descobri que, para mim, não dava todas as respostas. Era simplesmente o meu condicionamento.

«Achei-o mais austero do que tinha antecipado... Na verdade, ele era premente, apaixonado, intenso — de certa forma extremamente severo com o seu público.» *— MARY CADOGAN*

Durante os anos da guerra, tinha percebido que o condicionamento religioso e político era aparentemente um acidente de nascimento, e que deveria haver algo acima e além das ortodoxias limitadas e das opiniões recebidas. Se, por exemplo, eu tivesse nascido apenas algumas centenas de milhas para leste, teria sido alemã, e estaria «do outro lado» durante o conflito. E estava fortemente consciente do contexto cultural do povo judeu porque um grande número deles tinha vindo para o sul de Inglaterra como

refugiados do nazismo; eu tinha andado na escola com raparigas de vários países diferentes que nunca teria conhecido se não tivesse sido a guerra.

Portanto, em meados dos anos 1940, andava a investigar outras abordagens religiosas — o ioga, o Ramakrishna Vedanta e, depois, a Teosofia. A Teosofia era atraente no seu internacionalismo mas, no que a mim dizia respeito, parecia demasiado fácil nalgumas das suas explicações místicas. Mas apresentou-me livros de Krishnamurti e, assim que comecei a lê-los, percebi que havia ali algo diferente do que eu conhecia, escrito por alguém que tinha uma forma única de usar as palavras. Senti isto mesmo nos seus primeiros escritos porque apontavam para aquilo que estava além das palavras; o incomensurável. Naturalmente, li também os seus livros posteriores e respondi-lhes. Não só Krishnamurti usava a linguagem de uma forma extraordinariamente sensível mas, mesmo ao nível da lógica, o que dizia era inexorável e impossível de negar.

Contudo, ao início, resisti um pouco. Disse para mim própria: «Este homem tira-nos as muletas antes de nos mostrar como caminhar». O que, claro, ele faz! É de uma revolução que ele falava, uma revolução pessoal, individual: uma mudança fundamental de cada valor que alguma vez se tivesse mantido, incluindo todas as imagens de nós próprios, subtis e muito profundas. Até aí, a minha busca religiosa fora de uma natureza bastante reconfortante, mas subitamente, através de Krishnamurti, vi a transparência da indumentária complicada com que tinha envolvido o ego.

EB: Poderia descrever qual foi a sua reação quando conheceu Krishnamurti pela primeira vez?

MC: Sim. Conheci-o pela primeira vez no início dos anos 1950, quando ele estava a dar palestras em Londres. Eu vivia então na província, a cinquenta milhas de distância. Quando o meu marido e eu soubemos que ele vinha a Londres, foi uma emoção tremenda, mas fiquei bastante desorientada com a realidade de ver Krishnamurti. Tinha esperado que ele fosse bonito e carismático, o que ele era, mas achei-o mais austero do que tinha antecipado. Devo ter tido a imagem de alguém de quem emanaria um tremendo fluxo de calor e serenidade. Na verdade, ele era premente, apaixonado, intenso — mas, de certa forma, extremamente severo com o seu público. Ao longo dos anos em que o conheci, transpareceu mais ternura. Também mais sentido de uma comunicação realmente individual, de modo que, mesmo quando falava para várias centenas ou várias milhares de pessoas, conseguia ainda gerir as coisas como se estivesse na realidade a

falar com um amigo. Nesses primeiros tempos, acho que ele não conseguia fazer bem isso.

Tive a grande sorte de a Doris Pratt, a pessoa que estava a organizar essas palestras de Londres, perguntar se gostaríamos de conhecer Krishnamurti após a sua intervenção, e claro que eu disse «sim». Encontrámo-lo numa sala pequena e fiquei então com uma impressão inteiramente diferente dele, porque havia todo o calor de estar na presença de alguém que nos dedicava a sua total atenção. Estar na receção disto foi uma experiência profundamente gratificante. Todas as nuances de exploração de um ser humano por outro reduziram-se a cinzas absolutas na sua presença. Embora houvesse uma atenção vital, não havia nem de longe qualquer aproveitamento emocional. Isto intrigou-me; percebi, mesmo neste primeiro encontro curto — e desde então senti-o muitas vezes —, quão extraordinariamente aberto ele era. Num certo sentido, embora fosse um homem, tinha transcendido a masculinidade ou a feminilidade. Não era um homem nem uma mulher, nem do Oriente nem do Ocidente, nem jovem nem velho. Havia uma verdadeira universalidade.

Notas de Tradução

[66] Nota referente ao depoimento de Pama Patwardhan sobre o fracasso histórico das reformas sociais exteriores e a viragem necessária para o problema básico da miséria humana através do autoconhecimento, bem como o impacto pessoal decorrente da sua função na Fundação.

[67] Nota alusiva à recordação de Ingram Smith em Colombo (1949) detalhando o diálogo entre Gordon Pearce e Krishnamurti sobre a dissolução da imagem mística do Mestre Kuthumi.

[68] Nota correspondente à vivência de Doris Pratt em Londres, ilustrada pela desconstrução feita por Krishnamurti quanto à dinâmica entre o facto, o mito e o vazio interior na conduta individual.

EB: Um ser humano sem estar dividido em qualquer tipo de categoria.

MC: Exatamente. Suponho que isso o pudesse fazer parecer um pouco monótono e sem traços marcantes, mas não era de todo assim. Havia uma vitalidade imensa que nunca encontrei da mesma forma em mais ninguém.

EB: Falou de uma qualidade diferente nele, uma espécie de alteridade. Como é que isso se manifestava?

MC: Há muitas histórias que poderia contar, mas talvez para mim se expressasse melhor no seu extraordinário repouso e interioridade, e naquela beleza que não era de exteriorização, mas algo que vinha de dentro.

EB: Após este encontro inicial, qual foi o seu contacto seguinte?

MC: Continuei a ler os seus livros — não tínhamos registos áudio, cassetes ou vídeos na altura — e quando Krishnamurti vinha a Londres eu era frequentemente convidada para pequenas discussões em grupo com ele. Perguntei se podia ter uma entrevista com ele (naqueles tempos ele dedicava muito tempo a encontrar-se com as pessoas individualmente). A minha questão era que uma certa parte de mim — da mente consciente, intelectual — se recusava a estar quieta, e eu sentia que, sem a quietude e os intervalos entre os pensamentos que ele tinha descrito, era incapaz de ir mais longe na compreensão. Portanto, a minha pergunta para ele foi: «Porque não consigo estar quieta?». Antes de ter a entrevista, pensei que esta era uma pergunta valiosa. Entrei no quarto e ele estava ali sentado, muito imóvel e muito silencioso, quase avassaladoramente silencioso. Senti que nem sequer deveria abrir a boca para fazer uma pergunta! De certa forma, ele já estava a fornecer elementos que continham as «respostas» à minha pergunta. Quando finalmente a fiz, ele recebeu-a num silêncio total. Depois, um pouco nervosa, porque nem sempre gostamos de estar em silêncio com outro ser humano, dei por mim a continuar e a tentar formular outras perguntas. Mais uma vez, ele mostrou pouca reação — e então eu simplesmente parei. Pensei: «Isto é uma desilusão terrível, uma perda de tempo total. Nunca deveria ter pedido para o ver. Não estou preparada: deveria apenas sair do quarto e não voltar».

Então ele voltou-se para mim e perguntou: «Ora, o que é que queria realmente discutir?». Começou a falar um pouco sobre a quietude, mas logo se afastou disso. O que ele fez — e percebo que esse era o seu valor supremo — foi simplesmente segurar um espelho diante de mim. De formas que não teria conseguido antes, vi-me a mim própria. E a pergunta com que eu tinha vindo simplesmente já não se aplicava. Na verdade, não era uma pergunta; e não havia uma resposta. Percebi que tinha estado a abordar as coisas de uma forma que não era produtiva, e isto foi notável porque ele disse muito pouco.

EB: De que maneira é que ele segurou um espelho? Ele deve ter dito algo que a fez ver-se a si própria?

MC: Acho que foi a sua imobilidade total. Esse era o espelho — e a sua escuta criativa. Antes, eu andava a tentar alcançar uma suposta quietude de uma forma artificial. Depois, ele fez várias perguntas que pensei serem irrelevantes, embora provavelmente não fossem. Ou talvez fossem para me descontrair. Acho que ele estava o tempo todo a dizer: «Acorda e olha. Tu não olhaste realmente para ti própria nos níveis mais profundos». Estava a apontar que o que eu estava realmente a fazer era olhar através do ecrã de imagens. Tudo o que posso dizer é que saí daquela sala uma pessoa diferente de quando entrei. Foi como se tivesse olhado para uma espécie de espelho de raios-X que mostrava todas as camadas. Depois disso, senti que a minha relação com o que ele dizia se tornou absolutamente real.

Em 1958, após conversar com Krishnamurti e Rajagopal (que assumia a responsabilidade geral pelos escritórios da *Krishnamurti Writings, Inc.* na América, na Índia e na Grã-Bretanha), a Doris Pratt perguntou se eu gostaria de assumir o escritório de Londres, que cobria o trabalho na Europa, na Commonwealth e em muitas outras partes do mundo. Claro que respondi que gostaria de o fazer, mas que trabalharia principalmente a partir de casa porque tinha um bebé pequeno para cuidar. O escritório não estava, na altura, nem de longe tão ocupado como viria a ficar logo de seguida.

Perguntei-lhe se o interesse pelo seu trabalho, que começou a florescer nos anos 1960, poderia ter acontecido mais cedo. Ele deu a entender que a «revolução» aconteceu ali porque essa era a altura em que tinha de vir. Por todo o mundo as coisas estavam a mudar. Muitas das antigas tradições e restrições estavam a desmoronar-se — a forma como as pessoas se vestiam, falavam, pensavam: a transcendência das limitações da classe social, ou das distinções raciais e nacionalistas. A mudança foi parcialmente desencadeada pela primeira publicação internacional de um livro de Krishnamurti, *A Educação e o Significado da Vida*, em 1953, seguido por *A Primeira e Última Liberdade*. Estes e os livros subsequentes alcançaram um público enorme. Muitos dos que vinham às palestras diziam que tinham ouvido falar de Krishnamurti pela primeira vez através da leitura de *A Primeira e Última Liberdade*.

Krishnamurti deu um passo decisivo em 1961, quando iniciou os encontros internacionais em Saanen, na Suíça. Nessa altura, as decisões de gestão (se lhes posso chamar isso) não eram discutidas com Krishnamurti. Acredito que foi por esta altura que ele se demitiu do Conselho da

Krishnamurti Writings, Inc., mas ele já não vinha a ser ativo nesse conselho há algum tempo.

EB: Ele estava lá como uma figura de proa?

MC: Ele sentia que era correto estar envolvido porque, afinal de contas, muito dinheiro e esforço tinham sido dados em seu nome. Tinha confiado em outros para fazer o trabalho, mas provavelmente estava a perceber de forma mais aguda que tinha de assumir um interesse sério e ativo. Porque o trabalho não estava a florescer como se poderia esperar que florescesse. Lembro-me de lhe dizer, no início dos anos 1960: «Gostaria que assumisse mais interesse na forma como o trabalho é feito», e ele deixou claro que tencionava fazê-lo. Devo dizer que ele sempre honrou isso, mesmo em situações ocasionalmente muito difíceis.

Regressando a 1961, ele sugeriu a realização do encontro internacional na Suíça porque esta tinha sido tradicionalmente um lugar neutro. Além disso, conhecia e adorava o terreno montanhoso do Oberland Bernês. Saanen foi o local escolhido, e ele reuniu alguns de nós no comité dos encontros de Saanen, que não estava diretamente ligado à *Krishnamurti Writings, Inc.* ou a outras organizações. O encontro anual, com a duração de várias semanas, deu um impulso totalmente novo ao trabalho. Teve origem na Europa porque, nessa altura, não parecia estar a acontecer muita coisa na Califórnia, que, alguns anos antes, fora o centro do trabalho. As coisas corriam bem na Índia, contudo, onde existiam escolas da Fundação para a Nova Educação (*Foundation for New Education*), que era inspirada por Krishnamurti.

Os encontros de Saanen continuaram durante vinte e cinco anos, crescendo cada vez mais. Saanen foi um tremendo ponto focal; a decisão de fundar uma escola na Europa (que acabou por ser, naturalmente, em Brockwood Park, na Inglaterra) poderia nunca ter sido tomada sem a vitalidade e o estímulo de tantas pessoas seriamente motivadas. A grande tenda na qual as reuniões eram realizadas — e que podia ser física e psicologicamente «dobrada e guardada» no final de cada encontro — parecia particularmente apropriada para as palestras de Krishnamurti na Suíça. Muitos jovens vieram de todas as partes do mundo durante esses chamados «períodos dos脫 flores», mas não houve diminuição no número de jovens ou idosos que vinham ouvir Krishnamurti em Saanen e noutros locais ao longo das décadas. Se olharmos para qualquer uma das suas reuniões, suponho que se poderia dizer que estava sempre presente uma amostra total da humanidade.

Krishnamurti falava com alguma premência sobre a forma como iríamos continuar o trabalho após a sua morte. Então — aparentemente «vindo do nada» — dei por mim a perguntar: «Quando Krishnamurti morrer, o que acontece a toda a energia e compreensão que ele é? Continua de alguma forma — continua através de todos nós?». A sua resposta foi clara e intransigente; segurou-me a mão e disse com a intensidade que caracterizava os seus momentos mais sérios: «Sim, claro — desde que façam a base correta». A sua resposta à minha pergunta profundamente sentida pareceu, na altura e em retrospetiva, impressionante, profunda, expansiva e positiva. Krishnamurti respondia sempre às perguntas de acordo com o seu contexto: não havia para ele tal coisa como uma pergunta ou um problema estático e isolado. E não havia respostas rígidas. Parte do seu grande legado é que nos deixou com perguntas e investigações, em vez de respostas e garantias. [69]

A última do trio de mulheres inglesas é Dorothy Simmons. Vibrante e apaixonada na profundidade da sua preocupação com o trabalho de Krishnamurti, foi a diretora fundadora do Centro Educativo de Brockwood Park (*Brockwood Park Education Center*) e o pilar principal durante os seus primórdios. Novamente, a ênfase na educação deveria ser, em parte, a excelência académica, mas também a preocupação e o afeto pelo estudante, não se limitando a enchê-los de informação para passar nos exames. O outro aspeto de Brockwood Park diz respeito a aprender a viver juntos, visto que os estudantes e o pessoal vivem em estreita proximidade no ambiente de um colégio interno. Esse é, talvez, o aspeto mais desafiante do viver e que tem exigido reajustamentos de todas as partes.

Dorothy Simmons

Diretora Fundadora, Centro Educativo de Brockwood Park, Bramdean, perto de Alresford, Inglaterra

DS: Considero um privilégio imenso ter trabalhado com o Krishnaji e até ter vivido na mesma época. Abriu perspetivas para tudo. Ele era um artista no viver e essa era a beleza dele. Dava generosamente; era a generosidade da sua vida e a alegria da sua vida, e ele parecia feliz com a vida, embora estivesse consciente de todo o sofrimento e dificuldades. O que ele queria fazer, sinto eu, era revelar como nós próprios podíamos acabar com estas misérias através da compreensão de nós próprios. É isso que sinto que ele queria realmente partilhar connosco.

O Krishnaji educou-se a si próprio e não o fez por referência ao que tinha vindo antes, não através da história. Ele lançava um olhar sobre a história e dizia que nós somos o resultado dela. Abordou-a de uma forma diferente, de forma nenhuma académica; abordou-a através dos seus sentidos, não acumulando conhecimento e referência ao que tinha vindo antes, mas sim em como este dia, que nunca tinha acontecido antes, podia ser enfrentado. Essa é uma diferença muito fundamental. Não é através do conhecimento, era através da perceção e da sensibilidade a tudo o que não era ele.

EB: O que quer dizer com «perceção e sensibilidade a tudo o que não era ele»?

DS: Nós temos a nossa vida. Somos únicos, de certa forma, mas também somos idênticos, somos semelhantes a todos os outros; mas lá fora está o mundo inteiro que está a nascer, que é novo e é um milagre, e que está a falar da sua própria vida e energia. O Krishnaji recebia isso. Tudo o que não somos nós, está lá fora. O não-nós é o que compõe a vida. Na verdade, a vida é energia e o Krishnaji prestava grande atenção à sua

própria energia: nutria-a, cuidava dela, ia a grandes detalhes no que comia; tudo importava. E depois, tendo feito isso, e tornado o seu corpo tão sensível quanto este podia ser, passava então a ver o que mais havia no mundo; relacionava-se com isso e, portanto, recebia comunicação sobre o que era a energia na vida. Está tudo interligado e é nutrido por esta abordagem de estarmos preocupados connosco próprios, mas também preocupados com tudo, recebendo-a, a comunicação que a vida está a fazer o tempo todo.

O afeto é o início de como abordamos qualquer coisa. Não se pode ver nada ou perceber nada sem afeto, mas acho que é preciso ir mais fundo. Tem de gerar uma energia, elevando-se realmente a paixão, se vamos partilhar com toda e qualquer pessoa aquilo que percebemos. É a paixão com que o Krishnaji recebia e dava à vida que conferia a qualidade que ele concedeu ao mundo. Era um grande afeto — era amor — que acho ser a qualidade vital de toda a sua abordagem. É a coisa mais maravilhosa — não se pode fazer nada sem isso, não se pode fazer absolutamente nada.

EB: Que relação tinha a presença de Krishnamurti com o ensinamento?

DS: Bem, ele era os ensinamentos, embora eu hesite em usar a palavra «ensinamentos». Torna-a finita e acho que era uma busca contínua, uma aventura, e, nisto, ele personificava... ele era os ensinamentos. Vivia-os, pelo cuidado e atenção que dedicava a tudo e pela profundidade da sua paixão e do seu afeto e amor pela humanidade — sim, acho que isso teve um impacto. Sentíamo-nos transformados pela sua presença. Ele carregava consigo uma qualidade que era rara e forte, e as pessoas uniam-se e tentavam receber a seriedade e a paixão que ele trazia à vida e dava à vida.

Assim como Einstein foi para Newton, o Krishnaji foi para nós. Ele abriu novos caminhos. Viu que o nosso comportamento era infantil. Que nos estávamos a destruir porque não éramos capazes de ver, não estávamos no controlo das nossas emoções. Éramos crianças com capacidades terríveis para destruir, magoar e danificar, e ele disse: «Vou dar-vos as ferramentas para vos ajudar a crescerem, para serem responsáveis pelas vossas ações e pela vossa forma de viver», e foi exatamente isso que fez. Disse: «A vossa ganância, os vossos medos, o vosso egoísmo, as vossas raivas e agressividade, tudo isto vos está a impedir de receber este mundo incrível. Portanto, façam uma viagem ao vosso interior, descubram coisas sobre vós próprios e cresçam. Deixem de ser juvenis». Que é realmente o que somos. Ele viu que o mundo tinha ficado parado durante muito tempo;

continuava adolescente, e ele elevou a nossa consciência e viu que o nosso comportamento era o que estava a bloquear qualquer aprofundamento, qualquer responsabilidade pelo estado do mundo.

EB: Quais eram as intenções de Krishnamurti para Brockwood e para todas as escolas?

DS: Realmente, se olharmos para isso, tudo o que se pode fazer numa escola, e o que o Krishnaji provavelmente estava a fazer, era mostrar que havia uma forma diferente de viver. Isso é realmente tudo o que se pode transmitir, é tudo comportamento, e essa é a essência do que o Krishnaji estava a revelar. Não acho que se possa ensinar; simplesmente torna-se conhecido pela forma como se vive, pela forma como ele vivia. Há algumas coisas que se podem fazer e algumas coisas que não se podem fazer, e isso tem de ser transmitido aos jovens. Um indivíduo tem de ser educado para a forma de se comportar na vida, em relação a tudo e a toda a gente.

«É a paixão com que o Krishnaji recebia e dava à vida que conferia a qualidade que ele concedeu ao mundo. Era um grande afeto — era amor — que acho ser a qualidade vital de toda a sua abordagem.» *— DOROTHY SIMMONS*

EB: O que é que impede o comportamento correto e a compreensão dos ensinamentos de Krishnamurti?

DS: Porque é que não vivemos os ensinamentos? Porque a nossa atenção é tão reduzida. Não lhe dedicamos a nossa atenção total. Pensamos sobre isso, mas isso não é suficiente; isso é intelectualizá-lo, colocá-lo à distância. Mas não o sentimos apaixonadamente. Se o fizéssemos, simplesmente cairiam por terra todas estas coisas parvas que nos prendem. A questão é que sentimos que faremos isso mais tarde, porque desfrutamos das coisas de que desfrutamos, e elas são fáceis e são familiares.

EB: Como é que a aprendizagem ocorre em Brockwood? Krishnamurti descreveu como não se ensinava um bebé a andar, a falar, etc.

DS: Há uma pequena história adorável que me contaram logo no início de Brockwood e que me impressionou imenso. Havia uma menina a tentar enfiar a linha numa agulha sem o conseguir fazer, e a mãe aproximou-se, pegou na agulha e disse: «Aqui tens, minha querida». E a criança disse: «Mamã, eu não queria a agulha com a linha enfiada. Eu queria enfiar a linha na agulha». E senti que essa era a forma de começar a ensinar. Na verdade, não se podia ensinar absolutamente nada; tudo o que

se podia fazer era remover as barreiras e tornar possível que a própria criança aprendesse. [70]

A primeira exigência, então, o primeiro desafio é observar o que é, o que significa conhecer-se a si próprio como realmente se é, não como se deveria ser, isso é um jogo infantil, uma luta imatura que não tem significado — mas sim olhar para a violência e observá-la. Pode um indivíduo olhar, e como olha? Este é um problema extraordinariamente difícil porque existem certos fatores que devemos compreender muito claramente. Em primeiro lugar, devemos observar sem identificação, sem a palavra, sem o espaço entre o observador e a coisa observada; devemos olhar sem qualquer imagem, sem o pensamento, de modo a estarmos a ver as coisas como elas realmente são. Isto é muito importante, porque se não soubermos como olhar, como observar o que somos, criaremos inevitavelmente conflito entre o que vemos e a entidade que vê. — *Talks with American Students, 1970*

À medida que o fogo do interesse e do entusiasmo pelo trabalho de Krishnamurti se firmava em Inglaterra, uma nova relação se formou, uma relação que foi da maior importância tanto para o físico David Bohm como para o próprio Krishnamurti.

Bohm era um homem de vasto intelecto, capaz de explorar questões em profundidade, contudo com a atitude provisória de um cientista.

Durante os anos da guerra, trabalhou na «dispersão de partículas nucleares» sob a supervisão de J. Robert Oppenheimer. Tornou-se professor assistente na Universidade de Princeton em 1946, onde iniciou discussões com Einstein. Contudo, o clima generalizado de medo durante a era de McCarthy levou muitos artistas, cientistas e intelectuais a prestarem contas por opiniões que não se conformavam necessariamente com as de um comité da Câmara dos Representantes dos EUA.

Foram apresentadas alegações contra Bohm pelo Comité de Atividades Antiamericanas da Câmara (*House Un-American Activities Committee*). Como ele se recusou a testemunhar, por uma questão de princípio, foi considerado em desacato ao Congresso. Sendo o seu trabalho nos Estados Unidos prejudicado dessa forma, partiu para trabalhar no Brasil, no Technion em Israel, e mais tarde estabeleceu-se em Londres como professor de física teórica no Birkbeck College. Ele foi ilibado das acusações de desacato e acabou por lhe ser permitido viajar nos Estados Unidos. [71]

Notas de Tradução

[69] Nota referente ao testemunho de Mary Cadogan sobre os encontros internacionais de Saanen e o compromisso assumido por Krishnamurti quanto à continuidade e fundamentação da sua obra após a sua morte.

[70] Nota alusiva às reflexões de Dorothy Simmons sobre o projeto pedagógico de Brockwood Park, focado na perceção sensorial desprovida de acumulação histórica, no valor vital do afeto e no estímulo à autodescoberta do estudante.

[71] Nota correspondente ao enquadramento biográfico e político do físico David Bohm, destacando a sua atividade científica, o impacto do período de perseguição ideológica nos Estados Unidos e a sua posterior fixação em Londres.

Os encontros com Krishnamurti tornaram-se lendários e deram uma urgência renovada ao termo «diálogo» como um elemento fundamental do ensinamento de Krishnamurti. «Investigar em conjunto, como dois amigos sentados debaixo de uma árvore», ou «pensar em conjunto» é a forma como este processo tem sido descrito. Independentemente da forma como se caracterize, o diálogo é uma forma antiga, mas simultaneamente nova, de olhar e de questionar a condição humana.

David Bohm, Ph.D.

Físico, Londres, Inglaterra

EB: Dr. Bohm, poderia dizer como entrou inicialmente em contacto com Krishnamurti ou com o seu ensinamento?

DB: Bem, o contexto é o de que, no meu trabalho na física, sempre estive interessado nas questões filosóficas gerais à medida que se relacionavam com a física e, de forma mais ampla, universalmente, em como se poderiam relacionar com toda a constituição da natureza e do homem. Um dos pontos que surge na física e que está de certo modo relacionado com aquilo que o Krishnaji faz encontra-se na teoria quântica, onde nos deparamos com o facto de se descobrir que a energia existe como unidades discretas que não são divisíveis.

EB: Poderia clarificar a palavra *discretas* nesse contexto?

DB: Uma perspetiva é a de que a matéria é contínua, fluida, e a outra perspetiva é a de que é feita de átomos, que são discretos, mas existem tantos átomos que parece ser contínua. Como grãos numa ampulheta, fluem como se fossem água. Mas, obviamente, são feitos de unidades discretas. Portanto, a noção de atomicidade ou descontinuidade da matéria já era comum há muitos séculos, mas no início do século XX surgiu a descoberta de que a energia também é discreta. A energia vem em unidades, embora sejam muito minúsculas; por isso, não as vemos facilmente, e o número é tão grande que parecem ser contínuas. Ora, isto tem consequências importantes porque significa que as coisas não podem ser divididas umas das outras. Se duas coisas interagem por meio de uma energia que não pode ser dividida, essa ligação é indivisível. Portanto, fundamentalmente, todo o universo é indivisível e, em particular, significa que a coisa observada e o aparelho que a observa não podem ser realmente separados. Ora, nós já tínhamos este ponto de que o observador não pode ser separado do observado. Na verdade, sempre que se observa, a coisa observada é alterada porque não pode, por esta interação, ser reduzida abaixo de um certo nível. Portanto, temos a transformação do objeto observado no ato de observação. Eu já tinha notado a semelhança com a consciência: se tentarmos observar o nosso pensamento com qualquer detalhe, toda a linha de pensamento muda. Isso é claro, não é? Portanto, não se pode ter a separação do observador e do observado na consciência. O observador altera o observado, e o observado altera o observador; consequentemente, havia uma qualidade misteriosa que não era realmente compreendida na física.

EB: Isto fazia parte da sua observação, tanto científica como filosoficamente, quando entrou pela primeira vez em contacto com Krishnamurti?

Não há método. Há apenas atenção, observação. — *Nova Deli, 1966*

DB: Exatamente, deixe-me acrescentar mais um ponto. O meu interesse na física... eu sempre tivera a tendência para dizer que aquilo em que eu estava a pensar na física deveria estar a ocorrer dentro de mim. Sentia que havia um paralelo entre o que está na consciência e o que está na matéria em geral, e sentia que o movimento também era uma questão — que o movimento que se vê fora, sente-se dentro. De um modo geral, portanto, sentia que apreendíamos diretamente a natureza da realidade no nosso próprio ser.

EB: Tinha procurado isto através de contactos com outros instrutores ou filósofos, ou tratava-se de uma questão puramente científica e da sua própria auto-observação?

DB: Nesse ponto, era provavelmente sobretudo minha. A questão do observador e do observado foi obviamente analisada na mecânica quântica quanto às suas implicações, especialmente por Niels Bohr, que na verdade foi influenciado pelo filósofo William James, um americano. Este tinha desenvolvido uma ideia do fluxo de consciência, na linha do que venho a dizer. Mas, na verdade, essa ideia ocorreu-me de forma independente assim que li sobre a teoria quântica. Havia uma analogia entre este fluxo de consciência e o comportamento da matéria. Esse era o contexto do meu interesse na ciência. Estava também a tentar compreender a natureza universal da matéria. Questões como a causalidade, o tempo e o espaço, e a totalidade, para captar tudo isso.

EB: Isso é algo partilhado por outros cientistas? Existem observações semelhantes?

DB: Aqueles que estão inclinados para esse lado partilham, mas a maioria não. A maior parte dos cientistas tem uma orientação muito pragmática e quer principalmente obter resultados. Gostariam de elaborar uma teoria que previsse a matéria com precisão e a controlasse, mas alguns estão interessados nesta questão. Digamos, Einstein. Devo dizer que tive algumas discussões com Einstein sobre a teoria quântica quando estive em Princeton. A maioria dos físicos sabe que a teoria quântica não pode ser compreendida; tomam-na como um cálculo, como uma forma de obter resultados, de prever. Dizem: «Isso é tudo o que realmente importa, e uma

compreensão mais profunda seria simpática, mas não é realmente essencial».

EB: Portanto, com o panorama deste género de interesse, chegou à leitura de um livro de Krishnamurti?

DB: Sim. Como disse, os cientistas têm interesse na cosmologia; muitos deles estão a tentar obter uma perceção da totalidade do cosmos. Einstein, particularmente, queria compreendê-lo como um todo único. O que aconteceu em relação a Krishnamurti foi que a minha esposa e eu estávamos em Bristol. Costumávamos ir à biblioteca pública, onde me interessei por livros filosóficos ou mesmo místicos ou religiosos, tais como os de Ouspensky e Gurdjieff, porque estava de certo modo insatisfeito com o que podia ser feito na esfera comum. A minha esposa Saral e eu deparámos com *A Primeira e Última Liberdade*. Ela viu ali uma frase, «O observador e o observado», pelo que pensou que poderia ter algo a ver com a teoria quântica e apontou-ma. Quando li o livro, fiquei muito interessado. Senti que era um livro muito significativo e teve um efeito tremendo em mim. O facto de as questões do observador e do observado serem trazidas para o nível psicológico da existência deu-me a esperança de que se pudessem interligar a física e as questões psicológicas. Li também os *Comentários sobre o Viver* (*Commentaries on Living*). Eram os únicos outros livros na biblioteca. Escrevi para a editora na América e perguntei se se podiam obter mais livros, ou se Krishnamurti andava por perto. Alguém me enviou uma carta sugerindo que entrasse em contacto com as pessoas aqui em Inglaterra. Escrevi-lhes e enviaram-me uma lista de livros.

EB: Lembra-se de que ano era?

DB: Poderia ter sido por volta de 1958 ou 1959. Depois, algures por volta de 1960, ele regressou a Inglaterra e deu palestras. Poderia ter sido em 1960. Na minha carta a encomendar livros, perguntei se Krishnamurti alguma vez vinha a Inglaterra, e disseram-me que, de facto, ele vinha e que haveria um número limitado de pessoas que poderiam ir ouvi-lo. Vim com a Saral e, enquanto aqui estive, escrevi uma carta à Doris Pratt, perguntando se podia conversar com Krishnamurti, e depois recebi uma chamada telefónica dela a marcar um compromisso. Estavam a alugar uma casa em Wimbledon e fiquei à espera dele com a Saral. Depois ele entrou e houve um longo silêncio, mas a seguir começámos a discutir. Contei-lhe tudo sobre as minhas ideias na física, que ele provavelmente não teria conseguido compreender em detalhe, mas captou o espírito da coisa. Usei

palavras como totalidade e, quando usei esta palavra totalidade, ele agarrou-me pelo armo e disse: «É isso, é isso!».

EB: Qual foi a sua impressão inicial? Tinha lido livros de Krishnamurti. Qual foi a sua impressão ao conhecer este homem pela primeira vez?

DB: Bem, sabe, eu normalmente não formo essas impressões, limito-me a avançar. Mas a impressão com que fiquei foi a de que, quando nós... veja, permanecemos em silêncio, o que não era habitual, mas não me pareceu estranho na altura, e não havia tensão nisso. Depois começámos a falar. Ora, ao falar, fiquei com a sensação de uma comunicação estreita, de uma comunicação instantânea, do género que por vezes consigo na ciência com pessoas que estão vividamente interessadas na mesma coisa. Ele tinha esta energia intensa, abertura e clareza, e um sentido de ausência de tensão. Não me consigo lembrar dos detalhes, mas ele não conseguia compreender muito do que eu dizia, exceto o sentido geral da coisa.

EB: Estava a falar a um nível mais científico?

DB: Estava a falar sobre as questões de que falava há pouco, como a teoria quântica e a relatividade, e depois a levantar a questão de saber se a totalidade pode ser captada. Devo também dizer que os meus interesses se tinham voltado para a compreensão do pensamento, o que me esqueci de mencionar. Gradualmente, comecei a ver que era necessário compreender o nosso pensamento. Ao entrar na filosofia, e ao entrar na causalidade, e em questões desse género, tratava-se de saber como estamos a pensar. Anteriormente, eu tinha sido influenciado por pessoas que estavam interessadas no materialismo dialético e, quando fui para o Brasil, conversei com um homem que tinha lido muito Hegel e levantei a questão da própria natureza do nosso pensamento. Não apenas sobre o que estamos a pensar, mas sobre a estrutura de como o nosso pensamento funciona, e que este funciona através de opostos. O nosso pensamento une inevitavelmente as duas características opostas da necessidade e da contingência. Quando cheguei a Israel, conheci outro homem que estava muito interessado em Hegel. O que ele disse foi: «Deve prestar atenção ao seu pensamento, a como ele está na realidade a funcionar». Por isso, tinha-me tornado muito interessado em como o pensamento procede. Considerando o pensamento como um processo em si mesmo — não o seu conteúdo, mas a sua natureza e estrutura reais.

EB: Portanto, encontrou semelhanças entre o que Krishnamurti dizia e alguém como Hegel.

DB: Há alguma semelhança, sim. Encontrei uma relação, e essa foi a razão pela qual fiquei fascinado por Krishnamurti. Ele ia muito profundamente ao pensamento, muito mais profundamente do que Hegel, no sentido em que também ia ao sentimento e a toda a nossa vida. Não se detinha no pensamento abstrato.

A verdade ou Deus é algo totalmente desconhecido. Podemos imaginar, podemos especular sobre isso, mas continua a ser o desconhecido. A mente deve chegar a isso completamente despojada do passado, livre de todas as coisas que conheceu, e o conhecido são as memórias acumuladas e os problemas da existência quotidiana. Portanto, se é para haver realmente uma mudança radical, uma transformação fundamental, la mente deve afastar-se do conhecido. Pois o amor não é algo que se experienciou ontem e se é capaz de recuperar à vontade amanhã; é totalmente novo, desconhecido. — *Athens Talk*, 1956

EB: Assim, ao longo de um período de anos, tornou-se profundamente familiarizado com o pensamento de Krishnamurti. No decorrer disso, como encarava a fonte do ensinamento de Krishnamurti?

DB: Bem, não levantei a questão durante algum tempo. O que aconteceu foi que começámos a encontrar-nos sempre que ele vinha a Londres e tínhamos uma ou duas discussões. No primeiro ano, quis discutir a questão do universal e do particular com ele, e levantámos a questão: «A mente é universal?», e ele disse: «Sim». Usámos a palavra individual, «a inteligência é individual?», e ele disse «Sim» na altura. Tivemos uma discussão bastante boa sobre isso. Quando saímos, fiquei com a sensação de que o estado de espírito tinha mudado; conseguia ver que não havia sentimento, mas sim clareza.

EB: Quando diz que o estado de espírito tinha mudado, quer dizer o estado de espírito de ambos?

DB: Não sei, assumo que o dele seria semelhante, uma vez que estávamos em comunicação estreita. Disse que não tinha sentimento, e ele disse: «Sim, está correto», o que me surpreendeu, porque anteriormente eu pensava que qualquer coisa intensa devia ter muito sentimento; e depois, quando saí, tive a sensação de uma certa presença no céu, mas geralmente descarto tais coisas... dizendo que é a minha imaginação.

EB: Isso foi um sentido físico?

Para ir longe deve-se começar perto, e o passo mais próximo é o mais importante. — *Think on These Things*, 1964

DB: Sim.

EB: Conseguia de facto ver algum...?

DB: Sentir. Não ver nada ali, mas sentir algo ali, algo universal.

EB: Já tinha sentido algo dessa natureza antes?

DB: Tinha tido indícios disso, mas todo o meu percurso era do género de dizer — não contava aos meus pais nem a ninguém, eles teriam dito: «Estás apenas a imaginar isso».

EB: Sentia que havia alguma relação entre a intensidade da vossa discussão e o que estava a acontecer?

DB: Sim, provavelmente sentia que estavam relacionados. Na verdade, poderia ter explicado isso dizendo que estava a projetar a universalidade no céu, como poderia ter feito em criança.

EB: Quando foi o vosso encontro seguinte?

DB: Não o via muito, mas tínhamos discussões todos os anos em Londres, quando ele vinha em Junho, e quando eu ia a Saanen, na Suíça. Começámos a ter discussões nas quais, pelo menos durante algum tempo, conseguia sentir que havia alguma mudança de consciência, mas na altura em que regressava a Inglaterra, aquilo desaparecia. Quando se regressa à vida comum.

EB: Quais diria que são as características ou qualidades salientes do seu ensinamento que o diferenciam do de outros?

DB: Bem, em primeiro lugar, a preocupação total com todas as fases da vida e da consciência e, em segundo lugar, a questão de algo além da consciência, que começou a emergir nas nossas discussões em Saanen.

EB: Krishnamurti alguma vez descreveu alguma influência particular no seu ensinamento? Ele diz hoje em dia que não lê livros de natureza religiosa ou filosófica, mas nos seus anos anteriores pode ter entrado em contacto com isso.

DB: Bem, ele não mo descreveu, mas já ouvi pessoas dizerem que ele leu *A Nuvem do Não-Saber* (*Cloud of Unknowing*), que foi influente, e provavelmente outros livros. O meu sentimento é o de que ele também deve ter estado familiarizado com o que os teósofos diziam. As outras coisas que leu ou ouviu podem tê-lo despertado até certo ponto.

EB: Alguma vez sentiu que ele o estava a afastar dos seus interesses científicos?

DB: Não, porque eu continuava com os meus interesses científicos; nessa altura, queria compreender toda esta questão do observador e do observado cientificamente, e a questão de lidar com o universo como uma totalidade. Portanto, não me afastou realmente do trabalho científico. Tornei-me cada vez mais interessado na questão da natureza do pensamento, que é crucial em tudo, incluindo na ciência, uma vez que era o único instrumento que se possuía. Quando estava em Londres com o Krishnaji, discuti de facto o que fazer em relação à investigação científica, e lembro-me de ele dizer: «Comece a partir do desconhecido. Tente começar a partir do desconhecido». Conseguia ver que a questão de se libertar do conhecido era a questão crucial na ciência, bem como em tudo o resto. Por exemplo, se tomarmos as descobertas científicas — vou tomar um caso muito simples. Talvez já tenha ouvido falar de Arquimedes e das suas descobertas. Foi-lhe dado o problema de medir o volume de uma coroa de tamanho irregular a fim de ver se era de ouro ou não através da pesagem, e era demasiado irregular para ser medida e ele estava muito intrigado; e depois, subitamente, quando estava no banho, viu a água deslocada pelo seu corpo e percebeu que, independentemente da forma, a água deslocada é igual ao volume do corpo, correto? E, portanto, podia medir o volume da coroa. Saiu à rua a gritar «Eureka!», se bem se lembra. Ora, considere a natureza do que se passou. A barreira básica para ver era a de que as pessoas pensavam nas coisas em compartimentos diferentes: um era o volume por medição e, dois, a água a ser deslocada não teria nada a ver com isso, correto?

EB: Exatamente.

DB: Para permitir que estes fossem ligados, la mente teria de dissolver esses compartimentos rígidos. Uma vez feita a ligação, qualquer pessoa que utilizasse o raciocínio comum poderia ter feito o resto, qualquer rapaz de escola com uma inteligência razoável. O mesmo aconteceu com Newton. Obviamente, tanto Arquimedes como Newton e Einstein estavam em estados de energia intensa quando trabalhavam, e o que acontece é que o momento de *insight* é a dissolução da barreira no pensamento. É um *insight* sobre a natureza do pensamento, não sobre o problema. Todo o *insight* é o mesmo. É sempre um *insight* sobre o pensamento. Não sobre o seu conteúdo, mas sobre a sua natureza física real, que constitui a barreira. E é isso que eu acho que Krishnamurti estava a dizer: que o *insight* transforma

toda a estrutura do pensamento e torna a consciência diferente. Ora, para os cientistas isso pode acontecer por um momento, e depois interessam-se pelo resultado, trabalhando-o; mas Krishnamurti está a enfatizar o *insight* como a essência da própria vida. Sem chegar a uma conclusão. Não se preocupe demasiado com os resultados, por muito importantes que sejam. O *insight*, o *insight* fresco, é continuamente necessário. Esse *insight* está continuamente a dissolver os compartimentos rígidos do pensamento. E essa é a transformação da consciência. A nossa consciência é agora rígida e quebradiça porque está presa em padrões fixos de pensamento devido ao nosso condicionamento sobre nós próprios, e ficamos apegados a esses pensamentos, eles parecem mais confortáveis.

EB: Krishnamurti parece ser sempre capaz de fazer a distinção entre usar o pensamento como uma ferramenta e depois pô-lo de lado quando a ferramenta já não é necessária por uma razão específica. Pô-lo de lado deixa espaço para mais investigação.

DB: Sim, era possível sentir que este espaço estava presente na nossa discussão.

EB: Quais diria que são as características mais marcantes do ensinamento de Krishnamurti?

A verdadeira educação é aprender a pensar, não o que pensar. Se souberes pensar, se tiveres realmente essa capacidade, então és um ser humano livre — livre de dogmas, superstições, cerimónias — e, portanto, podes descobrir o que é a religião.
— *Think on These Things*, 1964

Só uma mente religiosa, uma mente que investiga a si própria, que está consciente dos seus próprios movimentos, da sua própria atividade — o início do autoconhecimento — só uma tal mente é uma mente revolucionária. E uma mente revolucionária é uma mente em mutação, é a mente religiosa.
— Londres, Primeira Conferência Pública, 2 de Maio de 1961

DB: Penso que existem várias características que se podem considerar distintivas. A ênfase no pensamento como fonte dos nossos problemas. Krishnamurti sempre afirmou que o pensamento é um processo material. A maioria das pessoas tende a considerá-lo algo diferente disso, e não vejo essa ideia enfatizada em mais lado nenhum. Ora, é muito importante compreender que o pensamento é um processo material; por outras palavras, o pensamento pode ser observado como qualquer matéria pode

ser observada. Quando observamos interiormente, não estamos a observar o conteúdo do pensamento, nem a ideia, nem o sentimento, mas o próprio processo material. Se há algo de errado com o pensamento, é porque coisas erróneas foram armazenadas na memória e depois passam a controlar-nos; e a memória tem de ser modificada fisicamente.

Vês, numa fita magnética poderias apagar a memória com um íman, mas apagarias as memórias necessárias juntamente com as desnecessárias.

EB: Krishnamurti parece indicar que uma certa *tabula rasa* pode ser alcançada através de uma perceção clara.

DB: Exatamente, mas isso acontece necessariamente de forma inteligente, para que não apagues as memórias necessárias, mas sim aquelas que dão origem à importância do eu. Ele afirma que existe uma energia para além da matéria, que é a verdade, e que a verdade atua com a força da necessidade. Ela trabalha efetivamente sobre a base material do pensamento e da consciência, transformando-os numa forma ordenada. Assim, deixa de criar desordem. Então o pensamento funcionará apenas onde é necessário e deixará a mente vazia para algo mais profundo.

EB: As pessoas levantam frequentemente a questão de não terem energia suficiente para prosseguir esta investigação nas suas vidas diárias. Como responderias a isso?

DB: Isso provavelmente acontece porque não existe compreensão da natureza da energia. Vamos relacionar isso com outra objeção que as pessoas levantam. Elas percebem isto em certos momentos, mas depois desaparece.

EB: Essa é uma queixa frequente.

"Outra diferença importante de Krishnamurti é a sua ênfase na vida real — em estar consciente de tudo — e também a sua recusa em aceitar autoridade, o que é realmente extremamente importante."
— David Bohm

DB: A forma como vejo isso é a seguinte: tens de perceber o que é essencial e universal, e isso transformará a mente. O universal pertence a todos, abrangendo tudo, todas as formas possíveis. É a consciência geral da humanidade. Chegamos agora à energia: todo este processo do ego está continuamente a desperdiçar energia, a esgotar-te e a confundir-te.

EB: Por outras palavras, a perceção que o indivíduo tem de si próprio como um ser separado é um desperdício de energia.

DB: Sim, porque se te vires como um ser particular, tentarás continuamente proteger esse ser. As tuas energias dissipar-se-ão.

EB: Há pouco dizias que, uma vez que o pensamento é um processo material, é necessário observar o processo do pensamento e não o seu conteúdo. Como se faz isso? Como efectuar essa mudança e observar o processo material quando parece que a única coisa de que a consciência está ciente é do conteúdo?

DB: Bem, há vários pontos. Antes de chegarmos aí, outra diferença importante de Krishnamurti é a sua ênfase na vida concreta — em estar consciente de tudo — e também a sua recusa em aceitar autoridade, o que é realmente extremamente importante. Havia budistas que diziam: "Krishnamurti está a falar praticamente o mesmo que os budistas." Mas ele respondia: "Porque começam com o Buda? Porque não começam com aquilo que está aqui e agora?" Isso era muito importante; ele recusava levar a sério comparações com aquilo que outras pessoas disseram.

Agora, voltando ao que perguntaste acerca da observação do processo material. Tens de perceber o que pode ser observado no pensamento para além das imagens, sentimentos e significados. Tudo aquilo que pensas aparece na consciência como um espetáculo. É assim que o pensamento funciona, exibindo o seu conteúdo como um espetáculo da imaginação.

Portanto, se pensares que o observador é separado do observado, isso aparecerá na consciência como duas entidades diferentes. O problema é que as palavras parecerão vir do observador que sabe, que vê, e por isso serão tomadas como verdade, como descrição da verdade. Essa é a ilusão.

A forma como um mágico trabalha é exatamente a mesma. Todo o trabalho do mágico depende de distrair a tua atenção para que não vejas como as coisas estão ligadas. De repente, algo aparece magicamente do nada. Não vês como isso depende daquilo que ele realmente fez.

EB: Perde-se esse elo em falta…

DB: E ao perderes esse elo, alteras completamente o significado.

EB: Portanto, aquilo que parece magia é, na verdade, não compreender a ligação entre todos esses elos.

DB: Sim, e esse tipo de magia acontece na consciência. O observador e o observado veem as coisas surgir, e o observador parece desligado do observado. Assim, parece surgir do nada. E, se surgiu do nada, então seria verdade. Algo que aparece subitamente na consciência vindo do nada é

tomado como real e verdadeiro. Se vires a ligação com o pensamento, percebes que isso não é assim tão profundo.

EB: Estás então a dizer que o pensamento é mais superficial do que acreditamos.

DB: Sim, na verdade é extremamente superficial. A maior parte da nossa consciência é muito, muito superficial.

EB: E aquilo que vemos como os nossos insights mais profundos são, afinal, observações bastante superficiais.

DB: Sim, ou nem sequer observações. Muitas delas são apenas ilusões. Grande parte do que pensamos acerca de nós próprios é pura ilusão. A analogia frequentemente usada na literatura indiana é a seguinte: se tens uma corda e pensas que é uma serpente, o teu coração acelera, a tua mente confunde-se, e no momento em que percebes que não é uma serpente tudo muda. A simples perceção basta para alterar o estado da mente.

E a perceção de que, por exemplo, o observador e o observado não são independentes significa que aquilo que o observador pensa deixa de ser considerado verdade. Perde esse poder.

Ora, se vires o todo… poderias dizer que toda a energia do cérebro é despertada e dirigida pelo espetáculo que o pensamento faz do seu conteúdo; é como um mapa. Há um espetáculo em que todo esse conteúdo é considerado verdade, necessário. Então todo o cérebro se reorganiza em torno desse espetáculo. Tudo é organizado para tentar produzir um espetáculo melhor.

No momento em que percebes que é apenas um espetáculo, tudo isso pára. Então o cérebro acalma-se e entra noutro estado. Já não está preso e, portanto, pode fazer algo inteiramente diferente. Mas, para isso, não basta afirmá-lo; é necessário vê-lo da maneira que temos vindo a sugerir.

Pensei noutro caso em que se pode ver o poder da perceção. É o caso de Helen Keller — talvez já tenhas ouvido falar dela. Era cega, surda e muda. Quando não conseguia comunicar, comportava-se quase como um animal selvagem. Encontraram então esta professora, Ann Sullivan. O que ela fez foi criar uma espécie de jogo: colocava a mão da criança em contacto com alguma coisa — esse era o seu único sentido — e escrevia a palavra na sua mão. No início era claramente apenas um jogo; Helen não compreendia o que estava a acontecer.

Depois, Helen Keller recorda que certa manhã lhe deram água num copo enquanto escreviam a palavra na sua mão, e à tarde água numa bomba enquanto faziam o mesmo, e de repente ela teve um insight devastador: tudo tinha um nome. A água era uma só coisa em todas as suas diferentes formas, e esse nome — "água" — podia ser comunicado à outra pessoa que usava o mesmo nome.

A partir daí começou a usar a linguagem e, em poucos dias, aprendeu palavras; em poucos dias construía frases, e toda a sua vida foi transformada. Já não era aquela pessoa violenta e selvagem, mas alguém inteiramente diferente.

Assim, podes ver que essa perceção transformou tudo. Uma vez que teve essa perceção, não havia retorno. Não foi algo que tivesse percebido e depois esquecido, precisando de voltar a perceber.

E penso que Krishnamurti sugere que perceber que o observador é o observado seria uma perceção enormemente para além daquilo que Helen Keller experimentou. Teria um efeito muito mais revolucionário.

Se o fim é a liberdade, o princípio também tem de ser livre, porque o fim e o princípio são um só. Só pode haver inteligência e autoconhecimento quando existe liberdade desde o início, e a liberdade é negada pela aceitação da autoridade.
— *Education and the Significance of Life*, 1953

EB: Consideras então que o conceito de observador e observado é central nos ensinamentos de Krishnamurti?

DB: Sim, na verdade são idênticos.

EB: Gostaria que resumisses alguns dos outros fatores-chave do seu ensinamento.

DB: Bem, a questão do tempo, do tempo psicológico enquanto algo produzido apenas pelo pensamento. Vês, o tempo é exatamente a mesma coisa que o observador e o observado. O fim do observador e do observado é idêntico ao fim do tempo psicológico e, portanto, surge um estado intemporal.

EB: E com a perceção do observador e do observado como um só, todos os fenómenos do sofrimento, todas as dificuldades humanas por que passamos, terminam.

DB: Exatamente, porque todos têm origem na ignorância da verdadeira natureza desta questão.

Depois surge a ênfase na compaixão. Paixão por todos, não apenas pelos que sofrem. Isso faz parte da paixão que vai para além do sofrimento.

EB: A autoridade é certamente outro grande factor no seu ensinamento.

DB: Sim, e agora podes perceber por que razão a autoridade é tão importante. Um dos pontos que tens de acrescentar é o enorme poder que a mente tem para se enganar a si própria, algo que ele reconheceu. A autoridade é uma das principais formas de auto-engano.

Existe autoridade na mente; não estou a falar de autoridade noutros assuntos, que não são necessariamente formas de auto-engano. Se alguém surge como autoridade sobre a verdade, o perigo é que digas: "Eu estava a começar a duvidar de certas coisas, mas agora tomo o que ele diz como verdadeiro." Porque queres que assim seja.

Basicamente, queres que a verdade seja aquilo de que precisas. Sentes-te inseguro, assustado, preocupado, e então a autoridade — a autoridade religiosa — aparece e diz: "Deus cuidará de ti desde que sejas bom e acredites", e assim por diante. Portanto, quero acreditar e, por isso, digo que isso é a verdade.

Estava prestes a ter de questionar tudo isto e então aparece a autoridade que torna isso desnecessário.

Tens de perguntar porque aceitas a autoridade. Vês, a autoridade não te dá qualquer prova, então porque a aceitas? Porque queres, porque precisas, certo? Preciso de conforto, consolação e segurança. E surge esta figura impressionante, muito bem-apresentada, talvez vestida de determinada forma, rodeada de cerimónias, música agradável, pensamentos reconfortantes e boas maneiras, dizendo: "Está tudo bem contigo, tudo ficará bem. Só tens de acreditar."

EB: Uma das principais características da autoridade é o facto de possuir grande poder, e esse poder manifesta-se, como disseste, através do ritual e da cerimónia. Tal como um poder mundano, um rei, se mostraria através dos seus adornos, da sua coroa, etc.

DB: Exatamente. Mas vês, é um espetáculo vazio. Todo o problema é que a autoridade constrói um espetáculo vazio de poder à sua volta. Uma

exibição, como lhe chamaste. Não há absolutamente nada por detrás disso, exceto a nossa crença de que existe.

EB: Conseguiste observar nos escritos de Krishnamurti algum ponto de rutura em que o seu ensinamento se desviasse ou tomasse uma direção completamente diferente?

DB: Não, não consigo ver qualquer mudança fundamental.

EB: Mesmo quando era jovem, este ensinamento já estava implícito em tudo o que dizia.

DB: Sim, sim.

EB: E não houve aprendizagem a partir de outros modelos?

DB: Não. Penso que isso vem de uma fonte para além do cérebro que, em princípio, está aberta a toda a gente.[72]

Temos de provocar uma transformação psicológica na nossa relação com a sociedade em que vivemos. Portanto, não há fuga possível para os Himalaias, nem para se tornar monge ou freira, nem para o serviço social e todas essas atividades juvenis. Temos de viver neste mundo; temos de provocar uma transformação radical na nossa relação uns com os outros — não num futuro distante, mas agora.
— Bombaim, 14 de Fevereiro de 1965

O período nos Estados Unidos durante os anos 1950 conhecido como a era McCarthy haveria de afetar muitas pessoas diferentes. Tal como David Bohm caiu sob a suspeita de alegado "anti-americanismo", também outro homem de consciência, num campo muito diferente, caiu sob essa sombra.

Howard Fast, romancista e dramaturgo de renome, é autor de *Citizen Tom Paine* e *Spartacus*. Até ao presente continua a escrever uma sucessão de livros e peças de teatro provocadores de reflexão e grandes êxitos editoriais.

Krishnamurti fotografado por Cecil Beaton em Londres durante os anos 1960.

HOWARD FAST

Romancista e dramaturgo, Nova Iorque

EB: Senhor Fast, enquanto escritor, existe alguma relação entre a percepção de Krishnamurti acerca da condição psicológica e o próprio processo de escrita?

HF: Oh, certamente. A influência do tipo de pensamento de Krishnamurti sobre um escritor é muito importante. O problema que o escritor enfrenta constantemente é entrar na mente do outro, definir o carácter, compreender o carácter, compreender porque é que as pessoas fazem aquilo que fazem, porque até o criminoso mais perverso e desprezível faz aquilo que faz — e não apenas condená-lo, mas compreendê-lo.

E essa necessidade de compreender as ilusões das pessoas, os enganos dentro dos quais vivem, faz muito parte do ensinamento de Krishnamurti.

EB: O que foi, no trabalho de Krishnamurti, que primeiro te atraiu?

HF: Cheguei a Krishnamurti através do Zen, há muitos anos. Quando comecei a praticar meditação Zen, foi como resposta à sensação de um mundo a desmoronar-se à minha volta e a uma necessidade desesperada de encontrar alguma verdade num mar de insanidade.

Encontrei um mestre Zen que teve a gentileza de me aceitar e, no início do meu treino, como acontece com tantas pessoas que seguem o Zen, comecei a ler — li tudo o que consegui encontrar sobre Zen.

Acabei por chegar a um livro sobre Zen escrito por um físico belga que falava constantemente do ensinamento Zen e do ensinamento de Krishnamurti como sendo a mesma coisa. Dizia: “como no ensinamento Zen ou no ensinamento de Krishnamurti”. Foi assim que tive o meu

primeiro contacto tanto com o nome como com o ensinamento de Krishnamurti.

Depois de ver isso no livro, fui imediatamente procurar algo de Krishnamurti e encontrei muitos livros, que li com grande entusiasmo e enorme interesse.

O interesse inicial vinha do prazer de encontrar um homem que ia diretamente ao cerne das coisas, que não tolerava disparates, que afastava as ilusões e era tão absolutamente definitivo, específico e provocador nos seus ensinamentos e argumentos.

EB: Qual pensas ter sido a principal contribuição de Krishnamurti?

HF: Tenho tentado pensar naquilo a que se poderia chamar a principal contribuição de Krishnamurti. Mais uma vez, penso que é a sua capacidade de separar a ilusão da verdade. O seu constante dizer: "Agora escutem-me. Estou a dizer-vos algo de grande importância. Prestem atenção. Escutem."

Nesse primeiro ato de pedir atenção, ele distingue-se imediatamente. Diz logo: "Vocês, como toda a gente no mundo, não estão a ouvir. Agora escutem-me."

E, conseguindo essa atenção, pega então na ilusão mencionada e destrói-a. Por exemplo, se alguém disser: "Acredito totalmente na religião X." Krishnamurti responderá: "O que existe nessa religião X? O que é possível ali? O que é verdadeiro? O que faz sentido? Porque acreditas nisso? Já observaste isso? Tentaste compreendê-lo?"

E isto é muito diferente de qualquer outro ensinamento atual, muito diferente.

EB: Krishnamurti via alguma resposta para as questões de hoje e para as questões intemporais que todos enfrentamos?

HF: Krishnamurti afirmava repetidamente que a única solução verdadeira para os problemas e tragédias do nosso tempo é uma solução interior. E eu concordaria com isso como sonho, como ideal; mas mudar um ser humano, mudar o pensamento de um ser humano e mudar a mente de um ser humano é possível com um pequeno número de pessoas — mas não, na minha opinião, com as massas, nunca.

E enquanto as massas permanecerem inalteradas no seu pensamento interior, o trabalho social tem de continuar.

E aí, penso eu, estava a única área em que Krishnamurti não foi tão eficaz quanto poderia ter sido. Mas isto aplica-se não apenas a Krishnamurti, mas também a muitos outros modos de ensinar e pensar, tanto místicos como materialistas.

Eles tendem a acreditar que a única esperança reside numa mudança do homem, que ele deve tornar-se um homem novo, diferente. Não temos tempo para isso. Temos bombas atómicas e todos os outros horríveis instrumentos de morte, e é necessário agir agora com aqueles que ainda não tiveram transformação interior. É necessário convencer as pessoas de que têm de pôr fim a esta guerra interminável e a esta estupidez interminável.

EB: Alguns veem Krishnamurti como um mestre muito pragmático; outros afirmam que ele era um verdadeiro místico. Como o consideras?

HF: Krishnamurti, que se apresentava como um materialista muito rigoroso, era também um místico. Não há dúvida quanto a isso, e o verdadeiro misticismo é materialista. Não é uma crença sem fundamento. É uma crença comprovada pelas mudanças no homem influenciado pelo misticismo.

Neste sentido, falando dos caminhos místicos — o pensamento de Krishnamurti, o pensamento budista e certas outras investigações místicas — trata-se de pessoas que, há milhares de anos, chegaram a teorias sobre a natureza do universo.

E hoje, após todos estes anos, os nossos cientistas, especialmente os físicos envolvidos na mecânica nuclear, estão a chegar às mesmas conclusões.

Nalguns dos diálogos mais fascinantes entre Krishnamurti e o físico David Bohm, ele procura as semelhanças entre a crença mística e a crença científica.

O físico chega à posição de que nada existe senão energia e de que tudo o que vemos como matéria sólida é uma ilusão. Começamos então a tocar em alguns dos sermões de Krishnamurti contra o desejo incessante de coisas que aprisionou grande parte da raça humana atualmente.

“Quando ouvi dizer que ele iria dar uma conferência em Nova Iorque, fui ouvi-lo ao Carnegie Hall e fiquei espantado por todos os lugares estarem ocupados e ainda haver pessoas em pé. Da segunda vez em Nova Iorque aconteceu exatamente o mesmo.”
— Howard Fast

EB: Quem pensas que foi realmente o público alcançado por Krishnamurti?

HF: O número de pessoas que se tornaram, de certa forma, ligadas às suas ideias sempre me surpreendeu. Quando fui ouvir Krishnamurti em Ojai, havia uma multidão enorme. Mas pensei: "Isto é compreensível aqui. Esta é a sua base de operações."

Fiquei encantado, logo na primeira vez, ao ver que o parque de estacionamento continha desde pequenos Volkswagen "Carocha" antigos até Rolls Royce e outros carros muito caros.

Mas, por outro lado, quando ouvi dizer que ele iria dar uma conferência em Nova Iorque, fui ouvi-lo ao Carnegie Hall e fiquei espantado por todos os lugares estarem ocupados e ainda haver pessoas em pé. Da segunda vez em Nova Iorque aconteceu exatamente o mesmo.

Ora, eu não tinha consciência da dimensão deste seguimento, porque o público que aparece numa sala para ouvir um orador é apenas uma fração do número de pessoas que gostaria de estar lá e não conseguiu.

Portanto, evidentemente, a influência de Krishnamurti é muito vasta.

E, relativamente ao Zen, foi-me inicialmente sugerido — e depois, ao pensar sobre Krishnamurti, lendo-o e ouvindo-o — passei a concordar com a ideia de que, se existe hoje uma ideologia do Budismo Zen a ser pregada, é a ideologia que Krishnamurti pregava.

Ora, no Zen não existe pregação. Diz-se que sentar-se sozinho, trabalhar na limpeza da própria mente e no sentir da própria existência é suficiente para transformar as pessoas.

De todos os ditos Zen, o que considero mais interessante é este: "Se encontrares o Buda, mata-o. Destrói-o."

Esta é uma afirmação muito profunda: se transformares um homem em deus e o venerares como tal, então toda a possibilidade de realidade, de *satori*, de iluminação, desaparecerá.

Portanto, se vês o Buda, estás a ver uma ilusão. Livra-te dela rapidamente. Não existe Buda; ele morreu há muitos séculos e nunca deve ser venerado dessa maneira.

EB: O que pensa ter sido o efeito, se algum houve, de todos estes anos em que Krishnamurti falou?

HF: Quando reflito sobre o facto de Krishnamurti ter dito que a sua única razão de existir era libertar o homem, perguntam-me por vezes: conseguiu ele fazê-lo? Bem, nalguns casos conseguiu, e noutros não. Certamente lançou sementes, e ninguém tem maneira de saber para onde essas sementes irão. Se dez pessoas, ou cem, ou mil pessoas compreenderam o foco central do seu ensinamento e foram capazes de libertar as suas mentes, investigar claramente as questões, explicá-las e ensinar aos outros aquilo que Krishnamurti lhes ensinou, então certamente ele foi uma parte muito importante do processo que liberta os homens. Penso que ele sentia que o tempo era muito curto. Ou começamos a pensar sensatamente sobre as coisas, ou seremos destruídos.

Há um homem que nos ensina a pensar, porque, se não pensarmos corretamente, deixaremos de existir. Portanto, é preciso dizer que aqui está um homem que pode, de algum modo, influenciar o mundo. Quanto, não sei; talvez muito, talvez não tanto. Mas haverá influência. E volto sempre à minha própria proposição de que é melhor acender uma pequena vela do que amaldiçoar a escuridão.[73]

"Fiquei encantado, da primeira vez, pelo facto de o parque de estacionamento conter tudo, desde antigos pequenos Volkswagen 'Carocha' até Rolls Royce."

— Howard Fast

Pouquíssimas pessoas viajaram tanto quanto Krishnamurti. Em cada país, as suas visitas, embora relativamente breves — talvez alguns meses em cada região —, criavam raízes profundas e firmavam-se entre aqueles com quem contactava.

Ele nunca foi apenas mais um nome numa lista casual de conhecidos das pessoas à sua volta; antes, era um foco único e memorável nas vidas de cada um.

Uma das pessoas cuja vida foi profundamente tocada foi a jovem estudante de medicina Asha Singh, mais tarde Asha Lee, após o casamento com R. E. Mark Lee, atualmente diretora executiva da Fundação Krishnamurti da América. Asha recorda um incidente singular na sua relação com Krishnamurti.

ASHA LEE, M.D.

Pediatra, Ojai, Califórnia

AL: Levei a minha mãe para ouvir e ver Krishnamurti pela primeira vez em Nova Deli, quando eu ainda era estudante de medicina. Quando o ouvi, tive um forte sentimento e compreensão da verdade de que Krishnamurti falava. A simplicidade disso, a beleza disso, tocaram-me.

EB: Em que ano foi isso, Asha?

AL: Deve ter sido em 1964. Foi então que comecei a ir ouvi-lo. Nunca faltava a nenhuma das suas palestras. Fazia o meu trabalho no hospital e depois ia ouvi-lo no Constitution Club. Entrava pela porta traseira do *pandal*[1] e deslizava discretamente para dentro, porque chegava mesmo antes de ele começar a falar. Ficava atrás, ouvia-o e, logo a seguir, saía para apanhar um autocarro para casa.

Quando viajei para sul, em Andhra Pradesh, em 1965, visitei a escola em Rishi Valley. Essa viagem foi quase uma peregrinação, porque eu tinha andado a ouvir Krishnamurti e depois fui ao lugar dele… o vale era tão belo, intocado.

"Havia uma escola no meio do [Rishi] Valley, com algumas aldeias e montanhas em redor, muito parecido com Ojai; rochoso e o vale aninhado entre colinas."

— Asha Lee

Havia uma escola no meio do vale, com algumas aldeias e montanhas em redor, muito parecido com Ojai; rochoso e o vale aninhado entre colinas. Passei uma semana ou dez dias no vale, e era silencioso e belo. Depois voltei e concluí a minha pós-graduação antes de ir para Inglaterra, onde trabalhei em pediatria. Quando regressei à Índia, casei-me e fui viver para Rishi Valley; isso foi em Março de 1969. Em Novembro, Krishnaji[2] chegou, e foi um período muito belo para mim.

EB: Quando regressou a Rishi Valley, foi com o objetivo de viver lá?

AL: Sim, ia viver lá. Tornei-me a médica da escola e, muito rapidamente, os aldeões da região descobriram que eu era médica e começaram a vir para tratamento. Abri uma clínica tanto para os aldeões como para os estudantes e funcionários.

A escola tinha muitos jardins, por isso eu adorava arranjar flores para o apartamento dele quando Krishnaji chegava. De madrugada, às quatro, ou ao fim da tarde, depois do pôr-do-sol, passeava pelos jardins e cortava flores para que estivessem frescas. Se as cortasse à noite, colocava-as em baldes com água até de manhã. O meu objetivo era ir ao apartamento antes

de Krishnaji acordar e encantá-lo com flores frescas. Subia as escadas em bicos de pés com aqueles baldes de flores, recolhia os vasos com flores velhas dos quartos do apartamento e levava-os para a varanda virada a oeste. Havia luz suficiente da manhã cedo para não precisar de acender luzes. Sentava-me à entrada e arranjava as flores. Colocava-as em diferentes partes dos quartos e depois regressava à nossa cabana, que ficava ao lado.

EB: Krishnamurti sabia que fazia isso?

AL: Mais tarde também ia deixar papel de carta e lápis lá em cima, e levava sumo ao apartamento. Bem, o que aconteceu, dois ou três dias depois, foi que, quando entrei, estavam todos a tomar o pequeno-almoço e o diretor, Dr. Balasundaram, disse:
— "Entre e junte-se a nós para o pequeno-almoço."

Fi-lo, e ele disse a Krishnaji:
— "Esta é a Asha, e é ela quem arranja as flores e traz o sumo de manhã."

Assim, ele percebeu que era eu quem tratava das flores.

Não sei se o incidente que vou contar aconteceu antes ou depois desse pequeno-almoço. Numa dessas manhãs, enquanto arranjava as flores, ouvi, vindo do quarto — que ficava atrás da grande sala onde eu estava — sons como se alguém estivesse a levantar-se, por isso fiquei muito quieta. Percebendo que era o quarto de Krishnaji, e que talvez ele estivesse a levantar-se e não soubesse que eu estava ali, não queria assustá-lo nem perturbá-lo, por isso fiquei imóvel e parei o que estava a fazer.

Depois ouvi os tamancos de madeira que ele usava na Índia; os *kharow*[3], que têm um pequeno botão que se encaixa entre o dedo grande do pé e os restantes dedos. Quando se anda com aqueles tamancos de madeira, ouve-se a madeira a bater no chão. Ouvi o som dos passos a dirigirem-se para a casa de banho. Disse para mim mesma:
— "Agora ele voltará para a cama."

Mas ele continuou a andar e atravessou a sala seguinte, que era como uma sala de receção onde tinha reuniões e discussões. Passou por essa sala e depois atravessou a varanda em frente da sala de estar, no lado oriental do apartamento, onde eu estava sentada com flores à minha volta. Recolhi-me da área iluminada para a parte sombreada da entrada para não o assustar. Permaneci quieta enquanto ele passava a caminho da sala de jantar.

O que vi foi espantoso, porque não era a figura de Krishnaji que passou. Era uma figura invulgarmente alta e luminosa. Parecia a figura do Buda, com o mesmo tipo de porte. Essa figura dirigiu-se à cozinha e depois regressou alguns momentos depois. Desta vez, ao passar pela porta da sala de estar, parou, virou-se e sorriu, como que dizendo:
— "Eu sei que está aí."

Fiquei absolutamente imóvel. Não conseguia compreender aquilo de modo algum. Não havia medo; era extraordinário. Era algo de muito belo.

EB: Era Krishnamurti?

AL: Bem, era Krishnamurti, porque era o quarto dele. Ele tinha saído de lá, atravessado a casa de banho, passado pela varanda até à sala de jantar, cozinha, e depois regressado. Não havia mais ninguém naquele apartamento.

EB: Pode descrever de que forma ele parecia diferente?

AL: Krishnaji é uma pessoa muito esguia, delicada, de pequena estatura. Esta figura tinha pelo menos o dobro da altura dele e era maior. Era como se houvesse uma luz dentro do corpo. O rosto era muito pacífico e compassivo e parecia haver algo sobre a cabeça.

Como vi pinturas de Ajanta e Ellora[4] e de outros lugares, fez-me lembrar o Buda, com aquela cabeça e aquela figura. Fiquei ali muito quieta durante algum tempo; depois apanhei rapidamente as minhas coisas e desci as escadas em silêncio. Tremia o tempo todo. Contei ao meu marido, Mark, o que tinha visto e nunca mais falei disso a ninguém, porque era algo tão sagrado que não queria diminuí-lo falando dele.

A única outra pessoa a quem contei, até agora, foi Krishnaji, antes de ele morrer. Fui vê-lo. Pedi para o ver em privado, como fazia todos os anos. Era uma questão muito pungente na minha mente. Disse:
— "Krishnaji, quero perguntar-lhe sobre algo que vi. Não sou uma pessoa supersticiosa, não costumo ter visões; mesmo que veja ou ouça algo no escuro, vou verificar; relaciono-me com os factos e com a realidade."

Expliquei-lhe como estava no apartamento dele naqueles primeiros anos, pouco depois de me ter casado e ido viver para Rishi Valley, e como estava sentada ali e o que tinha visto. Ele sentou-se com as mãos juntas e a cabeça inclinada. Depois de eu terminar, levantou os olhos e disse:
— "Viu alguma coisa. Porque a questiona?"

Eu respondi:
— “Não a questiono, porque de facto a vi; apenas tento compreendê-la. Pensei que talvez falar consigo pudesse explicá-la.”

Ele disse:
— “Viu-a. Não há outra explicação.”

Ficámos muito quietos enquanto ele segurava a minha mão e depois fui-me embora.

Essa ocorrência, no primeiro ano em que estive em Rishi Valley, estabeleceu em mim uma relação com Krishnaji. Havia algo para além do comum presente naquela manhã. Quando assistia às suas palestras, sentia a presença de algo extraordinário, e tenho a certeza de que muitas outras pessoas também o sentiam.

EB: Era mais uma sensação, um sentimento, ou viu realmente algo diferente na sua estatura ou aparência?

AL: Nunca mais vi o que vi em Rishi Valley, mas muitas vezes sentia como se houvesse a presença de algo que não era do meu nível; havia algo extraordinário que surgia.

EB: Já teve algo semelhante antes ou depois?

AL: Não, porque eu não me relacionava com templos, nem me sentava a cantar ou entoar cânticos. Relacionava-me com os meus estudos; era muito orientada para a realidade. Foi por isso que quis falar com Krishnaji, porque não conseguia integrar aquilo na minha base de realidade.

EB: Mas ele não explicou realmente.

AL: Não explicou; apenas disse que eu tinha visto algo e que, se se vê algo, porque é necessário questioná-lo? Isso também é uma realidade.

EB: Havia alguma relação entre o que viu e os ensinamentos de Krishnamurti?

AL: Para mim, os seus ensinamentos representam a verdade, uma verdade muito básica relacionada com a vida e o mundo, o seu ritmo, uma intemporalidade. Talvez algo dessa intemporalidade tenha sido tocado, e foi isso que vi.[74]

Krishnamurti continuou a ser questionado sobre todos os aspetos da condição humana. A pergunta seguinte era do tipo que lhe era frequentemente colocada.

PERGUNTA: ESTOU CHEIO DE ÓDIO. PODE ENSINAR-ME A AMAR?

Ninguém lhe pode ensinar a amar. Se as pessoas pudessem ser ensinadas a amar, o problema do mundo seria muito simples, não seria? Se pudéssemos aprender a amar num livro, como aprendemos matemática, este seria um mundo maravilhoso; não haveria ódio, exploração, guerras, nem divisão entre ricos e pobres, e seríamos todos verdadeiramente amigáveis uns com os outros.

Mas o amor não surge assim tão facilmente. É fácil odiar, e o ódio aproxima as pessoas de certa maneira; cria todo o tipo de fantasias, produz várias formas de cooperação, como na guerra. Mas o amor é muito mais difícil. Não se pode aprender a amar, mas pode-se observar o ódio e afastá-lo gentilmente.

Não lute contra o ódio, não diga como é terrível odiar as pessoas; veja o ódio pelo que ele é e deixe-o desaparecer; afaste-o, não é importante. O importante é não deixar que o ódio crie raízes na sua mente. Compreende?

A sua mente é como um solo fértil e, se tiver tempo suficiente, qualquer problema cria raízes como uma erva daninha, e depois tem o problema de o arrancar; mas, se não der ao problema tempo suficiente para criar raízes, então ele não terá lugar para crescer e acabará por definhar.

Se encorajar o ódio, dando-lhe tempo para criar raízes, crescer e amadurecer, ele torna-se um enorme problema. Mas, se cada vez que o ódio surge o deixar passar, então descobrirá que a sua mente se torna muito sensível sem ser sentimental; portanto, conhecerá o amor.

A mente pode perseguir sensações e desejos, mas não pode perseguir o amor. O amor tem de chegar à mente. E, quando o amor está presente, não há divisão entre amor sensual e divino: é amor.

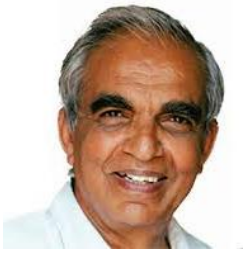
Essa é a coisa extraordinária acerca do amor: é a única qualidade que traz uma compreensão total da totalidade da existência.[75]

— *Think on These Things*, 1964

Como foi referido anteriormente neste livro, Krishnamurti era meticuloso em todos os aspectos da sua vida, incluindo o lado físico.

Talvez sabendo que o seu corpo era frágil e não particularmente forte, dedicava diariamente tempo à prática de ioga.

Foi neste contexto que conheceu Desikachar, então um jovem professor de ioga, hoje mestre de ioga de renome mundial.



T. K. V. DESIKACHAR

Mestre de Ioga, Madras, Índia

Tomei conhecimento de Krishnaji pela primeira vez numa carta que o meu tio, B. K. S. Iyengar[5] (renomado professor de ioga), escreveu ao meu pai a partir da Suíça. Para o meu tio, foi um grande acontecimento quando Krishnaji assistiu à sua demonstração de *asanas* em Saanen. O meu pai mostrou-me a carta, mas a informação teve pouco impacto em mim.

Contudo, com o tempo, os acontecimentos aproximaram-me muito de Krishnaji. Encontrámo-nos ano após ano, viajámos juntos, partilhámos pensamentos e conversámos sobre amigos comuns — tudo isto apesar de, ou talvez por causa da, relação muito tradicional aluno-professor que mantive com o meu pai, o grande mestre e filósofo de ioga T. Krishnamacharya.

Como isto aconteceu é algo que partilharei convosco.

Em Dezembro de 1965, Alain Naudé, secretário de J. Krishnamurti, visitou o meu pai no nosso pequeno apartamento em Gopalauram, Madras. Trazia uma mensagem de Krishnaji. Era um pedido para que o meu pai visitasse a sua residência e demonstrasse a Krishnamurti como os *asanas* e os *pranayamas*[6] deviam ser praticados. O meu pai aceitou prontamente. No dia marcado, Alain Naudé veio buscá-lo a Vasanta Vihar. O meu pai pediu ao meu irmão, Shribhashyam, e a mim que o acompanhássemos.

Quando chegámos, Krishnaji saiu com as mãos juntas e agradeceu profusamente ao meu pai pela visita. A minha primeira recordação de

Krishnaji é a de uma pessoa gentil, idosa, com uma camisa longa e fluida e uma postura muito direita.

"Ensinava tanto pelo seu exemplo… limpeza, pontualidade, dignidade do trabalho, respeito pelos outros, humildade perante o professor, qualquer que fosse a sua estatura ou idade, vontade de aprender profundamente, consideração pelas outras culturas."

— T. K. V. Desikachar

Tomou a mão de Krishnamacharya e conduziu-nos ao seu quarto. Pouco depois expressou o desejo de ver como praticávamos ioga.

Por instrução do meu pai, o meu irmão e eu começámos a demonstração de posturas de ioga.

Após cerca de trinta minutos de observação, Krishnaji pediu entusiasticamente ao meu pai:
— "Senhor, quero aprender *asanas* consigo, mas não quero perturbá-lo. Poderia enviar um dos seus filhos?"

Traduzi este pedido ao meu pai. O meu pai assegurou a Krishnaji que providenciaria algo em breve.

Esta primeira visita, em Dezembro de 1965, iniciou uma associação com Krishnaji que terminou apenas com a sua recente morte.

No dia seguinte, quando Alain Naudé voltou, o meu pai instruiu-me a ir ter com Krishnaji, insistindo que eu demonstrasse o maior respeito.

Quando fui à sua residência, Vasanta Vihar, lá estava ele na varanda, de braços abertos para me receber. Enquanto me conduzia ao seu quarto, perguntou afetuosamente pelo meu pai, como se se conhecessem há anos.

Antes de começarmos a primeira lição, expressei o desejo de ver a prática de ioga de Krishnaji. Ele ficou pronto num instante. Apesar dos seus sessenta e nove anos, as posturas que demonstrou eram das mais avançadas — todas as variações da postura sobre a cabeça, da postura sobre os ombros, equilíbrio sobre as mãos e muitos arcos difíceis das costas.

E embora o seu corpo fosse pequeno e as posturas variadas e impressionantes, o seu peito estava rígido como um barril. Também notei que a sua respiração era restrita e ofegante, as mãos tremiam, o pescoço era como granito e os olhos por vezes enchiam-se de lágrimas. Contudo, o seu entusiasmo nunca diminuía.

Expliquei a Krishnaji que devia praticar posturas e exercícios respiratórios que reduzissem esses problemas, e certamente não aqueles que os agravavam. Ele simplesmente aceitou o meu conselho e assegurou-me que estava ali para aprender.

"Tu és o professor, e o ensinado e o ensino."

— 1977

Também me deu mais informações sobre a sua saúde. Era evidente que necessitava de atenção especial e também que eu precisava de orientação nestas questões. Despedi-me, confessando que pediria direção ao meu pai.

Krishnaji ficou satisfeito. Concordámos em encontrar-nos no dia seguinte.

Discuti a prática de ioga e os problemas de saúde de Krishnaji com o meu pai.

Ele achava que Krishnamurti devia fazer posturas e regimes respiratórios muito simples. Deu-me instruções claras, algumas tão únicas na minha experiência que fiquei surpreendido. Por exemplo, queria que eu ensinasse Krishnamurti uma postura com as pernas elevadas contra a parede. Aí deveria permanecer fazendo respiração profunda.

Nada mais de postura sobre a cabeça! A rigidez do pescoço devia ser corrigida com os mais simples movimentos da cabeça. Cumpri fielmente as instruções do meu pai.

Krishnaji tinha tanta vontade de aprender que o via todos os dias, alguns dias mais do que uma vez. Fiquei espantado com a sua notável capacidade de adaptação a este novo ensino, tão contrário à instrução que recebera e praticara anteriormente. Em poucas semanas, não havia vestígios do treino anterior.

A sua prática era tão regular e pontual que me surpreendia. Todos os dias estava na varanda, exatamente à hora marcada, para me receber. O local da prática era impecável. Tudo estava no seu lugar, até ao lápis e à revista.

Estava sempre ansioso por compreender o significado do que lhe era ensinado. Graças às suas perguntas incisivas, fui forçado a aprender cada vez mais sobre ioga com o meu professor. Perguntava-me frequentemente: — "O que é ioga? O que é ioga?"

E a única resposta que pareceu satisfazê-lo foi quando a defini como *Shanti*[7]. ["Paz" é a palavra equivalente em inglês.]

A atitude dele para comigo era exatamente a de um estudante perante o seu professor. Não se sentava antes de eu me sentar. Conduzia-me ao seu quarto. Nunca me deixava ajudá-lo a arranjar o tapete para a prática. Não era fácil para mim, aos vinte e sete anos, permitir que isto acontecesse — especialmente quando o estudante tinha sessenta e nove anos e era J. Krishnamurti — mas não tinha escolha.

A sua saúde começou a mostrar sinais de melhoria. Quando deixou Madras para ir para a escola de Rishi Valley, convidou-me para o acompanhar. Mais tarde convidou-me para Saanen, na Suíça. Insistiu que eu devia ir para continuar as nossas aulas e ensinar alguns dos seus amigos. Assegurei-lhe que primeiro teria de consultar o meu professor em Madras e depois responderia.

De volta a Madras, o meu pai aconselhou-me a aceitar o convite. Mas senti que primeiro o meu tio, Shri B. K. S. Iyengar, que durante muitos anos ensinara tanto Krishnaji como outros amigos dele em Saanen, devia aprovar este arranjo. Escrevi a Krishnaji nesse sentido.

Krishnaji encontrou-se com o meu tio em Bombaim e pouco depois recebi uma carta positiva.

Assim, embora hesitante, não tive alternativa senão aceitar o convite de Krishnaji.

Em Junho de 1966 fui para Saanen, onde fiquei com Krishnaji no Chalet Tannegg. Algumas semanas depois, o meu tio chegou para dar as suas aulas. Também ficou no chalet.

Ali estava eu, a ensinar Krishnaji, enquanto no mesmo chalet o meu tio ensinava os seus alunos. E tinha sido ali, no ano anterior, que ele ensinara Krishnaji. O potencial para tensão era real, mas Krishnaji fez tudo o possível para me deixar à vontade, apesar da delicadeza da situação. Graças ao seu cuidado, a minha primeira visita à Europa correu bem e nada aconteceu que prejudicasse a minha relação com o meu tio, com quem continuo em excelentes termos.

Krishnaji apresentou-me a muitos visitantes distintos. Mostrou-me alguns dos melhores lugares da Suíça. Ele próprio conduzia o seu Mercedes e falava sobre as características especiais do carro. Em todas as conversas

descobri que estava extremamente bem informado sobre diferentes partes do mundo e vários costumes do Ocidente.

Na verdade, as minhas primeiras lições sobre boas maneiras ocidentais à mesa vieram dele:
— "Não apoie os cotovelos na mesa. Use a mão esquerda para o garfo. Não abra os cotovelos. Não leve a boca ao prato. Espere pela segunda porção."

Também me apresentou ao valor de comer fruta primeiro, à razão pela qual as saladas devem preceder a comida cozinhada, quais os melhores frutos secos, como partir castanhas-do-pará. Era extremamente meticuloso com diferentes tarefas domésticas. Costumava limpar a casa de banho ele próprio. Vi-o muitas vezes a limpar a casa de banho e dizia:
— "Deve-se deixá-la tão limpa como estava antes de ser usada."

Os seus conselhos ao lidar com pessoas e situações eram inequívocos:

— "Não seja outro macaco."
— "Seja você mesmo."
— "Observe o outro tolo" [quando conduzir um carro].

Insistia em levar-me aos melhores lugares quando saíamos para comer. Que gosto! Que consideração pelo convidado. Tinha o seu secretário à minha disposição para qualquer coisa de que precisasse durante a visita.

Muitas vezes levava-me a passear. Nessas caminhadas incentivava-me a estudar, a aprender tudo o que o meu pai tinha para ensinar. Chegou mesmo a oferecer-me uma bolsa para que a necessidade não me afastasse desse estudo, e isto numa altura em que ele próprio tinha problemas financeiros.

Um dia disse-me:
— "Senhor, se for necessário, venderei a minha camisa e enviar-lhe-ei dinheiro, mas por favor estude; deve fazê-lo."

No ano seguinte, quando Krishnaji regressou a Madras, telefonei para Vasanta Vihar a pedir uma marcação. O senhor que atendeu a chamada não me conhecia. Respondeu secamente:
— "Não pode ver Krishnaji. Talvez dentro de algumas semanas, não agora."

Respondi:
— "Senhor, não é tanto eu querer ver Krishnaji. Talvez seja Krishnaji quem queira ver-me."

Ele ficou surpreendido:
— “Qual é o seu nome?”

Disse-lhe o meu nome. Respondeu de forma breve:
— “Espere.”

Alguns segundos depois voltou:
— “Desculpe. Krishnaji está a caminho para falar consigo.”

Quando Krishnaji chegou, mostrou-se muito apologético, embora eu não tivesse mencionado o incidente.

Krishnaji expressou o desejo de ver o meu pai. Veio ao nosso pequeno apartamento em Mandaveli. Sentou-se no chão nu em frente ao meu pai. Mesmo não sendo fluente em inglês, fez questão de que o meu pai compreendesse a seguinte mensagem:
— “Senhor, por favor ensine ao seu filho Desikachar tudo o que sabe.”

Durante quase dez anos dei aulas a Krishnaji — às vezes em Inglaterra, outras na Suíça, frequentemente em Madras. Sempre que o via era um aluno “fresco”, pronto para aprender algo novo. Tive sempre o privilégio de o visitar quando desejasse.

Contudo, depois de as nossas lições formais terem cessado, não o vi durante vários anos porque não queria perturbá-lo.

Em 1984 encontrámo-nos após um intervalo de dois anos. Fiquei surpreendido quando me desafiou:
— “Porque não nos encontrámos estes anos? Talvez se tenha tornado um grande importante.”

Em Janeiro de 1985 voltámos a encontrar-nos. Convidou-me para almoçar. Sugeri que fosse eu a convidá-lo.
— “Talvez eu possa oferecer uma refeição de cânticos védicos?”

Respondeu rapidamente:
— “Senhor, faça-o. Faça-o agora.”

Sugeri trazer um pequeno grupo para tornar o momento mais interessante.

Fizemos o cântico. Sentou-se atentamente durante noventa minutos, por vezes entoando connosco.

No final da sessão, pediu uma peça específica: era uma oração a Krishna, do *Mukunda Mala*[8].

No último Janeiro de 1986 encontrei-me com ele alguns dias antes da sua partida repentina para os Estados Unidos. Estava como sempre. Perguntou pela minha família.

Queria que transmitisse os seus respeitos ao meu pai. Espontaneamente fiz um pedido totalmente fora do meu carácter:
— "Senhor, peço a sua bênção."

Ele respondeu:
— "Não, senhor, somos amigos."

Essa foi a última mensagem que me deu.

Krishnaji nunca aceitou o papel de "guru", mas aqueles como eu que tiveram a oportunidade de lhe ensinar algo sabem que ele era o exemplo perfeito do estudante. Pergunto-me se queria que fizéssemos o mesmo antes mesmo de procurar um professor. Diz-se:
— "O professor aparece apenas ao estudante sincero."

Não pretendo saber o que Krishnaji ensinava pela palavra, mas ensinou tanto pelo seu exemplo… limpeza, pontualidade, dignidade do trabalho, respeito pelos outros, humildade perante o professor, qualquer que fosse a sua estatura ou idade, vontade de aprender profundamente, consideração pelas outras culturas.

Muitas vezes se diz que ele não estava consciente dos problemas do homem comum. Mas a sua preocupação pelos indianos, pelos pobres indianos explorados por todos, era transbordante. Ficava triste quando a religião explorava os pobres.

Partilhava todos esses sentimentos de tristeza, visíveis nos seus olhos.

Krishnaji já não está entre nós. Eu, pelo menos, posso dizer que nunca demonstrou menos preocupação comigo do que com aqueles associados ao seu círculo. Estava sempre a avisar:
— "Senhor, não se torne um guru, não explore, não se torne rico."

Obrigado, Krishnaji. Lembrar-me-ei de si e dos seus conselhos.

Notas

1. *Pandal — Estrutura temporária, frequentemente coberta, usada na Índia para reuniões públicas, cerimónias ou eventos religiosos.*

2. *Krishnaji — Forma afectuosa e respeitosa de se dirigir a Jiddu Krishnamurti.*

3. *Kharow — Tamancos tradicionais de madeira usados em várias regiões da Índia.*

4. *Ajanta e Ellora — Complexos de grutas e templos históricos na Índia, famosos pelas esculturas e pinturas budistas, hindus e jainistas.*

5. *B. K. S. Iyengar — Bellur Krishnamachar Sundararaja Iyengar, um dos mais influentes mestres de ioga do século XX.*

6. *Pranayama — Técnicas iogues de controlo da respiração.*

7. *Shanti — Palavra sânscrita que significa "paz".*

8. *Mukunda Mala — Hino devocional em sânscrito dedicado a Krishna.*

Ver é agir. E, se não se vê com muita clareza, naturalmente toda a ação se torna confusa.
E vamos ter com alguém para nos dizer o que fazer, porque não conseguimos ver por nós próprios o que fazer.... Ninguém pode ajudar outro a ver claramente.... Portanto, a vossa responsabilidade ao escutar torna-se muito significativa, porque têm de descobrir se é possível mudar radicalmente para que vivamos um tipo de vida totalmente diferente.
— MADRAS, 1965

Alan Rowlands é um distinto pianista e foi professor de piano durante muitos anos na Brockwood Park School. Conta o início da sua associação com a escola e também o lado mais leve de Krishnamurti.

ALAN ROWLANDS

CONCERTISTA E PROFESSOR, LONDRES, INGLATERRA

Nunca tinha ouvido falar de Krishnamurti, mas algo me levou a assistir a uma palestra dele. Foi na Friends' House, em Euston Road (10 de Maio de 1966), e não encontrei nenhum sinal no exterior que explicasse

quem era Krishnamurti ou o que iria acontecer. Lá dentro encontrei uma sala cheia de pessoas peculiarmente silenciosas e uma única cadeira no palco com um microfone à frente. Pensei que provavelmente surgiria um presidente da sessão para o apresentar, mas isso não aconteceu.

Exatamente às sete horas, um homem pequeno subiu ao palco, sentou-se e começou a falar; às oito horas levantou-se e saiu.

Saí quase em estado de aturdimento, sem falar com ninguém, porque penso que percebi logo então que aquela hora fora provavelmente uma das experiências mais importantes da minha vida. Desde o momento em que começou a falar, senti-me pessoalmente interpelado e a palestra parecia dirigida exatamente ao estado de espírito em que eu me encontrava naquela altura. Transmitia uma extraordinária impressão de autoridade (no sentido de alguém que sabia do que estava a falar) e toda a experiência continha uma estranha sensação de completude, que eu não queria perturbar.

(Lembro-me de ter ido ouvir Billy Graham nessa mesma semana. Houve uma preparação tremenda — oradores introdutórios, bandas, coros e depois o grande homem em pessoa. Comoveu-nos profundamente, mas quando convidou as pessoas a avançarem por Cristo, eu fui na direção oposta. E depois, o contraste total daquela tranquila palestra em Euston Road!)

No ano seguinte, 1967, soube do encontro de Saanen através de um anúncio no jornal e fui. Dorothy Simmons estava lá, mas só a conheci nas palestras de Wimbledon, em 1969, quando todos os interessados em Brockwood foram convidados a falar com ela numa mesa no átrio. Fi-lo, algo nervosamente.

Dorothy foi muito aberta e convidou-me a visitar Brockwood Park e a ajudar a preparar o local, o que fiz regularmente nesse ano, conhecendo Krishnaji pela primeira vez quando chegou em Maio.

Mais tarde, nesse mesmo ano, perguntou-me se estaria disposto a dar aulas de piano como professor visitante. Comecei em Setembro de 1970 e continuo até hoje — agora há vinte e três anos! Primeiro tínhamos um piano emprestado na sala principal até que, através do College, consegui adquirir o atual piano de cauda de Brockwood (1904) por 200 libras.

Naqueles primeiros tempos de 1969, quando Alan Hooker era responsável pela cozinha, todos comíamos à volta da grande mesa na cozinha. Krishnaji tornava-se por vezes conversador durante ou após as refeições.

Gostava, às vezes, de contar anedotas e uma das melhores foi sobre os Três Reis Magos a visitar o Menino Jesus em Belém. Depois de prestar homenagem, um deles endireitou-se e bateu com a cabeça numa trave.

"Jesus Cristo!", exclamou.

"Oh, é um belo nome", disse Maria. "Estávamos a pensar chamar-lhe Fred."

K era tímido por natureza e mencionou isso numa entrevista que tive com ele em 1970. Eu tentara expor alguns problemas que me perturbavam, mas ele recusou discuti-los em detalhe e apenas disse: "Não consegue deixar tudo isso cair?" Um pouco mais tarde, foi ele próprio quem introduziu o tema da timidez (que eu não mencionara) e falou da experiência de entrar numa sala cheia de pessoas e de como se podia deixá-las falar — eram exatamente como nós próprios, confusas e à procura da resposta. Disse: "Deixe que as outras partes de si contem a sua história." Esta referência aos outros como "as outras partes de si" causou-me uma impressão profunda.

Outras coisas que disse nessa ocasião e que permaneceram comigo foram: "apenas observe", "veja o que acontece" e "não pode mudar essas nuvens".

Algumas das reuniões com os funcionários nesses tempos eram muito intensas. Numa delas colocou a pergunta: "Qual é a coisa mais importante da sua vida?" com grande urgência. Tentámos responder de várias formas, tanto idealistas como práticas, mas nada o satisfazia. Menos ainda toleraria qualquer coisa que ele próprio tivesse dito anteriormente, mas continuou a colocar a questão. Finalmente, após cerca de uma hora, disse: "Pergunto-me se ajudaria se eu vos dissesse o que é para mim?" Pareceu hesitar e depois disse: "Ser nada, ser absolutamente nada."

Alan Hooker vivia em Columbus, Ohio, e viajava frequentemente como conferencista teosófico quando entrou em contacto com os escritos de Krishnamurti em 1945. Foi o início de um compromisso que durou até à morte de Alan, em 1993.

Depois de se mudar para Ojai no final da década de 1940, pediram-lhe que organizasse a alimentação e o alojamento das pessoas nos campos de Ojai. Continuou também a cozinhar em Saanen e Brockwood durante muitos anos.

Algum tempo antes, ele e a sua mulher, Helen, tinham aberto um restaurante-jardim, o The Ranch House, em Ojai, Califórnia, que apresentava uma cozinha invulgar baseada em vegetais frescos e ervas aromáticas. Acrescentou aves, peixe e carne ao menu, pois naquela altura não havia vegetarianos suficientes para sustentar o restaurante. Alan Hooker foi chamado "O Padrinho da Cozinha Californiana".

ALAN HOOKER

RESTAURADOR, OJAI, CALIFÓRNIA

Embora eu ajudasse a preparar refeições para Krishnamurti — e isso continuou durante muitos, muitos meses e anos — nunca senti que conhecesse o homem; porque, para mim, existia a qualidade de não haver ninguém ali; não havia uma pessoa que eu pudesse encontrar como se encontram outras pessoas com os seus hábitos e gostos ou aversões.

Aqui estava um homem que parecia completamente livre de tudo isso, tanto quanto eu conseguia ver, e não havia ninguém para encontrar; mas era um privilégio sentar-me à mesa e ouvi-lo conversar com as pessoas que apareciam. Na minha vida, não consigo imaginar nada tão maravilhoso como aqueles privilegiados almoços com ele.

Penso que a contribuição mais importante que Krishnamurti deu à pessoa pensante deste planeta foi levar-nos a investigar a natureza da crença, porque a maior parte das religiões assenta na crença, e ele faz explodir tudo isso como sendo meramente um processo do pensamento. Parece ser uma das primeiras pessoas a dizê-lo fora, talvez, do Buda, e isso é bastante perturbador, chocante e desconcertante para pessoas enraizadas na crença.

Anteriormente neste livro, Ingram Smith escreveu acerca de um acontecimento ocorrido em Colombo, Sri Lanka. Eis outra anedota passada em Sydney:

Em 1955, na casa de Spencer English, em Sydney, Austrália, seis de nós estávamos sentados à mesa com Krishnaji. Quando terminávamos a refeição, rebentou uma violenta tempestade, com muitos relâmpagos — uma verdadeira turbulência de fim de Primavera no hemisfério sul. Parámos de falar para observar. Krishnamurti afastou a cadeira e, sem dizer palavra, saiu para o pátio aberto e começou a dançar à chuva, saltando alegremente no meio daqueles tremendos relâmpagos e trovoadas. Que beleza ver um homem dançar espontaneamente, selvagem e graciosamente, no meio da violência da natureza!

A compreensão é agora, não amanhã. Quando estamos interessados em algo, fazemo-lo instantaneamente; há compreensão imediata, transformação imediata. Se não mudar agora, nunca mudará, porque a mudança que ocorre amanhã é apenas uma modificação, não é transformação. A transformação só pode ocorrer imediatamente; a revolução é agora, não amanhã.
— PALESTRA EM BOMBAY, 1948

Quando estamos conscientes do "que é", queremos transformá-lo, e aí começa o sofrimento. Porque com o fim do sofrimento começa a sabedoria, e o fim do sofrimento é a compreensão do "que é".
— PALESTRA EM OJAI, 1966

Krishnamurti vira Rajagopal apenas periodicamente nos últimos anos, mas, mesmo assim, a reconciliação parecia impossível. Os pedidos de relatórios financeiros eram recusados. Krishnamurti pediu para ser reintegrado na direção da Krishnamurti Writings, Inc., ou KWInc., como era chamada. Sentia que deveria ter algum acesso e controlo sobre os seus próprios escritos, bem como conhecimento dos assuntos financeiros. Fora cuidadosamente mantido na ignorância relativamente a tudo isso. Em parte, era culpa sua, pois mostrara pouco interesse pelo lado comercial ou administrativo do trabalho. Krishnamurti sabia, contudo, que grandes somas de dinheiro tinham sido dadas para apoiar o seu trabalho, mas não fazia ideia de quanto nem onde esse dinheiro se encontrava realmente.

A crescente força dos encontros de Saanen, na Suíça, era vista como uma suposta ameaça ao trabalho cuja sede nominal era em Ojai, Califórnia. Contudo, em Julho de 1964, foram entregues relutantemente 50 000 dólares para comprar o terreno onde os encontros de Saanen decorriam, com o entendimento de que a propriedade reverteria para a KWInc. após a morte de Krishnamurti.

A indomável Doris Pratt escreveu a Rajagopal sugerindo que o Comité de Saanen pagasse todas as despesas de viagem de Krishnamurti, etc., enquanto estivesse na Europa, e que a KWInc. cobrisse as despesas ligadas às viagens para a Índia e os Estados Unidos.

Krishnamurti nunca teve dinheiro próprio, exceto as 500 libras anuais deixadas em 1913 pela americana Mary Dodge.

À medida que a situação atingia um ponto crítico, Krishnamurti sabia que tinha uma obrigação para com aqueles cujos fundos tinham sido doados para apoiar o seu trabalho. Eticamente, sentia-se responsável perante eles.

Em Julho de 1968 rompeu completamente com o seu antigo associado e cortou relações com a Krishnamurti Writings, Inc. Revogou o documento de 1955 que cedia os seus direitos de autor e também recusou autorização para que Rajagopal celebrasse quaisquer novos contratos.

Foi feita uma declaração pública em 7 de Julho de 1968 perante milhares de pessoas reunidas em Saanen:

"Krishnamurti deseja que se saiba que se desligou completamente da Krishnamurti Writings, Inc., de Ojai, Califórnia. Espera que, como resultado deste anúncio público, aqueles que desejem associar-se ao seu trabalho e ensinamentos deem apoio apenas ao novo Krishnamurti Foundation Trust internacional, em Inglaterra, cujas atividades incluirão uma escola. O documento que estabelece a Fundação garante que as intenções de Krishnamurti serão respeitadas."
— PALESTRA EM SAANEN, 1968

A nova entidade, o Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., encarregou-se da publicação de livros, bem como das traduções estrangeiras desses livros, e geria os seus compromissos de conferências, etc. Foi igualmente formada uma rede de Comités Europeus que ajudavam na distribuição dos livros nos respetivos países.

No ano seguinte, 1969, foi constituída a Krishnamurti Foundation of America e, em 1970, a Krishnamurti Foundation of India. Algum tempo depois iniciou-se, com relutância, um processo judicial para recuperar fundos doados e as propriedades de Ojai.

Erna Lilliefelt, que ouvira Krishnamurti falar pela primeira vez na Índia em 1952, juntou-se à Fundação. Ela e o marido, Theodor, foram membros fundadores da Krishnamurti Foundation of America. Erna

retirou-se do seu trabalho para a Fundação em 1994, após quase trinta anos de serviço. Fala dos dias formativos do seu trabalho.

ERNA LILLIEFELT

EMPRESÁRIA, OJAI, CALIFÓRNIA, E MEMBRO FUNDADOR DA KRISHNAMURTI FOUNDATION OF AMERICA

EB: Quando Rajagopal se afastou, quem assumiu a organização das palestras?

EL: Existia uma organização filial dirigida por Doris Pratt e Mary Cadogan. Doris Pratt, nesses dias, organizava palestras em Inglaterra e depois penso que as palestras de Saanen se desenvolveram com a ajuda da Sra. Scaravelli, que tinha um chalé em Gstaad. Quando Krishnamurti a visitava, as pessoas sugeriam que ele desse algumas palestras, e foi assim que começaram as palestras de Saanen. Na Índia, as palestras eram organizadas por amigos indianos.

EB: Como conseguiu Krishnamurti sustentar-se financeiramente durante esse período?

EL: As pessoas ajudavam-no. Amigos ingleses pediam fundos a doadores para pagar as suas viagens e outros também ajudavam.

EB: Como descreveria a formação da actual Krishnamurti Foundation of America?

EL: Escrevi um documento sobre isso chamado *KFA History*. Está nos arquivos e disponível na biblioteca da KFA (Krishnamurti Foundation of America). Antes de apresentarmos efetivamente o processo judicial houve dois ou três anos durante os quais tentámos chegar a um acordo. Assim que Krishnamurti chegou a Malibu, em 1968, pediu ao Theo e a mim que nos reuníssemos com ele. Sentia que era importante iniciar uma nova organização e recomeçar nos Estados Unidos. Foi assim que nasceu a KFA.

EB: Quando fundaram a KFA, quem eram os administradores?

EL: Havia quatro instituidores, cada um dos quais contribuiu com 500 dólares para iniciar o fundo. Eram Theo Lilliefelt, Ruth Tettemer, Mary Zimbalist e Krishnamurti. Os administradores originais eram essas mesmas pessoas, mais Alain Naudé e eu própria — Erna Lilliefelt.

EB: Quais eram as vossas intenções ao criar esta fundação?

EL: O objetivo da fundação era divulgar os ensinamentos de Krishnamurti. Alguns meses antes tinha sido criada uma nova organização em Inglaterra, o Krishnamurti Foundation Trust, Ltd. O objetivo era criar uma lista de contactos e informar as pessoas sobre onde Krishnamurti iria falar, bem como organizar as palestras nos Estados Unidos, o que fizemos. Nessa altura ele não tinha lugar para falar em Ojai porque o Oak Grove lhe estava fechado, por isso falou em Santa Monica, São Francisco e Nova Iorque. A partir daí cresceu.

EB: Durante todo esse período o processo judicial continuou?

EL: Sim, as atividades relativas às reivindicações contra a Krishnamurti Writings, Inc. e Rajagopal continuaram até 1975, quando chegámos a acordo através dos tribunais. Nessa altura conseguimos recuperar a propriedade, o Oak Grove e a propriedade em Meiners Oaks, o que permitiu iniciar a Oak Grove School. Recuperámos também a propriedade de Arya Vihara, onde Krishnamurti pôde voltar a ficar e regressar a Ojai.

EB: Ao longo desses anos teve oportunidade de ver Krishnamurti em todo o tipo de circunstâncias. Qual foi a sua reação a Krishnamurti, o homem, e ao ensinamento?

EL: Nunca separei os dois: o homem e o ensinamento. Eram os seus ensinamentos. Quando falava, falava os ensinamentos. Quando não estava a falar, os nossos contactos com ele, quando estava aqui, diziam respeito ao trabalho da Fundação e da Escola, aos nossos planos e ao que iríamos fazer. Não tínhamos discussões filosóficas, a menos que ele organizasse pequenos encontros especificamente para isso.

EB: Viu pessoas em redor de Krishnamurti, assistindo às palestras ao longo dos anos. Ele tinha um efeito sobre as pessoas e devia estar consciente disso; como reagia?

EL: Não era um homem que reagisse, se percebe o que quero dizer.

EB: Na Índia e noutros lugares via-se uma intensa adulação, mas ele tendia, na minha observação, a afastá-la.

EL: É isso que quero dizer com não reagir. Penso que isso lhe era algo difícil; não creio que respondesse positivamente à adulação e a esse tipo de coisas. Sinto que as pessoas que reagiam dessa maneira falhavam o essencial das suas palestras.

EB: Krishnamurti sentia que tinha uma missão?

EL: Quer “missão” seja ou não a palavra correta, o termo “ensinamentos” era o termo dele e penso que obviamente tinha uma missão educativa, se quiser usar essa expressão. Tinha algo a dizer que penso ter sido útil aos seres humanos e isso teve um grande efeito sobre as pessoas.

EB: O que diria ser o legado de Krishnamurti?

EL: Penso que aquilo que disse então continua tão válido agora porque é tão verdadeiro, tão real. Nunca variou no que dizia; pode ter dito a mesma coisa de muitas maneiras diferentes, mas era sempre a mesma mensagem. Desenvolveu-a, expandiu-a, continuou com ela, mas não era diferente.

EB: Como afetou Krishnamurti a sua própria vida?

EL: Foi como se, de repente, uma porta se tivesse fechado e outra se tivesse aberto. Não posso dizer mais do que isso. Mas nunca me senti dependente dele de forma alguma. É verdade que nos envolvemos no processo judicial, mas isso foi por uma razão específica. Quando saí da Índia, depois de o ouvir pela primeira vez, não sabia se o voltaria a ouvir. Nunca me ocorreu segui-lo ou assistir a outras palestras. Senti que tinha deixado de procurar e que estava por minha conta. Deu-me algo que me permitiu enfrentar a vida por mim própria sem procurar em ninguém aconselhamento psicológico, orientação, conforto ou respostas.

EB: Qual é o coração do seu ensinamento? Quando se olha para trás, para a sua negação da autoridade desde 1929, “estar por conta própria” foi um tema constante.

EL: Penso que essa é a sua grande mensagem: como viver como indivíduos sem dependência psicológica. É uma mensagem tão entusiasmante.

EB: Diria que a sua passagem do catolicismo para a teosofia fazia parte do mesmo movimento? Afastou-se dessas formas depois de ouvir o que Krishnamurti tinha a dizer. Poderia a declaração de 1929 libertar as pessoas de qualquer tipo de dependência religiosa?

EL: Sim, de dependência religiosa dogmática ou psicológica.

EB: K estava interessado em criar uma nova organização, mas falava constantemente contra as organizações; qual é a diferença?

EL: A Krishnamurti Foundation não é uma organização espiritual. Foi fundada apenas para tornar disponível aquilo que ele dizia, para possibilitar

que ele falasse. Organizar uma palestra em Nova Iorque ou Boston não tinha nada a ver com o aspeto espiritual da questão. O que dizia pode ser considerado espiritual, dependendo da forma como se define essa palavra.

EB: Krishnamurti considerava-se uma figura religiosa?

EL: Isso é difícil para mim dizer. Teria de definir religião ou figura religiosa. Não penso que possa responder por ele. Não poderia ter feito o que fez sem esta tremenda energia, para transmitir aquilo que aparentemente sentia ser uma mensagem para benefício das pessoas, para as levar a ver algo em vez de permanecerem cegas pelo seu condicionamento e pelas coisas que ouviram durante gerações.

EB: Quando fala da energia de Krishnamurti, que era bastante notória, ele alguma vez descreveu a origem dessa energia?

EL: Não penso que alguma vez a tenha descrito. Ela estava lá. Fala muito dela nos seus escritos, dessa energia presente, e não há dúvida de que, por vezes, sentia que era algo diferente dele próprio. Não quero entrar numa discussão mística, mas não há dúvida de que essa energia vinha até ele ou permanecia com ele quase constantemente.

EB: Pensa que Krishnamurti tinha um sentimento particular em relação a Ojai?

EL: Penso que tinha um sentimento especial porque remontava a muito longe. Mas sempre senti que Krishnamurti era uma pessoa muito impessoal; não tinha as mesmas reações sentimentais em relação a pessoas ou lugares. Penso que tinha grande compaixão e sensibilidade, mas não diria que houvesse nele algo de sentimental.

Krishnamurti manteve-se afastado da atmosfera de acusações e contra-acusações legais. Se lhe colocavam perguntas, respondia conforme necessário, mas nunca havia envolvimento emocional nem animosidade pessoal.

Contudo, o Krishnamurti Foundation Trust, em Inglaterra, considerou necessário emitir uma declaração esclarecedora aos seus leitores no *Bulletin* n.º 3, Verão de 1969. Dizia o seguinte:

"Muitas pessoas escreveram expressando preocupação com o afastamento de Krishnamurti da Krishnamurti Writings, Inc., e perguntando por que motivo isso aconteceu.

Krishnamurti considera que o público deve ser informado, porque durante os últimos quarenta anos apoiou o seu trabalho e fez contribuições substanciais para a Krishnamurti Writings, Inc., por causa dele.

Nos últimos dez anos Krishnamurti pediu repetidamente ao Sr. Rajagopal, presidente da Krishnamurti Writings, Inc., que o informasse e consultasse acerca da política e assuntos da organização. O Sr. Rajagopal recusou consistentemente fazê-lo e negou a Krishnamurti acesso aos seus próprios manuscritos e arquivos na Krishnamurti Writings, Inc. Além disso, Krishnamurti soube recentemente que, ao longo dos anos, foram feitas alterações na Krishnamurti Writings, Inc. que o excluíam de qualquer participação nos seus assuntos. Krishnamurti tentou muitas vezes resolver amigavelmente as questões com o Sr. Rajagopal e membros da direção da KWInc., mas sem resultado.

Lamenta profundamente que tenha sido necessário voltar a apelar por fundos, mas o dinheiro dado à Krishnamurti Writings, Inc. para o seu trabalho encontra-se atualmente preso nessa organização e não está à sua disposição.

Foram tomadas todas as precauções na formação do Krishnamurti Foundation Trust e da Krishnamurti Foundation of America para garantir que problema semelhante não ocorra no futuro."

Havia alguns aspetos da vida de Krishnamurti de que raramente falava. Contudo, em algumas ocasiões contou episódios relacionados com poderes de cura.

Giddu Narayan fora professor durante muitos anos na Rishi Valley School, tornando-se mais tarde diretor. Transferiu-se depois para a Valley School, em Bangalore, numa função semelhante, onde permanece ainda hoje.

GIDDU NARAYAN

EDUCADOR, THE VALLEY SCHOOL, BANGALORE, ÍNDIA

EB: Contou uma história em que Krishnamurti relatou aquilo a que chamaram um milagre. Pode contá-la?

GN: Há muitos anos caminhava com Krishnaji na praia em Madras. Foi por volta de 1959. Enquanto caminhávamos, perguntei-lhe sobre milagres e o que pensava deles. Disse: "Vou contar-lhe uma anedota." Contou que um marido viera pedir a Krishnaji ajuda para a esposa. A perna dela estava em estado grave após uma fratura e havia uma espécie de tecido

a crescer entre duas articulações; não podia ser operada e seria necessária amputação pelo joelho. Então Krishnaji disse: “O que posso fazer? Se quiser, pode trazer a sua mulher.”

No dia seguinte a mulher foi levada para o escritório numa maca e, enquanto vinha, Krishnaji saiu do quarto; a senhora viu Krishnaji, os olhos de ambos encontraram-se, e ela levantou-se e foi embora a caminhar. Esta é a anedota. Krishnamurti voltou-se para mim e disse: “Meu velho, pensei que estavam a brincar comigo.” Fiquei calado. Pensei que talvez fosse uma piada. Depois disse, após uma pausa: “Na manhã seguinte, a filha veio com uma grinalda e disse: ‘Tem noção do que fez à minha mãe? É um milagre.’” Havia um grande sentido de humor nisto. Então perguntei a Krishnamurti: “Foi porque a mulher tinha fé em si?” Respondeu: “Não, essa não foi a razão.” “Então como aconteceu?”, perguntei. Disse: “Em algum lugar, algo faz clique.” Perguntei de novo: “O que é que faz clique?” Respondeu: “Energia — a energia passa.” E a conversa terminou. Krishnaji era muito modesto em relação a falarmos dos seus poderes de cura. Mas fez um comentário muito interessante. Disse: “Curar o corpo é uma coisa simples. Um bom médico consegue fazê-lo. Mas curar a mente é muito mais profundo e maior. Curar a mente do sofrimento, do medo e da solidão requer grande atenção e profundidade.” Assim, Krishnaji não queria que os amigos falassem dos seus poderes de cura porque essa não era a sua função. A sua principal missão, se se lhe pode chamar missão, era curar a mente. E isso torna-se muito claro porque o principal objetivo do seu ensinamento é libertar o homem incondicionalmente.

EB: Disse que Krishnaji comunicava mais através do silêncio, talvez, do que através das palavras. Como explica isso?

GN: Krishnaji era um grande defensor do diálogo, através das palavras e do refinamento da comunicação, mas era preciso conhecê-lo pessoalmente para compreender a natureza da quietude, porque, se se passeasse com ele, era muito difícil fazer-lhe perguntas. Experimentava-se uma qualidade de silêncio, beleza e compaixão, e é difícil separar uma da outra; investigação, silêncio e observação caminham juntos e era possível ver a incorporação dessas qualidades em Krishnamurti, na forma como falava e na forma como vivia.

Durante a década de 1970, Krishnamurti regressou novamente à Índia após uma ausência de dezoito meses e embarcou no habitual ciclo de palestras, diálogos e conferências. Devido a uma disputa legal acerca da

propriedade de Vasanta Vihar, em Madras, resultante do caso Rajagopal, não pôde permanecer lá como nos anos anteriores.

As discussões em curso com o Procurador-Geral Adjunto da Califórnia e a outra parte ainda não tinham alcançado uma resolução. Rajagopal não estava interessado num acordo.

Em Março de 1970, Krishnamurti falou no Santa Monica Civic Auditorium, que comporta três mil pessoas, e centenas tiveram de ser recusadas. Havia sempre alguns que abandonavam as palestras a meio, ofendidos por alguma observação particularmente desafiante acerca do nacionalismo, da religião ou de muitas outras coisas que estimamos.

Isto acontecia inevitavelmente em qualquer país onde estivesse, quer na Índia, com as suas tradições profundamente enraizadas, quer na Europa, nos encontros internacionais de Saanen, quer nos Estados Unidos, onde uma crescente vaga de fundamentalismo provocava respostas irritadas e agressivas a algumas das palestras.

Uma orientação que parecia elevar-se acima dessas interpretações estreitas era o grupo psicoterapêutico tão em voga nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

David Shainberg era um distinto membro desse grupo psicoterapêutico. Diretor do Programa de Formação Especializada em Medicina Psicanalítica no Postgraduate Center for Mental Health, em Nova Iorque, autor de *The Transforming Self* e de numerosos artigos profissionais, participou em muitos diálogos prolongados com Krishnamurti, alguns dos quais foram gravados em vídeo. A série *The Transformation of Man* com Krishnamurti, o Professor David Bohm e o Dr. Shainberg tornou-se especialmente conhecida.

Neste artigo escrito para o boletim de Verão da Krishnamurti Foundation, escreve acerca desse importante encontro:

"Dentro de si está o mundo inteiro e, se souber como olhar e aprender, então a porta está lá e a chave está na sua mão. Ninguém na Terra lhe pode dar nem essa chave nem a porta para abrir, exceto você mesmo."

Notas

1. “Talk” foi traduzido como “palestra”, conforme o uso corrente em português europeu no contexto de conferências públicas.

2. “Oak Grove” e outros nomes próprios foram mantidos no original.

3. “Trustee” foi traduzido contextualmente como “administrador” ou “membro fundador”, conforme o enquadramento jurídico.

4. “Healing powers” foi traduzido como “poderes de cura”, preservando o sentido literal do original.

— VOCÊ É O MUNDO, 1972

DAVID SHAINBERG, M.D.

PSIQUIATRA, NOVA IORQUE

Nos dias 29 e 30 de Abril de 1975, Krishnamurti reuniu-se em Nova Iorque com vinte e cinco psicoterapeutas.

O grupo representava uma variedade de orientações teóricas, incluindo as de Freud, Horney, Sullivan e Rogers. Havia quatro assistentes sociais, quatro psicólogos e dezassete psiquiatras. Entre eles encontravam-se vários diretores de institutos de formação psicanalítica, um diretor de um departamento hospitalar de psiquiatria, muitos professores universitários e várias pessoas que contribuíram extensamente para o conhecimento psicanalítico.

Este grupo reuniu-se para explorar as relações e implicações dos ensinamentos de Krishnamurti no seu trabalho quotidiano. Cada pessoa conhecia bem a dificuldade envolvida em ajudar outro ser humano. Desde o momento em que a discussão começou, a atmosfera do diálogo foi intensa, profundamente séria e respeitosa.

A primeira questão levantada foi, apropriadamente: qual é a raiz do medo? Surgiu imediatamente uma distinção útil: existe uma preocupação

biológica pela qual sabemos reconhecer incêndios, serpentes, etc. Alguns chamaram a isto o domínio do "medo prático". Krishnamurti salientou que isso não é medo psicológico, mas sim uma "inteligência de instinto de sobrevivência". O medo psicológico é diferente.

Krishnamurti insistiu que o medo psicológico é causado pelo pensamento. O tornar-se, dizia ele, com o seu medo de não se tornar, é a raiz de todo o medo. "Se não existisse pensamento, não existiria medo." Um psiquiatra respondeu: "Se não existisse pensamento, não seria humano." Mas Krishnamurti conduziu a discussão para a consideração da possibilidade de ausência de pensamento como sendo verdadeiramente humano. Houve dificuldade inicial em compreender isto, mas o grupo começou a aproximar-se do cerne do dilema quando Krishnamurti enfatizou a necessidade de ir à raiz do medo, não aos seus ramos. O medo e os seus ramos surgem sempre quando, em vez de ação imediata, existe pensamento enquanto processo de tornar-se.

Os psicoterapeutas concentram-se habitualmente nos pensamentos dos seus pacientes ou, se não nos pensamentos, no tornar-se e no ser. O terapeuta procura ajudar o paciente a tornar-se menos medroso, mais maduro, mais apto na sociedade. Assim, foi um choque para muitos participantes neste diálogo considerar que o pensamento e o tornar-se eram a raiz da doença mental. Mas para muitos foi mais do que chocante, frequentemente até profundamente confuso, quando Krishnamurti apontou que o próprio ser era a raiz mais profunda do medo. Poucos compreenderam, mas todos ficaram a questionar-se. Krishnamurti perguntou como seria possível prevenir completamente a doença.

A partir daí o grupo passou para uma diferença central: os psicoterapeutas — e, naturalmente, o mundo inteiro — estão habituados a pensar em termos de processo. Isso implica que a mudança leva tempo, que qualquer transformação requer tempo.

Um homem, por exemplo, disse que a observação de Krishnamurti acerca da transformação da consciência parecia implicar um processo. Argumentava-se que os pacientes melhoravam "ao longo do tempo" como resultado da participação num diálogo a que chamamos terapia. Observa-se que esses pacientes têm menos medo em consequência de uma mudança no seu conhecimento acerca de si próprios e do mundo.

Como, perguntavam os terapeutas, seria possível rejeitar a ideia de processo quando observam tão frequentemente essa melhoria ao longo do tempo? Krishnamurti perguntava-se se essas pessoas não adquiririam simplesmente uma nova dependência para aliviar os seus medos.

Perguntou: será possível estar totalmente livre do medo e não apenas ter menos medo (como se sugeria ser o resultado habitual da psicoterapia)?

Esta questão surgiu sob outra forma numa discussão sobre desenvolvimento, conceito que desperta o interesse da maioria dos terapeutas. No centro das teorias psicanalíticas está a ideia de que a criança se desenvolve ao longo do tempo e que as doenças mentais emergem de falhas na realização de várias tarefas de desenvolvimento ao longo de um processo. Do mesmo modo, o terapeuta observa um processo no paciente que gradualmente resolve os seus diversos medos. À medida que a terapia progride, há mudanças; diferentes medos emergem para primeiro plano. O paciente torna-se gradualmente capaz de expandir a sua vida e viver de forma mais "produtiva" e mais "livre".

Krishnamurti concordava que o organismo, enquanto tal, sofreu desenvolvimento. Mas o organismo é diferente do "eu".

Este eu é um produto do pensamento enquanto fuga à ação imediata. O eu ou o self, em que os terapeutas se concentram, é uma característica do processo de tornar-se e é a própria doença, com a sua incessante necessidade de ser.

Isto também levantou questões sobre o tipo de mudança observada nos pacientes que o terapeuta considera melhorados. Ainda que se tornem "melhores" na adaptação a este mundo corrupto, significa isso que são capazes de amar ou estão livres do medo?

Krishnamurti perguntou se existe uma ação que não pertença ao eu nem ao tempo. Isso terá alguma relação com conhecimento e aprendizagem? E estará o amor de algum modo relacionado com conhecimento?

A questão do processo surgiu novamente quando um terapeuta observou:

"Vemos muitos pacientes que sentem que não são nada. Isto é, sentem-se, como o senhor sugere, vazios do eu e do conteúdo da consciência."

Krishnamurti observou que o problema dessas pessoas é que, na realidade, desejam ser alguma coisa. Outro médico sentiu que isso era um problema maior do que Krishnamurti sugerira. Insistiu que esse estado de sentir-se nada era devido ao medo. Não resultava da superação do medo. Era um estado anterior ao sentir, à experiência ou ao contacto com a vida.

Este médico e outros consideravam necessário que o paciente passasse por um processo de experimentar um eu, um self, antes de conseguir abandonar o eu.

Krishnamurti continuou a salientar que não é necessário qualquer processo para tomar consciência da natureza do pensamento e do tornar-se, ou da formação de ideais, e que o intervalo entre "o que é" e as invenções do pensamento deve terminar instantaneamente. Contestou outro pressuposto básico da psicanálise ao afirmar que não é necessário, através do tempo, revelar as camadas profundas do inconsciente. Os terapeutas consideravam necessário um processo dessa revelação, mas Krishnamurti dizia que a atenção completa ao momento da acção é uma ação total e suficiente.

Era claro que os terapeutas sentiam que os pacientes não eram capazes de atender ao momento presente e que necessitavam de preparação para gradualmente compreender os limites do pensamento, incluindo ajuda para atravessar um processo de intensificação do self.

Ao longo do diálogo, o tema recorrente foi como encontrar uma ação que esteja para além do tempo e do pensamento. Foi perturbador para muitos ouvir que era impossível agir conscientemente sem fragmentação e que a verdade nada tinha a ver com a realidade, que é produto do pensamento.

Implícita na discussão, e surgindo frequentemente em explosões explícitas, estava a questão: como podem os psicoterapeutas ajudar os seus pacientes se eles próprios não são íntegros? Naturalmente, todos os presentes estavam conscientes da sua própria fragmentação e isso confrontava cada um com perguntas sobre o tipo de ajuda que estavam realmente a prestar.

Para explorar isto, Krishnamurti enfatizou que não existe segurança psicológica. A ação do pensamento e do tornar-se é a ação da insegurança.

A única segurança é a plena realização de que não existe segurança psicológica. Na realização disso, o pensamento e o tornar-se chegam ao fim. Esta discussão desafiava o processo analítico em que a maioria dos participantes se envolvia diariamente.

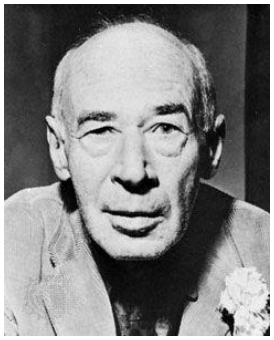
Krishnamurti observou que a análise, enquanto pensamento, era uma paralisia da ação. Vai de uma parte para outra parte, infinitamente incompleta. Agir de conclusão em conclusão produz fragmentação

interminável e é, em si próprio, um processo de fragmentação; tudo isso é ação do pensamento. Nunca pode conduzir à liberdade.

A maioria dos psicoterapeutas que participou na conferência de dois dias ficou profundamente tocada pela discussão. Em geral tiveram grande dificuldade em compreender que nenhum processo era necessário. Isto desafiava os pressupostos psicanalíticos de crescimento e desenvolvimento. Ser nada e viver diretamente no momento intrigou e interessou muitos que apreciavam o facto de a análise interminável através do pensamento não estar a ajudar os seus pacientes.

Muitos relataram sentir-se abalados e levados a questionar; alguns disseram sentir-se mais tranquilos após o trabalho com Krishnamurti. Um homem afirmou: “Foi como uma lufada de ar fresco.” Mas é claro que é necessário mais diálogo para compreender o processo do pensamento.

No extremo oposto do espectro encontrava-se o iconoclasta Henry Miller. Os seus livros autobiográficos e francos chocaram gerações de leitores, mas em Krishnamurti encontrou a liberdade intelectual que ele próprio defendia com tanto ardor.



HENRY MILLER

ESCRITOR, PARIS, FRANÇA, E BIG SUR, CALIFÓRNIA

Nunca conheci Krishnamurti, embora não exista homem vivo que eu considerasse maior privilégio conhecer do que ele... A sua linguagem é nua, reveladora e inspiradora. Perfura as nuvens da filosofia que confundem o nosso pensamento e restaura as fontes da ação. Derruba as superestruturas vacilantes dos ginastas verbais e limpa o terreno do entulho.

Em vez de uma corrida de obstáculos ou de uma ratoeira, transforma a vida quotidiana numa busca jubilosa... A sua carreira, única na história dos líderes espirituais, faz lembrar a famosa epopeia de Gilgamesh. Saudado na juventude como o Salvador vindouro, Krishnamurti renunciou ao papel

preparado para ele, rejeitou todos os discípulos, recusou todos os mentores e preceptores. Não iniciou nenhuma nova fé ou dogma, questionou tudo, cultivou a dúvida (especialmente nos momentos de exaltação) e, através de luta heroica e perseverança, libertou-se da ilusão e do encantamento do orgulho, da vaidade e de toda a forma subtil de domínio sobre os outros.

Foi à própria fonte da vida buscar sustento e inspiração. Resistir às astúcias e armadilhas daqueles que procuravam escravizá-lo e explorá-lo exigiu vigilância eterna. Libertou, por assim dizer, a sua alma do submundo e do mundo superior, abrindo-lhe assim "o paraíso dos heróis"... Não conheço homem vivo cujo pensamento seja mais inspirador.

A função mais elevada da educação é produzir um indivíduo integrado capaz de lidar com a vida como um todo.
— EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA, 1953

Um acontecimento significativo da década de 1970 foi o estabelecimento da Oak Grove School em Ojai, Califórnia. Os seus primeiros anos decorreram em instalações apertadas em Arya Vihara, antiga residência de Krishnamurti. Mais tarde, após a resolução do processo Rajagopal, começou a construção em 140 acres intocados adjacentes ao Oak Grove, onde Krishnamurti falava desde 21 de Maio de 1928.

Há algum tempo que ele falava em criar uma escola nos Estados Unidos. Os administradores da Fundação ficaram algo apreensivos com a perspetiva, porque, quando as discussões começaram, o processo judicial ainda decorria e sentia-se que todos já tinham demasiado trabalho.

Mark Lee, hoje profundamente empenhado como Diretor Executivo da Krishnamurti Foundation, fora professor em Rishi Valley e noutras escolas durante algum tempo. Era o candidato mais adequado para dirigir a então minúscula, agora florescente, Oak Grove School. Começando com um pequeno grupo de crianças, a escola tornou-se uma instituição educativa amplamente respeitada, abrangendo desde o infantário até ao ensino secundário.

R. E. MARK LEE

DIRECTOR EXECUTIVO, KRISHNAMURTI FOUNDATION OF AMERICA, OJAI

"O objetivo de educar crianças é deixar a bondade florescer nelas e ajudá-las a ver que o conhecimento é apenas um pequeno canto de um vasto campo."

Com a ajuda de amigos e educadores, Krishnamurti criou meia dúzia de escolas exatamente com essa intenção. Ao contrário dos internatos estabelecidos em Inglaterra e na Índia, a escola fundada em Ojai, Califórnia, foi concebida como escola diurna onde os pais poderiam participar ativamente na educação dos filhos, para que não houvesse divisão entre escola e lar.

Tendo chegado aos Estados Unidos na década de 1920, Krishnamurti conhecia bem o povo americano. Sentia-se atraído pela sua grande energia e generosidade e considerava-os afortunados pela ausência de tradição pesada, mas via que a sua cultura estava em sério declínio.

Em Dezembro de 1974, a convite de Krishnamurti, vim para Ojai com a minha mulher, Asha, e a nossa filha de um ano, Nandini, para assumir a abertura da Oak Grove School. A Krishnamurti Foundation of America acabara de assegurar a posse de uma ampla casa de quinta californiana, branca, revestida a tábuas, conhecida como Arya Vihara — o local onde Krishnamurti mais frequentemente permaneceu na América desde 1920 até à sua morte em 1986.

Asha e eu começámos imediatamente a restaurar a propriedade para que pudesse servir, pelo menos temporariamente, como escola. Desde o início, não existiu diferença entre a nossa vida familiar e o trabalho da escola, que decorria sete dias por semana, vinte horas por dia.

Em Setembro de 1975 tínhamos uma escola modesta com três membros do corpo docente e três alunos. Cresceu de forma notável nos três anos seguintes até quinze alunos e cinco professores. Em dois anos supervisionávamos já a construção de uma maravilhosa instalação escolar: salas revestidas a madeira e iluminadas por clarabóias junto ao bosque de carvalhos onde Krishnamurti falava todos os anos.

Krishnamurti adorava estar em Ojai. A beleza do vale rejuvenescia-o enquanto, todas as tardes, percorria os caminhos e trilhos com passos largos, os seus grandes olhos atentos a tudo e a todos. Chegando todos os Janeiros, após um exaustivo programa de palestras e encontros na Índia, Inglaterra e Suíça, deleitava-se com a paz, o silêncio e a privacidade que Ojai oferece.

No entanto, o fogo para criar uma nova mente e uma nova geração enraizada num espírito verdadeiramente religioso ardia constantemente dentro de Krishnamurti. Era uma paixão que nunca diminuiu.

Quase imediatamente após regressar a Ojai todos os anos, mergulhava nos assuntos da escola, realizando diálogos e reuniões com professores, administradores e pais. O corpo docente queria os conselhos de Krishnamurti sobre currículo e questões educativas, mas a sua resposta — de que "a vida académica e a vida espiritual são uma só" — mantinha a nossa relação com ele nos termos mais elevados e universais.

Era evidente que a sua preocupação mais profunda era que os professores tivessem clareza dentro de si próprios, para que as questões relacionadas com o trabalho em sala de aula pudessem ser inteligentemente respondidas por aqueles que realmente executavam o trabalho.

Krishnamurti via o seu próprio papel como o de nos conduzir à descoberta do fundamento religioso da escola.

Repetidamente perguntava-nos: "Qual é o objetivo da educação?" "Os professores têm o sentimento de energia ilimitada?" A nossa única preocupação deveria ser aprender — se estávamos a criar um ambiente para aprender, se essa aprendizagem estava realmente a acontecer em nós próprios.

Krishnamurti queria uma escola "intemporal", uma escola que durasse centenas de anos. Chegou ao ponto de sugerir que os próprios edifícios da escola não refletissem os estilos arquitetónicos mais recentes.

O que era espantoso era a forma implacável como examinava os princípios educativos sustentados até pelas mentes mais progressistas do corpo docente; não devíamos ser nem "experimentais" nem vanguardistas.

Durante meados da década de 1970, os estudos ambientais estavam muito em voga e todos falavam de regressar à natureza e a uma vida mais simples. Krishnamurti disse-me:

"Pode ser uma abordagem totalmente errada levar uma criança a passear e apontar-lhe a natureza. São apenas palavras. Em vez disso, desperte o cérebro ensinando a arte de ouvir e olhar. A consciência sensorial perde-se à medida que o conhecimento é acumulado. O conhecimento deve surgir da consciência sensorial."

As suas advertências para "impedir a criança de desenvolver a capacidade de concentração" e de que "todo o conhecimento é um obstáculo" desafiaram pais e professores até à raiz do seu pensamento.

A cada passo examinávamos a cultura popular e os elementos predominantes da teoria educativa. Percebendo a mentalidade dos jovens americanos reunidos para ensinar na escola, Krishnamurti advertia-nos frequentemente dos perigos da "cooperação", do "espírito de grupo" e, mais perigoso de tudo, de uma "comunidade" construída em torno de uma mente coletiva em busca de um ideal.

Ajudou-nos a perceber que todas essas abordagens eram divisivas e que apenas uma mente religiosa poderia quebrar a direção errada tomada pela humanidade há muito tempo.

Feitas ano após ano às mesmas pessoas, as suas perguntas eram como pedras afundando lentamente na água de um poço, ressoando continuamente dentro de nós.

É difícil transmitir o efeito desta intensa investigação sobre a natureza da educação e do nosso compromisso com a escola, exceto dizendo que o tempo parou. Os anos passaram inexplicavelmente.

Ainda assim, profunda e irreversivelmente, a investigação apaixonada estava a transformar o nosso pequeno grupo de intrépidos. Lentamente percebemos que o objetivo da escola era desenvolver a arte de ouvir e aprender. Só então se desvendou o persistente enigma das críticas de Krishnamurti ao conhecimento enquanto, ao mesmo tempo, dizia que uma escola devia ser academicamente excelente.

"O cérebro silencioso é o cérebro mais ativo", dizia-nos Krishnamurti. "Se o vosso cérebro regista, não ouviram."

Afirmações tão radicais e profundas como esta são ou rejeitadas como obscuras ou provocam um salto quântico — uma perceção sem tempo — para a própria natureza da aprendizagem.

À medida que trabalhávamos dia após dia para estabelecer a escola e a sua credibilidade, Krishnamurti ajudava-nos a tornar-nos sensíveis ao perigo de desenvolver um catecismo educativo baseado nos seus ensinamentos. Confrontava-nos sempre que procurávamos refúgio em pontos fixos.

O seu afeto por nós era evidente e nunca desistia de ninguém. Não se envolvia nas nossas vidas privadas, mas sabíamos que estava profundamente preocupado com a nossa compreensão de nós próprios e se estávamos a aprender — ou "a florescer", como dizia.

Se percebia que alguém possuía grande energia, que sentia fluir quando a pessoa não estava absorvida em si própria, ou era "um recipiente vazio", então trabalhava com essa pessoa — "cozinhava-a", nas suas palavras — em discussões, refeições e passeios.

A investigação era tão extraordinária que inflamava aqueles que estavam abertos a aprender, embora a taxa de desistência fosse elevada durante os primeiros dez anos. Observámos por que motivo os professores se desgastavam e perdiam o foco e descobrimos que, se os membros do pessoal vinham apenas pelo emprego ou pela associação com Krishnamurti, acabavam geralmente exaustos ou desiludidos.

A taxa de morbilidade psicológica era elevada porque os desafios eram enormes. Existia entre nós um espírito de aventura agonizante e trabalhávamos arduamente para tornar a escola digna da associação de Krishnamurti a ela, mas a cada passo confrontávamo-nos com as limitações criadas por nós próprios.

As intersecções entre personalidades, formação profissional e motivações ocultas não podiam permanecer escondidas durante os quatro meses em que Krishnamurti estava em Ojai todos os anos.

Em retrospetiva vejo agora que éramos pioneiros sem direção; carregávamos a fronteira connosco. O currículo foi desenvolvido em centenas de horas de reuniões, cujo resultado foi que as exigências

educativas do Estado da Califórnia foram cuidadosamente respeitadas enquanto tudo era afinado de acordo com a intenção criativa da escola.

A Oak Grove School estabeleceu uma sólida reputação de excelência nos meios académicos. Amadureceu juntamente com o pessoal docente, à medida que aprofundavam a compreensão de si e o profissionalismo.

A Oak Grove School é um lugar de aprendizagem no mais amplo sentido da palavra. Estou confiante de que terá longa vida e não se tornará uma instituição. Não possui história nem tradições que a sobrecarreguem.

Ao longo da minha participação na escola, como pai, professor e diretor, senti-me abençoado e descobri que uma enorme energia surgia naturalmente desta vida incomum e intensa.

Krishnamurti disse-me uma vez que, se uma pessoa vivesse os ensinamentos, essa pessoa seria "protegida". Perguntei-lhe o que queria dizer e respondeu: "Senhor, descubra por si mesmo." Desde então tenho procurado descobrir.

Passei a compreender que a energia traz perceção, a perceção traz consciência e — talvez — essa consciência seja o que protege. Há mais do que isso, mas enquanto se descobre, a mente torna-se fundamentalmente diferente.

O amor não é produto do pensamento; o amor, tal como a humildade, não é algo que possa ser cultivado. Não se pode cultivar humildade; apenas o homem vaidoso cultiva humildade; e quando está a "cultivar", isto é, a progredir em direção à humildade, está a ser vaidoso — tal como um homem que pratica a não-violência enquanto, entretanto, está a ser violento.

Assim, seguramente, o amor é esse estado da mente em que o tempo, o "observador" e o "observado" não existem. Sabem, quando dizemos que amamos outro ser humano — e espero que amem — então existe intensidade, comunicação, comunhão, ao mesmo tempo e ao mesmo nível; e essa comunhão, esse estado de amor, não é produto do pensamento nem do tempo.
— CONVERSAS COM ESTUDANTES AMERICANOS, 1970

Quando removemos a divisão entre o "eu" e o "tu", o "nós" e o "eles", o que acontece? Só então, e não antes, talvez se possa usar a palavra "amor". E o amor é essa coisa extraordinária que ocorre quando não existe

o “eu” com o seu círculo ou muro.
— VOCÊ É O MUNDO, 1979, 1989

JULIE DESNICK

ESTUDANTE AMERICANA, BROCKWOOD PARK EDUCATIONAL CENTER

Quando tinha cerca de dezassete anos, uma amiga minha disse-me para ler um livro de Krishnamurti. Li umas três páginas e quase saltei da minha própria pele. Fiquei absolutamente deslumbrada. Tinha lido outras coisas e ele parecia ir muito mais longe. Nunca tinha lido ninguém assim. Em Brockwood Park atravessei muitas lutas com os ensinamentos; penso que muita gente passa por isso, tentando captá-los, olhando para eles como uma espécie de salvação, ignorando que continuamos a ter de viver neste mundo tal como somos. Hoje sinto-me tão impressionada com eles como quando os li pela primeira vez. Continuam muito belos, claros e invulgares.

Para mim, os ensinamentos de Krishnamurti parecem vir de uma fonte pura. A única coisa com que os poderia comparar seria estar na natureza, ou a música de Mozart, ou um grande poema, como um poema de Keats. Pareciam sem esforço. A maior parte dos ensinamentos parece construída pelo intelecto. São conceitos intelectuais. Enquanto que eu sentia verdadeiramente que K falava a partir de uma fonte pura, de um contacto direto com algo, em vez de apenas teorias intelectuais.

Para além da lógica dos seus ensinamentos, que considero muito racional, também encontro neles uma tremenda beleza, uma espécie de beleza poética. Sinto que viveu a sua vida com grande integridade e que possuía uma presença especial, semelhante a um silêncio intenso e a compaixão, como aquilo que sinto quando estou no topo de uma montanha ou escuto a música mais bela. Não penso alguma vez ter conhecido outro ser humano com esse tipo de presença.

Os ensinamentos de Krishnamurti são radicais; a maioria das pessoas nem sequer os deixa entrar, embora eu sinta que são afetadas por eles, mesmo que não o admitam.

Vi pessoas que afirmavam não ter qualquer apreciação ou compreensão dos seus ensinamentos derreterem completamente na sua presença; mas eles são muito puros e ele não oferece muletas nem conforto, e é isso que a maior parte das pessoas procura.

Por outro lado, aqueles de nós que sentimos compreendê-los melhor parecem ficar muito frustrados porque vemos esta tremenda beleza no que ele está a dizer. Para mim, é como embater no Sol ou ver uma jóia fantástica e querer agarrá-la, mas não se consegue porque não funciona dessa maneira.

No espectro educativo, o Professor P. Krishna ocupa uma posição especial. Como Professor de Física na Banares Hindu University, ocupava uma posição eminente, mas quando Krishnamurti lhe pediu para dirigir a escola de Rajghat, não hesitou. A escola, situada num campus de 250 acres, é composta pela Rajghat Besant School, uma escola residencial para crianças dos anos intermédios; o Vasanta College, pioneiro na educação feminina na Índia; e a Rural Primary School, que educa quatrocentas crianças das aldeias vizinhas.

PROFESSOR P. KRISHNA

RECTOR, RAJGHAT EDUCATION CENTER, VARANASI, ÍNDIA

A primeira vez que encontrei os ensinamentos de Krishnamurti foi quando era estudante universitário, por volta dos dezasseis anos. Foi através de um pequeno folheto que descrevia as suas palestras dirigidas a jovens estudantes na Índia. O que me atraiu foi a frontalidade da sua abordagem, a simplicidade do que abordava e o facto de tratar da vida quotidiana deles. Não era um discurso abstrato e filosófico do tipo que encontramos quando falamos com um professor de filosofia.

Fiquei profundamente interessado e, à medida que lia, descobria que todo o tipo de questões que tinham surgido na minha mente adolescente eram discutidas naquele pequeno livro. Encontrei uma abordagem que me pareceu muito inteligente e realista relativamente a essas questões.

Krishnamurti fazia perguntas simples como:
"Porque se levantam quando o professor entra na sala?"
"Porque se vestem da maneira que se vestem?"
"Porque colocam um *tika* na testa?"[1]
"Porque fazem *puja*?"[2]
"Será o respeito uma forma de medo?"

Questionava tudo à nossa volta e a nossa vida quotidiana. Isso despertou grande interesse em mim porque sentia que não compreendia a maneira como vivia. À medida que lia mais, descobria cada vez mais coisas que me atraíam.

Por exemplo, aprendi com os seus ensinamentos que a verdadeira transformação tem de vir do interior e não começar no exterior; assim, não é a prática da virtude que é importante, mas sim ser virtuoso. Não é praticar atos de bondade que importa; importa ser bondoso interiormente, e existe uma diferença entre as duas coisas.

Esse era um ponto que nunca me tinha ocorrido antes, porque todas as religiões nos tinham pedido para levar uma vida virtuosa e descreviam a virtude em termos de atos virtuosos. Aqui estava um homem a dizer que a prática não resolve; que, se não houver bondade interior, praticar atos de bondade apenas produz uma dicotomia entre aquilo que somos e aquilo que queremos ser, e esse conflito perturba-nos.

Conheci Krishnamurti através do livro e depois conheci a pessoa; achei-o muito diferente da imagem de santo imperturbável que a minha mente tinha construído.

Conhecê-lo despertou muitas questões na minha mente.

A meditação é essa luz na mente que ilumina o caminho da ação; e sem essa luz não existe amor.
— A ÚNICA REVOLUÇÃO, 1970

Krishnamurti encontrava-se regularmente com Indira Gandhi quando estava na Índia.

Em segundo lugar, os ensinamentos de Krishnamurti abalaram a minha fé na razão. Até o encontrar, acreditava que, se fôssemos muito racionais e conseguíssemos raciocinar com grande subtileza, poderíamos alcançar qualquer coisa. Depois de o ler, aprendi a questionar se isso era verdade, porque os seus ensinamentos mostraram-me claramente que a nossa mente funciona frequentemente como o nosso advogado pessoal, justificando e defendendo qualquer opinião com a qual se tenha identificado.

Normalmente identificamo-nos com um ponto de vista que nos convém e depois a mente encontra todo o tipo de razões para provar que esse ponto de vista é virtuoso. Engana-nos, levando-nos a pensar que estamos a fazer o correto quando, na realidade, estamos apenas a fazer aquilo que queremos fazer.

Tornou-se claro para mim que simplesmente aguçar o intelecto, aprender cada vez mais sobre filosofia ou ler as opiniões de diferentes pessoas não faz grande diferença. Uma mera compreensão intelectual não

nos transforma. Um professor de filosofia não é muito diferente de um professor de física ou de qualquer outro indivíduo.

Na verdade, Krishnamurti sublinha isto de forma muito clara: o problema é o mesmo para todos os seres humanos, desde o homem mais pobre ao maior executivo, do filósofo ao homem religioso.

Todos enfrentam os mesmos problemas psicológicos. Todos procuram alcançar alguma coisa e, se não conseguem alcançá-la, ficam frustrados.

Quando o conheci, percebi por mim mesmo que ele não era como um intelectual comum que dá uma boa conferência ou uma palestra erudita, ou que consegue analisar melhor do que os outros; era antes um vidente que vivia realmente os ensinamentos. Isso fez toda a diferença para mim.

Já não se tratava de falar com um professor ou filósofo, mas de estar na presença de alguém que tinha visto aquilo que queria que os outros vissem, alguém que dizia não poder transmitir-lhes essa perceção e que eles próprios tinham de a descobrir.

Não existe autoridade no mundo que possa dar-nos perceção interior, e isso fez-me compreender que não devia procurar nos outros; devia manter-me sobre os meus próprios pés e ver a verdade por mim mesmo.

O efeito fundamental dos ensinamentos de Krishnamurti é abrir as portas e janelas da mente. Se não as fecharmos novamente, continuamos a aprender durante toda a vida — vivemos com perguntas em vez de viver com respostas.

Se é um prisioneiro, não me interessa descrever o que é a liberdade. A minha principal preocupação é mostrar o que cria a prisão e que a destrua, se estiver interessado. Se não estiver, naturalmente isso é consigo.
— OMMEN, HOLANDA, 1933

Angel Patrick Boyar, nascido em El Paso, Texas, atualmente a viver na Califórnia, foi recentemente libertado após cumprir vários anos em isolamento numa ala de segurança da prisão estadual de Pelican Bay.

Enquanto esteve ali e anteriormente na população geral da prisão de San Quentin, começou a educar-se lendo vorazmente. Entre as obras existentes na biblioteca da prisão encontrava-se um livro de Krishnamurti. Conseguiu obter outros através da Krishnamurti Foundation of America.

No mundo isolado e feroz da vida prisional, Boyar procurou clarificar o significado da sua existência no ambiente hostil dentro e fora dos muros da prisão.

Num extenso manuscrito escrito à mão intitulado *Nobody, Somebody: the Experience of Being Alive — A Desultory Prison Journal*, do qual o seguinte é um excerto, Boyar descreve em grande detalhe o percurso das suas observações durante os treze anos da sua vida adulta em reclusão. As citações de Krishnamurti presentes no texto que se segue foram inteiramente seleccionadas por Angel Patrick Boyar.

ANGEL PATRICK BOYAR

AUTOR, EX-RECLUSO

O meu maior desejo na vida era ser alguém! Era incessantemente assombrado pelo medo de ser considerado um ninguém. Era atormentado pela ambição de superar os meus pares e comecei literalmente a trabalhar na construção daquilo que acreditava ser uma personalidade e um carácter intrigantes que captariam a atenção do mundo; então eu poderia banhar-me na glória de ser conhecido.

Cheguei à Prisão Estadual de San Quentin em Janeiro de 1982. Fui condenado a uma pena de oito anos de prisão por homicídio voluntário. Tinha chegado à grande prisão! Após alguns meses em San Quentin deparei-me com alguns livros de Erich Fromm e li-os vorazmente. A partir daí soube que a minha sobrevivência na prisão dependeria da minha inteligência, porque eu não era do tipo fisicamente agressivo nem inclinado à violência.

Notas

1. *Tika — marca ritual colocada na testa em tradições hindus.*
2. *Puja — ritual hindu de adoração ou devoção.*

Além disso, eu era — e continuo a ser — um homem de pequena estatura física e precisava de algo que compensasse essa desvantagem num ambiente repleto de alguns dos criminosos mais perigosos e inclinados à violência do sistema prisional, homens que não hesitariam em ferir e matar à mais pequena provocação.

Cada prisioneiro tinha a sua própria técnica de sobrevivência. O meu escudo de proteção foi uma pesada dose de educação pessoal que mais tarde acabou por se revelar causa de muita influência tóxica, conduzindo a

problemas interiores cada vez mais incapacitantes e, por fim, ao que eu sabia ser psicose.

Porque escrevo? Bem, por muitas razões, nenhuma das quais considero relevante. Provavelmente estou apenas a tentar escrever e expressar aquilo que existe, o que na realidade não é assim tão fácil para mim, porque a mente "atafulhada" está sempre no caminho a bloquear o fluxo.

Na verdade, o que pode ser dito quando nada pode realmente sair do vazio que somos?

Estamos constantemente a tentar preencher o vazio com "alguma coisa" — qualquer coisa que nos ajude a escapar à realidade da existência "tal como ela é". Não podemos fugir de tudo aquilo que tememos — não há nada a que nos possamos agarrar — não existe identidade isolada — existe apenas o vazio e as nossas necessidades de segurança que continuamente nos levam a tentar "consertar" tudo, como se pudéssemos agarrar-nos ou cultivar os "sentimentos" que nos dão a experiência de estarmos vivos.

Identidade e vida são sinónimos: estar vivo é ser alguém!

"Queres ser um herói?" Passados quinze anos, essas palavras continuam a ecoar na minha mente e acabaram por revelar-se proféticas.

Foi o meu pai quem me perguntou se eu queria ser um herói. Mas o significado pleno dessas sete palavras só agora começa a exercer o seu maior impacto enquanto contemplo as suas conotações existenciais.

O meu pai sabia o que dizia quando me fez essa pergunta profética. Sabia porque eu andava pelo bairro a agir como um *vato loco*[1]: porque queria ser um herói!

Como Nostradamus, o meu pai lançou um olhar profético sobre o futuro, como um antigo vidente, e viu a profecia cumprir-se na minha vida.

O meu pai não precisava de inspiração sobrenatural para ver a visão panorâmica que se desenrolava diante do seu olhar penetrante... naquele dia em que olhei nos olhos do meu pai... o único herói cuja atenção me teria dado a vida que eu procurava em vão e desesperadamente através de atos estúpidos e ousados de delinquência, para construir uma reputação no *barrio*[2] a fim de ser reconhecido como alguém e assim chegar à verdadeira vida através do estabelecimento de uma identidade... identidade essa que desde então aprendi ser — e sempre ter sido — uma imagem falsamente projetada de um ser humano "assustado", aterrorizado pela ideia

de não ser nada nem ninguém; mas paradoxalmente compelido pelos inevitáveis pensamentos, sentimentos e crenças de que a experiência de estar vivo só poderia surgir ao tornar-se alguém aos olhos e nas mentes de todos os outros.

Na prisão, a maioria dos reclusos sofre por querer ser alguém — especialmente aqueles ligados a gangues prisionais estabelecidos.

A imagem é o bem mais valioso e está ligada à crença de que tornar-se conhecido como "alguém" é poder — e praticamente não existem regras quanto ao que se pode fazer para criar uma imagem pública digna de reconhecimento e admiração na prisão.

Foi a experiência prisional que me ensinou que a única coisa sagrada para o homem é o poder. E na prisão, se não fores alguém, és impotente!

Ser alguém na prisão significa pertencer a alguma clique prisional onde o único princípio orientador que rege as atividades do grupo é a filosofia do "Super-Homem" de Nietzsche.

Esses homens sabem instintivamente que não há lugar para a fraqueza num universo em expansão, que o poder é tudo aquilo que o homem respeita; e essas cliques prisionais tornaram-se, por assim dizer, entidades cabalísticas temidas de violência organizada, estabelecendo uma reputação de assassinos. A identidade deles não é realmente quem são, mas aquilo que têm o poder de fazer — tirar vidas!

A Máfia Mexicana é um notório e respeitado gangue prisional de indivíduos sanguinários que há muito domina os reclusos nas instituições penais da Califórnia. É especialmente reverenciada pelos prisioneiros mexicanos não organizados e mais fracos, por medo, e idolatrada por aqueles que aspiram tornar-se mafiosos, que os veem como heróis e semideuses.

Muitos chicanos[3] na prisão desejam e aspiram tornar-se membros da Máfia Mexicana porque, durante a maior parte das suas vidas, tiveram baixa autoestima, uma imagem pobre de si próprios e uma pseudo-identidade de gangsters que se tornou um estigma desde o aparecimento da era *Pachuco*[4] e dos *zoot suits*[5]; uma herança negativa da qual o chicano não conseguiu libertar-se.

Sendo tratados com desprezo e preconceito pela sociedade maioritariamente anglo-saxónica dominante e forçados a concentrar-se em bairros degradados, os jovens chicanos tornaram-se alienados, e as famílias

que outrora eram mantidas unidas pelos valores familiares paternalistas do velho país começaram a desintegrar-se, à medida que o *Jefe*[6] deixava de conseguir impor respeito (tendo perdido o respeito por si próprio) aos filhos, por não lhes proporcionar um ambiente doméstico adequado e digno.

Tendo de trabalhar longas horas em empregos servis por salários mínimos, a autoridade dos *Jefes* começou a deteriorar-se no lar. A *Jefita*[7] não conseguia supervisionar adequadamente uma casa cheia de crianças.

Com a estabilidade desaparecida do lar, supervisão inadequada e ausência de reconhecimento básico de jovens em crescimento que precisavam de atenção para se sentirem amados e cuidados, os jovens vão para as ruas e começam a andar com os *homeboys* e *homegirls*, que se tornam uma família substituta no *barrio*.

Entra então o *vato loco* na prisão. Está perdido, sozinho, alienado e sofre por querer ser alguém.

E a única imagem que possui de si próprio é o estereótipo estigmatizado do gangster, rodeado e admirado por mulheres deslumbrantes da noite, proprietário de bens valiosos, temido pelos outros e respeitado como alguém porque agora é o epítome do chamado Sonho Americano, que na verdade é uma ilusão.

Durante alguns momentos efémeros transcende a sua pobre autoimagem para se banhar na jactância egotista enquanto contempla o poder que possui sobre aqueles que explora devido ao seu estatuto e pertença à Máfia Mexicana.

"Assim, a meditação tem significado... neste processo de meditação surgem todo o tipo de poderes: alguém torna-se clarividente... todos os poderes ocultos tornam-se totalmente irrelevantes, e quando os perseguimos estamos a perseguir algo que acabará inevitavelmente por conduzir à ilusão."
— VERDADE E FACTUALIDADE, 1978

Enquanto estava na prisão comecei a ler e estudar muitos livros sobre filosofia, espiritualidade, religião, misticismo oriental, metafísica oriental, psicologia e ocultismo.

Tinha sede de conhecimento, devorando livros que julgava conduzirem-me à descoberta da minha verdadeira identidade; e anos mais tarde consegui ver que esse chamado conhecimento não me tinha

aproximado minimamente de uma integração total, pois eu continuava a ser um ser humano incompleto e fragmentado.

Durante muitos anos considerei-me vítima do sistema e acreditava que existiam poderosas forças invisíveis do universo manipuladas por homens inescrupulosos e sedentos de poder em posições elevadas, que de algum modo tinham descoberto os segredos do universo e utilizavam esses segredos como instrumentos para subjugar e manipular as massas para fins de exploração em larga escala, de forma a manterem o poder para si próprios.

Enquanto estava em San Quentin adotei uma visão conspirativa da história e da política e comecei a ler livros históricos e políticos sobre conspirações, bem como sociedades secretas e movimentos subversivos.

Nessa altura tentava também obter todos os livros possíveis sobre lavagem cerebral, controlo mental e guerra psicológica. Queria desesperadamente saber como estava a ser manipulado, sujeito a lavagem cerebral e controlado por manipuladores invisíveis que, eu já concluíra, eram de algum modo responsáveis pela minha identidade perdida.

Mergulhei vigorosamente nos meus livros sobre conspirações pensando que finalmente me aproximava da verdade total sobre o que realmente se passava; como acontecia; porque acontecia; e qual era o meu lugar no esquema das coisas. Ia aprender todos os detalhes possíveis dessa luta pelo poder mundial e expor essa conspiração diabólica. No percurso acabaria inevitavelmente por descobrir a minha verdadeira identidade.

Tornei-me arrogante e desagradável porque me considerava parte de um pequeno círculo de pessoas que sabia o que realmente se passava nos bastidores dos assuntos mundiais. Na altura não tinha plena consciência de que o meu sentimento de inferioridade, aliado ao medo de não ser nada nem ninguém, me levava a sobrevalorizar-me e a menosprezar os outros; olhava com desprezo para aqueles que eram analfabetos e ingénuos para poder sentir-me importante.

Não queria partilhar o meu conhecimento com ninguém porque, se os outros soubessem o que eu sabia, eu não poderia destacar-me como inteligente e único, quando na verdade sabia que o meu motivo para recusar partilhar o conhecimento era ter poder sobre eles.

Agora percebo que o meu motivo profundo para reter conhecimento era identidade, poder e segurança.

O meu cérebro era como uma árvore de Natal e eu continuava a acrescentar todo aquele conhecimento livresco ao cérebro, como quem decora uma árvore de Natal morta arrancada da sua fonte de vida; e esse conhecimento era para mim como as luzes da árvore, cujo brilho ofuscava as outras mentes monótonas e medíocres à minha volta.

Pensava que era profundo, mas era muito superficial porque, na minha vanglória, não conseguia perceber que ser instruído e intelectual não me fornecia a verdadeira ajuda significativa de que necessitava para pôr fim ao conflito espiritual e psicológico dentro de mim.

Tinha medo de aceitar que estava completamente vazio por dentro, que não era nada nem ninguém.

Hoje sei que a única conspiração existente sou eu contra mim próprio!

Li muitos livros que afetaram profundamente a minha mente e ingenuamente pensei que cada descoberta estimulante de algum conhecimento oculto ou verdade revelada alterava significativamente a minha consciência, de modo que eu estava gradualmente a libertar-me de mentiras, ilusões, falsos conhecimentos e limitações autoimpostas; e julgava estar a fazer progressos na minha libertação por etapas; mas estava apenas a escravizar-me ainda mais psicologicamente e a agravar a confusão interior, envenenando-me com as teorias de outras pessoas sobre a vida.

Durante anos procurei desesperadamente a resposta nos livros, mas nunca parei para perceber que todos aqueles livros tinham sido escritos por pessoas que apresentavam as suas próprias teorias sobre a vida. Eram muito boas a diagnosticar os problemas da humanidade, apontando o dedo aos culpados responsáveis pela condição humana; contudo, aqueles que apontavam o dedo nunca consideravam que eles próprios criavam os problemas do mundo:

"O problema não é o mundo, mas você em relação ao outro, e esse problema ampliado torna-se o problema do mundo."

A afirmação acima é verdadeira. Isto é um facto. Não porque Krishnamurti o disse, mas porque consigo ver por mim mesmo que é verdade. É a minha "relação com o outro que cria o problema". Nunca me considerei como sendo o problema. Era sempre o outro!

O mundo seria um lugar melhor para viver assim que os outros recuperassem o juízo e aceitassem a verdade tal como eu a conhecia; assim que toda a gente começasse a ver a realidade à minha maneira e a viver

segundo a minha realidade, então surgiria uma nova ordem mundial de seres humanos sãos.

O cisma no homem, a proverbial dicotomia entre vida e morte, bem e mal, espírito e carne; somos nós, você e eu, que perpetuamos esse conflito porque acreditamos que ele é necessário para nos dar a experiência de estar vivos.

Testemunhei uma transformação dramática quando cessei todo o esforço para mudar-me:

"É a verdade que liberta, não o seu esforço para ser livre."

Durante muitos anos soube-se que o "eu" psicológico era apenas uma imagem, uma projeção do mim. Era um impostor, um pretendente ao trono que usurpara o coração sem fronteiras e agora tinha interesse em preservar a sua identidade inexistente. Convencera-se de que era o verdadeiro John Doe e, durante todo esse tempo, jogava consigo próprio um jogo de verdade ou consequências.

"Saber é ser ignorante; não saber é o começo da sabedoria."

Durante todo esse tempo pensei que, pela acumulação de conhecimento, me tornava mais sábio; mas tive vislumbres momentâneos que revelaram que, à medida que adquiria mais conhecimento do mundo, esse conhecimento era o meu próprio estado de ignorância. Quanto mais passava a saber, mais conseguia perceber o quanto era ignorante.

Cada vez que pensava ter avançado e progredido na aquisição de conhecimento, quando verificava a distância percorrida, encontrava-me exatamente no mesmo lugar.

Na verdade, mesmo que eu possuísse todo o conhecimento do mundo e do universo, continuaria a ser um ignorante, porque todo esse conhecimento não seria sequer uma gota microscópica no oceano do momento eterno.

"Ninguém pode colocá-lo psicologicamente na prisão. Você já está lá."
— COMENTÁRIOS SOBRE A VIDA, VOLUME I, 1956

Fui libertado em liberdade condicional da prisão de San Quentin em 17 de Março de 1986. Lembro-me de que, na noite anterior à minha libertação, não me sentia ansioso por sair. Após aproximadamente seis anos de encarceramento, pensei que deveria estar entusiasmado por sair, que

deveria sentir uma agitação de euforia emocional porque estava prestes a tornar-me livre. Esperava assumir os sentimentos adequados ao atravessar os portões frontais da prisão e entrar no chamado mundo livre.

Chegou a manhã. Ainda nenhum sentimento apropriado para a ocasião monumental de estar à beira de me tornar um homem livre. Passei pelo processo de libertação no R&R.[8] Tirei a roupa prisional fornecida pelo Estado e vesti a minha roupa civil. Recebi os meus duzentos dólares de saída e depois partimos — escoltados rumo à liberdade!

Ao atravessar a praça da capela ajardinada vi alguns companheiros cujas expressões sorridentes indicavam sentimentos de paz e alegria interior. Acenaram-me em despedida e consegui esboçar um sorriso e retribuir o gesto.

Então tomei consciência de que ainda estava dentro do recinto prisional — e de que ainda havia alguma distância a percorrer para ir daqui até à liberdade do outro lado dos portões principais da prisão. Finalmente cheguei, mas quando atravessei o último limiar rumo à liberdade... nada!

Continuava na prisão! A mente fingia ser livre. Eu sabia que essa liberdade era uma ilusão. Não havia experiência de liberdade; eu não tinha despertado para a vida.

Assim, a liberdade nada tinha a ver com estar do outro lado dos muros da prisão. Psicologicamente eu continuava encarcerado; escravizado por paixões e desejos e rodeado pela muralha chinesa de imagens e ideias que eram as verdadeiras barreiras que excluíam a liberdade.

Em Ojai, durante aqueles meses de Primavera antes das palestras anuais em Oak Grove, cada dia era um deleite e um deleite especial era o almoço! Ali, ao longo da longa tarde, aqueles que por acaso estavam presentes partilhavam momentos comoventes, estimulantes, intensos e humorísticos. Falava-se de política, da Guerra do Vietname, de Watergate, de todos os acontecimentos do dia e muito mais. Frequentemente a conversa era séria e investigativa; noutras ocasiões, a sala de jantar de Arya Vihara ressoava de gargalhadas.

Michael Krohnen, além de excelente chefe de cozinha que preparava deliciosa comida vegetariana para Krishnamurti e os seus convidados, tinha também a responsabilidade especial de informar Krishnamurti sobre as notícias do dia. Recorda o delicioso sentido de humor de Krishnamurti.

MICHAEL KROHNEN

CHEFE DE COZINHA, KREFELD, ALEMANHA

Foi apenas após anos de contacto diário com Krishnamurti que cheguei a descobrir e apreciar plenamente os aspetos encantadores da sua personalidade. Demonstrava cuidado genuíno e afeto para com aqueles que o rodeavam. A sua amizade por mim, e por muitos outros, era honesta e sem pretensão e transmitia um maravilhoso sentimento de liberdade e alegria.

O que mais amava nele era o seu riso e o seu sentido de humor, que abrangiam todo o espectro da vida humana. À mesa do almoço em Ojai, onde mais regularmente o encontrava, revelava frequentemente o seu riso contagiante ao contar anedotas do seu vasto repertório de histórias espirituosas e episódios humorísticos.

Mesmo durante as suas palestras públicas diante de milhares de pessoas e durante os diálogos mais penetrantes com cientistas e académicos, conseguia introduzir humor leve, iluminando as ironias e absurdos da vida.

Mas não ficava por aí. Também estava mais do que disposto a rir-se de si próprio e das situações absurdas em que por vezes se encontrava. Pública e privadamente referia-se jocosa e afetuosamente a si próprio como "o pobre sujeito na plataforma" ou "o velho rapaz", e gostava de contar histórias divertidas da sua vida invulgar.

Todas eram episódios encantadores do quotidiano que troçavam gentilmente não apenas dos outros, mas também dele próprio.

Uma vez, ao almoço, durante a época das palestras públicas em Ojai, discutíamos a adoração excessiva de que frequentemente era alvo. De

repente, Krishnamurti irrompeu numa gargalhada jubilosa e libertadora, exclamando:

"É tudo tão louco, tudo tão completamente absurdo."

Eu estava sentado ao lado dele e juntei-me imediatamente ao seu riso desinibido, embora não me fosse inteiramente claro a que exatamente se referia com "tudo isso".

Depois de a nossa exaltação abrandar um pouco, perguntei-lhe:

"O que quer dizer, senhor, com 'tudo isso'? Refere-se às palestras e a tudo isto?"

E fiz um gesto geral em direção aos restantes convidados à mesa, incluindo toda a situação presente.

Ainda com lágrimas de riso nos olhos, voltou-se para mim.

"Sim, senhor, tudo isso e todo o circo à volta dele", respondeu com um sorriso travesso, apontando para si próprio.

Todos à mesa, cerca de dezasseis pessoas, partilhámos outra explosão de gargalhadas exuberantes, misturadas com a pura alegria de viver.

Nas palestras públicas de San Diego, em 1970, respondeu a uma pergunta sobre a sua definição de humor dizendo:

"Suponho que significa realmente rir de si próprio. Temos tantas lágrimas no coração, tanta miséria... simplesmente olhar para nós próprios com riso, observar com clareza, com seriedade e, ainda assim, com riso, se isso for possível."

Apenas alguns meses antes da sua morte, em 1986, comentou:

"O riso faz parte da seriedade, certo? Se não sabe rir e olhar para o Sol, para as árvores, para a luz salpicada e para tudo, bem, está meio morto, não é totalmente humano. Se é apenas religiosamente sério — aos domingos apenas — então isso não é seriedade. Quero dizer riso, um sorriso, esse sentido de humor e apreciar boas anedotas, não anedotas vulgares, mas anedotas realmente boas."

Percebia o seu refinado sentido de humor como o aspeto jubiloso da extraordinária inteligência que manifestava. Isso impregnava a sua pessoa e as suas palestras de um lado humano caloroso sem o qual alguém poderia facilmente sentir-se intimidado pela qualidade elevada, ou mesmo majestosa, do que dizia e pela sua apresentação por vezes austera.

Depois de oferecer uma perceção profundamente incisiva da situação humana global, com todo o seu medo e sofrimento aterradores, inesperadamente contava uma pequena história divertida ou uma das suas anedotas. Era um toque curativo através do qual, subitamente, tudo voltava ao lugar, tudo se tornava inteiro pelo poder libertador do riso partilhado — como se todos nós nos tornássemos de repente conscientes de uma grande anedota cósmica.

As anedotas que contava com tanto deleite eram predominantemente de natureza "religiosa" ou política, isto é, tratavam temas como céu e inferno, Deus e o diabo, o Papa, São Pedro e Jesus, iogues e gurus, e políticos.

Krishnamurti provavelmente teria objetado a qualquer análise das suas anedotas ou tentativa de lhes atribuir significado profundo. Naturalmente eram "apenas" anedotas, nada mais — mas uma anedota, a sua apresentação e apreciação, também manifestam um estado de espírito.

Penso que as anedotas de Krishnamurti revelavam a natureza do pensamento humano, as suas superstições absurdas e incongruentes, a sua propensão para criar sistemas de crenças, dogmas e autoridades espirituais, e as suas formas tortuosas de estabelecer e defender um centro com os seus "interesses próprios".

Tratavam, de forma brincalhona e simpática, dos aspetos ridículos e irónicos das nossas tradições antigas e das nossas vidas quotidianas.

Penso que foi mais do que coincidência o facto de um dos discursos mais célebres de Krishnamurti — aquele que dissolveu formalmente a organização mundial criada para ele como instrutor do mundo — começar com uma anedota, circunstância ignorada pelos seus biógrafos.

O discurso, proferido por Krishnamurti no Campo de Ommen, nos Países Baixos, em Agosto de 1929, dissolveu a "Ordem da Estrela" e tornou-se conhecido sobretudo pela frase marcante: "A verdade é uma terra sem caminhos."

Na verdade, Krishnamurti repetiu essa anedota muitas vezes ao longo da vida, modificando-a ligeiramente de cada vez. Numa das últimas ocasiões em que a contou em público revelou que fora ele próprio quem a "pensara... e inventara há quarenta ou cinquenta anos". Foi provavelmente a única anedota criada por ele próprio. Todas as outras tinham-lhe sido contadas por alguém ou lidas em algum lugar.

Surpreendentemente, alguns dos grandes temas da sua vida e ensinamento estão contidos nessa breve anedota: a procura humana do sagrado, da verdade e das organizações religiosas.

Eis a versão original de 1929:

"Talvez se lembrem da história sobre o diabo e um amigo seu que caminhavam pela rua quando viram um homem inclinar-se, apanhar algo do chão, olhar para aquilo e guardá-lo no bolso.

O amigo perguntou ao diabo:

'O que apanhou aquele homem?'

'Apanhou um pedaço da verdade', respondeu o diabo.

'Isso é muito mau para si', disse o amigo.

'Oh, nem por isso', respondeu o diabo. 'Vou deixá-lo organizá-la.'"

O seu incomparável sentido de humor e o seu riso afetuoso e jubiloso enriqueciam a humanidade de Krishnamurti e completavam a sua totalidade. Ao mesmo tempo, tinha o cuidado de assinalar o outro lado, mais licencioso, do riso demasiado fácil.

Durante a última palestra em Oak Grove, em Ojai, advertiu o público:

"Por favor, não se riam; isto é demasiado sério. Não que não devamos ter humor. É bom rir, mas o riso pode ser um meio de evitar os factos. Portanto, é preciso estar atento a isso. Não que não devamos ter humor: riam com todo o vosso ser de uma boa anedota."

Humor, alegria, bondade e inteligência fundiam-se nele em totalidade, a plena floração da humanidade. Foi um grande ser humano e o seu ensinamento é o perfume que permanece connosco.

Notas

1. Vato loco — *expressão coloquial mexicano-americana que significa algo como "tipo louco" ou "rapaz marginal".*

2. Barrio — *bairro latino/chicano urbano, geralmente associado a comunidades mexicanas ou hispânicas nos EUA.*

3. Chicano — *termo identitário usado por mexicanos-americanos nos Estados Unidos.*

4. Pachuco — *subcultura juvenil mexicano-americana das décadas de 1930-1940.*

5. Zoot suit — *fato extravagante associado à cultura juvenil americana e chicana das décadas de 1930-1940.*

6. Jefe — *"chefe", frequentemente usado para designar a figura paterna.*

7. Jefita — *forma afetiva feminina de "chefe", geralmente usada para a mãe.*

8. R&R — *abreviatura prisional americana para "Receiving and Release" (receção e libertação/processamento).*

Escutar cânticos em sânscrito na Rishi Valley School.

Somos como dois amigos sentados num parque num belo dia, conversando sobre a vida, falando dos nossos problemas, investigando a própria natureza da nossa existência e perguntando-nos seriamente porque razão a vida se tornou um problema tão grande; porque é que, embora intelectualmente sejamos muito sofisticados, a nossa vida quotidiana é um fardo sem sentido, exceto pela sobrevivência — que, ainda assim, é bastante duvidosa.

Porque se tornou a vida, a existência quotidiana, uma tal tortura? Podemos ir à igreja, seguir algum líder político ou religioso, mas a vida diária continua a ser um tumulto; embora existam certos períodos ocasionalmente alegres e felizes, há sempre uma nuvem de escuridão sobre a nossa vida.

E estes dois amigos, tal como nós — vocês e o orador — estão a conversar juntos de forma amigável, talvez com afeto, cuidado e preocupação, perguntando se será de todo possível viver a nossa vida diária sem um único problema.

Embora sejamos altamente instruídos, tenhamos carreiras e especializações, continuamos a ter estas lutas não resolvidas, a dor e o sofrimento e, por vezes, alegria e uma sensação de não sermos totalmente egoístas....

E assim, como dois amigos sentados num banco de jardim... sob a luz salpicada que atravessa as folhas, os patos no canal e a beleza da terra, conversemos juntos sobre tudo isto. Conversemos juntos como dois amigos que tiveram uma vida longa e séria com todos os seus problemas — os problemas do sexo, da solidão, do desespero, da depressão, da ansiedade, da incerteza, de um sentimento de falta de sentido — e, no final de tudo, sempre a morte.

Krishnamurti tinha um amor especial pela natureza. Esse amor era partilhado por Alan Kishbaugh que, ao longo dos últimos vinte anos, esteve ativamente envolvido no trabalho de Krishnamurti. Tinham muitos interesses em comum.

ALAN KISHBAUGH

AUTOR, AMBIENTALISTA, LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

Sinto-me profundamente privilegiado por ter passado vinte anos com Krishnamurti. Existia nele uma qualidade de cuidado, de afeto para com todos os seres vivos, tal que, apenas estando perto dele, sentia-se incluído numa proteção invisível e abrangente.

O seu afeto pelas pessoas manifestava-se no facto de ver mais nelas do que elas próprias frequentemente viam em si mesmas. K fazia emergir o melhor das pessoas e elas surpreendiam-se muitas vezes ao perceber a profundidade do seu próprio ser na presença dele.

Aquilo que se desenvolvia a partir desse reconhecimento interior, dessa generosidade de espírito, era um enorme afeto. Estava ali alguém que queria que fôssemos aquilo que poderíamos ser, alguém que nos estendia a mão precisamente para isso.

A nossa relação parecia a de dois irmãos muito próximos ou de bons amigos com respeito mútuo. Íamos juntos às compras em Londres ou ao cinema em Los Angeles. Era um companheiro maravilhoso.

K apreciava a excelência e tinha um olhar atento ao detalhe, qualidades evidentes nos seus ensinamentos. As suas palestras eram cuidadosamente e responsavelmente construídas, com linguagem precisa destinada a minimizar ambiguidades. Escolhia as palavras de forma a evitar usos da moda e múltiplas conotações. Prestava muita atenção à origem das palavras e consultava vários dicionários que detalhavam extensamente os significados das raízes etimológicas.

Os ensinamentos dizem respeito à ordem e ao comportamento correto. Por vezes definia sanidade como "...tudo no seu devido lugar". Na ordem existe um desdobramento natural da beleza.

Na apreciação de K por objetos bem feitos — como roupa, automóveis e relógios — encontra-se o reflexo lógico e exterior dos mesmos princípios que permeiam todo o ensinamento: ordem, beleza e inteligência.

Esses mesmos princípios e valores — tão meticulosamente aplicados a objetos materiais bem feitos — existem também no mundo interior e são fundamentais para a sanidade e o comportamento correto.

Krishnamurti amava a natureza. A natureza, afirmava ele, é algo fora da mente, intocado por ela. Preferia falar ao ar livre, sob uma copa de árvores, onde pudesse ouvir os pássaros, sentir a brisa e observar o jogo da luz através das folhas.

Fizemos muitas caminhadas juntos na Suíça, Inglaterra e Ojai. Era um observador atento do comportamento animal e da vida selvagem e, enquanto caminhávamos, trocávamos frequentemente histórias sobre animais que tínhamos encontrado.

Nos anos sessenta, o movimento hippie estimulou um grande questionamento de todos os valores da sociedade. As pessoas procuravam novas direções e parecia haver uma rutura com o passado e uma abertura ao novo. Inicialmente parecia estar a ocorrer uma verdadeira revolução, juntamente com uma mudança fundamental no mecanismo da perceção.

Mas a lacuna que se tinha formado — entre o fim do velho e a permanência aberta ao novo em constante formação — começou a ser preenchida com filosofia asiática, drogas e toda a espécie de noções "fixas".

Assim, em vez de se ver a profundidade do próprio condicionamento e permanecer aberto a essa observação, como K falava, ocorreu mais um movimento de fuga ao "que é", em direção a um novo condicionamento.

As pessoas passaram de verdadeiros revolucionários — percebendo-se continuamente a si próprias em ação — para deixarem de ser revolucionárias de todo.

Era como estar numa prisão, abrir a porta da cela e declarar-se livre, apenas para caminhar até à cela ao lado e entrar numa nova prisão. A vista era diferente, mas a prisão do condicionamento permanecia.

Krishnamurti fala da verdadeira revolução como o momento em que vemos a profundidade do nosso condicionamento.

Uma vez visto, isso sobressalta o organismo tempo suficiente para perceber algo para além dos padrões habituais.

Quando não existe movimento nem em direção ao velho nem em direção ao novo, então existe a possibilidade de sermos livres para agir sem partir de uma posição fixa de conceitos, crenças e perceções acumuladas.

Outras disciplinas, como Zen, Yoga ou Budismo, falam de libertação. Mas Krishnamurti, consciente do significado antigo e do longo uso da palavra "libertação", escolheu antes falar de liberdade.

A liberdade é central no trabalho de K e aquilo que a diferencia da libertação é o conceito de responsabilidade pessoal. K fala de liberdade no núcleo do nosso ser, enquanto "libertação" está envolvida na noção de estar livre de alguma coisa.

Outras abordagens falam de realização através da vontade, domínio próprio, equilíbrio ou harmonia entre as várias partes de nós próprios — física, emocional e mental. Mas, novamente, existe uma sensação de "liberdade-de" nesse conceito de realização e libertação.

Certamente que a doutrina budista da Libertação significa muito mais do que isso, mas continua ausente a noção de liberdade como algo pelo qual não se pode trabalhar diretamente — um dom que surge ao vermos a profundidade do nosso condicionamento.

Esse dom da liberdade, seja ele cósmico ou não, desafia qualquer definição. O mais difícil de tudo é reconhecer que ver não requer outra "ação" além de ver. Não existe necessidade de ser ou agir. Fazer, tornar-se, alcançar — tudo isso são projeções do nosso condicionamento.

Os ensinamentos abrangem três áreas.

Primeiro, existe o corpo de tudo aquilo que K disse, gravou, filmou, registou em áudio e escreveu, no qual estabeleceu o tom e os parâmetros do que considerava importante.

Depois existe o ensinamento que se desenvolve interiormente quando as pessoas começam a escutar e a observar como vivem no mundo. À medida que avançam a partir da verdade daquilo que veem em si próprias e no seu condicionamento, percebendo como estão no mundo e não separadas dele, o ensinamento começa a viver.

“O que farão quando eu partir?” perguntava Krishnamurti frequentemente àqueles encarregados do trabalho das fundações.

Por outras palavras: “Se o trabalho é apenas ‘meu’ e não vosso, como poderá continuar vivo?”

É neste ponto, quando os ensinamentos se tornam nossos, que surge uma terceira fase.

Ao aceitar responsabilidade por observar a própria vida — não em julgamento, mas tal como ela realmente é — e ao perceber como todos estamos ligados ao resto da humanidade, aí reside a possibilidade de viver uma vida sã, inteligente e não destrutiva.

Numa vida assim, como Krishnamurti tão eloquente e graciosamente nos mostrou, existe afeto por todos os seres vivos.

O aspeto internacional do círculo em torno de Krishnamurti era notável. Na verdade, isso existia desde os primeiros tempos teosóficos, sendo uma característica evidente do movimento. As suas viagens constantes trouxeram-lhe a amizade de muitas pessoas de todo o mundo.

Entre elas destacava-se Jean-Michel Maroger, que continuou profundamente envolvido no Krishnamurti Foundation Trust, em Inglaterra.

JEAN-MICHEL MAROGER

CONSULTOR MARÍTIMO, PONTLEVOY, FRANÇA

Não tenho inclinação natural para a espiritualidade. Pelo contrário, fui de certo modo conduzido para esse campo através da influência dos meus pais, que se interessaram por essas questões quando eu estava no início da adolescência.

Uma longa doença incurável levou o meu pai em 1965, após um período de graça que durou cerca de vinte anos. A ciência médica desistira há muito de o curar e esse período de graça foi atribuído à oração.

Após a morte dele, a minha mãe aprofundou as suas investigações e acabou por encontrar Krishnamurti; mas recordo-me de inicialmente ter recebido o entusiasmo dela com bastante frieza.

Foi o meu primeiro contacto com o ensinamento, em 1975, que despertou o meu interesse. A minha mãe convidou a família para Saanen, a fim de assistir às palestras de K.

A primeira vez que o vi na tenda tive um choque. Algo mágico, quase irracional, atingiu-me. Era algo para além das palavras que eu estava a ouvir, as quais inicialmente não me impressionaram particularmente, embora inconscientemente eu sentisse que aquilo que estava a ser dito era essencial.

Lembro-me de sair da tenda ao mesmo tempo que ele, correr atrás dele e apertar-lhe a mão em sinal de gratidão.

Assistimos a toda a série de palestras e, quando regressámos a Paris (onde a minha família vivia nessa altura), participei num encontro com alguns amigos da minha mãe que também tinham estado em Saanen e fiquei espantado com a forma distorcida como se referiam àquilo que tinham ouvido.

Foi isso que me levou a gravar em cassete as palestras que trouxera de Saanen, esperando que isso convencesse essas pessoas de que estavam erradas e as ajudasse a compreender aquilo que K realmente tinha dito.

No ano seguinte, a minha mãe sugeriu que assistíssemos às palestras de Brockwood. Levei comigo as gravações e mostrei-as à primeira pessoa responsável que encontrei, que por acaso foi Mary Zimbalist.

O conhecimento que ela tinha da língua francesa ajudou-a a perceber a importância que tal trabalho poderia ter na divulgação dos ensinamentos e foi assim que começou o meu envolvimento com Brockwood.

O meu primeiro encontro próximo com K não foi fácil: apesar de já estar na casa dos quarenta anos, lembro-me de sentir uma timidez terrível, quase ao ponto da paralisia, e durante bastante tempo fui incapaz de manter uma conversa consistente com ele.

K provavelmente percebia isso e, como geralmente estava no seu melhor quando era desafiado, demorou muitos meses até eu conseguir envolver-me numa conversa séria com ele.

Recordo um episódio específico: ao atravessar a tenda no final de uma das primeiras palestras a que assisti em Brockwood, deparei-me com Krishnamurti parado a um canto, aparentemente à espera de alguém.

"Esta é a oportunidade da minha vida para me aproximar dele", pensei.

Mas, quando me aproximei, fui incapaz de pronunciar uma única palavra e afastei-me com enorme relutância.

(Muito mais tarde soube que Dorothy Simmons lhe pedira que regressasse à tenda depois da palestra para, de algum modo, "fazer de anfitrião", como ela dizia; ele aceitou, mas parecia tão desconfortável nesse papel que aparentemente ninguém ousava incomodá-lo.)

Notas

1. "Oak Grove" e "Brockwood" foram mantidos no original por se tratarem de nomes institucionais próprios.

2. "Freedom-from" foi traduzido como "liberdade-de" para preservar a distinção conceptual feita por Alan Kishbaugh entre liberdade intrínseca e libertação relativamente a algo.

3. "Teachings" foi traduzido como "ensinamentos", mantendo a terminologia habitual das edições portuguesas de Krishnamurti.

4. "Verdade é uma terra sem caminhos" corresponde à célebre frase proferida por Krishnamurti em Ommen, em 1929.

Contudo, o autoconhecimento foi-se impondo e, quando finalmente percebi que era a imagem que eu tinha de Krishnamurti que se opunha à imagem que eu inconscientemente queria que ele tivesse de mim que causava a timidez, tudo isso desapareceu. Esta foi a minha primeira realização do poder de compreender profundamente a si próprio.

À medida que o meu envolvimento com a obra crescia, comecei a visitar Brockwood cada vez mais frequentemente, tanto mais que a minha segunda filha se tornou aluna da escola. Em 1979, ao ouvir que K queria passar férias em França, atrevi-me a convidá-lo para vir à nossa casa de campo no Vale do Loire — para onde nos tínhamos mudado permanentemente — juntamente com Mary Zimbalist. Ambos aceitaram, e essa foi uma experiência estimulante que foi preparada com grande secretismo, pois queríamos garantir que os nossos convidados tivessem um descanso tranquilo e sem perturbações. Acredito que a sua estadia aqui foi um sucesso e uma oportunidade providencial para conhecer o homem fora do ambiente em que estávamos habituados a vê-lo.

Foi então que percebi até que ponto Krishnamurti era uma pessoa excecional: a absoluta simplicidade do homem aliada a um extraordinário sentido de atenção aos mais pequenos detalhes da existência e a uma insondável atenção ao outro ser humano, quando este estava disposto a envolver-se numa conversa séria com ele. Esta última qualidade provavelmente explica porque K conseguia, muito rapidamente, apreender

o núcleo de um problema humano que lhe era apresentado e encontrar as palavras exatas que levavam a pessoa a ver claramente em si mesma.

O seu amor pela natureza, pelos animais (demonstrava tal afeição pelo nosso Pastor Alemão que insistia em levá-lo consigo nos passeios de carro, e uma vez fiquei aflito ao ver o cão a lamber a cara de K enquanto ambos estavam sentados no banco de trás!), a maneira como cedia sempre aos desejos ocasionais das outras pessoas na organização da vida quotidiana, eram características impossíveis de não notar nele.

Alguns anos mais tarde, a minha família e eu tivemos acidentalmente outra oportunidade de estar fisicamente próximos de Krishnamurti. Foi em Saanen, quando a minha filha mais nova, Diane — que sofre de uma rara doença óssea — partiu a perna e não pôde ser transportada para casa. Isso aconteceu quase no fim das palestras e não conseguíamos encontrar alojamento em plena época de férias.

Sem que tivéssemos pedido nada, K arranjou para ficarmos no Chalet Tannegg, no apartamento abaixo do seu, que estava desocupado embora alugado por um velho amigo seu. Ficámos lá pelo menos três semanas e, quase todos os dias, K descia e passava algum tempo com Diane. Ocasionalmente, eu sentava-me perto deles em silêncio e devo dizer que, várias vezes, senti algo para além de qualquer descrição, que imagino estar relacionado com aquilo a que ele chamava a "outridade" no seu diário (Notebook). Noutras ocasiões, podia ouvi-los a rir às gargalhadas — mas nunca consegui obter de Diane uma explicação do que provocava tal riso.

Muito mais poderia ser dito sobre Krishnamurti. Contudo, acredito que, na sua própria perspetiva, o que mais importa é o impacto dos seus ensinamentos nas nossas vidas. Pela minha parte, esse impacto foi tremendo e continua a crescer à medida que amadureço numa consciência em expansão.

Infelizmente, a visão total não foi o meu destino, pelo menos até agora, mas visões reveladoras sobre temas como o medo, a competição, a ambição, o sucesso, etc., são os imensos dons que recebi através dos ensinamentos de Krishnamurti.

Será que o grande privilégio de ter estado próximo de Krishnamurti ou de estar envolvido no trabalho ligado aos seus ensinamentos nos dá vantagem na compreensão profunda desses ensinamentos? Julgando pela minha própria experiência e pelo que observei à minha volta, sinto-me tentado a dizer que, a menos que se esteja mortalmente atento para não cair

na armadilha da autoilusão, isso provavelmente não faz grande diferença. Mais do que uma vez Krishnamurti chamou a nossa atenção para esse perigo, e Deus sabe quão certo ele estava. Sinto que esta é provavelmente a maior lição que aprendi em todos estes anos: nada deve jamais ser considerado permanentemente adquirido no campo do autoconhecimento e, por isso, nunca se deve deixar de se questionar a si próprio em todos os níveis, em todas as oportunidades que a vida nos apresenta.

Alguém que ficou totalmente cativado pela mensagem de Krishnamurti e que lhe era especialmente próximo foi Friedrich Grohe, um empresário proprietário de uma grande firma industrial. Krishnamurti chamava-lhe o seu ange gardien, ou anjo da guarda. Foi Friedrich quem tornou possível o belo centro de estudos de Brockwood Park, em Inglaterra.

FRIEDRICH GROHE

Empresário alemão reformado, atualmente a viver na Suíça

Foi em 1980 que li pela primeira vez um livro de Krishnamurti, *The Impossible Question*. Embora tenha percebido que Krishnamurti não pode ser lido como um romance, não consegui pousar o livro. Parecia dizer exatamente o oposto daquilo que se tinha aprendido e experienciado. Tinha-se a vaga sensação de já ter sentido anteriormente aquilo que ele exprimia ali numa linguagem clara, simples e avassaladora.

Embora eu soubesse, em 1981, que Krishnamurti costumava dar uma série de palestras públicas todos os anos em Saanen, na Suíça, não tinha qualquer desejo de as assistir, pois estava perfeitamente satisfeito apenas a estudar os seus livros. Na verdade, perdi o interesse pela filosofia, psicologia, literatura, arte e semelhantes, que antes me fascinavam, porque subitamente senti: "É isto!" Os livros das outras pessoas tornaram-se simplesmente supérfluos.

Esse foi um período de grande mudança para mim. Entre outras coisas, estava prestes a retirar-me da vida empresarial.

Anteriormente, não tinha tido muito tempo para enfrentar questões essenciais, mas agora, de repente, K deixou claro para mim quão

importante era ocuparmo-nos de questões centrais como a morte e o amor, o prazer e a dor, a liberdade, o desejo e o medo. Quanto mais explorava os ensinamentos, mais fascinantes eles se tornavam.

Assisti às palestras em Saanen, na Suíça, pela primeira vez em 1983. Sentado nos degraus que conduziam à gigantesca tenda onde cerca de duas mil pessoas se tinham reunido, ouvia K. Ali, sob o toldo, estava protegido do calor e ainda podia desfrutar de uma brisa fresca. Como habitualmente fazia todo o percurso a pé desde Rougemont — o que demorava cerca de uma hora e meia — e chegava mesmo antes do início das palestras, podia utilizar a entrada lateral e não tinha de me sentar no meio da multidão. Mesmo em frente ao estrado de onde Krishnamurti falava, as pessoas acocoravam-se e empurravam-se umas às outras; cada centímetro quadrado de espaço para sentar era altamente valorizado. Em Saanen e Brockwood, as pessoas faziam fila durante toda a noite em frente da tenda para serem as primeiras a entrar quando esta abria. Nos Estados Unidos e na Índia, o ambiente costumava ser um pouco mais descontraído.

Esse primeiro verão foi tão quente que, no meu regresso a pé para Rougemont, tomei banho no rio Fenilbach, o que normalmente teria sido impossível devido à água gelada.

Na tenda era possível comprar livros de K traduzidos em várias línguas, e eu ficava satisfeito por encher a minha mochila com eles.

Era avassalador ouvi-lo. Ele emanava tanta energia que eu sentia simplesmente que não conseguia sentar-me diretamente diante dele. Falava de forma simples e clara, com poucos gestos e sem retórica. Enquanto o ouvia, esquecia-me da comida e da bebida e nem sequer reparava no calor.

O meu contacto pessoal com ele desenvolveu-se muito rapidamente. Conhecer o homem pessoalmente teve tal impacto que, a partir daí, fui a todas as palestras em Brockwood, Índia, Ojai e Washington, até às últimas palestras em Madras, em dezembro/janeiro de 1986, pouco antes da sua morte.

Isso exigia viagens intensivas; passava mais de metade do ano fora da Suíça.

O meu contacto com a família e os amigos diminuiu consideravelmente. Essas foram as mudanças exteriores.

Essencialmente, a minha vida já tinha começado a mudar. Parecia que tinha chegado o momento de encontrar um homem como Krishnamurti. Já

tinha deixado para trás a minha vida empresarial a tempo inteiro. As minhas intensas atividades de montanhismo tinham sido bastante reduzidas desde que um amigo próximo e guia de montanha morrera num acidente de escalada. A minha longa paixão por colecionar pinturas já tinha perdido o encanto. Quando K visitou a minha casa no Lago de Genebra, ao entrar, cobriu os olhos por um segundo com uma exclamação de surpresa. Parecia impressionado pela poderosa atmosfera de todas aquelas pinturas.

Isto foi apenas o passo final. Eu já tinha deixado de comer carne, mas aqui, como em muitas outras áreas, K acelerou um desenvolvimento que já estava em curso. Quando disse, durante um encontro, "Comemos animais mortos", algo se tornou absolutamente claro para mim e deixei de comer carne de uma vez por todas. Mas talvez a afirmação que mais me marcou, feita por ele numa das suas palestras, tenha sido: "O amor não tem causa." Essas palavras foram para mim como uma revelação.

Outro aspeto impressionante de estar na sua companhia era que a minha perceção da beleza da natureza se tornava mais intensa. Em algumas ocasiões, acompanhava-o nas suas habituais caminhadas da tarde. Normalmente alguns amigos próximos iam com ele nesses passeios, mas ele falava muito pouco nessas saídas. Tinha uma relação intensa com as coisas da natureza. Afirmava que as raízes das árvores têm um som, mas que nós já não o ouvimos. Uma vez, enquanto atravessávamos os prados de Brockwood atrás do "Grove", eu estava prestes a passar entre um grupo de cinco pinheiros altos. Ele segurou-me pelo braço e disse: "Não, à volta deles! Não devemos perturbá-los."

Um acontecimento ocorrido na Índia também demonstrou esta relação íntima que ele tinha com os seres vivos. Havia uma plantação de grandes mangueiras em Rajghat que não davam fruto. Por isso, estava planeado cortá-las. K contou, com um brilho malicioso nos olhos, como um dia caminhou entre as árvores e lhes disse: "Ouçam, se não derem fruto, vão cortar-vos." No ano seguinte, deram fruto.

Krishnamurti chamou-me seu irmão, o seu *ange gardien*. Em 1984, em Schoenried, abraçou-me e sugeriu que eu fosse viver com ele. Eu sabia o que ele queria dizer com isso. Já tinha pedido antes a várias pessoas que vivessem muito próximas dele para que pudesse trabalhar com elas, dizendo que então mudariam. Mas eu não estava preparado para essa mudança total. Não conseguia imaginar, naquela altura, abandonar tudo. Estaria preparado para o fazer agora, dez anos mais tarde? Não sei.

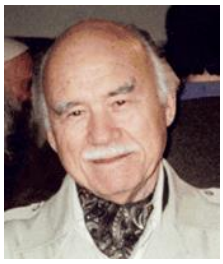
No final da sua vida, K disse que ninguém tinha compreendido aquilo que ele tinha para dizer. Em referência a uma das piadas que costumava contar — «Toda a gente tem de morrer, talvez até eu próprio» — eu poderia dizer: «Ninguém o compreendeu — talvez nem eu próprio.»

Quando usamos a palavra «atenção», existe uma diferença entre concentração e atenção. A concentração é exclusão. Eu concentro-me, isto é, reúno todo o meu pensamento num determinado ponto e, portanto, isso exclui, constrói uma barreira para que toda a concentração possa incidir sobre esse ponto. Já a atenção é algo inteiramente diferente da concentração.

Na atenção não existe exclusão, nem resistência, nem esforço e, portanto, não existe fronteira nem limites.

— *A Wholly Different Way of Living*, Londres, 1991

Em Fevereiro de 1974 surgiu uma oportunidade invulgar para o diálogo. Em San Diego, Califórnia, Krishnamurti e o Dr. Allan W. Anderson iniciaram uma série aprofundada de vinte horas de diálogos gravados em vídeo, abordando o medo, o desejo, a meditação, a mente sagrada e muitos outros temas sobre os quais Krishnamurti falava regularmente. Talvez seja a sequência mais definitiva de diálogos temáticos alguma vez realizada por Krishnamurti. A série viria posteriormente a tornar-se no livro *A Wholly Different Way of Living*. O Dr. Anderson, distinguido com um prémio de excelência no ensino, é também poeta publicado.



ALLAN W. ANDERSON

PROFESSOR EMÉRITO DE ESTUDOS RELIGIOSOS, UNIVERSIDADE ESTATAL DE SAN DIEGO

Os grandes mestres são raros. Esta afirmação é um lugar-comum e, enquanto verdade feita, dificilmente chama a atenção. Contudo, essa habitual desatenção em nada altera o facto de o óbvio esconder os significados mais salientes. Os sábios, ao longo dos milénios, têm insistido

nisto praticamente sem qualquer efeito. O pensador pré-socrático Heraclito escreveu que a natureza gosta de ocultar-se e que, se alguém não esperar o inesperado, não o encontrará, pois é difícil e árduo de alcançar. No mesmo espírito, o pensador espanhol Ortega y Gasset contemplou este tema ao afirmar que estamos rodeados de máscaras.

Uma das características da nossa espécie humana é conseguirmos entreter estas observações cerebralmente e até desenvolvê-las intelectualmente, sem contudo as encontrar visceralmente ou sermos tocados por elas emocionalmente.

Uma relação tão desprovida de vida com o óbvio concedeu-nos, através da tecnologia, grande poder material sobre o nosso ambiente físico. Infelizmente, nada fez para gerar ou promover a introspeção. Sem introspeção, a natureza humana não pode alcançar a sua promessa essencial, que é libertar-se da incompreensão de si própria.

Enquanto espécie, deformamo-nos quando aplicamos uma medida puramente abstrata à nossa conduta, seja ela proveniente da memória, do dogma, da ideologia, da imagem pessoal ou da submissão à autoridade de outro. A própria imaginação, que desde a era romântica continua a ser alvo dos maiores elogios, não é menos abstrata enquanto guia. Ao contrário da natureza, a imaginação não é a sua própria regra. Essa ausência de crítica pessoal inerente é o calcanhar de Aquiles da imaginação. A confiança excessiva na imaginação constitui a principal fragilidade da psicologia profunda e, enquanto não alterar o seu centro de gravidade, continuará a falhar a promessa anunciada nos primeiros tempos de Freud e Jung.

Por importante que seja reconhecer a tendência constante ou a essência de uma coisa (quer representada matematicamente quer literariamente), essa abstração intelectual não pode substituir a existência da própria coisa, carregada de mudanças incalculáveis nas trocas e interações do seu percurso.

Uma compreensão filosófica desta distinção entre essência e existência continua a ser uma abstração, a menos que, com Sócrates, se considere a filosofia como preocupada com a sabedoria.

Infelizmente, a filosofia académica do nosso tempo demonstra pouco ou nenhum interesse pela tradição da sabedoria enquanto tal e, por isso, muitos estudantes talentosos afastam-se dela, embora de outro modo pudessem contribuir de forma notável para esta disciplina.

Estas questões ocuparam a minha atenção durante muitos anos antes de conhecer Krishnamurti.

Tive o privilégio de ser convidado a partilhar vinte diálogos com ele, dezoito dos quais compõem o livro *A Wholly Different Way of Living*. Estas gravações em vídeo e transcrições exploram o tema da transformação do homem independentemente do conhecimento e do tempo. Ele causou-me uma impressão profunda e foi a influência mais decisiva de qualquer mestre vivo que encontrei pessoalmente. A sua abordagem à introspeçãoera lúcida, firme e corretiva. Tenho para com ele uma dívida impossível de pagar.

Desde o momento em que começámos as nossas conversas, fiquei impressionado com a qualidade da sua atenção.

Não havia nela nada de artificial, nem se baseava num esforço muscular da vontade para prestar atenção. Poder-se-ia compará-la, num outro plano, à dinâmica do equilíbrio, como quando se anda de bicicleta, se conduz um automóvel ou simplesmente se caminha. A menos que exista uma perturbação no ouvido interno ou outro impedimento, o ato normal de caminhar é inconsciente de si mesmo, embora não inconsciente. Para além da força e da habilidade, implica um jeito natural, que é um dom. Como a maioria de nós caminha, não parece haver nisso qualquer dom especial. No entanto, sem esse jeito natural, o nosso caminhar seria pouco espontâneo, sem graça, puramente mecânico e semelhante ao de um fantoche de madeira.

A escuta de Krishnamurti possuía esse dom natural. Tinha a simplicidade e a abertura de uma criança, com a vigilância de um guerreiro. Combinava a inocência da pomba com a sabedoria da serpente.

Esta forma de ser ensinou-me muito sobre educação e ensino. Fez-me compreender porque tantos estudantes talentosos se perdem no ensino superior — a principal queixa deles é que tudo parece irreal, porque não lhes é mostrada qualquer relação entre pensar a própria vida e vivê-la.

Não conheço outra forma de responder a esta objeção senão convidando o estudante a observar o seu conflito de motivações através de um puro ato de atenção, não como esforço positivo mas como esforço negativo; negativo, isto é, porque «na atenção não existe exclusão, nem resistência, nem esforço — e, portanto, não existe fronteira nem limites». Negativo também porque um puro ato de atenção não conduz a uma compreensão positiva. Pelo contrário, descobre a espantosa suficiência de simplesmente não compreender mal. De repente, a distância entre aquele

que se esforça e o objetivo deixa de existir, porque não decorre tempo entre o ato de atenção e a cura que já está a acontecer.

Aqui, a oportunidade é exata.

Esta negação não é empreendida para alcançar algo melhor.

Krishnamurti exprime-o com precisão: «Negação é negar aquilo que é falso [sem] saber o que é a verdade. [É] ver o falso no falso e ver a verdade no falso, e é a verdade que nega o falso. Vê-se aquilo que é falso, e o próprio ver aquilo que é falso é a verdade.»

Durante as nossas conversas, ao longo desses dezoito diálogos, outra característica da atenção enquanto negação (no sentido acima referido) começou a revelar-se-me. Os diálogos eram inteiramente espontâneos, sem qualquer ensaio prévio, e contudo desenvolviam-se como se obedecessem a uma ordem intrínseca. Muitas pessoas que os viram e ouviram do princípio ao fim comentaram-no comigo e, em alguns casos, essa observação gerou entre nós um diálogo que se desenvolveu de modo semelhante, desde que prevalecesse um ato de atenção não artificial.

Literalmente, processo é um avançar. Avançar significa movimento a partir de uma origem. Um processo completo implica um começo, um meio e um fim, e estes nós estruturais são suscetíveis de desordem se não forem mantidos unidos por um princípio ordenador. Como foi referido acima, este princípio está presente num ato de atenção não artificial. Não artificial significa que não existe uma estrutura preconcebida imposta ao ato de atenção.

À medida que os diálogos avançavam, tornava-se mais claro para mim, a partir das afirmações de Krishnamurti, que, como ele dizia, «o primeiro passo é o último passo». É este primeiro passo que, desde o início, ou subverte o processo ou chama o seu florescimento à existência.

Além disso, este primeiro passo não pode ser um passo entre os outros que se seguem.

Pelo contrário, é o único passo que deve informar todos os outros, se o processo quiser permanecer íntegro do princípio ao fim ou, para o dizer de forma terapêutica, se a cura e a saúde quiserem prevalecer. Nesse sentido, nunca ultrapassamos verdadeiramente o ponto de partida, nem existe qualquer necessidade de o fazer.

Este primeiro passo é ver o falso no falso, e esse ver do falso é a verdade.

Como isto é diferente da noção egóica segundo a qual alguém pode contemplar a verdade, a bondade e a beleza de forma direta. Em sentido rigoroso, não existe aqui um «eu» que realiza um puro ato de atenção sobre um objeto ali fora. Assim, não existe contradição entre sujeito e objeto — a contradição que, desde tempos imemoriais, gerou debates interminavelmente cansativos acerca de como sabemos que sabemos e o enigma do livre-arbítrio. A vida vivida autenticamente de forma meditativa, isto é, com um ato puro e permanente de atenção, não se sente embaraçada por essas questões, porque mesmo ao considerá-las é vivida livre de conflito de motivações.

ALLAN W. ANDERSON

Passaram-se cerca de vinte anos desde que Krishnamurti e eu conversámos e, após a conclusão dos nossos diálogos, não tive a boa fortuna de o voltar a ver, mas as nossas discussões continuam a habitar em mim, em espírito, tão vivas como há duas décadas.

Ao ponderar sobre estas coisas desde então, uma questão em particular cresceu em importância para mim. Que recurso temos para realizar, bem como para habitar, um ato de atenção *não premeditado*? Esta questão tem o significado mais pungente para quem pergunta: «Qual é a relação entre o pensamento orientado para objetivos e a vida vivida meditativamente ou *sem um porquê*?»

Durante um dos nossos diálogos intitulado «Ouvir e Ver», Krishnamurti fez a notável afirmação de que ouvir é não deixar que nada interfira com o ver. Esta observação renovou a minha paixão pela afirmação de Sócrates de que tinha dentro de si um demónio que lhe dizia sempre o que *não* fazer, e esta voz divina acompanhava-o constantemente. Pensei em dar a este recurso o nome de intuição primordial. Por intuição, aqui, não me refiro a uma das quatro funções da psique de Jung, uma função que se ocupa principalmente da introspeção. A intuição primordial, pelo contrário, não tem conteúdo e age simplesmente como um aviso.

A intuição primordial situa-se abaixo do limiar da personalidade e do eu psíquico. Não é cooptada por arquétipos, nem está sujeita às persuasões da vontade e do sentimento. No entanto, quando estes últimos estão desajeitadamente relacionados com a intuição primordial, enquanto voz que diz o que *não* fazer, esta voz torna-se abafada ou até mesmo totalmente inaudível. Parece que as criaturas selvagens a recebem de forma pura —

especialmente aquelas que continuam a sobreviver às nossas atrocidades humanas nos seus domínios. Talvez esteja aliada àquilo a que os hindus chamam *Atman*, os budistas, *Talidade* e os cristãos, Espírito Santo.

Acredito que este recurso permite ao investigador de si mesmo sério manter sem confusão a função natural do pensamento linear, calculista e orientado para objetivos, e a vida vivida meditativamente, uma forma de ser que se satisfaz pelo seu próprio exercício, um viver *sem um porquê*. O pensamento calculista, que está obstinado num objetivo situado fora dos meios adotados para o alcançar, é necessariamente limitado pelo tempo.

Alguns entenderam mal Krishnamurti, como se ele denegrisse o pensamento desta ordem. Isto levou-os a olhar de lado para a tecnologia, e até a rejeitá-la. Trata-se de uma leitura incorreta. Não é contra a tecnologia, o pensamento e o conhecimento que Krishnamurti se insurge, mas sim contra os seus usos indevidos.

O pensamento calculista e o meditativo só se opõem no pensamento que ainda não penetrou na sua operação recíproca. Um puro ato de atenção não é prejudicado por quaisquer empreendimentos práticos. Pelo contrário, sem a atitude meditativa que está aberta à intuição primordial, a prática de qualquer tipo é refém de uma infinidade de fixações e noções aberrantes. A imaginação, apesar de todo o seu serviço essencial à criatividade, submete-se com demasiada facilidade aos caprichos da emoção caótica.

A relação saudável entre o pensamento calculista e o meditativo não é uma coincidência de opostos, mas sim a sua cooperação. Nesta relação, o pensamento e a existência são recíprocos, o trabalho do mundo é feito enquanto se vive *sem um porquê*. Lao Tzu e Krishnamurti parecem estar de acordo no verso de Lao Tzu: «O *Tao* nada faz, mas nada fica por fazer.»

Estou profundamente grato pela instrução que recebi através das minhas conversas com Krishnamurti, pois elas continuam a ser uma fonte inesgotável de inspiração, sugestão e nutrição. Abrem-se para o ilimitado. 92

Krishnamurti teve uma relação duradoura com o mundo de língua espanhola. Embora nunca tenha podido passar tanto tempo nesses países como desejaria, os laços existiam, mantidos ao longo das décadas.

Durante anos, a *Fundación Krishnamurti Latinoamericana* esteve sediada em Porto Rico, sob a liderança competente de Enrique Biascoechea e, mais tarde, de Alfonso Colón. Quando se decidiu mudar a sede para Espanha, Juan Colell estava lá para ajudar. Profundamente imbuído dos

ensinamentos, viajou durante anos pelo mundo para ouvir Krishnamurti falar.

JUAN COLELL

FARMACÊUTICO, BARCELONA, ESPANHA

Às vezes, na vida, as coisas acontecem sem um significado aparente. Esse foi o meu caso em 1965, quando a minha mãe me perguntou se eu queria ir com ela assistir aos encontros de Saanen. Aceitei o convite sem saber exatamente o que isso significava. Durante as palestras era fácil fazer amigos e, imediatamente, surgiu uma amizade mútua entre o Sr. Enrique Biascoechea, de Porto Rico, e eu. O Sr. Biascoechea foi o primeiro presidente da *Fundación*, cargo que ocupou até à sua morte.

Enrique e a sua esposa Isabel tinham uma amizade próxima com Krishnaji e, frequentemente, este último convidava-os para almoçar com ele. Numa destas ocasiões, levei-os no meu carro de Gstaad para o *Chalet* Tannegg, onde Krishnaji estava à nossa espera em frente à porta principal. O Sr. Biascoechea apresentou-me a ele, dizendo:

«Este é o meu amigo Juan; um jovem de Barcelona, Espanha.»

Krishnaji olhou para mim a sorrir e disse no seu perfeito catalão (uma língua falada numa pequena área do nordeste de Espanha e do sudeste de França), apanhando-nos de surpresa: «*Barcelona és bona si la bossa sona.*»

Mais ou menos, isso significa: Barcelona é boa se a bolsa de dinheiro soar.

É difícil dizer que a minha vida sofreu uma mudança, porque isso depende das referências que fazemos, mas não é exagerado dizer que muitos desafios ou incidentes profundos aconteceram durante as palestras de Krishnaji ou ao falar com ele, que sem dúvida afetaram a minha vida.

Lembro-me de um desses acontecimentos, alguns anos mais tarde, quando um amigo e eu fomos ver Krishnaji. Fomos com muitas perguntas e uma grande agitação interior.

Krishnaji acolheu-nos numa sala simples e sentámo-nos em redor da mesa, adornada no meio com uma pequena jarra que continha um ramo de flores.

Demorou muito tempo a expor todas as nossas preocupações, enquanto Krishnamurti olhava para as flores. Mais tarde, quando terminámos a nossa demente conversa psicológica, Krishnaji continuou a olhar para as flores sem dizer nada. Um pouco aliviados, mas aguardando ansiosamente por algumas palavras iluminadoras, juntámo-nos a ele a olhar para as flores. Por um momento, permanecemos juntos com uma certa harmonia, observando as flores atentamente. Não me lembro de quanto tempo passou, até que Krishnaji, sem desviar os olhos do ramo, disse: «Senhores, se olharem para os vossos problemas e preocupações da mesma forma que estão a observar as flores agora, os vossos problemas terão fim.» Esse foi o fim do nosso encontro, mas mesmo agora estas palavras continuam vivas no meu cérebro.

Não sou capaz de ver o que seria a minha vida sem conhecer os ensinamentos. Isso não significa que compreendo profundamente o sentido da vida e que vivo cada minuto sem uma única sombra de condicionamento, mas também é verdade que a contribuição de Krishnaji e dos ensinamentos para a minha vida, o sentido lógico das palavras que este amigo de toda a humanidade proferiu, teve algum efeito dentro de mim. Da mesma forma que a água não é a flor, mas contribui para a sua beleza, os ensinamentos impulsionam-me a crescer em bondade.

Nos seus estudos de filosofia e de artes marciais, Robert Colet alcançou uma compreensão mais profunda da fonte por trás de certos aspetos do *Jeet Kune Do* (o estilo de artes marciais de Bruce Lee). Sendo ele próprio um artista marcial, estava interessado em descobrir a relação entre Krishnamurti e Bruce Lee.

O artigo seguinte foi publicado na *Inside Kung-fu*.

ROBERT COLET

AUTOR, *KRISHNAMURTI: THE SPIRITUAL FORCE BEHIND BRUCE LEE*

«Não se pode olhar através de uma ideologia, através de um ecrã de palavras, através de esperanças e medos», diz Krishnamurti. Aplicando isto às artes marciais, Bruce Lee constata: «Não se pode expressar e estar vivo através de uma forma estática e predefinida, através de um movimento estilizado.» Assim começou a profunda revolução de Lee nas artes marciais. O combate de mãos vazias nunca mais seria o mesmo.

Bruce Lee encontrou nos ensinamentos de Krishnamurti a base do *Jeet Kune Do*. Lembremo-nos: estamos a falar da filosofia de Lee e da sua

relação com as artes marciais. Não estamos a ter em conta os aspetos de combate do JKD. Já se escreveu bastante sobre esse aspeto da arte. Em vez disso, estamos preocupados com o lado «mental» ou «espiritual» do JKD, que é a forma como o estilo difere tão dramaticamente dos seus homólogos. A base das artes marciais tradicionais são as *kata* (formas), onde o praticante utiliza um movimento singular para simular uma técnica de luta. Ele imita as *kata* até que estas se tornem uma segunda natureza. O JKD difere dos estilos devido à «ausência de técnicas estereotipadas», como Lee colocou sucintamente.

Lee queria «mais». A filosofia tradicional como auxílio ao desenvolvimento das artes marciais e como uma via para o crescimento espiritual não era suficiente. E foi aqui que Krishnamurti entrou.

A filosofia como complemento das artes marciais remonta ao século XVI, quando diminuiu a necessidade de competências de combate. A filosofia (Zen) transformou as artes marciais de táticas de combate até à morte em crescimento espiritual. Um praticante de artes marciais ganhava, assim, não apenas técnicas de luta, mas também caráter e enriquecimento.

Pegando nas afirmações de Krishnamurti — tal como Lee deve ter feito — pode-se aplicá-las às artes marciais através das palavras de Lee. Claro que isto não quer dizer que os ensinamentos de Krishnamurti tenham sido a única fonte da filosofia de Lee. Lee também consultou os ensinamentos do Zen e do Taoismo, entre outros. No entanto, é evidente que Krishnamurti desempenhou um papel significativo na formação do JKD.

As citações seguintes foram retiradas de *A Liberdade sem Limites* [Freedom from the Known][1] de Krishnamurti, a menos que seja indicado o contrário. O lado direito [indetado] mostra como Lee aplicou as palavras de Krishnamurti às artes marciais em *O Tao do Jeet Kune Do*.

KRISHNAMURTI	**BRUCE LEE**
Não se pode olhar através de uma ideologia, através de um ecrã de palavras, através de esperanças e medos.	Não se pode expressar e estar vivo através de uma forma estática e predefinida, através de um movimento estilizado.

KRISHNAMURTI	BRUCE LEE
Nós somos esses livros, nós somos essas ideias, de tal forma estamos pesadamente condicionados por eles.	Nós somos essas *kata*, nós somos essas defesas e ataques clássicos, de tal forma estamos pesadamente condicionados por eles.
Enquanto eu estiver a olhar para a vida a partir de um ponto de vista particular ou a partir de uma experiência particular que estimei, ou a partir de algum conhecimento particular que juntei, que é o meu passado, que é o «eu», não posso ver totalmente... Só posso ver a totalidade de algo quando o pensamento não interfere.	Não se pode ver uma luta de rua na sua totalidade observando-a do ponto de vista de um pugilista, de um homem do kung-fu, de um karateca, de um lutador, de um homem do judo e por aí fora. Só se pode ver claramente quando o estilo não interfere.
A verdade não é algo ditado pelo vosso prazer ou dor, ou pelo vosso condicionamento como hindu ou a qualquer religião a que pertençam.	A luta não é algo ditado pelo vosso condicionamento como um homem do kung-fu, um homem do karaté, um homem do judo ou o que quer que seja.
Aceitamos um padrão de comportamento como parte da nossa tradição como hindus ou cristãos ou o que quer que por acaso sejamos. Olhamos para alguém que nos diga o que é um comportamento correto ou incorreto, o que é um pensamento correto ou incorreto, e, ao seguir este modelo, a nossa conduta e o nosso pensamento tornam-se mecânicos, as nossas respostas automáticas.	O artista de segunda mão que segue cegamente o seu *sensei* ou *sifu* aceita o seu modelo. Como resultado, a sua ação e, mais importante, o seu pensamento tornam-se mecânicos. As suas respostas tornam-se automáticas, de acordo com modelos definidos, tornando-o estreito e limitado.
O homem que é realmente sério, com o impulso de descobrir o que é a	O homem que é realmente sério, com o impulso de

KRISHNAMURTI	BRUCE LEE
verdade, o que é o amor, não tem de todo qualquer conceito. Ele vive apenas no que é.	descobrir o que é a verdade, não tem estilo nenhum. Ele vive apenas no que é.

Estes exemplos não são uma análise comparativa definitiva dos dois homens, mas o que se pode facilmente observar é o enorme impacto que Krishnamurti teve em Lee. Ele ficou fascinado pelos ensinamentos de Krishnamurti e pela sua aplicação às artes marciais. Descobriu que o estilo era limitado; era apenas uma rotina, uma repetição insensata de modelos definidos, uma forma de condicionamentos que não oferecia autoconhecimento ou liberdade. Para Lee, o estilo era mera propaganda.

Através dos ensinamentos de Krishnamurti, Lee procurou uma expressão pessoal mais completa através das artes marciais. Desde a altura em que começou a praticar *Wing Chun* aos catorze anos, Lee cresceu, melhorou e floresceu naquela que viria a ser a sua primeira paixão. Mas, ainda assim, ele queria mais. Estava constantemente «criativamente descontente» com o estado da arte marcial. Percebeu as limitações em cada arte marcial, incluindo o *Wing Chun*. Quebrou essas limitações, desafiou a tradição e desbravou terrenos inexplorados.

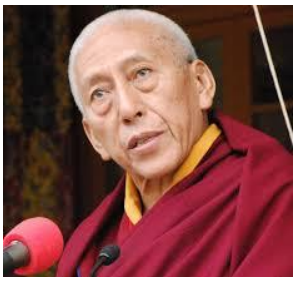
Tinha de contar ao mundo a sua descoberta. Por isso, foi para Hong Kong e fez vários filmes. Depois veio a sua obra-prima duradoura, *O Dragão Ataca* [*Enter The Dragon*].

A sua missão estava cumprida. Revolucionou a «consciência» das artes marciais. Através dos filmes, fez com que o mundo e a comunidade das artes marciais testemunhassem a sua descoberta. Trouxe para si próprio e para o mundo uma nova visão. E depois partiu tão rapidamente como tinha aparecido. Mas, por essa altura, já tinha completado o seu processo e ansiava por paz. Ela veio de repente — de forma demasiado súbita —, mas, não obstante, ele cumpriu a sua missão.

Tal como a própria vida, as artes marciais continuam, para sempre em busca de uma expressão mais completa. 93

Krishnamurti passava todos os anos pela Índia, atraindo mais do que a sua quota-parte de filósofos e figuras religiosas. Com a diáspora tibetana na década de 1950, muitos dos que fugiram da incursão chinesa

estabeleceram-se na Índia. Além de Dharamshala, o centro principal no norte e sede do Dalai Lama, Sarnath era um foco potente do Budismo. A uma curta distância da escola Rajghat de Krishnamurti, nas margens do Ganges, o caminho dos peregrinos para Sarnath era o local onde o Buda caminhou e deu a sua primeira palestra aos seus discípulos após a sua iluminação. Nesse lugar auspicioso vive o Professor S. Rinpoche, que teve muitas e longas conversas e discussões com Krishnamurti.



PROFESSOR S. RINPOCHE

DIRETOR DO INSTITUTO CENTRAL DE ESTUDOS TIBETANOS SUPERIORES, SARNATH, VARANASI, ÍNDIA

Tive a grande fortuna de ter escutado Krishnaji e de ter discutido com ele muitos assuntos filosóficos. No início, tentei sempre compreendê-lo com a minha formação budista. Ao fazê-lo, sentia um certo mal-estar. Pensei que talvez essa não fosse a forma correta de o compreender. Senti que tinha de escutar Krishnaji com todo o vazio, o estado desprovido de pensamento, sem qualquer pressuposto ou condicionamento. Mas a minha mente estava tão condicionada com o ensinamento budista que o coloquei na posição de Buda, e essa não era a forma correta de o compreender.

Discuti este assunto em profundidade com o próprio Krishnaji e então percebi que, entre o Buda e Krishnaji, havia uma diferença básica de abordagem. O Buda falava sempre a dois níveis, o relativo e o absoluto. Krishnaji nunca falava ao nível relativo; falava sempre ao nível do absoluto. A verdade relativa acompanha o processo do pensamento, e o Buda adotou-a como um dos seus métodos para ajudar as pessoas a realizarem uma investigação mais profunda. Aparentemente, a abordagem de Krishnaji é a de que este método é uma jornada mais longa; levaria mais tempo e as pessoas deveriam, portanto, afastar-se da verdade relativa de uma forma espontânea e entrar no absolutismo, na verdade absoluta. Quando o Buda fala do absoluto, eu pessoalmente não encontro qualquer diferença com os ensinamentos de Krishnaji, ou dos ensinamentos de Krishnaji com o ensinamento do Buda sobre a *prajna-paramita* ou a verdade absoluta.

Outra diferença entre eles reside na preparação das pessoas, dos ouvintes. Krishnamurti remete-se ao silêncio ou não fala de preparação, ao passo que o Buda tratou bastante da preparação da pessoa, sendo esta um pré-requisito para que alcançassem o nível de transformação. Tanto o Buda como Krishnaji têm posições semelhantes; no momento da transformação ou transmutação não há tempo, não há graduação. Deve ser espontâneo e imediato; seja deste ou daquele lado, a perceção é perceção. Não há um crescimento lento ou uma graduação. O Buda tratou da preparação da pessoa que aspira a alcançar esse nível com certas graduações e métodos. Mas Krishnaji nunca aceitou estas coisas. Ele talvez assumisse como certo que todos eram capazes de se transformar a si próprios sem envolver as medidas preparatórias.

O pensamento é um instrumento básico da nossa vida; mas para a perceção, o pensamento não tem papel nenhum a desempenhar. Todo o tipo de pensamento tem de ser negado, de acordo com o Buda, bem como de acordo com Krishnaji. Mas entre o povo budista o pensamento tem sido aceito como um dos meios ou métodos durante a preparação. Como disse anteriormente, Krishnaji não aceita ou não fala sobre a preparação.

O ponto básico a ser enfatizado é o de nos tornarmos livres de todo o tipo de condicionamento, imposição ou pressuposto. Para estar livre de todos os tipos de pensamento, as palavras do professor seriam um dos principais obstáculos. Portanto, Krishnaji enfatizou especificamente a negação de qualquer relação entre professor e aluno no sentido comum e encorajou as pessoas a participarem na investigação, na busca. As suas próprias mentes devem ser ativamente utilizadas para a busca. A atitude de dependência é o obstáculo mais perigoso ao desenvolvimento de uma pessoa para perceber a realidade.

Tanto o Buda como Krishnamurti empregaram o método de negar as coisas — a negação, porque a realidade, tal como percebida por eles, é incomunicável através da linguagem, através de palavras ou através de qualquer outro meio de comunicação. O único caminho que lhes resta é negar todas as conceções possíveis do pensamento ou da imaginação. Desta forma, a pessoa aproxima-se da realidade após negar tudo; então, a forma de ver a realidade torna-se mais direcionada, há uma possibilidade de ver a realidade tal como ela é. 94

É apenas uma mente que olha para uma árvore ou para as estrelas ou para as águas cintilantes de um rio com completo abandono de si mesma

que sabe o que é a beleza, e quando estamos realmente a ver estamos num estado de amor.

— *A LIBERDADE DO CONHECIDO*, 1969

---

[1] **Nota:**

A obra *Freedom from the Known* encontra-se traduzida e publicada em Portugal sob o título *A Liberdade do Conhecido*.

O Professor Hillary Rodrigues é profundamente versado na cultura religiosa e na filosofia indianas e, embora o ensinamento de Krishnamurti não seja um fruto do hinduísmo — apesar do seu nome e nacionalidade indianos —, Rodrigues considerou a sua leitura «extraordinária», como próprio diz. A sua tese de doutoramento foi intitulada *Insight and the Religious Mind: An Analysis of Krishnamurti's Thought* [Intuição e a Mente Religiosa: Uma Análise do Pensamento de Krishnamurti].

HILLARY PETER RODRIGUES, PH.D.

PROFESSOR DE ESTUDOS RELIGIOSOS, UNIVERSIDADE DE LETHBRIDGE, ALBERTA, CANADÁ

Foi com alguma relutância que peguei no meu primeiro livro de Krishnamurti em 1973. Tinha andado a vasculhar livrarias à procura de literatura para saciar o meu crescente interesse pela filosofia oriental clássica e pela exploração da consciência, mas, ao contrário de muitos da minha geração, estava determinado a não sucumbir ao apelo exótico de um guru oriental contemporâneo. O nome obviamente indiano de Krishnamurti tinha despoletado as minhas reações. Por essa altura, já me tinha apercebido de que as respostas satisfatórias e duradouras às minhas perguntas ardentes sobre o mistério da existência não seriam provavelmente encontradas num livro, ou nas palavras de algum grande sábio, por mais inspiradoras que fossem.

O significado era algo que eu teria de encontrar por mim próprio, embora não soubesse realmente para onde olhar ou como proceder. Foi, portanto, com um certo desencanto comigo mesmo por esperar um vislumbre de luz em mais um livro, parcialmente com uma faculdade

crítica ampliada, pronta a descartar tudo o que cheirasse a absurdo, mas também com uma sincera sede de verdade, que li Krishnamurti pela primeira vez.

A experiência foi nada menos que extraordinária. Ao contrário das outras obras que vinha a ler, onde a linguagem estava envolta em mistério, ou onde as ideias eram cultural e historicamente remotas, aqui estava um homem que falava sobre o mundo tal como eu o via no mais fundo do meu coração. A sua linguagem era a minha linguagem, as suas preocupações as minhas preocupações, as suas observações as minhas observações. Mas onde ele diferia era na sua coragem de falar da verdade tal como a via e vivia, e na distância profunda que tinha percorrido na sua jornada com ela.

Através do exemplo da sua própria paixão, Krishnamurti deu-me a coragem para continuar uma investigação autónoma sobre a verdade, sem capitular perante o consolo temporário e prejudicial oferecido pela fé, pela esperança e por uma comunidade de base ideológica. Viajei extensivamente e, nos anos que se seguiram, este espírito de investigação levou a intuições sobre o pensamento e os processos da consciência que mudaram radicalmente a minha vida e que, até ao dia de hoje, posso ainda assinalar como os seus acontecimentos mais significativos. Alguns anos mais tarde, ainda com a euforia desses acontecimentos transformadores, para minha boa fortuna e por mero acaso, ouvi Krishnamurti falar no *Oak Grove* [Carvalhal], em Ojai.

Desta vez, o encontro foi moderador. Vi que era possível continuar a viver de forma vulnerável dentro da nova paisagem que agora habitava, permitindo-me ser revelado e moldado pelos processos em desenvolvimento da consciência. Aqui, diante de mim, estava um homem que tinha amadurecido através da ação do movimento criativo do real, sem os entraves das limitações do pensamento. O que mais me impressionou foi a sua total genuína vulgaridade. Era isto que era extraordinário, pois Krishnamurti era, acima de tudo, um ser humano, nu e vulnerável, sem adornos e sem disfarces, destemidamente desapegado de tudo, até mesmo das peculiaridades da sua própria natureza.

Enquanto realizava estudos de pós-graduação em religião, dei por mim novamente inclinado a examinar os ensinamentos de Krishnamurti em profundidade, embora desta vez sob uma perspetiva académica. Apesar de apoiado entusiasticamente neste esforço por muitos mentores respeitados, encontrei oposição por parte de uma pequena fação de académicos intelectualmente dotados, mas de mentalidade estreita, que consideravam que o trabalho sobre Krishnamurti era, na melhor das hipóteses, sem importância, se não totalmente irrelevante. Para minha grande satisfação, e

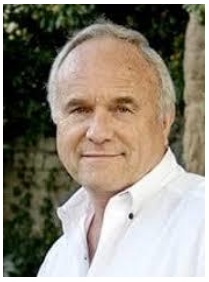
em justificação da confiança em mim depositada pelos orientadores da minha tese, *Insight and the Religious Mind* tornou-se o primeiro estudo analítico dos ensinamentos de Krishnamurti a ser aceite para publicação por uma editora académica no Ocidente. Tais estudos abrem a porta a um trabalho académico sério sobre o pensamento de Krishnamurti, permitindo-lhe ocupar o seu devido lugar entre os mais prestigiados educadores, filósofos e figuras religiosas deste século.

A vida de Krishnamurti, bem como os seus ensinamentos, são de crucial importância para os estudiosos no campo dos estudos religiosos, dado que ele é amplamente considerado uma personalidade religiosa contemporânea da mais alta distinção. O que é particularmente digno de nota é que Krishnamurti não pertence a nenhuma ordem religiosa estabelecida, e partiu intencionalmente sem estabelecer nenhuma. Em vez disso, Krishnamurti aponta para um modo de vida essencialmente religioso que está aberto a todos, mas que só pode ser vivido sem dependência de qualquer autoridade seja ela qual for. É uma abordagem que liberta o indivíduo para uma relação direta e anónima com a fonte e a substância da criação. Como resultado da sua vida e ensinamentos, Krishnamurti expandiu o significado da religião de modo a abranger um modo de vida que é fundamentalmente místico.

No entanto, ao contrário do misticismo convencional, que é frequentemente confinado à força à linguagem e ao simbolismo de um meio cultural particular, a abordagem de Krishnamurti está total e necessariamente divorciada do contexto da tradição.

O interesse crescente por Krishnamurti sugere a capacidade de os seus ensinamentos se revelarem notavelmente significativos em áreas onde as religiões convencionais parecem estar a falhar gravemente. Um exame atento e contínuo do seu pensamento e impacto trará, com certeza, intuições frutíferas sobre os processos sociais e a condição humana.

A milhas de distância, na Califórnia, um jovem cineasta foi tocado pelas palestras que ouviu e pelos livros que leu. A pedido da *Krishnamurti Foundation of America*, mais tarde gravou em vídeo muitas das palestras e discussões de Krishnamurti, trazendo um elevado padrão de excelência à qualidade do trabalho. Mendizza é também o realizador de dois documentários de longa-metragem, *Krishnamurti: The Challenge of Change* [Krishnamurti: O Desafio da Mudança], lançado em 1984, e *Krishnamurti: With A Silent Mind* [Krishnamurti: Com uma Mente Silenciosa], lançado em 1989; ambos os filmes fizeram digressões nos Estados Unidos, Canadá, Europa e Índia.



MICHAEL MENDIZZA

CINEASTA, LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

Cheguei primeiro como um pesquisador. Um conjunto de cassetes chegou sem ter sido solicitado e escutei-as todas as noites durante mais de um ano. Eram fascinantes. Eram novas, importantes e confundiam-me. Depois encontrei um livro e este guiou-me até Ojai. Ele ainda estava vivo e iria falar em breve sob os carvalhos.

Era primavera e as montanhas cintilavam. Homens mais velhos com bengalas, senhoras com chapéus de sol sentadas em cadeiras bem marcadas, professores de meia-idade e jovens hippies, todos amontoados, escutando, esforçando-se. Deve ter sido em 1975 ou 1976. Eu estava sozinho, ansioso, e sentei-me o mais perto que pude.

Voltei no ano seguinte e ele estava lá, sentado naquela cadeira especial, sob as árvores, intenso, apaixonado, quase desesperado. No ano seguinte, quando entrei no carvalhal, três câmaras de vídeo espreitavam acima do público. Assim que a palestra começou, uma imensidão misteriosa surgiu e, quando esta passou, aproximei-me da mulher que tinha feito os anúncios. Ofereci os meus serviços como jovem cineasta. Passaram-se seis meses até nos reunirmos para discutir a importância de

documentar os últimos anos da vida de Krishnamurti. Foi assim que tudo começou.

Na primavera seguinte, fui convidado para almoçar. Este seria o meu primeiro encontro real, o mais perto que alguma foi estive dele. Sentámo-nos todos em redor de uma mesa comprida. Relaxado, leve e muito humano, ele escutava, contava histórias e fazia-nos rir, não sendo de todo o orador que eu tinha visto no carvalhal. Embora tenha passado a amá-lo profundamente, nunca me senti familiarizado. Tratava-o por Senhor, o que me parecia suficientemente próximo.

Poucas semanas depois, de câmara na mão, estava num avião a caminho da Colúmbia Britânica. Ele ia visitar uma escola local. Pouco depois, estava na Suíça a filmar as palestras públicas. A seguir, nos Países Baixos, a visitar pessoas e locais que tinham feito parte fundamental da sua juventude. Seguiu-se a Inglaterra e depois rumei à Índia. Descobri na Índia que a maior parte das pessoas era como as que tinha conhecido na América e na Europa: cada um compreendia um pouco.

Eu continuava a ser um pesquisador, seguindo o sol à medida que este afastava as trevas. Tinha um milhar de perguntas e cada uma parecia importante, mas descobri que nenhuma era suficientemente profunda ou real para o perturbar. No entanto, eu queria compreender, não apenas um pouco, mas a verdade subjacente. Enquanto estava na Índia, escrevi no meu diário: «Para compreender desta forma, cada pensamento deve ser suficientemente grande para conter o universo inteiro.» Depois pousei a caneta e, enquanto o sol se punha atrás das colinas antigas de Rishi Valley, surgiu uma clareza súbita e vislumbrei o que creio que ele queria dizer com «a liberdade sem limites» [freedom from the known]. Com isso, a minha busca chegou ao fim.

Durante cinco anos, a mulher — aquela que partilhava a minha paixão e que acreditava em mim — trabalhou naquele filme. Quando ficou concluído, Krishnamurti sentou-se perto da frente e assistiu como uma criança, enquanto vislumbres da sua vida desfilavam no ecrã. Era importante que ele aprovasse, e ele aprovou. Nenhum de nós sabia então que os dois anos seguintes seriam os seus últimos.

Poucas semanas antes da morte de Krishnamurti, iniciou-se um segundo filme. Pessoas de todo o mundo tinham vindo para se despedir. Aqueles que estavam dispostos sentaram-se diante da minha câmara e descreveram os momentos que tinham partilhado com este homem que jazia moribundo ali perto. Viajámos novamente para a Inglaterra e para a Índia, entrevistando aqueles que foram tocados pela sua vida e pela sua luz.

Pesquisei nos arquivos e nos seus escritos pessoais na esperança de revelar alguma essência.

Do que se tratava afinal? Os anos passaram. O trabalho tornou-se uma meditação, um mantra. O processo deu uma nova forma à minha vida e àquilo que eu faria com a minha vida.

Um ano após a sua morte, eu caminhava pelos terrenos de Brockwood e aquela presença especial — a sua presença — envolveu-me. Depois, emergiu outro sentimento. Vários meses antes, o meu filho, que tinha então apenas sete ou oito meses, estava a dormir. A minha esposa estava fora e ele acordou, assustado por estar sozinho. Aproximei-me, peguei-lhe ao colo e ele olhou para mim. Depois, completamente seguro, readormeceu. À medida que aquela criança relaxava nos meus braços, aquele sentimento familiar irradiou de dentro dela. Passou por mim e encheu a sala. Era imenso. Era uma afeição para lá de qualquer descrição, pairando no ar.

Enquanto caminhava pela paisagem inglesa, compreendi algo sobre o homem e a sua vida. Sem lhe dar um nome, ele estava ali na afeição ilimitada que irradiava de uma criança inocente. Os ensinamentos não passam de sinais de trânsito que apontam para algo vivo, vital e expansivo. Quando ele falava, as palavras que usava repousavam sobre este mar ilimitado de afeição. Envolvia-me como as árvores e as montanhas que ele tanto amava. Era imediato e espalhava-se em todas as direções, estendendo-se antes de se derramar sobre o horizonte.

Ele disse uma vez, e sinto que é verdade... quando estivermos completamente sós, e nesse silêncio nos tornarmos uma luz para nós próprios, aí encontraremos Krishnamurti.

O amor pelas árvores é, ou deveria ser, parte da nossa natureza, como o respirar. Elas fazem parte da terra como nós, cheias de beleza com um estranho isolamento. São tão silenciosas, cheias de folhas, ricas e cheias de luz, projetando longas sombras e selvagens de alegria quando há uma tempestade. Cada folha, mesmo na parte mais alta, dança na brisa suave, e as sombras são acolhedoras sob o sol forte. Ao sentar-se com as costas apoiadas no tronco, se estiver muito quieto, estabelece uma relação duradoura com a natureza. A maioria das pessoas perdeu essa relação; olham para todas as montanhas, vales, riachos e para as mil árvores à medida que passam nos seus carros ou sobem as colinas a tagarelar, mas estão demasiado absortas nos seus próprios problemas para olhar e estar quietas. O fumo sobe numa coluna única do outro lado do vale e, lá em

baixo, passa um camião, carregado de troncos de árvores recentemente cortadas, ainda com a casca. Um grupo de rapazes e raparigas passa a tagarelar, quebrando o silêncio do bosque.

— DIÁRIO NÃO PUBLICADO, 7 DE AGOSTO DE 1981

Os anos estavam a esgotar-se para Krishnamurti. As viagens constantes em climas e fusos horários diferentes cobraram inevitavelmente o seu preço, mas a década de 1980 assistiu a uma atividade tão intensa como sempre.

Como vimos, uma das grandes alegrias da vida de Krishnamurti e uma grande libertação da intensidade das palestras era estar na natureza. Árvores, plantas e animais tinham sido seus parentes próximos durante toda a sua vida. Contam-se muitas histórias sobre a sua relação com ursos, tigres, macacos e pássaros.

Alasdair Coyne teve a oportunidade de trabalhar com Krishnamurti no jardim de *Pine Cottage* e pôde estar com ele quando este não era o «orador».

ALASDAIR COYNE

JARDINEIRO PAISAGISTA, AMBIENTALISTA, OJAI, CALIFÓRNIA

Na universidade, na Escócia, estava a estudar filosofia e matérias afins quando me deparei com os escritos de Krishnamurti. Durante cerca de um ano, não tive conhecimento de qualquer fundação, escola ou centro, nem, na verdade, de que o homem ainda estivesse vivo. Por acaso, cruzei-me com a informação de que existia um centro em Brockwood Park e desloquei-me lá para assistir a um encontro, provavelmente em setembro de 1974. Acampei à chuva com toda a gente e fiquei fascinado com o local e com o orador. Candidatei-me alguns meses mais tarde a um cargo de aprendiz de jardineiro, sem qualquer experiência.

Fui aceite na primavera do ano seguinte. Fui atraído para o local principalmente por causa de Krishnamurti e, suponho, por aqueles aspetos dos seus ensinamentos que atraíam muitas pessoas. Tais como o facto de não haver respostas prontas para as perguntas e de nos devolver a nós próprios para encontrarmos respostas para as coisas mais profundas que nos preocupam enquanto indivíduos. Fui também para lá interessado em

tornar-me jardineiro, o que desde então se tornou o trabalho da minha vida, embora não o soubesse na altura. Trabalhei lá durante dois anos e meio antes de vir morar para Ojai, onde fui contratado para plantar e manter o jardim em redor da recentemente ampliada *Pine Cottage*.

Krishnaji estava muito interessado no jardim de *Pine Cottage*. Reservava tempo das suas outras responsabilidades para vir caminhar pelo jardim, mostrar interesse pelas plantas e querer saber como as coisas estavam a correr, ou que planta preencheria aquela falha. Para mim, isso trouxe-o para um nível muito mais humano do que aquele em que o tinha visto anteriormente. Desenvolvemos uma relação calorosa e afetuosa, onde havia uma preocupação comum com o aspeto dos terrenos e um entusiasmo quando algo novo florescia.

Todos os anos, quando regressava aos EUA, habitualmente na primavera, queria sempre passear por todo o jardim; percorríamos juntos para ver o que tinha mudado, o que poderia não ter corrido tão bem, o que estava a correr bem, o que podíamos melhorar e sempre onde podíamos plantar mais roseiras. As rosas eram a sua flor preferida; adorava o perfume delas e uma rosa vermelha era a sua cor favorita. Ao longo dos anos, conheci Krishnaji muito mais como um homem preocupado com as plantas.

Apesar da impressão pública de Krishnaji como uma pessoa que falava diante de milhares de pessoas durante o ano, por dentro ele era uma pessoa muito tímida. Quando eu andava pela *Pine Cottage*, a trabalhar no jardim, se estivessem outras pessoas por perto, ele não vinha cá fora olhar para o jardim. Era nos dias em que nada acontecia, em que estava tudo calmo e não havia mais ninguém no pomar ou nos terrenos, que ele punha o seu chapéu e as suas luvas, vinha cá fora, passeava pelo jardim, agarrava em mim, levava-me para o lado mais afastado da casa e mostrava-me isto ou aquilo ou perguntava-me algo. Até lhe passei um ancinho para a mão um par de vezes.

Krishnaji disse publicamente várias vezes, e lembro-me também de o ouvir em privado nos terrenos de *Pine Cottage*, que se não tivesse sido orador teria gostado de ter sido jardineiro. Teria sido um bom jardineiro. Sei que ele apontava para as laranjeiras em redor de *Pine Cottage* e dizia que as tinha plantado todas; provavelmente lá nos anos 40. Olhava para uma planta e perguntava-se do que é que ela precisava para a tornar mais feliz. Apreciava profundamente as plantas e as flores, coisas com aroma, coisas com uma cor particular, coisas que atraíssem colibris; tudo isso era importante para ele.

Só recentemente me ocorreu (em 1994) que um pedido comum de Krishnaji para o jardim se tornou um dos meus princípios paisagísticos mais valiosos. Sempre que via plântulas a germinar pelo jardim, dizia: «Deixa estar, deixa estar.» Não tinha o tipo de mente que diz: «Isto está a crescer no caminho; temos de o arrancar com a enxada.» E assim, o caminho em redor de *Pine Cottage* ficou ajardinado por plântulas que nasceram semeadas por si próprias. E de forma muito agradável, embora, naturalmente, também tenhamos deixado um espaço para caminhar. Nos últimos anos, tenho projetado áreas de paisagismo para enfatizar a utilização de plantas que espalham sementes com bastante facilidade — porque estas plântulas podem preencher uma área e eventualmente expandi-la, sem qualquer irrigação, fertilização do solo ou custo, o que é uma excelente vantagem neste clima árido.

Krishnaji tratava-me perfeitamente como um igual quando estávamos no jardim — ou até mesmo apenas a discutir o jardim. Se eu tentasse segurar a porta aberta para ele, dizia: «Não, não, não. Tu primeiro», e segurava-a aberta para mim. Era uma relação de igualdade, não era uma relação de empregador-empregado. Estava interessado no que eu lhe podia dizer sobre uma determinada questão do jardim e estava interessado em aprender as razões pelas quais algumas coisas estavam a crescer mal e como ajudar as plantas que pareciam necessitar de assistência.

O meu último encontro com Krishnaji foi cerca de uma semana antes de ele morrer. Estava na sala de estar de *Pine Cottage*, agasalhado calorosamente num cobertor e sem parecer muito bem. Naturalmente, ele tinha querido dar-me um olá. Sabia que eu andava pela casa — provavelmente ter-me-ia visto passar pelas janelas — e foi-me pedido que entrasse por alguns minutos. Apesar de todos os assuntos que tinha a tratar com as Fundações em muitos países, quis falar com o jardineiro por um minuto. Fez algumas perguntas sobre como estavam as plantas. Tinha visto de dentro de casa o novo canteiro de rosas que tínhamos plantado para ele, e não sei se alguma vez o chegou a ver de perto lá fora. Queria saber o que poderíamos plantar numa pequena área a leste da casa que tinha alguns espaços vazios. Foi tocante que, nos seus últimos dias, quisesse saber o que continuaria depois. Queria ter uma ideia de como ficaria, mesmo sabendo que não estaria lá para ver; depois disse: «Vem ver-me outra vez», e essa foi a última vez que o vi.

Não acredito, como muitos acreditaram, que Krishnaji fosse mais do que um ser humano. Sinto que cada indivíduo tem uma validade por direito próprio e não penso que Krishnaji tivesse mais do que qualquer outra pessoa. Por outro lado, algumas pessoas são mais maravilhosas e fizeram

grandes coisas com as suas vidas, e eu apreciei o privilégio de conhecer Krishnaji como o jardineiro, quando ele não era o orador. Muitas pessoas conheceram o orador, puderam ver o orador e ouvi-lo falar. Senti-me privilegiado por ter conhecido o homem quando todas essas coisas não estavam a acontecer. Não estou a dizer que existissem duas pessoas diferentes, o ser humano comum e o orador — mas gostei de conhecer o seu lado humano.

Krishnaji gostava muito da beleza cénica de Ojai; ele apontava para as colinas e descrevia como as tinha percorrido por completo na sua juventude. Tinha subido e descido Topa Topa, ao longo de Chief Peak e provavelmente por trás das cordilheiras que ali existem, explorando por conta própria ou com outros. Isto inspirou-me a trabalhar na preservação ecológica — que, desde então, se tornou um foco principal na minha vida.

Krishnaji adorava estar perto da vida selvagem. Falou de ter seguido um lince por vários quilómetros nas colinas atrás de Ojai — de perto, mas sem ser visto. Na Índia, falava com os macacos. Queria tocar num tigre a partir da janela do carro, numa reserva florestal.

Contudo, talvez o meu comentário favorito de Krishnamurti, o orador, seja quando disse algo assim a uma assembleia pública: «Estariam todos muito melhor se estivessem nalgum lugar na natureza. Podem aprender muito mais com a natureza do que com o orador.»

«*Ele apontava para as laranjeiras em redor de Pine Cottage e dizia que as tinha plantado todas; provavelmente lá nos anos 40. Olhava para uma planta e perguntava-se do que é que ela precisava para a tornar mais feliz.*»

— ALASDAIR COYNE

Vindo a descer por um caminho diferente, igualmente pedregoso, havia um pequeno espaço aberto, verde e fresco. Ao contornar uma curva, deparámo-nos com um enorme urso preto, muito escuro, com as suas quatro crias, do tamanho de gatos grandes. A mãe empurrou-as para cima de uma árvore e, enquanto elas subiam furiosamente, podia ouvir-se o ruído das suas garras na casca. Pararam após atingirem uma certa altura. A mãe barrava o caminho, firme nas suas quatro patas peludas, de frente para nós. Olhámo-nos sem qualquer movimento, ela desafiando e o outro não aceitando o desafio. Ficámos ali, sem medo, e passado pouco tempo o homem virou as costas e seguiu o seu caminho. Nunca se percebeu o perigo

da situação. Isso só se tornou evidente quando o incidente foi relatado ao guarda florestal. Ele ficou furioso, salientando que o urso poderia ter-nos despedaçado, especialmente por estar com as crias. Mas o enorme urso com as suas pequenas crias, a montanha flutuante coberta de neve, a imensa quietude, apagaram todo o medo e perigo.

— DIÁRIO NÃO PUBLICADO, 7 DE AGOSTO DE 1981

Deepak Chopra é bem conhecido como o autor de *bestsellers* de *Corpo Sem Idade, Mente Sem Tempo* [*Ageless Body, Timeless Mind*] e de muitos outros livros e cassetes que se relacionam com a cura interior e exterior. É Diretor Executivo do *Sharp Institute for Human Potential and Mind Body Medicine*.

DEEPAK CHOPRA, M.D.

AUTOR, *AGELESS BODY, TIMELESS MIND*, SÃO DIEGO, CALIFÓRNIA

O meu primeiro encontro com Krishnamurti foi em meados da década de 1980. Ele estava a dar uma palestra no *Felt Forum*, no *Madison Square Garden*. Era uma manhã fria de inverno, caía granizo e neve, e mil pessoas esperavam lá fora. Eu era uma delas. Krishnamurti falou durante duas horas. Foi direto, profundo e impiedosamente honesto. Quando saí, o granizo e a neve tinham parado e havia um sol radiante.

Por alguma razão, senti que o sol estava brilhante e quente porque eu me sentia brilhante e quente por dentro.

Nunca conheci Krishnamurti pessoalmente, embora tenha estado próximo de muitos que lhe eram próximos, e vejo o efeito notável que este homem teve nas suas vidas.

Na minha própria vida, Krishnamurti influenciou-me profundamente e ajudou-me pessoalmente a romper os limites das minhas próprias restrições autoimpostas à minha liberdade.

«*Na minha própria vida, Krishnamurti influenciou-me profundamente e ajudou-me pessoalmente a romper os limites das minhas próprias restrições autoimpostas à minha liberdade.*»

— DEEPAK CHOPRA

Em Washington D.C., Lois Hobson era chefe do departamento sul-africano da *Africare*, um programa de formação para jovens africanos que estudavam nos Estados Unidos até ao seu regresso aos respetivos países em África. Atualmente a residir em Joanesburgo, prossegue um trabalho semelhante de forma independente.

LOIS M. HOBSON

CONSULTORA DE GESTÃO, JOANESBURGO, ÁFRICA DO SUL

Creio que fui uma daquelas crianças que se tornaram mulheres idosas muito antes do tempo. Desde muito jovem tive bastante consciência de estar viva e perguntava-me: «Porque nasci?» — não por cinismo, mas devido a um profundo sentimento de admiração por tudo isto. Este nível de indagação não era apenas curiosidade infantil, mas algo muito mais profundo que persistiu na minha consciência ao longo da minha vida. A religião desempenhou um papel nos meus anos de juventude, dissolvendo-se lentamente ao longo das décadas numa busca espiritual, em vez de uma escolha secular.

Ao entrar na minha quarta década, esta busca espiritual tinha-se tornado uma prioridade na minha vida quotidiana. Li quase toda a literatura popular e esotérica que dizia respeito à jornada espiritual da humanidade, viajando inclusive até à Índia para vivenciar os ensinamentos místicos de um guru de renome. Suponho que, neste ponto da minha vida, a minha própria maturidade, juntamente com a pergunta implacável sobre o «porquê» do meu nascimento neste mundo, me tinham preparado, sem eu saber, para os ensinamentos claros, concisos e avassaladores de J. Krishnamurti.

O meu primeiro encontro com os ensinamentos de K. foi através de um dos seus livros, *O Despertar da Inteligência* [*The Awakening of Intelligence*], que repousara na minha estante durante bem mais de um ano antes de eu pegar nele para o ler. Li cada capítulo com a satisfação jubilosa de um gastrónomo a deliciar-se num banquete culinário. No meio da absorção do diálogo entre K. e David Bohm sobre a natureza do pensamento e do «eu», algo de extraordinário aconteceu, que hoje tenho

dificuldade em expressar. O melhor que posso dizer é que ocorreu um desmoronamento interior — um despedaçar de algo que, ao longo dos meses seguintes, se manifestou nos meus sonhos. Terminei o livro algum tempo depois e procurei imediatamente saber se esta pessoa, este J. Krishnamurti, ainda estava viva para que eu pudesse conhecê-lo. A minha busca, que se estendera por bem mais de quarenta anos, terminou naquele dia com a leitura de *O Despertar da Inteligência* e com a introdução, a partir desse período, aos ensinamentos de J. Krishnamurti.

Tive a boa fortuna de conhecer K. e de passar algum tempo limitado na sua companhia. Li cada palavra dos seus ensinamentos que conseguia obter, assimilando-as como se a minha própria vida dependesse disso. O que comecei a encontrar na minha vida foi uma nova liberdade interior, uma capacidade de me observar, de vivenciar a minha própria bagagem, de saborear de forma mais objetiva os meus relacionamentos e de assistir e sentir a montanha-russa emocional do meu próprio eu. A resposta a «Porque nasci?» passou a ser «Eu não sei» — e com isso veio a liberdade. A busca terminou. A jornada continua. 95

Sarjit Siddoo e a sua irmã, Jugdis Siddoo, ambas médicas com um envolvimento dedicado e de longa data na obra de Krishnamurti, passam parte do ano no Canadá, onde apoiam um Centro Educativo e de Conferências Krishnamurti. O resto do ano passam-no no Punjab, na Índia, onde fundaram e gerem um hospital na aldeia natal da sua mãe. O *Village Hospital* [Hospital da Aldeia] foi inaugurado em 1957 por Indira Gandhi e contou com a presença de muitas dignidades, incluindo o Alto Comissário canadiano.

O seu trabalho no Canadá leva-as de Vancouver até à Ilha de Vitória, onde o seu Centro de Conferências está localizado.

«*Krishnaji pediu à minha irmã e a mim para espalharmos os ensinamentos pelo Canadá como um fogo numa pradaria.*»

— SARJIT SIDDOO

SARJIT SIDDOO, M.D.

FUNDADORA DO VILLAGE HOSPITAL, PUNJAB, ÍNDIA E DO KRISHNAMURTI EDUCATIONAL CENTER, ILHA DE VITÓRIA, CANADÁ

EB: Ao longo destes últimos anos, que tipo de interesse tem encontrado no Canadá? As pessoas parecem estar a ler os livros de Krishnamurti. Notou uma vaga de interesse?

SS: Sem dúvida. Quando começámos, mal se viam livros de Krishnamurti nas livrarias e agora podemos ir até às livrarias mais conservadoras e K. está lá nas prateleiras. Atualmente, quase todas as bibliotecas têm pelo menos alguns livros de K. Há alguns anos, Krishnaji pediu à minha irmã Jugdis e a mim para espalharmos os ensinamentos pelo Canadá. Desde então, tem havido um surto de interesse. Muitos académicos, bem como leigos, estão a pedir mais informações sobre K. O nosso maior problema é que o Canadá é um país vasto, que se estende do Oceano Atlântico ao Pacífico, e no entanto, proporcionalmente, o Canadá tem uma população muito pequena. Uma das nossas maiores preocupações tem sido como centralizar os ensinamentos no Canadá e torná-los disponíveis para o maior número de pessoas. Recentemente, ficámos muito encorajadas ao encontrar pessoas a vir ao Centro na Ilha de Vitória de locais tão distantes como a Nova Escócia.

EB: Teve a oportunidade, ao longo destes últimos vinte e poucos anos, de estar em contacto bastante próximo com Krishnamurti. Tem alguma observação sobre Krishnamurti, o homem, bem como sobre os ensinamentos?

SS: Penso que os seus ensinamentos são extraordinários, tal como sinto que o próprio homem era extraordinário. Durante muitos anos, a minha irmã e eu estivemos à procura de um «guru». Tínhamos lido muitas escrituras de várias religiões, incluindo aquela em que fomos criadas, que foi a religião sikh, bem como as religiões cristã, hindu e budista. Eu costumava perguntar-me se realmente existiam pessoas iluminadas na Terra na nossa época. A nossa busca primordial na Índia era ver se os santos existiam agora. Se a verdade existe, então porque não conseguíamos encontrar alguém agora?

Foi por essa altura que desisti e me estava a tornar cínica em relação a tudo isso. Entrar em contacto com Krishnaji mudou essa situação. Mudou definitivamente o rumo das nossas vidas. Eu estava a passar por dificuldades pessoais naquela altura e descobri que, após o falecimento do meu pai e da minha mãe, fui confrontada com outras coisas na vida para as quais talvez não estivesse preparada para enfrentar. Nesses momentos, eu lia Krishnamurti. Ele dizia que, quando se liam os seus livros com total atenção, isso em si mesmo era uma meditação.

EB: O que foi mais significativo para si no ensinamento?

SS: Talvez o aspeto mais significativo tenha sido o facto de ele nos forçar a procurar a salvação não lá fora, mas dentro de nós próprios, ao que ele se referia como a «Revolução Interior». É verdade que, ao longo dos tempos, o homem tem procurado a mudança lá fora, seja ela política, religiosa, social ou económica. As pessoas querem encontrar um professor que as transporte instantaneamente para o Nirvana. K. salientou que não há um caminho fácil para a iluminação, é um trabalho árduo. Isso, sinto eu, é a coisa mais significativa que ele apontou — olhem para dentro, não para fora.

É fácil compreender tudo isto intelectualmente, mas a aplicação é uma tarefa hercúlea. Quando se está numa crise, ao ler K., percebe-se que a dor intensa, por exemplo, não é realmente por aquele que partiu, mas por nós próprios que ficámos para trás. Krishnamurti deu uma contribuição muito grande ao mundo, especialmente neste século. Ele fala-nos numa linguagem do século XX. Outros gigantes espirituais falaram na sua própria época, mas através da interpretação a verdadeira mensagem dilui-se e é frequentemente influenciada de acordo com o intérprete. Com K. não temos de interpretar. Tudo está disponível nas suas palavras exatas — em livros, cassetes de áudio e vídeos.

EB: Qual pensa que será o futuro do trabalho dele?

SS: Bem, penso que é algo que irá emergir. Haverá um período latente de trabalho árduo nos bastidores, por assim dizer. Depois, se houver união e amor entre todas as fundações, pode ser criada uma energia tremenda e essa energia encarregar-se-á do futuro. 96

Van Morrison não precisa de apresentações perante o público amante da música. As suas canções são lendárias e atraíram uma legião de seguidores a nível mundial. As suas letras intensas e pessoais sondam o coração da geração de hoje e refletem a sua própria busca interior.

VAN MORRISON

CANTOR, COMPOSITOR E MÚSICO, LONDRES, INGLATERRA

Embora tenha encontrado e lido os livros de Krishnamurti no início da década de 1970, só o ouvi falar uma vez, no *Masonic Hall*, em São Francisco.

Desde que me lembro que tenho sido influenciado por obras religiosas e filosóficas e tive uma grande mudança no meu estado de espírito mesmo antes de descobrir os livros de Krishnamurti. A sua filosofia correspondia àquilo por que eu próprio estava a passar a um nível interior.

Sinto que o significado de Krishnamurti para o nosso tempo é que cada um tem de pensar por si próprio e não ser influenciado por quaisquer religiões ou autoridades espirituais externas.

Há algum tempo escrevi «*In the Garden*» para o meu álbum *No Guru, No Method, No Teacher*. Parte da letra diz:

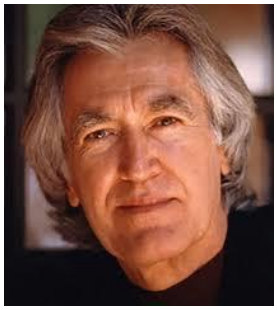
E então um dia voltaste para casa Eras uma criatura totalmente em êxtase Tinhas a chave da tua alma e abriste-a Naquele dia em que voltaste ao jardim

A canção conclui com:

No jardim, no jardim, molhado pela chuva Sem Guru, sem método, sem professor Apenas tu e eu e a natureza E o pai no jardim

---

Com a expansão do âmbito da medicina moderna, o Dr. Larry Dossey tem sido um clínico de referência na «medicina alternativa». O seu livro mais recente, *Palavras que Curam* [*Healing Words*], explora outras vias de possibilidades médicas. O Dr. Dossey é copresidente do Painel de Intervenções Mente/Corpo do Gabinete de Medicina Alternativa do Instituto Nacional de Saúde.



LARRY DOSSEY, M.D.

AUTOR, *SPACE, TIME AND MEDICINE*, SANTA FÉ, NOVO MÉXICO

Nesta era pós-literata, diz-se habitualmente que os livros são demasiado racionais, intelectuais e de «hemisfério esquerdo» para fazerem muita diferença no progresso espiritual de alguém. Que disparate! Os escritos de Krishnamurti mudaram a minha vida, tal como influenciaram as vidas de milhares de outras pessoas em todo o mundo. Os seus livros deveriam ser considerados aquilo que realmente são: literatura sagrada.

G.K. Chesterton disse uma vez: «O cristianismo não foi tentado e considerado deficiente; foi considerado difícil e não foi tentado.» O mesmo poderia dizer-se, de um modo geral, dos ensinamentos de Krishnamurti. Muitos dizem que são demasiado difíceis porque não contêm fórmulas prontas. Mas que importa isso?

A transformação nunca foi fácil; nunca foi algo automaticamente alcançável num seminário de fim de semana. Krishnamurti sabia disto, evidentemente, e eu honro a sua recusa em banalizar ou popularizar a majestade dos seus ensinamentos.

«O universo é amigável?», perguntou Einstein outrora. Ao que poderíamos responder: «Deve ser; deu-nos Krishnamurti.»

«*Os escritos de Krishnamurti mudaram a minha vida, tal como influenciaram as vidas de milhares de outras pessoas em todo o mundo. Os seus livros deveriam ser considerados aquilo que realmente são: literatura sagrada.*»

— LARRY DOSSEY

Outro membro da vasta rede de amigos e colaboradores nos seus respetivos países é Shigatoshi Takahashi. Em todos os campos de atividade, algo da mensagem de Krishnamurti encontrou acolhimento. Na vida de um homem de negócios, também deixou a sua marca.

Conta-se a história de que, quando Krishnamurti fez a sua última viagem de Madras para Los Angeles, parando brevemente no aeroporto de Tóquio, foi recebido por Takahashi. Tinha sido adquirido um bilhete de ida e volta e, após voar no mesmo avião com Krishnamurti para Los Angeles, Takahashi, sem nunca sair do aeroporto, regressou imediatamente a Tóquio.

SHIGATOSHI TAKAHASHI

HOMEM DE NEGÓCIOS, TÓQUIO, JAPÃO

EB: O que é que Krishnamurti lhe ensinou sobre a forma de gerir o seu negócio?

ST: Antes de encontrar o ensinamento de Krishnamurti, o meu negócio consistia em fazer esforços, em competir com os outros, em comparar-me com os outros, em ter um objetivo, em ter a vontade de realizar algo, em fazer algum tipo de plano; mas depois de compreender o ensinamento de Krishnamurti, achei todas essas coisas perfeitamente desnecessárias, porque são todas baseadas na nossa atividade egocêntrica, na nossa consciência egocêntrica, o que nos trazia confusão na gestão do negócio. Se pudermos ser inteiramente livres disso, então podemos empenhar-nos no negócio de forma muito mais fluida, com o resultado mais satisfatório possível. Essa é a minha forma atual de operar os negócios. Estou agora a desfrutar do meu negócio muito mais do que antes.

EB: Se não for competitivo e agressivo, não se aproveitarão de si?

ST: No início pensei dessa forma e senti-me muito inseguro quanto ao resultado que daí poderia advir, mas assim que esquecemos a nossa atividade egocêntrica e conduzimos o negócio livres dela, o resultado será completamente diferente.

EB: As pessoas responderam-lhe de forma diferente?

ST: Naturalmente. Dado que eu mudei, porque não haveriam elas de mudar? Portanto, quando me mudei a mim próprio, descobri que elas também mudaram, e o resultado foi completamente contrário àquilo que eu tinha temido.

EB: Que disciplinas religiosas estudou e em que medida Krishnamurti é diferente dessas outras disciplinas?

ST: No meu caso, tinha andado a estudar o Budismo e, no Budismo, pedem-nos várias coisas. Por exemplo, que façamos meditação, ou seja, Zen, que façamos jejum e, em alguns casos, pedem-nos para fazer uma cópia integral de um longo sutra. No meu próprio caso, copiei todas as palavras de um longo sutra chamado Hokekyo com uma caneta de pincel japonesa. Demorei cerca de um ano e meio, escrevendo pelo menos uma hora todas as manhãs. Também nos pediam para recitar de manhã uma espécie de sutra, ou para fazer um circuito de um templo para outro, totalizando oitenta e oito templos. Mas Krishnamurti não nos pedia para fazer outra coisa senão observar as coisas tal como são, perceber as coisas tal como são e aplicar isso à nossa vida quotidiana.

EB: Existe uma grande tradição de meditação no Japão. Como é que isso difere do que Krishnamurti tem a dizer?

ST: No Budismo, compreende-se habitualmente que, durante a meditação, nos sentamos num canto, em silêncio, durante horas, de manhã ou à noite, ou mesmo à meia-noite. Durante esse tempo, temos de concentrar toda a nossa mente em algo, em algum assunto. Mas, no caso de Krishnamurti, ele não nos pede nada disso. Em vez disso, diz-nos que podemos meditar vinte e quatro horas continuamente e que podemos aplicar a nossa meditação a tudo na nossa vida quotidiana, na nossa ação diária, através da qual podemos ver as coisas tal como elas realmente são. Essa é a meditação dele. Essa é a minha compreensão da forma da sua meditação, o significado da sua meditação.

A meditação pode ocorrer quando se está sentado num autocarro ou a caminhar num bosque cheio de luz e sombras, ou a ouvir o canto dos pássaros ou a olhar para o rosto da vossa esposa ou filho.

— A LIBERDADE SEM LIMITES, 1969

EB: Ouviu K. falar; leu os seus livros. Isso mudou a sua vida?

ST: O seu ensinamento mudou-me muito. Antes, eu era um homem de temperamento irascível; era um homem presunçoso, era um homem de um egoísmo muito forte. Mas depois de me cruzar com o seu ensinamento e depois de estudar o seu ensinamento, tornei-me um homem sem tanta arrogância e sem tanto egocentrismo. Agora posso ser compassivo com quem quer que se relacione comigo.

EB: Pode descrever o momento em que se encontrou pela primeira vez com Krishnamurti face a face e que impacto isso teve na sua compreensão dos ensinamentos dele?

ST: Quando vi Krishnamurti face a face, queria fazer-lhe esta e aquela pergunta e esperava a resposta dele para esta e aquela pergunta, respetivamente, mas quando realmente o vi, percebi instantaneamente que essas coisas eram perfeitamente desnecessárias porque, de repente, me dei conta de que estava coberto e rodeado, envolvido pela forte vaga do seu amor, e esta vaga de amor, ao cair sobre mim, fez-me não desejar mais nada senão apertar-lhe a mão, o que me fez sentir o calor da sua compaixão sem paralelo. 97

Uma pessoa única que entrou na vida de Krishnamurti numa altura em que a sua presença era muito necessária foi Mary Zimbalist. Ao longo de um período prolongado, enquanto acompanhava as palestras de Krishnamurti desde Ojai a Saanen e à Índia, Mary descobriu que era capaz de ser útil, ao início conduzindo-o e, mais tarde, assumindo funções como cuidar da correspondência, marcar compromissos, acompanhá-lo em viagens, etc.

Como ela própria referiu: «Ser útil quando as coisas eram necessárias para uma pessoa por quem se tinha uma grande consideração e a quem se queria ajudar de todas as formas possíveis.»

Desde meados da década de 1960 que dedicou a sua vida a ajudar Krishnamurti e a promover o seu trabalho de todas as formas.

Mais tarde, Krishnamurti viria a ser seu hóspede quando se encontrava nos Estados Unidos, ficando na sua casa em Malibu e, depois, na ampliada e extensamente remodelada «Pine Cottage», em Ojai. Este arranjo de apoio haveria de durar pelo resto da vida de Krishnamurti.

MARY ZIMBALIST

ASSISTENTE PESSOAL DE KRISHNAMURTI

«*Falar era o trabalho dele, a sua responsabilidade, e mesmo quando estava doente ele cumpria-o, se pudesse. Não creio que muitas pessoas se deem conta do quão arduamente ele trabalhava.*»

— MARY ZIMBALIST

EB: Tornou-se bastante próxima de Krishnamurti. Fazia muitas coisas por ele; detetou alguma diferença entre o homem e o seu ensinamento nessa altura?

MZ: Absolutamente nenhuma. Uma das muitas coisas extraordinárias a seu respeito era que nunca houve qualquer sombra em Krishnamurti. Ele era realmente aquilo que se via, aquilo que se pressentia, e infinitamente mais, mas nada estava alguma vez em contradição. Não sei se muitas pessoas se davam conta disso, tenho a certeza de que sim, mas ele era também uma pessoa muito humana. Adorava rir, gostava de piadas engraçadas, via televisão e ia ao cinema. Gostava de *Westerns*, como é bem sabido, e, às vezes, quando a violência no ecrã me fazia baixar a cabeça e fechar os olhos, ele dizia: «Olha para aquelas montanhas!», referindo-se à paisagem de Monument Valley. Enquanto as pessoas eram dizimadas no primeiro plano, ele estava perdido na paisagem do deserto. A dada altura, ele tinha-me perguntado coisas sobre filmes e eu devo ter-lhe dito que aquilo não era sangue real no ecrã, por isso, quando eu me assustava, ele tranquilizava-me dizendo: «Não faz mal, é apenas sumo de tomate.» Tinha esta qualidade muito cativante e quase infantil em relação a muitas coisas e, no entanto, havia também este homem extraordinário e ilimitado.

EB: Quais eram os seus outros interesses? Estava interessado em arte, em literatura, política, natureza?

MZ: Ele era profundamente sensível à beleza da linguagem. Para além do seu bem conhecido gosto por histórias de detetives — *thrillers*, como lhes chamava — e que lia para relaxar, lia maioritariamente poesia e costumava ler o Antigo Testamento, não por razões religiosas, mas pela linguagem. Na arte, falava sempre de uma arquitetura maravilhosa — a Acrópole, as catedrais góticas, e encontrava algo de quase sagrado na beleza da Vitória de Samotrácia e na grande estátua de Maheshamurti em Elefanta. Quanto à política, acompanhava as notícias, muitas vezes na televisão e nas revistas semanais. Também falava com as pessoas, questionava-as. Estava bem informado, mais do que se possa pensar.

EB: Diria que ele se enquadrava em alguma categoria específica, politicamente falando? Seria liberal ou mais conservador? Ele expressava esse tipo de pontos de vista?

MZ: Não era sofisticado em assuntos de política, mas não tolerava a mesquinhez das divisões entre as pessoas, os combates entre países, grupos políticos, crenças divisivas. Ele desvalorizava imenso ou mostrava-se impaciente com essas coisas numa conversa geral, mas estava sempre a indagar.

Gostava de ouvir música de manhã enquanto tomava o pequeno-almoço. Depois de lhe entregar o tabuleiro, eu costumava perguntar-lhe o que gostaria de ouvir e, quase invariavelmente, ele respondia: «Escolha você.» Então, eu tentava adivinhar o que ele iria gostar. Acima de tudo, adorava Beethoven. Depois Mozart, Bach, Haydn e, às vezes, afeiçoava-se a um intérprete em particular. Penso que gostava de Richter, que eu tocava frequentemente.

EB: Sviatoslav?

MZ: Sim, e o grande pianista italiano, Michelangeli. Uma vez perguntei-lhe qual desses dois preferia; pensou por um momento e disse: «Um é como a neve e o outro é como a luz do sol.»

EB: A maioria das pessoas tende a ver Krishnamurti como mais, não direi intelectual, mas o facto de ele gostar de Beethoven era certamente mais romântico.

MZ: Beethoven era o seu favorito. Mas o que o comovia profundamente eram os cânticos — os cânticos em sânscrito, aos quais se juntava de forma admirável, e também o canto gregoriano.

EB: Também é sabido que ele tinha uma afinidade especial com a natureza, que ia para além das nossas meras preocupações ambientais — uma ligação realmente profunda com a natureza.

MZ: Ele reagia mais à natureza do que à arte visual. Sentia que olhar para uma árvore ou para uma montanha era mais comovente do que uma pintura de Leonardo. Não a descartava, mas dizia que a beleza da natureza, de uma árvore, está para lá de tudo o que o homem possa criar.

EB: O que coloca os artistas no seu devido lugar, não é? Uma experiência que induz à modéstia.

Ele tinha, e isto também é bem conhecido, uma aptidão mecânica considerável, o que está de certo modo em desacordo com os outros aspetos da sua vida.

MZ: Costumava dizer que uma vez tinha desmontado um carro quando era muito jovem e que depois o tinha voltado a montar. E cuidava muito bem do seu relógio, acertando-o cuidadosamente em Genebra para que estivesse correto ao segundo. Gostava disso. Uma vez perguntei-lhe o que faria na Índia se não fosse o que era? Como ganharia a vida? Ele disse: «Oh, mendigava por aí.»

EB: É bastante interessante pensar no que teria acontecido a Krishnamurti se não tivesse tido uma educação europeia inglesa. Poderia ter andado a «mendigar por aí» na Índia.

MZ: Ele disse que provavelmente estaria morto porque era muito doentio quando criança. O irmão teve tuberculose, como sabemos, e Krishnamurti tinha cicatrizes nos pulmões. O seu caso deve ter sido estabilizado e só porque a sua saúde foi vigiada com muito cuidado é que ele achava que estava vivo.

EB: Agora outra pergunta sobre os seus interesses: Krishnamurti não foi um bom estudante quando era jovem. Como é que isso se traduziu no seu interesse pela educação de crianças e de adultos, com a fundação das escolas e dos centros?

MZ: Como sabe, uma parte central do seu ensinamento é o papel do conhecimento — tanto o benefício do conhecimento como a limitação do conhecimento. Precisamos do conhecimento até para falar, mas a mente não deve ser confinada pelo conhecimento, deve ter a capacidade de ir mais além. Ele passava o tempo a explicar a limitação do pensamento, o que é tão fundamental para os seus ensinamentos. Costumava sentir que ajudar os

jovens, que são mais moldáveis, menos condicionados, a compreender o papel do conhecimento era muito importante. Lembro-me de um dos primeiros verões em Gstaad, ele costumava almoçar com uns amigos que tinham uma fotografia dele quando criança com o seu irmão mais novo, Nitya. Ficou a olhar para ela durante muito tempo, como se fosse de outra pessoa, e disse que não tinha memória nenhuma daquilo, mas quando lhe perguntei o que lhe passava pela mente ao olhar para ela, disse: «Se pudéssemos compreender por que razão aquele rapaz não foi condicionado, por que razão, apesar de toda a adulação e da agitação que havia em redor dele, isso não deixou qualquer marca nele, talvez pudéssemos ajudar outras crianças a serem menos condicionadas.» Penso que foi por isso que quis instituir um tipo de educação diferente, no qual existe uma compreensão da função do pensamento e também uma compreensão do potencial do cérebro, não simplesmente para refletir o que lhe foi ensinado ou o que já tinha vivenciado. Essa, penso eu, foi a razão por trás da sua criação de escolas. Depois de fundar a *Brockwood Park School* na Inglaterra, pensou em começar com crianças mais novas, na *Oak Grove School* em Ojai, para ver se seriam menos condicionadas. Receio que se tenha chegado a sentir, eventualmente, que as crianças são condicionadas praticamente desde o berço, era isso que ele tentava ver — se era possível libertar as crianças das garras do condicionamento.

«*Ficou a olhar para uma fotografia dele quando criança com o seu irmão, Nitya, "como se fosse de outra pessoa e disse que não tinha memória nenhuma daquilo, mas (...) disse: 'Se pudéssemos compreender por que razão aquele rapaz não foi condicionado, por que razão, apesar de toda a adulação e da agitação que havia em redor dele, isso não deixou qualquer marca nele, talvez pudéssemos ajudar outras crianças a serem menos condicionadas.'"*»

— MARY ZIMBALIST

EB: Pensa que ele alguma vez sentiu que as escolas foram um sucesso? Ajudaram as crianças?

MZ: Penso que o que ele queria em tudo isto era algo ilimitado, por isso nunca dizia «Isto está bom», apontava o que estava mal e aprofundava a forma de o corrigir. A aprovação não era dada como tal, mas isso não significava que estivesse a criticar. Ele via uma insuficiência ou onde havia necessidade de algo mais e tentava abrir essa porta, mas nunca houve um momento em que dissesse: «Bom trabalho.» Não penso que ele alguma vez pensasse nesses termos. A excelência era, creio eu, a qualidade que procurava, e não estava definida.

EB: Ficava desapontado se as coisas não correspondessem às expectativas?

MZ: Oh, ele apontava-o em termos inequívocos. Quando as coisas corriam mal, ele censurava mesmo as pessoas, não de uma forma pessoal e prejudicial, mas dizendo: «Vejam o que estão a fazer.»

EB: A linguagem de Krishnamurti mudou imenso ao longo dos anos, ele parecia falar com uma clareza acrescida e com um toque de bisturi, de certa forma, nas palavras.

MZ: Sim, era preciso na sua escolha de palavras. Muitas vezes, antes das palestras, pedia-me para procurar os significados no dicionário, na maioria das vezes para a derivação da palavra. Não preparava as palestras da forma que a maioria das pessoas faria, mas tinha frequentemente alguma direção em mente.

EB: Não fazia notas?

MZ: Nunca no meu tempo. Aliás, muitas vezes no carro, enquanto conduzíamos para as palestras, dizia: «Sobre o que vou falar?» Eu nunca respondia, mas quase invariavelmente ocorria uma palestra grande e extraordinária.

EB: Como pesava isso no equilíbrio da sua própria experiência inicial de o ouvir falar e ficar impressionada com as palavras que saíam, em contraste com alguém que perguntava «Sobre o que hei de falar?»

MZ: Simplesmente vinha. Ele não gostava de ouvir as suas próprias cassetes. Quando terminava, estava acabado. Queria abordar as coisas de forma nova e, quando começou a aceitar perguntas por escrito, não as queria ver antes do tempo. As pessoas colocavam-nas em caixas e ele pedia-me para as recolher, e eu separava-as por assunto. Perguntas sobre o medo — sempre as mais numerosas — e o nacionalismo, o ciúme, a ganância, os gurus, todos estes tópicos diferentes, e eu dactilografava-os nas folhas de papel que ele levava consigo. Não planeava o que ia dizer, mas escolhia uma pergunta, lia-a ao público, explorava-a como se estivesse a olhar através de um microscópio celestial, e esta reflexão maravilhosa saía na sua linguagem.

EB: Quando o conduzia para uma palestra, ele alguma vez resistia a falar, dizia alguma vez «Estou tão cansado» ou «Não quero mesmo fazer isto hoje»?

MZ: Não. Falar era o trabalho dele, a sua responsabilidade, e mesmo quando estava doente ele cumpria-o, se pudesse. Não creio que muitas pessoas se deem conta do quão arduamente ele trabalhava. Durante mais de setenta anos, a sua vida foi passada a dar palestras, a escrever, a atender pessoas em privado, a realizar discussões com professores, estudantes, pessoas muito eruditas, e as viagens contínuas. Era um trabalho constante e esgotante. Só quando ficou fisicamente incapaz de o fazer é que abrandou.

E mesmo assim, houve alturas em que esteve gravemente doente com febre durante dois dias antes das palestras, mas no dia da palestra era surpreendentemente capaz de falar. Nesses dias, estava pronto e tudo seria exato. Levantava-se cedo, o carro estaria em frente antes da hora de sair. Se fosse eu a conduzir, quando o ouvia chegar já tinha o motor ligado, a porta aberta e, em Saanen, por exemplo, chegava-se à tenda exatamente no momento de ele entrar e subir para a plataforma. Não queria fazer pausas ou, Deus nos livre, chegar atrasado!

EB: Mary, já ouviu dizer que algum ser falava através de Krishnamurti; isso era particularmente prevalecente nos primeiros tempos. Alguma vez teve a sensação de alguma entidade a falar através de Krishnamurti?

MZ: Não, nunca tive tais noções. Para mim isso é um absurdo, porque Krishnamurti podia falar a qualquer momento da mesma forma que falava na plataforma. Se à mesa do almoço a conversa se tornasse séria, ele falava com a mesma profundidade e perceção. Nas entrevistas, privadas ou públicas, falava dessa maneira. Este era o próprio homem, não algum espírito a falar através dele. Mas, muitas vezes, na plataforma, podia sentir-se nele uma energia tremenda, e parecia que era a partir dessa energia e da capacidade de ir ao cerne das coisas que ele falava. Isto pode ser especulação, mas sentia-se intensamente. Eu senti-o. Vinha da sua inteligência, da sua própria perceção.

EB: E, no entanto, ele parecia ter uma ligação com aquilo que descrevia como «o outro». Qual era a linha de demarcação, se é que existia alguma, entre o outro e o seu discurso, ou, aliás, a sua vida?

MZ: Ele nunca falava de uma linha, mas falava com muita frequência sobre a alteridade, o incomensurável — todas as palavras maravilhosas que usava a esse respeito — e isto, a que chamava meditação, vinha ter com ele, habitualmente à noite.

EB: Ele estaria a dormir e depois acordava?

MZ: Não sei, porque ele falava muito pouco sobre isso, mas dizia frequentemente: «Tive uma meditação extraordinária ontem à noite», e às vezes, a sós com ele ou num passeio — particularmente num passeio, quando ele gostava de estar em silêncio e olhar para a natureza —, sentia-se que ele estava muito longe. Algo estava a acontecer ou estava presente. Chegava a ser palpável às vezes.

EB: A própria Mary tinha uma sensação dessa alteridade?

MZ: Eu sentia uma força invisível.

EB: É um pouco como quando ouvimos rádio, somos capazes de sintonizar e obter um concerto ou as notícias ou o que quer que seja. Aparentemente, K. era capaz de se sintonizar com essa energia que nos rodeia a todos.

MZ: De certa forma. Mais uma vez, isto pode ser apenas imaginação minha, mas é como se houvesse algo que é inominável, mas que pode ser chamado de inteligência, verdade ou beleza — qualquer uma dessas coisas —, mas a maioria de nós é cega e não o percebe.

EB: Era algo que ele conseguia fazer deliberadamente?

MZ: Ele dizia que a meditação não pode ser feita deliberadamente, tem de vir ter connosco.

EB: Ele descrevia a sua sensação de meditação? Claro que escreveu e falou sobre isso nas suas palestras, mas falava consigo sobre a meditação?

MZ: Falava sobre estar quieto, estar muito quieto e não deixar que o pensamento seguisse o seu caminho na nossa mente. Não deixar acontecer todo aquele comboio de associações que geralmente nos passa pela cabeça; não pará-lo pela vontade, mas não o perseguir. Ele passa e nós observamo-lo e deixamo-lo passar. Aprendemos com ele. Por isso, quando falávamos destas coisas, era frequentemente em termos de estar quieto, de apenas observar a mente, sem fazer nada a esse respeito, sem a empurrar ou parar. Ele tinha muitas descrições de meditação, estão em quase todos os seus escritos. Um elemento essencial era uma mente quieta. Ele conseguia ter essa quietude, até mesmo uma vez num voo para algum lugar este estado meditativo veio ter com ele.

EB: Mas, como descreveu nos seus escritos, nunca era algo para o qual ele se sentasse deliberadamente em silêncio para fazer.

MZ: Não se pode induzi-la, dizia ele. Quando estava tão doente no fim, essa coisa extraordinária continuava a vir ter com ele através de toda a dor e sofrimento. Ele dizia: «Algo mais controla o que me vai acontecer. Quando o corpo já não puder fazer as coisas necessárias para falar, a vida terminará.» E foi o que aconteceu.

EB: Isso implica que existe algo mais?

MZ: Algo mais. Não que ele fosse apenas um instrumento disso, mas que a expressão desse outro era a sua tarefa; era a partir daí que ele falava, e quando fisicamente já não pudesse falar, a sua vida terminaria.

EB: Ele sentia que a razão da sua vida era ser capaz de transmitir estes ensinamentos?

MZ: Sim, essa era a vida dele. Existia uma vida pessoal, mas esse outro era a realidade.

EB: Os seus últimos dias devem ter sido bastante avassaladores para si.

MZ: Ele já falava da sua morte há algum tempo. Sabia que estava a morrer, queria fazer o seu trabalho até ao fim, e fê-lo. Estava inteiramente racional, a sua mente não foi afetada pela doença, pela dor ou pela medicação, e à medida que o seu corpo enfraquecia, a sua forma de falar tornava-se infinitamente dolorosa de ouvir porque a sua voz estava muito fraca, mas ele foi Krishnamurti até ao fim, no sentido mais pleno de tudo o que alguma vez foi.

EB: Descreveu Krishnamurti como uma fonte que jorrava o seu ensinamento; qual era a nascente, de onde vinha?

MZ: Não sei dizer. Tudo o que pudesse dizer seria imaginação minha, e isso não tem valor. Posso tentar expressá-lo em palavras, mas é apenas a minha especulação. É como se existissem realidades abstratas — inteligência, beleza, amor —, qualidades de que ele falava. Não são o produto da mente humana. Poder-se-ia usar também a palavra Deus, desde que não seja um Deus imaginado à nossa própria imagem. Podem usar-se palavras diferentes, mas são aspetos de uma força vital infinita. Penso que isto era a realidade para Krishnamurti e, se quiser, uma nascente.

EB: Foi sugerido que Krishnamurti poderia representar um passo evolutivo na humanidade, um protótipo de algo novo. É uma possibilidade?

MZ: Não sei quanto a um protótipo, mas para mim a vida dele foi a prova de que um ser humano é capaz de uma inteligência e perceção extraordinárias, e de uma forma de viver que é muito diferente da maior parte da vida humana. Era real nele, não era algo que eu imaginasse. Sem dúvida que alguns dirão que estou a projetar nele algum ideal. Mas para mim era incontrovertivelmente evidente que este homem era aquilo de que falava e vivia dessa maneira. Em todos os anos que passei com ele, nunca vi nada que negasse isso ou que fosse inconsistente com uma vida vivida dessa forma. Não havia contradições. Em muitas, muitas ocasiões, havia inegavelmente a sensação de algo que só posso chamar de sagrado.

EB: Mary, obviamente Krishnamurti teve um impacto tremendo na sua vida; como descreveria esse impacto?

MZ: Não sei como caracterizá-lo. Não estou a ser trivial quando digo que não sei por que razão tive a sorte de poder estar com ele como estive. Se havia algo que cuidava dele na vida, as pessoas que apareciam eram, suponho, instrumentos disso. Não quero dizer que fui enviada do céu para fazer algo por ele, simplesmente estava à mão e aconteceu, e o benefício disso foi avassalador para mim, mas não consigo medi-lo ou descrevê-lo. Fui uma privilegiada, fui abençoada para lá de quaisquer palavras por poder estar perto dele e, de pequenas formas, ser apenas útil num sentido humano, fazendo as coisas que precisavam de ser feitas.

EB: Qual diria que foi o impacto de Krishnamurti no mundo?

MZ: Sinto que o seu impacto no mundo está quase num estado de semente. Sinto que talvez nos anos vindouros, daqui a cem anos, a história olhe para trás e veja isto como um tempo extraordinário em que Krishnamurti esteve vivo nesta terra. Se olharmos para trás na história humana, quantas pessoas sabiam que o Buda estava lá na altura, ou durante muitos séculos depois, mas o que foi dito e falado cresceu e entrou nas vidas de milhões e milhões de pessoas dois mil anos mais tarde. Sinto que Krishnamurti é dessa ordem e devemos fazer o que pudermos para tornar o seu ensinamento conhecido, porque é e será algo vasto para a humanidade. Sinto que a nossa responsabilidade agora é manter o registo exato do que ele disse e ensinou. Para aqueles de nós que o conheceram, essa é a nossa responsabilidade mais essencial: preservar e proteger a autenticidade do seu ensinamento para que ele esteja lá durante séculos, tal como ele o transmitiu, sem ser interpretado por outros. Mas há outra responsabilidade ainda mais profunda para aqueles que o conheceram e escutaram: a derradeira responsabilidade é refletir os seus ensinamentos nas nossas vidas, nas nossas relações com os outros, com o que quer que a vida traga. É viver a realidade, não apenas as palavras do seu ensinamento. 98

MARY LUTYENS

AUTORA, LONDRES, INGLATERRA

Um aspeto de Krishnamurti a ser considerado era a sua natureza profundamente afetuosa. O afeto fazia parte do seu ensinamento. Quando as pessoas lhe perguntavam, já numa fase tardia da sua vida: «Porque continua a falar com a sua idade, a viajar pelo mundo, a falar, a falar?», ele pensava por um momento e depois dizia, de forma muito simples: «Por afeto.» «Então porque não fica num sítio e deixa que venham ter consigo?» «Porque a maioria delas não tem dinheiro para viajar.» Ele tinha visto algo de muito belo e, sendo tão afetuoso, queria partilhá-lo. Dizia: «Ofereço-lhes algo e, se não o quiserem, não importa de todo. Não os estou a pressionar para me ouvirem.»

Ele via o amor de uma forma diferente daquela que a maioria de nós vê. Só conseguia dizer o que o amor era descobrindo o que ele *não* era. O amor não era ciúme, o amor não era possessividade, o amor não era isto, não era aquilo. Só quando se eliminavam todas as coisas que o amor não era é que se podia descobrir o que era essa chama extraordinária que toda a gente quer e toda a gente procura. Porque, de certa forma, o que eles querem, talvez, não é a verdade, mas o amor.

A meditação é essa luz na mente que ilumina o caminho para a ação, e sem essa luz não há amor.

— THE ONLY REVOLUTION, 1970

O ano de 1985 foi um ano cheio para Krishnamurti, como todos os anos tinham sido. Após a sua estadia na Índia com a sua habitual ronda de palestras, regressou novamente a Ojai. Lá, ficou sob os cuidados de um novo médico, o Dr. Gary Deutsch, M.D., da vizinha Santa Paula. Era bom

ter cuidados especializados tão perto, bem como alguém em quem ele tinha grande confiança.

GARY M. DEUTSCH, M.D.

MÉDICO ASSISTENTE DE KRISHNAMURTI, SANTA PAULA, CALIFÓRNIA

NOTAS DE UM DIÁRIO MÉDICO

21 DE MARÇO DE 1985

Conheci Jiddu Krishnamurti pela primeira vez no meu consultório de Santa Paula, como já tinha feito anteriormente centenas de vezes com outros doentes. No entanto, depressa viria a saber que este encontro seria diferente de qualquer outra experiência médico-doente que eu já tivera. Um homem pequeno, idoso, de pele escura, aparentando ser mais jovem do que a idade declarada de oitenta e nove anos, seria a sua descrição médica padrão. Depois de falar com ele, tornou-se bastante evidente que não se tratava de um doente comum.

Eu tinha sido «selecionado» para ser o médico de Krishnamurti pela sua guardiã e amiga, Mary Zimbalist. Tinha-a consultado no mês anterior para me estabelecer como o seu novo médico. Mal me dava conta de que, enquanto a examinava, ela me estava a «examinar» a mim. Devo ter passado no teste, pois mais tarde, nesse mesmo mês, Krishnaji tornou-se o meu mais recente doente célebre. O que me impressionou primeiro foi o quão gentil este homem era. Não sabia nada dos seus ensinamentos ou escritos e ainda menos da sua fama mundial. Isto mudou imediatamente, pois senti-me impelido a aprender sobre o homem e a sua obra. Fiquei também impressionado com a excelente condição do corpo de Krishnaji quando lhe fiz o exame físico. Para um homem de oitenta e nove anos, tinha uma pele, cabelos e dentes notáveis. Atribuí isto à sua dieta vegetariana, aos cuidados meticulosos consigo próprio, ao exercício vigoroso e a um sistema nervoso controlado, minimizando as tensões internas. Caminhava diariamente, recorrendo a exercícios de respiração profunda.

25 DE ABRIL DE 1985

Krishnaji tinha acabado de regressar de Nova Iorque, depois de ter discursado nas Nações Unidas. A sua diabetes não tinha estado bem controlada e os seus medicamentos para a diabetes foram ajustados no meu consultório. Parecia bastante saudável e passou a maior parte da sua

consulta a falar sobre Nova Iorque, motoristas de táxi e automóveis. Tinha um interesse particular pelos automóveis e pelo modo como funcionavam, as marcas, os modelos e os motores mecânicos. Perguntou-me que carro eu conduzia e eu disse-lhe que era um Volvo de 1982. Ele acenou com a cabeça em sinal de satisfação.

MAIO DE 1985

Tinha feito algumas leituras sobre Krishnaji, e a minha esposa e eu assistimos às palestras do *Oak Grove* em Ojai, em maio de 1985. Mal sabia eu, nessa altura, que aquela seria a sua última palestra no Carvalhal. Achei a sua escola e o cenário sereno do *Oak Grove* bastante tranquilos e propícios a pensamentos que remontavam à década de 1970. A minha esposa Deborah e eu discutimos a sua palestra no carro, a caminho de casa. Ambos pensámos que o seu estilo era instigante e intuitivo, mas muitos dos seus pensamentos e ensinamentos não nos pareceram práticos para nós, como jovem médico e esposa a criar três filhos nos turbulentos anos oitenta. Deduzi que era necessário escolher de entre os vastos ensinamentos de Krishnamurti para satisfazer as necessidades e o estilo de vida de cada um. O facto de estarmos a falar sobre isso era um começo.

O mês de abril viu Krishnamurti em Nova Iorque, onde falou nas Nações Unidas e recebeu uma medalha de prata da paz. Seguiu para Washington, D.C., onde foi oferecida uma receção no Congresso, organizada pelo Senador Claiborne Pell. A 20 de abril, Krishnamurti falou duas vezes no *Kennedy Center* para públicos atentos que enchiam a sala.

Mais tarde, ao longo da vasta extensão do aeroporto de Dulles, era surpreendente ver Krishnamurti inesperadamente, olhando pela enorme janela para os aviões que chegavam e partiam, parecendo em todos os aspetos uma criança elegante, alerta e solene.

Após a ronda de palestras em Ojai, Saanen e Brockwood, registou-se uma quebra notória na sua energia. Os passeios tornaram-se mais curtos e, na altura em que regressou novamente à Índia, estava extremamente frágil e fazia todas as refeições na cama. O Dr. Parchure, seu amigo de longa data e orientador médico que viajava frequentemente com ele quando este não estava em Ojai, ficou alarmado com a sua perda de peso — quarenta e quatro quilos[1].

Em Madras, ficou bem patente que ele já não podia continuar a falar. Na sua penúltima palestra, a 1 de janeiro de 1986, falou, em parte, da morte.

Estamos a tentar descobrir o que significa morrer enquanto se vive — não cometer suicídio; não estou a falar desse tipo de disparate. Quero descobrir por mim próprio o que significa morrer, o que significa: posso estar totalmente livre de tudo o que o homem criou, incluindo eu próprio?

O que significa morrer? Abdicar de tudo. A morte corta-nos com uma navalha muito afiada dos nossos apegos, dos nossos deuses, das nossas superstições, do nosso desejo de conforto, da próxima vida e assim por diante. Vou descobrir o que significa a morte porque ela é tão importante como o viver. Então, como posso descobrir, na prática, e não teoricamente, o que significa morrer?

Quero realmente descobrir, tal como vós quereis descobrir. O que significa morrer? Colocai essa questão a vós próprios. Enquanto somos jovens, ou quando se é muito velho, esta questão está sempre presente. Significa ser totalmente livre, estar totalmente desapegado de tudo o que o homem juntou, ou do que vós juntastes — totalmente livre. Sem apegos, sem deuses, sem futuro, sem passado.

Vede a beleza disso, a grandeza disso, a força extraordinária disso — estar a morrer enquanto se vive. Compreendeis o que isso significa? Enquanto estais a viver, a cada momento estais a morrer, de modo que, ao longo da vida, não estais apegados a nada. É isso que a morte significa.

Portanto, viver é morrer. Compreendeis? Viver significa que todos os dias estais a abandonar tudo aquilo a que estais apegados. Conseguis fazer isto? Um facto muito simples, mas que tem implicações tremendas. De modo que cada dia é um novo dia. Cada dia estais a morrer e a encarnar. Há uma vitalidade, uma energia tremenda aí, porque não há nada de que tenhais medo. Não há nada que possa magoar. O ser magoado não existe. All as coisas que o homem juntou têm de ser totalmente abandonadas. É isso que significa morrer. Então, conseguis fazê-lo? Vais tentar? Vais experimentar? Não apenas por um dia, todos os dias. Os vossos cérebros não estão treinados para isto. Os vossos cérebros foram condicionados tão pesadamente pela vossa educação, pela vossa tradição, pelos vossos livros, pelos vossos professores. Requer descobrir o que é o amor. O amor e a morte caminham juntos. A morte diz: sê livre, desapegado, não podes levar nada contigo. E o amor diz, o amor diz — não há palavra para isso. O amor só pode existir quando há liberdade, não da vossa esposa, de uma nova

rapariga ou de um novo marido, mas o sentimento, a força enorme, a vitalidade, a energia da liberdade completa. 99

— MADRAS, 1 DE JANEIRO DE 1986

---

30 DE DEZEMBRO DE 1985

Recebi uma chamada da Mary informando que Krishnaji estava muito doente na Índia e que chegaria a Ojai a 13 de janeiro de 1986. Fiz os preparativos para o ver no meu consultório nesse dia.

---

[1] **Nota da tradução:** No original consta *ninety-seven pounds*, o que equivale aproximadamente a 44 kg.

13 DE JANEIRO DE 1986

K. estivera doente durante seis meses na Índia, período durante o qual perdera aproximadamente quatro quilos e meio. Sentia-se um pouco melhor desde que chegara a casa, mas estava visivelmente exausto e tinha dificuldade em reter os alimentos. Ao exame físico, parecia diferente, no sentido em que a sua cor não era boa e já não tinha aquela voz robusta que possuira anteriormente. Foram pedidos exames laboratoriais e as suas funções hepáticas revelaram-se extremamente elevadas, indicando tratar-se de uma condição mais grave.

22 DE JANEIRO DE 1986

Convenci Krishnamurti de que precisava de ser hospitalizado para receber alimentação intravenosa e fazer a descompressão do estômago através de uma sonda, uma vez que continuava a ter febre, a vomitar e estava impossibilitado de comer. Ele consentiu em ir para o Hospital de Santa Paula, que era a minha unidade principal. Foi admitido na Unidade de Cuidados Intensivos porque aí poderia usufruir dos melhores cuidados de enfermagem e encontrava-se bastante doente. Ao início, foi difícil cuidar dele num ambiente hospitalar porque ele não era um doente comum. Tinha o estatuto de celebridade mundial, mas eu tinha de o tratar como qualquer outro doente, com os exames de diagnóstico adequados, bem como tentar fazê-lo sentir-se tão confortável quanto possível. Acomodámo-

lo na Unidade de Cuidados Intensivos com condições para que tanto Mary como Scott Forbes (da *Brockwood Park*) pudessem estar à sua cabeceira vinte e quatro horas por dia. Fiquei comovido com a dedicação evidente e o amor extremo que estas duas pessoas tinham por este homem. Durante as seis semanas seguintes, esteve sempre um deles ao seu lado. Chamei múltiplos consultores, incluindo um cirurgião, um oncologista, um urologista e um radiologista, pois não queria descurar nenhuma possibilidade. Tornou-se evidente, com os exames de diagnóstico, que Krishnamurti tinha uma obstrução pancreática decorrente de um carcinoma primário. As suas análises ao sangue, que serviram de diagnóstico para isto, apresentavam valores extremamente elevados, não sendo necessária mais nenhuma investigação. Este exame era um marcador tumoral novo, de investigação, que tinha acabado de entrar no mercado. Infelizmente, os valores eram extremamente altos e não havia qualquer dúvida quanto ao diagnóstico de carcinoma pancreático. Tratava-se de um diagnóstico sombrio, visto que não existia tratamento médico ou cirúrgico. No entanto, fiquei contente por não precisarmos de realizar mais procedimentos invasivos, dado que ele tolerava extremamente mal o hospital. Senti-me na obrigação de o proteger de mais exames de diagnóstico e fiz preparativos para que fosse transferido para casa o mais rapidamente possível, com assistência médica domiciliária. A 30 de janeiro de 1986, foi transferido para a sua casa em Ojai, fechando o ciclo precisely onde iniciara os seus ensinamentos nos Estados Unidos. Disse-me, antes de deixar o hospital, que queria morrer em casa e não num ambiente hospitalar. Pediu-me para o manter tão confortável quanto possível e eu prometi-lhe que o faria. Falava do seu corpo na terceira pessoa e não queria que este sofresse qualquer dor.

Vi, numa noite, sobre uma cidade de vasta habitação, uma ave voando velozmente em direção à sua morada distante.

— STAR BULLETIN, AGOSTO DE 1930

Durante os últimos dias de Krishnamurti, amigos e membros da fundação vindos de todo o mundo reuniram-se em Ojai — a três meses de Krishnamurti completar o seu nono-primeiro aniversário. Com mais de setenta desses anos dedicados a palestras e diálogos, ainda havia muito por dizer. Assuntos organizacionais precisavam de ser resolvidos e as relações entre as fundações clarificadas. Foi neste período que alguns dos curadores presentes foram entrevistados para o filme de 1989, *Krishnamurti: With a*

Silent Mind [*Krishnamurti: Com uma Mente Silenciosa*]. Muitas dessas entrevistas figuram neste livro.

Entre os presentes encontrava-se Asit Chandmal, que conhecia Krishnamurti desde a infância. Asit é o autor do belo livro fotográfico *One Thousand Moons: Krishnamurti at 85* [Mil Luas: Krishnamurti aos 85 Anos].

ASIT CHANDMAL

AUTOR E CONSULTOR DE GESTÃO INFORMÁTICA, BOMBAIM, ÍNDIA

EB: Qual tem sido a sua perceção de Krishnamurti nestes últimos dias da sua vida? Notou alguma mudança nele?

AC: Se se refere aos últimos dias, ele disse claramente a todos nós que o corpo está a morrer. É sobre isso que está a perguntar?

EB: Sim.

AC: Eu estava em Singapura no final de dezembro de 1985 e recebi uma chamada a dizer que Krishnaji estava muito doente em Madras, por isso voei para lá imediatamente na noite de 31 de dezembro e encontrei-me com ele na manhã de 1 de janeiro. Ele estava deitado na cama, mas parecia estar tão alerta como sempre estivera. Estava a tomar o pequeno-almoço e falámos de muitas coisas, como tínhamos feito no passado e, tirando o facto de estar a tomar o pequeno-almoço na cama, não havia diferença na sua postura, nos seus movimentos, na energia da sua voz. Ele dirigiu-se a uma grande assembleia nessa mesma noite, cerca de seis mil pessoas, e falou com uma energia extraordinária durante uma hora e meia, como habitualmente sem notas. Tinha-me dito de manhã que estava a morrer, que talvez tivesse mais algumas semanas de vida e, nessa altura, não sabíamos que ele tinha cancro, e não creio que ele próprio o soubesse, mas na palestra da noite falou sobre a morte e o medo, e sobre não ter medo da morte. Isso teve um impacto tremendo em mim por causa da conversa dele sobre a sua morte pessoal e, no dia seguinte, quando o encontrei, começou a fazer-me perguntas sobre computadores e, como a minha filha estava comigo e ela é muito interessada em genética, ele sentou-se na cama e entrámos numa discussão muito interessante sobre o que aconteceria, nas

palavras de Krishnaji, quando o computador e a genética se cruzassem, quando as duas tecnologias se juntassem, o que aconteceria à mente humana? Ele era o mesmo de sempre, cheio de energia, com uma voz forte, uma grande visão sobre o tema que estava a discutir e a explorar.

Dois dias mais tarde, deu a sua última palestra. Disse ao público que o corpo tem noventa anos e não pode continuar, por isso era a última palestra e, mais uma vez, falou com grande energia; não creio que houvesse alguém na multidão que suspeitasse que este homem estava a morrer de cancro e que o fim estava tão próximo, porque a sua forma de discursar era exatamente como fora há cinco anos, dez anos, trinta anos.

Partiu para a Califórnia na noite de 10 de janeiro e, nessa tarde, foi dar o seu passeio habitual na praia de Adyar, onde fora descoberto, e, no fim do passeio, fez algo que eu nunca o vira fazer antes. Todos os outros entraram na casa. Ele ficou para trás na praia e olhou para o mar e para o céu em silêncio. Permaneceu ali por alguns segundos, de frente para o mar e para o céu numa direção, depois virou-se noutra direção e fez isso nas quatro direções diferentes, e depois, silenciosamente, entrou na casa. Senti que aquela foi uma forma de se despedir.

Nessa noite, apanhei o mesmo voo com ele de Madras para Singapura. Eu saí em Singapura e ele teve de sair do avião para apanhar o voo de ligação para seguir para Los Angeles via Tóquio. Em Singapura, umas duas semanas mais tarde, recebi uma chamada a dizer que Krishnaji estava gravemente doente; estava no hospital; estava nos cuidados intensivos. A 1 de fevereiro, fui vê-lo no seu quarto em *Pine Cottage*, porque por essa altura já tinha tido alta do hospital e, quando o encontrei de manhã, fiquei totalmente chocado com o seu estado. Mal conseguia levantar a mão para apertar a minha. Não me reconheceu. O seu tempo de atenção era inferior a dois segundos porque os seus olhos não conseguiam manter-se abertos. Não foi só comigo, porque a minha tia e o meu primo também lá estavam e aconteceu o mesmo com eles. Ficámos num estado de grande choque ao vê-lo assim, quando um mês antes fora o Krishnamurti de sempre, falando para seis mil pessoas, dando passeios e envolvendo-se em discussões sérias. Quando o fui ver no dia seguinte, aconteceu uma coisa surpreendente. Ele sorriu, segurou a minha mão e senti uma pulsação forte e, de repente, na sua voz de sempre, uma voz forte, disse: «Senhor, onde está a sua âncora?» Eu disse: «Em si, Senhor.» E ele respondeu, instantaneamente: «Eu vou partir.» E depois disse: «Se tocou nisso, deve estar ancorado nisso, caso contrário irá desmoronar-se.» E depois sorriu e disse: «É um bom rapaz, mas está a desperdiçar a sua vida.» E depois fechou os olhos. A espantosa clareza e energia pareciam erguer-se nele

quando achei que ele nem sequer viveria esse dia. Foi algo extraordinário e senti que existiam certos poderes ou energias que ele conseguia convocar quando necessitava. Essa é a última recordação real que tenho dele, exceto por mais uma conversa, quando nos convidou a alguns de nós para nos juntarmos em redor da sua cama. Disse: «Não deve haver hierarquias. Não deve haver apóstolos. Ninguém se deve arvorar em intérprete ou autoridade e deveis manter-vos todos unidos, apoiar-vos uns aos outros e trabalhar em conjunto. Os ensinamentos são importantes e não o professor.» E depois disse: «Estou muito cansado.» 100

EVELYNE BLAU

ENTRADAS NO DIÁRIO

27 DE JANEIRO DE 1986

Num dia de sol radiante, parto para o Hospital de Santa Paula. São cerca das doze horas. Conduzindo pelas colinas, através de desfiladeiros sinuosos, é um dia de uma alegria exultante — a natureza canta em louvor. Num dia assim, pensa-se que a morte não existe — tudo é beleza.

O hospital situa-se no cume de uma colina com vista para Santa Paula, que é maior do que o esperado a partir desta panorâmica geral. O ambiente é agradável, limpo e acolhedor, tudo o que uma estrutura pequena e de uma pequena cidade deve ser. À entrada, passo por aquilo que parece ser um grande camião com reboque, mas que é, na realidade, o veículo para um TAC portátil, que roda entre várias instalações de pequena dimensão na zona. Foi aqui que K. fez o seu exame.

Mary Zimbalist está sentada numa sala de espera nas traseiras do hospital, perto da unidade de cuidados intensivos. Espero ali com ela, aguardando notícias do exame. O Dr. Parchure entra para nos dizer que o exame terminou e que K. está de volta ao seu quarto. Mary entra para o ver e depois sai para dizer que K. gostaria de me ver.

Fico surpreendida com a minha própria reação, um suspiro de felicidade por poder vê-lo.

Entrando na unidade com as suas enfermeiras, gráficos e monitores, vai-se até ao quarto de K. Ele está na cama e parece incrivelmente minúsculo e semelhante a uma ave. Agarra a minha mão com a sua mão esguia e encosta-a à sua face. Trocámos algumas palavras, mas agora não me consigo lembrar do que dissemos. A explosão de alegria ao vê-lo apagou as palavras da minha mente. Quando ele colocou a mão de volta sob o cobertor, pude ver a sonda intravenosa na parte superior do tórax, perto do ombro. A zona parecia pisada e escura. Tinha barba de alguns dias e o cabelo caía-lhe suavemente ao redor.

Os olhos estavam alertas e claros, mas fechou-os várias vezes de cansaço.

Esta pequena figura inspira tanto amor, e ele encarna o amor mesmo ali deitado, frágil e doente. O curto espaço de tempo em que estive ali foi intemporal na sua dimensão. Como gostaria de ter dito o quanto o amava; talvez ele o tenha sentido, embora tenha ficado por dizer. Que difícil é separar este homem do seu ensinamento. Pergunto-me o que sentirão aqueles que não o conhecem mas amam os ensinamentos? Será o ensinamento mais claro por não estar toldado por esse amor pessoal?

Na verdade, nunca me tinha dado conta do quanto o amava — reconhecia sentimentos de respeito, reverência, admiração e afeto na minha resposta, mas agora é claro que se trata de tudo isso, permeado pelo amor. Sei que todos os outros sentem o mesmo. Ao chegar a este reconhecimento do amor, vejo que ele não pede nada, nem sequer uma compreensão mais profunda do ensinamento. Apenas quer ser. É.

Passei a ter um respeito cada vez maior pelo Dr. Parchure. Enquanto regressávamos de carro a Ojai, questionei-o de perto sobre o estado de K. As suas respostas foram claras, detalhadas e sóbrias. Tem uma mente arguta, uma grande dedicação e clareza de expressão. Saí dali com a sensação de que tinha sido expressa uma visão equilibrada. Embora não seja encorajadora, ainda assim, aguardam-se os desenvolvimentos com calma.

A viagem de regresso ao hospital, de novo às 17h00, é tranquila, ideal para contemplar o pôr do sol refletido nas montanhas. Parecem iluminadas por dentro, um rosa dourado inunda o ar e pousa suavemente nas colinas recortadas. Aparentemente, o famoso «momento rosa» de Ojai estende-se a Santa Paula. Tem sido um dia raro — um dia de beleza.

Anteriormente neste livro, a Dra. Hedda Bolgar falou sobre estar presente em 1929, quando Krishnamurti dissolveu a organização mundial que se formara em seu redor. Mais tarde, debruçou-se sobre a sua morte iminente:

(...) Há algum tempo comecei a pensar no facto de ele estar perto da morte e lembro-me de falar sobre isso e de ter este estranho sentimento de perda, de tristeza, de calafrio, de que ele ia morrer e de que a sua morte física, por alguma razão que eu não conseguia compreender bem no momento, significaria uma perda tão tremenda para mim e, portanto, provavelmente ainda mais para uma grande quantidade de outras pessoas. E depois comecei a pensar no que havia de tão especial nele, qual era a grandeza nele ou a qualidade especial, cuja ausência deixaria um espaço tão vazio, e comecei a lembrar-me de como ele era visualmente, de como soava a sua voz, de como era a sensação de estar perto dele. O que concluí foi que aqui estava uma pessoa incrivelmente inteira, alguém que era incorruptível, que era forte, que não podia ser enganado, encurralado, subornado, lisonjeado, movido de forma alguma a desviar-se daquilo que sabia ser, pelo menos, a sua verdade e o que se tornara a sua resposta à maioria das perguntas que os seres humanos parecem fazer. Ele era belo, e a sua beleza nada tinha a ver com feições convencionais ou com o corpo, mas havia a tragédia que sempre se sentia a seu respeito, e toda a tristeza da sua vida, e sempre achei que ele não tinha um momento na sua vida em que não estivesse realmente a sofrer, mas, com tudo isso, havia uma serenidade incrível que de alguma forma se transmitia sem quaisquer palavras, sem qualquer tranquilização, sem nenhuma das palavras habituais em que a serenidade se expressa.

Ele era um ser humano inteiro com uma integridade que realmente irradiava e, com a sua morte, isto desaparecerá e, num certo sentido, também esperei que ninguém tentasse prolongar a sua vida instituindo substitutos para ele. 101

A mente que pôs a sua casa em ordem compreendeu a natureza do conhecimento. Essa mente está completamente silenciosa. E esse silêncio não tem causa. Sabem, o «silêncio» pode ser ilusório; pode ser construído por um pensamento que está determinado a ser silencioso. Existe o silêncio entre os dois apitos de um comboio, o silêncio entre duas notas, entre dois barulhos, entre dois sons, entre dois pensamentos — mas esse tipo de silêncio ainda está dentro do domínio da cognição. Mas quando a mente

está completamente silenciosa, nem sequer tem consciência de que está silenciosa. Se estivesse, estaria meramente a pregar partidas. A mente que pôs a sua casa em ordem está silenciosa.

Esse silêncio não tem causa e, por conseguinte, não tem fim. Apenas aquilo que tem uma causa pode terminar.

Esse silêncio — que não tem fim — é absolutamente necessário, porque é apenas nesse silêncio que não existe movimento do pensamento. É apenas nesse silêncio que aquilo que é sagrado, aquilo que é inominável e aquilo que não é mensurável pelo pensamento, é. E aquilo que é, é o mais sagrado. Isso é meditação.

— PALESTRA PÚBLICA, MADRAS, 29 DE NOVEMBRO DE 1981

Desde a mais tenra infância, Radhika Jayakar — Radhika Herzberger após o seu casamento com Hans Herzberger, professor canadiano de Filosofia — manteve uma relação próxima com Krishnamurti. A sua mãe, Pupul Jayakar, tinha uma amizade de muitos anos com Krishnamurti; Radhika inevitavelmente foi atraída para esse círculo desde cedo. O seu doutoramento em Sânscrito e Estudos Budistas adequa-se admiravelmente à posição que ocupa atualmente no Centro Educativo de Rishi Valley como Diretora de Estudos.

RADHIKA HERZBERGER, PH.D.

DIRETORA DE ESTUDOS, RISHI VALLEY EDUCATIONAL CENTER

(...) Etapas críticas da minha vida foram marcadas por encontros com Krishnaji, tanto na sua presença como na sua ausência, porque associo Krishnaji não apenas à sua personalidade, mas a um certo sentimento que ele comunicava e com o qual nos deixava, é como uma joia. Ele gostava de usar essa analogia de uma joia — uma joia transparente que pode filtrar a personalidade de alguém e refleti-la, nalgum sentido, agir como uma lupa. Assim, ao olhar-se para si próprio, pode-se mudar a si próprio.

Krishnaji perguntou-me uma vez, se alguém tivesse descoberto algo de novo, original, por que haveria de querer usar as palavras de outra pessoa para o descrever, e essa pergunta fez-me refletir sobre o vocabulário que ele tinha usado e a forma como tinha falado. Agora, refletindo sobre essa questão, percebo que se usa um vocabulário mais antigo, tradicional, para reforçar as próprias ideias e percebe-se que não era isso que Krishnamurti estava a tentar fazer, ao contrário de outros professores que usam o vocabulário tradicional e de alguma forma trazem a aura de um passado santificado para a sua esfera de discurso. Havia outro nível no qual a relação de Krishnaji com as pessoas interessava aos seus amigos, como ele lhes chamava: não era a relação do guru, não era coerciva — ele era o vosso amigo, alguém que caminhava convosco e — nas palestras públicas, habitualmente no início da primeira palestra — dizia como devemos aprender a caminhar juntos como dois amigos que vão numa longa jornada e, quando se caminhava com ele, quando se estava perto dele, tinha-se realmente a sensação de alguém a caminhar muito perto de nós, caminhando ao lado da nossa mente, junto aos nossos pensamentos, e era esse sentimento livre, fácil e afetuoso que marcava a sua presença. Já vi outros gurus. Já os ouvi falar. Fica-se com a sensação do exercício do poder — um sentimento de alguns segredos que eles guardam e que, se apenas entrássemos no âmbito da sua aura, nos tornássemos seus discípulos, eles nos dariam algo a que só eles têm acesso.

Krishnaji não tinha nada disso, a relação dele convosco nunca foi uma relação de poder. Na verdade, ele declarava repetidamente: «Não tenho nada para dar», e quando dizia isso, estava a dar-se a si próprio abundantemente. Mas não era possível sentir essa aura, agarrarmo-nos a ela, a menos que estivéssemos preparados para mudar, e esse ato de mudança era algo que o ser humano tinha de fazer por si próprio. E assim, ele era um amigo, não um guru, apesar de emanar dele uma radiância

tremenda. Ele dava-a livremente, não aos seus discípulos, não àqueles que se submetiam a ele, mas a qualquer pessoa que se aproximasse dele.

Se existe uma pedra angular nos ensinamentos de Krishnamurti, é a de que cada um é verdadeiramente o senhor da sua vida, do seu destino. Isso decorria do facto de ele considerar que a chave para viver era a capacidade de olhar para os factos tal como são; não se ceder à autocomiseração, não procurar causas, não culpar os outros. É desta convicção de honestidade e de encarar os factos — e de que ninguém nos pode ajudar a encarar os factos — que vem a ideia de que devemos ser, como ele dizia, uma lâmpada para nós próprios e não depender de nada. Não há refúgio, nem em Deus nem noutros seres humanos. O homem não é o refúgio para o homem. Cada um é o seu próprio refúgio; o seu próprio professor e o seu próprio discípulo. Isso dá-nos simultaneamente coragem, uma certa independência e nenhuma autocomiseração. Ele pensava sempre que a autocomiseração era a porta para o inferno.

Durante a última visita de Krishnaji à Índia, em Rajghat, tive a minha sensação mais intensa do sagrado. Era como se a santidade pairasse como uma cortina sobre o Gange, transmitindo aquilo que senti ser uma sensação de intensa ternura, aliada a uma clareza de visão, de modo que a minha mente ficou muito quieta e alerta, e eu conseguia ver longe e em redor de mim, e o meu coração derretia-se constantemente. Sentia-me muito terna, e era esta combinação de clareza e ternura que eu associava à santidade. Ele estava a morrer e o seu corpo estava fraco, mas era como se a santidade escorresse dele, irradiasse dele e preenchesse o mundo em Benares. Nunca mais voltei a sentir isso de forma tão intensa. O seu corpo encolheu e a sua radiância emanou para fora. 102

William Quinn falou anteriormente no livro sobre a vida de Krishnamurti durante a década de 1940. Aqui, ele resume os seus sentimentos.

Penso nele como sendo o florescer da humanidade. Foi a pessoa mais importante a surgir neste mundo em séculos, e uma grande parte da sua beleza consistia na sua humanidade. Gostaria de ver isto enfatizado, porque há tantas pessoas por todo o mundo que desejam romantizá-lo, ou mesmo deificá-lo. Isto fomenta a sensação de um abismo intransponível entre nós e Krishnamurti, ao passo que eu penso que o significado da sua vida é o de ser um espelho brilhante que nos mostra o que está latente em todos nós, o que significa ser um ser humano totalmente maduro, e não natimorto.

28 DE JANEIRO DE 1986

A viagem de carro para o hospital é uma imersão acolhedora na glória. Prados de um verde intenso estendem-se pela parte alta de Ojai. Nos pomares onde as árvores ainda estão despidas, a mostarda dourada salpica o tapete verde. As montanhas que se elevam acima do vale são austeras, queimadas pelo incêndio recente, mas com grande dignidade e uma beleza sombria. À medida que se conduz pela estrada sinuosa que desce para Santa Paula, o petróleo que brota de fontes subterrâneas jaz negro sobre a terra. Acumulando-se aqui e ali, ou correndo em pequenos sulcos.

Tendo chegado ao fundo da colina, vira-se à direita e sobe-se novamente para chegar ao *Santa Paula Memorial Hospital*. Deixando o carro estacionado de frente para a vista do vale, entra-se no hospital. Erna e Theo Lilliefelt estão na sala de espera, juntamente com Mark Lee e Mary Cadogan. O Dr. Parchure passou lá a noite. Scott Forbes está em assistência quase constante e Mary Zimbalist está praticamente a viver no hospital. K. ainda não foi levado para a biópsia. Enquanto esperamos, informam-nos da terrível explosão do vaivém espacial Challenger logo após a descolagem. Assistimos ao desenrolar do horror na televisão, mesmo no momento em que nos vão dar as notícias dilacerantes sobre o resultado dos exames de K.

Agrupamo-nos no posto da unidade de cuidados intensivos enquanto o médico assistente, o Dr. Deutsch, detalha alguns aspetos dos exames.

A biópsia não pôde ser concluída devido à dor de K. quando a agulha atingiu uma massa dura no fígado. Existe, portanto, evidência indireta que sugere que o problema reside ali e que a massa é maligna, em vez de uma possível inflamação, como se tinha esperado. As análises ao sangue indicam células cancerígenas.

K. deverá regressar a casa na quinta ou sexta-feira e continuará a ser alimentado por via intravenosa, dado que a possibilidade de desidratação e subnutrição são riscos muito maiores do que a possibilidade de infeção provocada pelas sondas.

Deixamos a zona dos cuidados intensivos e retiramo-nos para la sala de espera. Segue-se uma discussão sobre que declarações deverão ser divulgadas. Reconheço a minha inclinação para o secretismo ao tentar formular as coisas de uma forma mais reservada. Outros sentem que deve ser dita toda a verdade, e a declaração formulada pelo Dr. Parchure e outros é o resultado. Concordo com a declaração final e saímos todos.

T. PARCHURE, M.D.

MÉDICO PESSOAL DE KRISHNAMURTI

28 DE JANEIRO DE 1986

Após todos os exames possíveis, existe evidência indireta que sugere a presença de depósitos cancerígenos no fígado. A esperança de vida de Krishnamurti é curta. Ele terá alta do hospital (quinta ou sexta-feira) para ser tratado em casa e para que fique o mais confortável possível.

---

29 DE JANEIRO DE 1986

A manhã amanheceu nublada, com um vento ligeiro a agitar as árvores. O cheiro a humidade e a sensação de uma frente atmosférica a aproximar-se. Pela tarde começa a chuva, fraca ao início e mais tarde a sério. À noite há um aguaceiro constante, muito necessário para as colinas sedentas e, de certa forma, mais condizente com os acontecimentos sombrios do dia.

Às 15h30 vou a casa de Erna [Lilliefelt] para o chá. Ela e Mary Cadogan trabalharam num necrológio — um rascunho. Parece bom — apenas algumas correções menores. Há tanto para rever — passamos horas a falar. O Boletim — outra vez. Mary Cadogan lê notas que tirou. A declaração sobre *The Pathless Land* [A Terra sem Caminhos] deve ser incluída. Mary Lutyens escreverá uma curta evocação. Após o jantar em Arya Vihara, regresso à cabana. Erna, que não estivera no jantar, tinha ido ao hospital para ir buscar o Dr. Parchure. Ela vira K. no hospital e trazia um relatório devastador.

Outro exame provara que existe cancro do pâncreas. Tínhamos pensado que isto estava claro antes — erradamente. A massa no fígado é secundária. O cancro metastizou. K. está com dores fortes. Virá para casa amanhã (quinta-feira) às 10h00. [Aparentemente, pediu para ver toda a gente junta. Quando será isso, não podemos saber, mas deverá ser no início da próxima semana, quando Pupul, Radhika e Asit chegarem no domingo.] Vou buscar a Dorothy Simmons, a Jane Hammond — que ficará comigo — e a Mary Lutyens e o seu marido, Joseph Links, ao aeroporto na sexta-feira.

Não há mais nada a dizer. Uma sensação avassaladora de perda. Estamos desamparados. A sua presença querida e nobre elevou-nos a todos — tornou-nos maiores do que somos. O seu ensinamento é um projetor que ilumina os recessos do cérebro e traz luz e clareza à mente. Sinto-me abençoada por ter tido o privilégio de estar na sua presença e de ter recebido o ensinamento. Só podemos esperar vivê-lo.

30 DE DEZEMBRO DE 1986

Questionei-me se K. regressaria hoje do hospital. O tempo está tempestuoso e cai uma chuva forte — setenta e cinco milímetros durante a noite. Chego ao escritório por volta das 10h30 para estar presente em caso de necessidade. Até agora, continua-se a avançar com o plano da digressão de *The Challenge of Change* em Seattle e no Canadá. Este trabalho deve continuar apesar de tudo, talvez seja mais necessário do que nunca. Caminho até *Pine Cottage* para ver se posso ser útil.

Mary Zimbalist acolhe-me calorosamente e vamos até ao quarto de K. para ver se a cama está devidamente preparada. Estão lá duas enfermeiras e tudo está a postos. Mark Lee tinha estado a ajudar a montar a cama. Pouco depois, a ambulância encosta, dois paramédicos saltam cá para fora e retiram uma maca. São trazidos lençóis de plástico para cobrir K. e protegê-lo da chuva. Fico à porta, mas não me aproximo, pois demasiada gente não parece correto. Scott, Mark, o Dr. Parchure e Mary seguram guarda-chuvas contra a chuva batente. Por esta altura, é um grande temporal. O pequeno corpo parece tão minúsculo envolto em plástico, mal se nota que está ali algo. K. é levado pela sua entrada (a parte antiga de *Pine Cottage*) e instalado confortavelmente. O Dr. Parchure vem cá fora e diz-me que K. teve uma boa noite — dormiu durante mais de oito horas. Certamente ficará mais confortável em casa do que no hospital — isso em si mesmo é a melhor terapia.

Pouco depois, a tempestade parece ceder e um súbito jorrar de sol inunda o quarto de ouro. O céu está agora fragmentado, com nuvens a flutuar e a afastarem-se. Ainda cai uma chuva miúda ocasionalmente, mas esta tempestade parece estar de saída. As árvores brilham, recém-lavadas.

---

31 DE JANEIRO DE 1986

A minha primeira de muitas consultas ao domicílio. Krishnaji estava extremamente sonolento após a transferência. Percebi agora que precisaria de fazer consultas frequentes ao domicílio a Krishnaji. Eram vinte e sete

quilómetros[1] de Santa Paula a Ojai e depois mais trinta e dois quilómetros[1] de volta à minha casa em Ventura. Felizmente, isto era em circuito e eu conseguia fazer esta paragem no meu caminho de regresso a casa após o trabalho. Contudo, percebi que iria ver menos a minha família ao longo das próximas semanas ou meses. A minha esposa grávida e os meus três filhos tinham sido sempre compreensivos, tendo vivido com um médico durante muitos anos, no entanto, isto colocá-los-ia à prova definitiva. Sabia que teria de conciliar o meu consultório, a família e as visitas domiciliárias de forma a que nenhum fosse negligenciado. Mas, como sempre, a minha vida familiar seria a parte que mais sofreria.

1 DE FEVEREIRO DE 1986

K. dormiu extremamente bem após ser medicado. Iniciei-o num suplemento de vitaminas na esperança de melhorar o seu nível de energia e ele na verdade pareceu acordar o suficiente para ter uma reunião com dois curadores indianos. Mostrou-se extremamente lúcido durante a conversa e, nessa altura, pediu-me para reduzir os procedimentos ao mínimo, evitando medicamentos a menos que fossem absolutamente necessários.

2 DE FEVEREIRO DE 1986

K. estava bastante enérgico e alerta hoje. Dormiu a maior parte da noite sem quaisquer sedativos artificiais. Parecia estar bem hidratado com o seu soro intravenoso e senti que ele devia ter desobstruído a sua obstrução biliar. Mentalmente melhorou e foi encorajado a fazer algumas gravações. Sentou-se e utilizou o seu gravador de cassetes. Disse-me que estava bastante contente consigo próprio após as visitas dos seus amigos indianos.

4 DE FEVEREIRO DE 1986

K. foi lá fora ontem com o seu andarilho e assistência. Meditou durante trinta minutos. Teve duas horas de reuniões esta manhã com curadores e visitantes. Falámos sobre a sua juventude e o seu desejo de não viver se for incapaz de continuar a dar as suas palestras e a viajar. Contudo, afirma que, uma vez que não estava a ter dores nesta altura e se sentia mais forte, queria continuar. Pediu que eu continuasse a tratá-lo. Levámo-lo para a sala de estar para estar com as pessoas e para descansar na sala grande.

6 DE FEVEREIRO DE 1986

K. estava muito fraco hoje após ter tido uma longa sessão na sala de estar com muitos visitantes. Houve muito choro e as pessoas estavam bastante emotivas. A casa de Krishnaji tinha uma sala de estar magnífica,

que era na realidade uma «grande» sala. Tinha um teto com vigas expostas de dois andares com iluminação indireta, tudo em branco. O teto e as paredes de madeira eram todos brancos com grandes janelas de portadas. O chão era de azulejos italianos brancos e o mobiliário era todo em tons claros. Havia uma lareira do chão ao teto com magníficas estantes de livros e um sistema estéreo. Imediatamente quando entrei nesta sala senti-me como se tivesse entrado numa espécie de templo sagrado. Era óbvio que Krishnaji se sentia mais confortável nesta sala diante da lareira a ouvir música clássica. Disse-me que «não podia continuar desta maneira como um zombie». Disse-lhe que lhe podemos dar morfina para o seu desconforto.

8 DE FEVEREIRO DE 1986

K. ficava mais fraco a cada dia, incapaz de levantar os braços agora, mas a sua mente permanecia notavelmente clara. Contou-me histórias sobre o estado atual dos assuntos mundiais, guerra, superpopulação. Estava contente por ter terminado a sua missão e por agora querer apenas desvanecer-se sem dor. Afirmou que não quer ser mantido vivo artificialmente, mas que gostaria apenas de partir pacificamente. Disse-me então que deixaria a decisão para mim quanto à continuação da terapia intravenosa. Perguntei-lhe especificamente sobre tirar a sua própria vida e ele afirmou que não quer morrer «artificialmente», mas salvaguardou isto afirmando que não quer sofrer. Após esta discussão extremamente intensa, começou então a contar-me piadas. Fiquei impressionado com o facto de ele conseguir aligeirar uma situação com o seu sentido de humor.

9 DE FEVEREIRO DE 1986

K. continua a enfraquecer. Levámo-lo para a sala de estar em cadeira de rodas e isto pareceu elevar-lhe o espírito. Desfrutou da Nona Sinfonia de Beethoven diante da lareira. Tivemos uma discussão sobre os dias da sua infância como brâmane.

11 DE FEVEREIRO DE 1986

K. fica na sala de estar agora durante oito a nove horas por dia a olhar para o fogo, deitado no sofá. Falava com menos frequência agora e Mary afirmou que o seu processo de pensamento não está tão aguçado como antes. Após ver K. hoje senti que ele estava muito mais fraco e pediu para não falar com tanta frequência. Parecia estar a ouvir e a fixar o olhar enquanto os outros falam. Contou uma piada sobre atores que me espantou por ele ainda manter um forte sentido de humor. Tivemos uma conversa interessante sobre medicina homeopática e curas charlatãs para o cancro.

K. continuava a repetir «isto é tudo um grão de sal». Perguntei-lhe especificamente sobre curas para o cancro e ele disse-me que nunca quereria quimioterapia ou qualquer outro tipo de tratamento agora. Fiz preparativos para que ele tivesse enfermeiras de saúde pública a tempo inteiro a residir na sua casa. Neste ponto, senti que o fim da vida deste homem magnífico estava próximo e quis confortá-lo totalmente.

12 DE FEVEREIRO DE 1986

Tivemos uma longa discussão com K. relativamente a futuros tratamentos médicos. Afirmou que quer morrer e senti que ele tinha um estado de espírito claro. Afirmou que não quer mais intervenções. Permitirá, contudo, que mantenhamos o *status quo* com a principal preocupação voltada para o seu conforto.

14 DE FEVEREIRO DE 1986

K. teve mais dores durante a noite. Hoje contou-me muitas histórias sobre animais. Uma vez, quando estava a meditar na Índia, um macaco sentou-se ao seu lado e ofereceu-lhe a mão. Disse que era a mão mais bela que alguma vez sentira. Falou de ter seguido as pegadas de um tigre de Bengala no Nepal. Era o animal mais temível e magnífico que alguma vez vira. Perguntei-lhe então se meditava enquanto estava deitado na cama e ele disse: «Sim», dizendo-me a origem da palavra «meditar». A palavra vem do grego «medir». Quando se medita não se deve medir ou comparar com uma vida ou padrão mais elevado. Este pensamento despende energia, e meditar serve para poupar energia, não para a consumir. Falou depois de Ansel Adams, de Yosemite e das belas montanhas que tinha escalado. As suas favoritas eram os Himalaias. Enquanto falávamos ocorria uma tempestade de chuva em Ojai e sugeri que mandássemos vir geradores elétricos para a casa para fornecer uma fonte de energia auxiliar para os seus soros e aquecedores.

15 DE FEVEREIRO DE 1986

K. teve uma boa noite de sono com medicação. Acordou com uma febre de 39ºC². Perguntei-lhe há uns dias se gostava de ir ao cinema e, para meu choque, disse-me que gostava de *Westerns* de Clint Eastwood. Fiquei bastante surpreendido, com todos os tiros e violência, mas disse-me que gostava de olhar para as paisagens de fundo. Disse-me que não gosta do romance ou do caráter sádico do filme. Por isso, hoje trouxe-lhe a minha coleção de vídeos de filmes de Clint Eastwood e ele assistiu a duas horas de *O Texano* [*The Outlaw Josey Wales*]. Olhava fixamente com os olhos abertos, desfrutando, mas pareceu cansar-se no fim e quis dormir. Hoje está

bastante fraco, a tremer durante alguns minutos com a febre. Foram-lhe aplicadas compressas frias. Tínhamos falado anteriormente de Yosemite, por isso também lhe tinha trazido alguns diapositivos das sequoias gigantes e das quedas de água que eu tinha das minhas últimas férias. Pareceu gostar destas imagens e dormiu o resto da manhã. Antes de eu partir, ofereceu-me um belo lenço de seda indiana feito à mão que ele tinha usado anteriormente ao pescoço. Falou de Pupul, que estava encarregue de toda a indústria de tecelagem na Índia. Falei com ela e com Asit, o seu sobrinho, sobre o prognóstico dele. Ela parte para a Índia de manhã. Assegurei-lhe que ele seria mantido confortável. Perguntou-me «quanto tempo» e eu respondi «alguns dias, mas menos é possível». Pareceu satisfeita com os cuidados que lhe eram prestados e com a minha resposta. Asit ofereceu-me então o seu livro de fotografia recentemente publicado com uma bela dedicatória manuscrita agradecendo-me pelos meus cuidados.

16 DE FEVEREIRO DE 1986

A dor começou cedo pela manhã. Pelo meio-dia já tinha necessitado de uma quantidade substancial de medicação. Ao final da tarde, K. tinha adormecido intermitentemente num sono. Quando a dor era mais intensa, K. parecia ser o mais lúcido. Afirmou que não queria continuar assim. Senti que ele não sobreviveria a outro dia de dor e estava bastante preocupado com o seu sofrimento, pois tinha-lhe prometido que não sentiria mais dor. Estava frustrado pelo facto de querer estar ao seu lado, mas sentia que tinha negligenciado a minha família, dado que passava tanto tempo à cabeceira de K. Era o aniversário de Washington e este era o primeiro fim de semana de feriado que eu tinha há bastante tempo. A minha esposa estava grávida de seis meses com três rapazes jovens e senti a necessidade de estar com ela também. No entanto, ela foi bastante compreensiva e às 21h30 daquele domingo à noite conduzi até Ojai porque senti que este seria muito provavelmente o último dia de Krishnamurti connosco. Quando cheguei, K. estava num coma profundo apesar de se ter desligado a medicação para a dor. K. aquietou-se e a sua respiração pareceu abrandar. Fiquei espantado com o quão forte Krishnamurti era e atribuí isto ao seu corpo extremamente bem cuidado. Neste ponto, senti que ele não estava a sentir dor, embora a sua respiração e pulsação estivessem a abrandar. Enviei o Patrick, o enfermeiro, à cozinha para ir buscar a Mary, pois sabia que ela iria querer estar à sua cabeceira no preciso fim. Ele parou de respirar aos seis minutos passados da meia-noite e o seu batimento cardíaco final foi detetado aos dez minutos e quinze segundos nas primeiras horas da manhã de 17 de fevereiro de 1986. Fechei-lhe suavemente os olhos. Antes de eu partir, o Scott [Forbes] agradeceu-me e disse algo de que me lembrarei sempre:

«Krishnaji ganhou uma simpatia especial por si, como se fizesse de si o seu último aluno.»

17 DE FEVEREIRO DE 1986

Krishnaji foi um grande professor e no fim aprendi muito com ele. Quanto mais tempo o conhecia, menos ele se tornava meu doente e mais meu amigo. Nunca esquecerei esta experiência, tanto como médico como seu amigo. Após a sua morte, senti o desejo de conhecer este homem num sentido mais profundo. Senti-me afortunado por o ter conhecido e continuarei a instruir-me através dos seus escritos.

ADENDA

Passaram-se agora oito anos após a morte de Krishnamurti. Enquanto me sento a ler as minhas notas do seu registo clínico, reflito sobre a experiência de ter conhecido este homem maravilhoso e os seus seguidores. Desde a sua morte, desloquei-me à sua biblioteca várias vezes e li e reli os seus ensinamentos. Continuo a ver Mary como doente e amiga, mantendo-me ela a par dos acontecimentos na *Krishnamurti Foundation*. Ao colocar isto por escrito, tenho a sorte de recordar os sentimentos que tive durante este breve período de tempo e estou eternamente grato pelo privilégio de ter conhecido e cuidado de um indivíduo tão gentil e ao mesmo tempo tão profundo. A sua memória e ensinamentos estarão na minha mente e no meu coração para sempre. Tendo-o conhecido, sou uma pessoa melhor.

---

[1] **Nota:**

No original constam as medidas seventeen miles e twenty miles, correspondendo a cerca de 27 km e 32 km, respetivamente. [2]

No original consta 102º (Fahrenheit), o que equivale a aproximadamente 39 ºC.

A ÚLTIMA PALESTRA, MADRAS, ÍNDIA,

4 DE JANEIRO DE 1986.

OBRIGADO, SENHOR! Quem quer que tenha sido, o que quer que tenha sido: Obrigado por ter tocado a minha vida — Muito mais raro, mais único, mais esplêndido Do que o Cometa Halley, Mais como o sol, a lua e todas as estrelas Reunidos num só, Um acontecimento glorioso. Talvez não possa reivindicar e dizer: Sim, fui mudado, Fui transformado na raiz, Na nascente do meu ser, Da minha consciência. Mas obrigado por ter tocado a minha vida Com a sua presença, Com o seu sorriso, o seu riso, Com a sua amizade Que era apenas puro amor e compaixão, Obrigado por ter tocado a minha vida! E os Ensinamentos: Majestosos, impessoais, brilhantes como estrelas, Um farol para toda a humanidade Por muitos e muitos anos vindouros: Obrigado, senhor!

— MICHAEL KROHNEN CAZOULS-D'HÉRAULT, FRANÇA

Num mundo aparentemente irracional, muitas vezes sentido como aleatório e desprovido de sentido, podemos perguntar se existe algum significado para uma vida solitária.

No meio da agitação destas últimas dez décadas, sem precedentes em ferocidade na história da humanidade, a vida de Krishnamurti mostra-nos que pode haver inteligência, compaixão, grande amor e sanidade num mundo desgovernado.

A obra de Krishnamurti não terminou com a sua morte em 1986. Alcança os anos vindouros. Aqueles que estão dispostos a explorar, a questionar e a observar-se a si mesmos encontrarão um companheiro em Krishnamurti. Os seus inúmeros livros, cassetes de áudio e vídeo e filmes convidam ao estudo e à reflexão, embora tendo sempre em conta que ele salientou que «Tu és o professor, o aluno e o ensinamento» e «Tu és o livro da vida». Com essa lembrança, pode dizer-se que Krishnamurti continua a estar ao nosso lado, um amigo no nosso diálogo contínuo. Nunca teórico ou abstrato, mas sempre relacionado com «o que é», ele questionava continuamente, empurrando as fronteiras do pensamento. Se havia um ditame na sua vida, era o de que não era uma autoridade. Fazer dele isso seria distorcer todo o seu ensinamento. Desde a sua declaração de independência em 1929 até à sua morte, ele cantou a canção da liberdade. Outros podem ter tentado fazer dele uma autoridade, num sentido «espiritual», mas ele recusou o manto, sacudiu-o.

Poderá haver elementos neste livro, conforme relatados por testemunhas de acontecimentos extraordinários, que possam parecer incompreensíveis, confusos para o nosso pensamento linear e racional. Mas não nos demoremos demasiado com esta parte da história — ela é incognoscível. Avancemos: o momento presente aguarda-nos.

— EVELYNE BLAU, 1995

NOTAS

1. Existem dezassete palestras e livros onde a frase «O primeiro passo é o último passo» é citada. Aparentemente, a primeira vez que Krishnamurti a usou foi a 20 de fevereiro de 1955, na sua segunda palestra pública em Bombaim, na Índia.

2. Arquivos da Sociedade Teosófica, Adyar, Madras.

3. Ibid.

4. A autora está grata às biógrafas de Krishnamurti, Mary Lutyens e Pupul Jayakar, por estes relatos.

5. Do guião do filme: Krishnamurti: The Challenge of Change, realizado por Michael Mendizza e produzido por Evelyne Blau, Ojai, Califórnia: Krishnamurti Foundation of America, 1984.

6. Besant, Annie, palestra no Queen's Hall, Londres, 1911.

7. A busca pelo futuro instrutor do mundo já estava em curso, visto que o jovem Hubert van Hook tinha sido anteriormente escolhido. A sua substituição por Krishnamurti deve ter sido uma enorme desilusão para ele.

8. Krishnamurti, J., relato gravado em Ojai, Califórnia, a 9 de janeiro de 1972, na presença dos curadores da Krishnamurti Foundation of America.

9. Conversa: Russell Balfour Clarke e Evelyne Blau. Adyar, Índia, 1979.

10. Clarke, Russell Balfour. The Boyhood of J. Krishnamurti, Bombaim: Chetana, 1977.

11. Lutyens, Mary. The Years of Awakening, Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, Inc., 1975.

12. Krishnamurti, J., relato gravado em Ojai, Califórnia, a 9 de janeiro de 1972.

13. Carta: Krishnamurti para Annie Besant, 12 de janeiro de 1910, Arquivos de Adyar.

14. Entrevista: Russell Balfour Clarke e Evelyne Blau, Adyar, Índia, 1979.

15. Leadbeater, C.W. The Masters and the Path, Adyar, Madras: Theosophical Publishing Company, 1925.

16. Krishnamurti, J. At the Feet of the Master, no prefácio de Annie Besant, Adyar, Madras: Theosophical Publishing Company, 1910.

17. The Adyar Bulletin, dezembro de 1911.

18. Ibid., junho de 1912.

19. Lutyens, Emily. Candles in the Sun, Filadélfia: J.B. Lippencott, 1957.

20. Krishnamurti, J., relato gravado em Ojai, Califórnia, a 9 de janeiro de 1972.

21. Carta: C.W. Leadbeater para Fabrizio Ruspoli, Arquivos de Adyar, Madras, 31 de dezembro de 1911.

22. Krishnamurti, J., discurso na Primeira Conferência Internacional da Ordem da Estrela do Oriente, 19 Tavistock Square, Londres, The Herald of the Star, 25 de outubro de 1913.

23. Conversa: Russell Balfour Clarke e Evelyne Blau, Adyar, Madras, 1978.

24. Krishnamurti, J., relato gravado em Ojai, Califórnia, a 9 de janeiro de 1972.

25. Ilustração e passagem do folheto da Estrela, Hollywood, Califórnia: Ordem da Estrela do Oriente, 1923.

26. Carta: Jiddu Nityananda para Annie Besant, Arquivos da Krishnamurti Foundation of America, Ojai, Califórnia, setembro de 1922.

27. Ver também os relatos em Krishnamurti: A Biography de Pupul Jayakar, São Francisco: Harper and Row, 1986, e Krishnamurti: The Years of Awakening de Mary Lutyens, Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, Inc., 1975.

28. Arquivos da Krishnamurti Foundation of America, Ojai, Califórnia, 17 de agosto de 1922.

29. Palestra: Annie Besant, Acampamento da Estrela de Ommen, 11 de agosto de 1925, reimpressa em The Herald of the Star, setembro de 1925.

30. Arquivos da Krishnamurti Foundation of America, Ojai, Califórnia.

31. Clarke, Russell Balfour. The Boyhood of J. Krishnamurti, Bombaim: Chetana, 1977.

32. Besterman, Theodore. Mrs. Annie Besant: A Modern Prophet; Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd.; 1934.

33. Entrevista: Phillip van Pallandt e Evelyne Blau, Hospital De Weezenlanden, Zwolle, Países Baixos, 9 de setembro de 1978.

34. Conferência da Ordem da Estrela do Oriente, Hotel Sherman, Chicago, 1927.

35. Conversa: Helen Nearing e Evelyne Blau, Murrieta Hot Springs, Califórnia, 1989.

36. Conversa: Sidney Field e Evelyne Blau, Los Angeles, 7 de abril de 1987.

37. Larsen, Stephen. De A Fire in the Mind: The Life of Joseph Campbell, Copyright © 1991 de Stephen e Robin Larsen. Utilizado com autorização da Doubleday, uma divisão do Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc.

38. Reimpresso em The Star Bulletin, Ommen, Holanda: Star Publishing Trust, abril de 1928.

39. Conversa: Jiddu Krishnamurti e Leopold Stokowski, The Star Bulletin, Eerde, Ommen: Star Publishing Trust, maio de 1929.

40. Reunião dos Organizadores Nacionais, Ommen, Holanda, 1928.

41. Entrevista para o filme Krishnamurti: With a Silent Mind, Nova Iorque: Mystic Fire Video, 1989.

42. Para aqueles familiarizados com a obra de Krishnamurti, Mary Lutyens dispensa apresentações. Ilustre biógrafa de Krishnamurti, contribuiu grandemente para o manancial de conhecimento sobre um homem que conhecia desde os três anos de idade. Através dos seus escritos, pode obter-se uma grande visão sobre uma vida notável.

43. Besant, Annie e Theodore Besterman. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd, 1934.

44. Conversa: Beatrice Wood e Evelyne Blau, Ojai, Califórnia, 30 de outubro de 1993.

45. Conversa: Harry Wolfe e Evelyne Blau, Los Angeles, Califórnia, 18 de fevereiro de 1985.

46. Boletim Informativo Número 3, Ommen, Holanda: Star Publishing Trust, julho de 1934.

47. Jeffers, Robinson. Rock and Hawk, A Selection of Shorter Poems, Robert Haas, ed., Nova Iorque: Random House, 1987.

48. Landau, Rom. God Is My Adventure, Londres: Ivor Nicholson and Watson Ltd., 1935.

49. Arquivos da Fundação Krishnamurti, ed., Collected Works of J. Krishnamurti: Volume II, Dubuque, Iowa: Kendall Hunt, 1991, p. 154–155, da Primeira Palestra, Montevideu, Uruguai, 21 de junho de 1935.

50. Ibid., p. 132, de Perguntas e Respostas, Rio de Janeiro, Brasil, 17 de abril de 1935.

51. Ibid., p. 139, de Perguntas e Respostas, Santiago, Chile, 7 de setembro de 1935.

52. Loos, Anita. Fate Keeps on Happening, Nova Iorque: Dodd Mead, 1984.

53. Krishnamurti, J. A Primeira e Última Liberdade, introdução de Aldous Huxley, Nova Iorque: Harper and Row, 1954.

54. Conversa: Lex Muller e Evelyne Blau, Universidade de Enschede, Países Baixos, 8 de setembro de 1978.

55. Carta de Phillip van Pallandt, Eerde, Ommen, Holanda, 10 de junho de 1945.

56. Conversa: Sidney Field e Evelyne Blau, Los Angeles, Califórnia, 7 de abril de 1987.

57. Entrevista para o filme Krishnamurti: With a Silent Mind. Conversas posteriores, 1994.

58. Entrevista para o filme Krishnamurti: With a Silent Mind.

59. Chari, Ahalya. Krishnamurti at Rajghat, Índia: Krishnamurti Foundation India, 1993.

60. For um relato mais completo, ver Krishnamurti: A Biography de Pupul Jayakar, Nova Iorque: Harper and Row, 1986.

61. Conversa: Pupul Jayakar e Evelyne Blau, Rishi Valley, Índia, 8 de dezembro de 1978.

62. De um discurso dirigido às mulheres da Índia na reunião anual da Women's Indian Association, Madras, Índia, 1928.

63. Krishnamurti, J., Commentaries On Living, Third Series, Londres: Victor Gollancz Ltd., pp. 32–33, 1960.

64. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

65. Ibid.

66. Ibid.

67. Smith, Ingram. Truth Is A Pathless Land, A Journey with Krishnamurti, Wheaton, Illinois: Quest Books, Theosophical Publishing House, 1989.

68. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

69. Ibid.

70. Ibid.

71. Albert, David Z. «Bohm's Alternative to Quantum Mechanics», Scientific American, Vol. 270, N.º 5, maio de 1994.

72. Conversa: David Bohm e Evelyne Blau, Brockwood Park, 2 de setembro de 1978.

73. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

74. Conversa: Asha Lee e Evelyne Blau, Ojai, Califórnia, 6 de dezembro de 1987.

75. Krishnamurti, J. Pense nisto, Lisboa: Edições 70 [Think On These Things, Nova Iorque: Harper and Row, 1964, pp. 62–63].

76. Conversa: Erna Lilliefelt e Evelyne Blau, Ojai, Califórnia, 12 de junho de 1992.

77. Bulletin #3, Ojai, Califórnia: Krishnamurti Foundation of America, Verão de 1969.

78. Conversa: Giddu Narayan e Evelyne Blau, Rishi Valley, Índia.

79. Shainberg, David, Bulletin #26, Ojai, Califórnia: Krishnamurti Foundation of America, Verão de 1975.

80. Miller, Henry. The Books in My Life, Londres: Village Press, 1974.

81. Lee, R.E. Mark. «Do Teachers Have the Feeling of Unlimited Energy?» (escrito especialmente para Krishnamurti: 100 Years), 1994.

82. Krishnamurti, J. Talks with American Students, Boulder, Colorado: Shamballa, 1970, pp. 178–180.

83. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

84. Segunda palestra pública, San Diego, Califórnia, 6 de abril de 1970.

85. The Role of A Flower, Inglaterra: Krishnamurti Foundation Trust, programa de televisão de 30 minutos, 1985.

86. Brockwood Park, reunião de Perguntas e Respostas, 28 de agosto de 1984. Inglaterra, Krishnamurti Foundation Trust, 1984.

87. The Star Bulletin, setembro de 1929, p. 28. Compare-se também com a intrigante versão apresentada no livro Krishnamurti to Himself, pp. 86–87. Entrada com data de sábado, 23 de abril de 1983.

88. Ojai, Califórnia, Quarta palestra, maio de 1985.

89. Krishnamurti, J. The Network of Thought, Nova Iorque: Harper and Row, 1982, p. 99.

90. Kishbaugh, Alan. «Krishnamurti and the Gift of Freedom», (escrito especialmente para Krishnamurti: 100 Years), 1994.

91. Maroger, Jean-Michel. «Krishnamurti, A Fundamental Discovery», (escrito especialmente para Krishnamurti: 100 Years), Pontlevoy, França, 1994.

92. Anderson, Allan W. «On Krishnamurti's Teaching: An Ongoing Personal Response», (escrito especialmente para Krishnamurti: 100 Years), La Jolla, Califórnia, 1994.

93. Colet, Robert. «Krishnamurti: The Spiritual Force Behind Bruce Lee», Inside Kung Fu, Burbank, Califórnia: C.F.W. Enterprises, 1986.

94. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

95. Hobson, Lois M. Seek and Ye Shall Find: An Encounter with J. Krishnamurti, escrito especialmente para este livro, 1994.

96. Conversa: Sarjit Siddoo e Evelyne Blau, Vancouver, Canadá, 18 de fevereiro de 1986.

97. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

98. Conversa: Mary Zimbalist e Evelyne Blau, Ojai, Califórnia, 24 de abril de 1992.

99. Penúltima palestra de Krishnamurti, Madras, Índia, 1 de janeiro de 1986.

100. Entrevista para o filme Krishnamurti: With A Silent Mind.

101. Ibid.

102. Ibid.

103. Deutsch, Gary M. «My Thoughts on Krishnaji: Notes from a Medical Journal», 1985-1986.